

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**

Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das

Técnicas e Epistemologia (HCTE / UFRJ)

**BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO:**  
A trajetória intelectual do primeiro cientista brasileiro

DENIVALDO PEREIRA DA SILVA

RIO DE JANEIRO  
2012

DENIVALDO PEREIRA DA SILVA

**BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO:**  
A trajetória intelectual do primeiro cientista brasileiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Lombardi Filgueiras

RIO DE JANEIRO  
2012

S586 Silva, Denivaldo Pereira da.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão : a trajetória intelectual do primeiro cientista brasileiro – Rio de Janeiro : UFRJ, 2012.  
239 f: il.

Dissertação (Mestrado em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia, 2012.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Alberto Lombardi Filgueiras.

1. Aeronáutica - História – Teses. 2. Aeronáutica - Biografia – Teses. 3. Balões de ar quente – Teses. I. Filgueiras, Carlos Alberto Lombardi (Orient.). II Universidade Federal do Rio de Janeiro, Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia. III. Título.

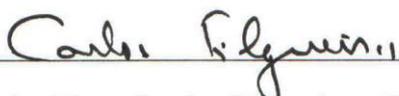
CDD 629.130092

DENIVALDO PEREIRA DA SILVA

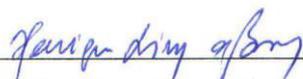
**BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO:**  
A trajetória intelectual do primeiro cientista brasileiro

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós Graduação em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia (HCTE), Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia.

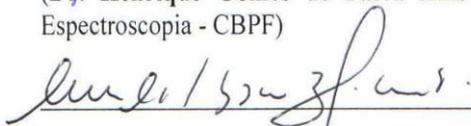
Aprovada em: 13/02/2012



(Dr. Carlos Alberto Lombardi Figueiras – Departamento de Química da UFMG- Orientador)



(Dr. Henrique Gomes de Paiva Lins de Barros – Departamento de Matéria Condensada e Espectroscopia - CBPF)



(Dr. Arnaldo Lyrio Barreto – FGV/RJ)



(Dr<sup>a</sup>. Nadja Paraense dos Santos - Instituto de Química - UFRJ)



(Dr<sup>a</sup>. Teresa Cristina de Carvalho Piva – HCTE – UFRJ)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a minha esposa Ivanet e a meus pais Alberto e Júlia que tanto me apoiaram no período de sua realização.

“É possível construir máquinas para voar, com um homem sentado ao meio, girando um instrumento que mova as asas artificiais para bater o ar, semelhante ao vôo das aves”. (ROGER BACON, *De secretis operibus artis et naturae*, 1214-1292)

## AGRADECIMENTOS

Esta dissertação é fruto de muito esforço, ao longo de anos de dedicação à pesquisa histórico-científica. Durante este período, fui auxiliado por diversas pessoas tanto no Brasil quanto no exterior na busca de documentações históricas correlatas bem como de soluções para os questionamentos em que me deparei no decorrer desta pesquisa.

Dentre os colaboradores estrangeiros, agradeço aos professores Gert Schubring (Fakultät für Mathematik, *Universität Bielefeld*), Dr. Marietta Benkö (Institut für Luft- und Weltraumrecht der *Universität zu Köln*), Dr. Daniel Gethmann (Institut für Kunst- und Kulturwissenschaften - *Technische Universität Graz*), Maria da Conceição Freitas (Departamento de Geologia da *Universidade de Lisboa*) e Henrique Leitão (Secção Autônoma de História e Filosofia das Ciências da *Universidade de Lisboa*). Agradeço ainda ao excelente atendimento prestado por Claudia Neckar- Horvath (*Technische Universität Wien* Universitätsbibliothek), Maria Leonor Pinto (*Biblioteca da Academia das Ciências de Lisboa*), Cristina Matias (*Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa*), Ermelinda Eiras (*Biblioteca Pública Municipal do Porto*), Maria Luísa Sousa Machado (*Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra*), Graça Pereira (*Biblioteca Nacional de Portugal*) e Anabela Ribeiro (*Arquivo Nacional Torre do Tombo*).

Aos colaboradores no Brasil, reservo uma menção especial à Tenente-Coronel Dirce Silva Brízida (ex-Diretora da *Biblioteca do INCAER*), aos pesquisadores Inaldo Lepsch, Laurete Godoy, Adinoel Motta Maia, Rodrigo Moura Visoni e aos professores Amilcar Baiardi (*UFBA*) e Henrique Lins de Barros (*CBPF*). Agradeço também aos atenciosos atendimentos prestados nas bibliotecas da *UFES*, da *UFRJ*, da *PUC-Rio*, do *IHGB*, do *MAST*, do *Real Gabinete Português de Leitura* e ainda ao excelente atendimento prestado no *Arquivo Nacional (RJ)* e no *Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis*.

Por fim, agradeço imensamente aos professores do HCTE pelas excelentes aulas ministradas que muito contribuíram para minha formação acadêmica no campo histórico-científico e, em especial, ao meu orientador, professor Carlos A. L. Filgueiras, pela amizade, pelos conselhos nos momentos de dificuldades por que passei, e principalmente pela sua imensa ajuda ao longo dos anos que dediquei à pesquisa sobre Bartholomeu de Gusmão.

## LISTA DE ABREVIACÕES

|        |   |
|--------|---|
| ABL    | (Academia Brasileira de Letras)                                   |
| ACL    | (Academia das Ciências de Lisboa)                                 |
| ACMSP  | (Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo)                     |
| AN     | (Arquivo Nacional - Rio de Janeiro)                               |
| APRH   | (Associação Portuguesa dos Recursos Hídricos)                     |
| ASBRAP | (Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia) |
| BGUC   | (Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra)                     |
| BN     | (Biblioteca Nacional do Brasil)                                   |
| BNA    | (Biblioteca Nacional da Áustria)                                  |
| BNP    | (Biblioteca Nacional de Portugal)                                 |
| BPMP   | (Biblioteca Pública Municipal do Porto)                           |
| BSGL   | (Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa)                  |
| CBPF   | (Centro Brasileiro de Pesquisas Físicas)                          |
| FGV    | (Fundação Getúlio Vargas)   |
| HCTE   | (História das Ciências e das Técnicas e Epistemologia)            |
| IANTT  | (Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo)                 |
| IHGB   | (Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)                     |
| INCAER | (Instituto Histórico-Cultural da Aeronáutica)                     |

|         |  |
|---------|--|
| IPHAN   | (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional)   |
| MAST    | (Museu de Astronomia e Ciências Afins)                     |
| PUC-Rio | (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro)       |
| RGPL    | (Real Gabinete Português de Leitura)                       |
| RIHGB   | (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro)   |
| RIHGSP  | (Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo) |
| RSBHC   | (Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência)   |
| UFBA    | (Universidade Federal da Bahia)                            |
| UFES    | (Universidade Federal do Espírito Santo)                   |
| UFMG    | (Universidade Federal de Minas Gerais)                     |
| UnB     | (Universidade de Brasília)                                 |
| UNICAMP | (Universidade Estadual de Campinas)                        |

## LISTA DE FIGURAS

|   |            |
|---|------------|
| <b>Figura 3.1:</b> Vilas de Santos, São Vicente e Santo Amaro no final do século XVI .....  | <b>44</b>  |
| <b>Figura 3.2:</b> Assinatura de Bartholomeu Lourenço de Gusmão de 1724 .....   | <b>48</b>  |
| <b>Figura 3.3:</b> Bartholomeu Lourenço de Gusmão, na visão do pintor Benedicto Calixto .....   | <b>49</b>  |
| <b>Figura 3.4:</b> Colégio de São Miguel (à esquerda) e Igreja Matriz (ao centro, em cor branca), em pintura de Benedicto Calixto .....             | <b>51</b>  |
| <b>Figura 3.5:</b> Localização geográfica da cidade de Cachoeira-BA .....   | <b>63</b>  |
| <b>Figura 3.6:</b> Igreja do antigo Seminário de Belém .....  | <b>78</b>  |
| <b>Figura 4.1:</b> Funcionamento do carneiro hidráulico.....  | <b>107</b> |
| <b>Figura 4.2:</b> Provisão Real de 23-03-1707 concedida a Bertholameu Lourenço em razão de ter inventado um maquinismo para elevação de água ..... | <b>111</b> |
| <b>Figura 4.3:</b> Afonso Teixeira de Escragnolle Taunay (11/07/1876 – 20/03/1958).....   | <b>113</b> |
| <b>Figura 4.4:</b> Alvará da “máquina voadora” concedido por D. João V em 19/04/1709.....   | <b>117</b> |
| <b>Figura 4.5:</b> Nota do copista anônimo do manuscrito 677 .....  | <b>119</b> |
| <b>Figura 4.6:</b> Impresso anônimo publicado na tipografia de Johann Baptist Schönwetter em junho de 1709 .....                                    | <b>123</b> |

|  |            |
|--|------------|
| <b>Figura 4.7-</b> Imagem da Passarola presente no impresso anônimo publicado na tipografia de Johann Baptist Schönwetter em junho de 1709 .....   | <b>124</b> |
| <b>Figura 4.8-</b> Passarola francesa (século XVIII) recentemente divulgada .....  | <b>125</b> |
| <b>Figura 4.9-</b> Poesia de Thomaz Pinto Brandão criticando o “novo invento de andar pelos ares” .....  | <b>128</b> |
| <b>Figura 4.10:</b> Experiência de sucesso com o balão de ar quente, na visão do pintor paulista Bernardino de Souza Pereira, a partir do relato de Francisco Leitão Ferreira de 08 de agosto de 1709..... | <b>133</b> |
| <b>Figura 4.11:</b> Vista em perspectiva do Paço da Ribeira, onde se localizavam a Casa da Índia, Casa do Forte e o Terreiro do Paço .....   | <b>134</b> |
| <b>Figura 4.12:</b> Barca voadora proposta pelo Padre italiano Francesco Lana Terzi.....   | <b>139</b> |
| <b>Figura 4.13:</b> Técnicas de drenagem de porões expostas na obra <i>Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem água</i> (1710).....  | <b>144</b> |
| <b>Figura 4.14:</b> Interpretação da Fig.1 (modo 2) contida na obra <i>Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua</i> (1710).....  | <b>145</b> |
| <b>Figura 4.15:</b> Interpretação da Fig.2 (modo 3) contida na obra <i>Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua</i> , (1710) .....   | <b>145</b> |
| <b>Figura 4.16:</b> Interpretação da Fig.3 (modo 4) contida na obra <i>Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem água</i> (1710).....  | <b>146</b> |

|   |            |
|---|------------|
| <b>Figura 4.17:</b> Interpretação da Fig.4 (modo 5) contida na obra <i>Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua</i> , (1710) .....  | <b>146</b> |
| <b>Figura 4.18:</b> Interpretação da Fig.5 (modo 6) contida na obra <i>Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua</i> (1710).....   | <b>147</b> |
| <b>Figura 4.19:</b> Pedido de patente de uma máquina hidráulica para desalagar porões de embarcações apresentada por Bartholomeu Lourenço aos Estados da Holanda e da Frísia Ocidental em 27 de setembro de 1713..... | <b>149</b> |
| <b>Figura 4.20:</b> Patente holandesa de uma máquina hidráulica para desalagar porões de embarcações concedida a Bartholomeu Lourenço, em 14 de dezembro de 1713.....   | <b>150</b> |
| <b>Figura 4.21:</b> Patente concedida ao Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, em 1721, para “fazer carvão de terra artificial”. .....  | <b>153</b> |
| <b>Figura 4.22:</b> Patente concedida ao Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, em 1724, sobre um invento destinado a aumentar a eficiência de moinhos hidráulicos.....  | <b>159</b> |
| <b>Figura 4.23:</b> Moinho de rodízio .....   | <b>166</b> |
| <b>Figura 4.24:</b> Tipos de azenhas ou engenhos de roda vertical.....  | <b>166</b> |
| <b>Figura 4.25:</b> Comparação entre os sistemas mecânicos dos moinhos hidráulicos tradicionais .....   | <b>167</b> |
| <b>Figura 4.26:</b> Estampa de Vittorio Zonca, expondo as diversas aplicações dos engenhos rasteiros .....  | <b>168</b> |

**Figura 4.27:** Manuscrito de D. Pedro II relativo à defesa da prioridade aerostática de Bartholomeu de Gusmão..... **174**

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1. Introdução .....</b>  | <b>19</b> |
| <b>2. Ascendentes e colaterais de Bartholomeu Lourenço de Gusmão .....</b>                    | <b>24</b> |
| 2.1. A prodigiosa prole do Sr. Francisco Lourenço.....  | 24        |
| 2.2. Genealogias das famílias do Sr. Francisco Lourenço e da Sra. Maria Álvares .....         | 38        |
| <b>3. Bartholomeu Lourenço de Gusmão: os primeiros estudos em colégios jesuíticos.....</b>    | <b>43</b> |
| 3.1. A educação primária na Vila de Santos .....  | 43        |
| 3.2. A pedagogia jesuítica e a <i>Ratio Studiorum</i> .....                                   | 51        |
| 3.3. A educação secundária no Seminário de Belém .....  | 61        |
| <b>4. As Múltiplas Habilidades Intelectuais do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão .....</b> | <b>79</b> |
| 4.1. Poliglota .....  | 81        |
| 4.2. Literato e historiador .....   | 81        |
| 4.3. Jurista, diplomata e decifrador de criptogramas .....                                    | 89        |
| 4.4. Matemático .....   | 97        |
| 4.5. Inventor .....   | 103       |
| 4.5.1. Maquinismo para elevação de água .....   | 104       |

|  |     |
|--|-----|
| 4.5.2. Máquina voadora ou “instrumento para se andar pelo ar”.....           | 112 |
| 4.5.3. Técnicas de esgotamento de porões de embarcações .....                | 140 |
| 4.5.4. Técnica de produção artificial de carvão .....                        | 152 |
| 4.5.5. Eficiência energética de moinhos hidráulicos .....                    | 158 |
| 4.6. A fuga de Lisboa e o fim da carreira intelectual do <i>Voador</i> ..... | 169 |
| <b>Considerações finais</b> .....  | 175 |
| <b>Referências</b> .....   | 179 |
| <b>Anexos</b> .....  | 209 |
| <b>Apêndice</b> .....  | 237 |

## RESUMO

SILVA, Denivaldo Pereira da. **Bartholomeu Lourenço de Gusmão: a trajetória intelectual do primeiro cientista brasileiro**. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

A figura singular do padre brasileiro Bartholomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724), em geral, tem seu nome associado unicamente com a invenção do balão de ar quente, em função de ter realizado experiências aerostáticas de sucesso no ano de 1709, na presença de D. João V, rei de Portugal. Mas sua fama de inventor não se restringiu ao invento aerostático que lhe dera o apelido de *Padre Voador*. Homem de espírito inventivo, Bartholomeu foi também detentor de diversas patentes nos campos da hidráulica e da pneumática, além de ter transitado pelos campos da oratória sacra, história e decifração de criptogramas. Sua biografia foi amplamente difundida, principalmente, através de livros e artigos publicados pelo historiador brasileiro Afonso Taunay (1876-1958), ao longo das décadas de 30, 40 e 50 do século passado. Após as pesquisas de Taunay, a última grande obra dedicada ao Padre Bartholomeu (*A vida e as obras de Bartolomeu Lourenço de Gusmão*) foi escrita há mais de quatro décadas pelo escritor Divaldo Freitas (1912-2003). Neste sentido, este trabalho teve por objetivo reunir informações relevantes sobre a trajetória intelectual do *Padre Voador*, descobertas após as pesquisas de Divaldo Freitas, dando maior ênfase a temas correlatos pouco pesquisados atualmente. Com este objetivo, desenvolve-se uma abordagem histórica e contextualizada a partir da história da ciência visando-se evidenciar a importância das pesquisas realizadas pelo Padre Bartholomeu frente aos avanços técnicos e científicos que se seguiam na Europa, ao longo do século XVIII.

**Palavras-chave:** História da Ciência. Inventores brasileiros. Invenção dos aeróstatos.

## ABSTRACT

SILVA, Denivaldo Pereira da. **Bartholomeu Lourenço de Gusmão: a trajetória intelectual do primeiro cientista brasileiro**. Rio de Janeiro, 2012. Dissertação (Mestrado em História das Ciências) - Centro de Ciências Matemáticas e da Natureza, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

The unique figure of the Brazilian priest Bartolomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724) generally has his name associated solely with the invention of the hot air balloon, as a result his successful aerostatic experiments in the year 1709 in the presence of King John V of Portugal. His fame as inventor, however, was not restricted to the aerostatic invention that earned him the nickname of *Flying Priest*. Having a knack as an inventor, he also obtained several patents in the fields of hydraulics and pneumatics, besides having been active in the fields of sacred oratory, history, and the decipherment of cryptograms. His biography was made known to a wide audience mainly through the books and articles published by the Brazilian historian Afonso Taunay (1876-1958), in the decades 1930, 40 and 50 of the last century. After Taunay's research the last extensive work devoted to Father Bartolomeu (*A Vida e as Obras de Bartolomeu Lourenço de Gusmão*) was written over four decades ago by the writer Divaldo Freitas (1912-2003). The present work thus aims to gather and unite relevant information on the intellectual trajectory of the Flying Priest, discovered after Divaldo Freitas' research, emphasizing related topics little researched at present. With this view the historic approach developed herein is contextualized within the scientific and technical progress in course in Europe along the XVIII century.

**Keywords:** History of Science. Brazilian inventors. Invention of hot-air balloon.

# CAPÍTULO 1

## INTRODUÇÃO

Este trabalho, de cunho histórico-científico, versa sobre a trajetória intelectual do padre secular<sup>1</sup> brasileiro Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que nasceu na Vila de Santos em dezembro de 1685 e faleceu em Toledo, Espanha, em novembro de 1724.

Bartholomeu de Gusmão notabilizou-se, principalmente, por suas invenções no campo da hidráulica, da pneumática e da aerostática, além de destacar-se no campo da oratória sacra, tendo publicado três sermões nos anos de 1712, 1718 e 1721.

De menor reconhecimento histórico estão os seus trabalhos como ensaísta e historiador, no período em quando fizera parte de diversas academias literárias em Lisboa, dentre elas a Academia Real de História Portuguesa, onde fora incumbido de escrever sobre a *História Eclesiástica do Bispado do Porto*, entre os anos de 1720 e 1724.

A biografia de Bartholomeu de Gusmão foi amplamente difundida, principalmente, através de livros e artigos publicados pelo historiador brasileiro Afonso Taunay (1876-1958), entre as décadas de 30 e 50 do século passado<sup>2</sup>. Após as pesquisas de Taunay, a última grande

---

<sup>1</sup> O padre secular, atualmente, é conhecido como padre diocesano, muito embora, optamos pela terminologia “secular”, pois a maioria dos estudos sobre o Padre Bartholomeu atribui-lhe a insígnia de Padre Secular.

<sup>2</sup> O historiador Afonso Taunay, somente na edição dominical do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, publicou nada menos que 76 artigos alusivos a Bartholomeu de Gusmão, além de ter publicado quatro livros sobre este tema, ao longo das décadas de 30 e 40 do século passado.

A Biblioteca do IHGB, no Rio de Janeiro, possui uma farta coleção de artigos de jornais publicados por Taunay, dedicados a Bartholomeu de Gusmão, onde localizamos 31 artigos de jornais publicados por ele nos anos de 1933 a 1956. Grande parte do conteúdo textual desses artigos foi incorporada em seus quatro livros que abordam a vida e as obras de Bartholomeu de Gusmão.

Ver: (SILVA, Nicolau Duarte. “Mestre Taunay e Bartolomeu de Gusmão”. In *Opúsculo comemorativo do nascimento de Taunay*. São Paulo: Mosteiro de São Bento, 1976, p.24).

obra dedicada ao Padre Bartholomeu (*A vida e as obras de Bartolomeu Lourenço de Gusmão*) foi escrita há mais de quatro décadas pelo escritor Divaldo Freitas (1912-2003)<sup>3</sup>. Pensando nisso, decidimos partir para uma pesquisa de mestrado que viesse a reunir os assuntos relevantes descobertos após as pesquisas de Divaldo Freitas, além de darmos mais ênfase a assuntos correlatos atualmente pouco pesquisados, tais como:

- a) Os estudos formais de Bartholomeu em colégios jesuíticos e sua influência sobre os conhecimentos de Física que manifestara no período em que apresentou seu primeiro invento, na Bahia, no início do século XVIII;
- b) As técnicas de esgotamento de embarcações em alto mar de 1710;
- c) Hipóteses acerca da técnica de produção artificial de carvão de 1721;
- d) Hipóteses acerca de possíveis modificações técnicas apresentadas por Bartholomeu, em 1724, para aumentar a eficiência de moinhos hidráulicos.

Para enveredarmos por temas pouco pesquisados atualmente, decidimos consultar as fontes primárias relacionadas com esta ilustre personalidade santista. Como isso, para a coleta de dados, visitamos o Arquivo Nacional, a biblioteca do MAST, biblioteca do INCAER, biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, biblioteca da Marinha do Rio de Janeiro, Real Gabinete Português de Leitura, biblioteca do IHGB, dentre outras bibliotecas públicas federais e privadas da capital fluminense. Importamos também dezenas de cópias de manuscritos e capítulos de livros setecentistas e oitocentistas provenientes de Portugal, Áustria e Alemanha. E foi durante esta coleta de dados que fomos brindados com algumas informações raramente divulgadas como, por exemplo, um suposto artigo matemático atribuído a Bartholomeu de Gusmão, além de obtermos uma cópia de um manuscrito do Imperador D. Pedro II (1825-1891) dedicado a Bartholomeu, cuja transcrição parcial foi

---

<sup>3</sup> FREITAS, Divaldo Gaspar de. *A Vida e as Obras de Bartolomeu Lourenço de Gusmão*. São Paulo: Serviço Estadual de Assistência aos Inventores (SEDAI), EDIGRAF S.A., 1969.

divulgada pela primeira vez pelo historiador Hélio Vianna (1908-1972), na década de 1960, em seu artigo *Acréscimos à biografia de D. Pedro II*. Hélio Vianna, no entanto não reproduziu a imagem de tal manuscrito em seu artigo, e que agora é reproduzido no último capítulo deste trabalho.<sup>4</sup>

Esta dissertação é dividida em seções. Além deste capítulo introdutório e das considerações finais, referências, anexos e apêndice, há também outros três capítulos que formam a parte principal deste trabalho cujos assuntos abordados resumiremos a seguir:

No segundo capítulo, destacamos que não somente Bartholomeu dera orgulho a seus pais em função de sua notabilíssima carreira intelectual, mas que também diversos de seus irmãos e demais parentes colaterais chegaram a alcançar posições de destaque em seus respectivos ofícios e nos legaram diversas documentações históricas (correspondências oficiais, oficiosas, familiares e impressos) que contribuíram para enriquecer ainda mais a biografia de nosso personagem principal, Bartholomeu de Gusmão.

Neste capítulo, reunimos elementos esparsos e raramente divulgados sobre as respectivas biografias dos familiares de Bartholomeu de Gusmão que poderão servir de subsídios para futuros estudos biográficos mais aprofundados, pois tais biografias, em sua maioria, são conhecidas atualmente apenas de forma superficial e, portanto carecem de maior aprofundamento no campo da pesquisa histórica.

O terceiro capítulo deste trabalho é dedicado aos primeiros estudos do jovem Bartholomeu Lourenço realizados em colégios jesuíticos, em sua terra natal e na Bahia.

Através de uma abordagem histórica e contextualizada envolvendo fatos políticos, econômicos e sociais ocorridos na Vila de Santos e na Vila da Cachoeira (Bahia), em períodos capitais da infância e adolescência de Bartholomeu de Gusmão, destacamos neste capítulo que o jovem santista possivelmente deva ter concluído o ensino primário (ler, escrever e contar)

---

<sup>4</sup> VIANNA, Hélio. “Acréscimos à biografia de D. Pedro II”. In *Folhetim do Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 out. 1964.

ainda em sua terra natal, no Colégio de São Miguel, sendo posteriormente enviado por seus pais para estudar Humanidades no Seminário de Belém, na Vila da Cachoeira, provavelmente entre os anos de 1693 e 1694.

Outro assunto que abordamos neste capítulo refere-se ao primeiro invento atribuído a Bartholomeu de Gusmão, destinado à elevação de água até o Seminário de Belém. Defende-se neste capítulo que apesar deste invento ter sido construído no Seminário de Belém, entre os anos de 1705 e 1706, este fato em nenhum momento prova, por si só, que este seminário possuísse um ensino formal de ciências no período em que o jovem santista lá estudara entre o final do século XVII e início do século XVIII.

O quarto capítulo é, sobretudo, dedicado ao tema central desta dissertação: as invenções atribuídas ao Padre Bartholomeu de Gusmão. Muito embora, também dedicamos uma pequena parcela deste capítulo para destacar que as habilidades intelectuais do Padre Bartholomeu foram muito além do seu interesse pela física experimental, transitando também pela oratória sacra, história, direito, decifração de criptogramas, além de ter sido cogitado pelo governo português, em 1721, para atuar na solução de um problema cartográfico relacionado com os limites territoriais da América Portuguesa.

Neste capítulo, abordamos em detalhes as seguintes invenções do Padre Bartholomeu:

1. Maquinismo para elevação de água (1705);
2. Máquina voadora ou “instrumento para se andar pelo ar” (1709);
3. Técnicas de esgotamento de porões de embarcações em alto mar (1710 e 1713);
4. Técnica de produção artificial de carvão (1721);
5. Eficiência energética em moinhos hidráulicos (1724).

As cinco invenções supracitadas são analisadas neste capítulo a partir de suas documentações setecentistas oficiais emitidas pelo governo português bem como através de outros manuscritos e impressos setecentistas que contêm relatos ou descrições, mesmo que superficiais, sobre tais inventos. Além disso, à medida que estas cinco invenções são apresentadas neste capítulo, optamos por fazer um paralelo entre os ‘supostos’ conhecimentos de Física praticados por Bartholomeu na construção destes inventos e os avanços técnicos e científicos que se seguiam na Europa, ao longo dos séculos XVIII, cujo objetivo é demonstrarmos que nosso compatriota deveria, certamente, possuir conhecimentos atualizados de hidráulica e de pneumática para desenvolver a maior parte de seus projetos.

## **CAPÍTULO 2**

### **ASCENDENTES E COLATERAIS DE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO**

#### **2.1. A PRODIGIOSA PROLE DO Sr. FRANCISCO LOURENÇO**

Antes que venhamos a apresentar os pormenores da vida e das obras atribuídas a Bartholomeu Lourenço de Gusmão julgamos necessário traçar breves biografias sobre seus familiares visando demonstrar que nosso principal biografado não fora o único descendente do Sr. Francisco Lourenço e da Sra. Maria Álvares que lhes trouxera orgulho. Conforme teremos a oportunidade de expor neste capítulo, diversos irmãos e demais parentes colaterais de Bartholomeu alcançaram posições de destaque em seus respectivos ofícios e nos legaram diversas documentações históricas (correspondências oficiais, oficiosas, familiares e impressos) que contribuiram para que pudéssemos delinear, mesmo que de forma superficial, suas respectivas biografias e indiretamente fornecendo subsídios históricos que vieram a enriquecer a biografia de nosso personagem principal, Bartholomeu de Gusmão.

Até meados da década de 30 do século XIX, diversas documentações alusivas aos familiares de Bartholomeu de Gusmão permaneceram dispersas em bibliotecas e arquivos públicos do Brasil, Espanha, França, Itália e Portugal e faltava quem se dispusesse a reuni-las em um artigo ou um livro impresso. Simples informações tais como a quantidade de irmãos que tivera Bartholomeu, bem como seus respectivos nomes e datas de nascimento

permaneciam em incógnita, e mesmo hoje, em 2012, algumas dessas informações ainda permanecem desconhecidas. Somente em 1838, José Feliciano Fernandes Pinheiro<sup>5</sup> (Visconde de São Leopoldo, 1774-1847) localizou, em Santos, os *Autos do Inventário do Sr. Francisco Lourenço*, datado de 4-01-1721, e que trazem uma listagem com nomes e idades de 12 filhos da Sra. Maria Álvares, viúva inventariante por ocasião do falecimento de seu marido, Sr. Francisco Lourenço, ocorrido em 09 de dezembro de 1720.

1. Domingas Gonçalves nascida em 1680, casada com Antonio de Seixas;
2. Padre Simão Álvares, professo do quarto voto da Companhia de Jesus, nascido em 1682;
3. Maria Gomes, nascida em 1683, casada com Francisco Vicente;
4. Padre Bartholomeu Lourenço, clérigo secular, nascido em 1685.
5. Joana Gomes, nascida em 1688, casada com Antonio Ferreira Gambôa;
6. Frei Patrício de Santa Maria, religioso franciscano, nascido em 1690;
7. Paula Maria, religiosa do Convento de Santa Clara da Vila de Santarém, nascida em 1692;
8. Arcângela da Conceição, religiosa do Convento de Santa Clara da Vila de Santarém, nascida em 1693;
9. Alexandre de Gusmão, nascido em 1695;
10. Brígida Monteiro, nascida em 1698;
11. Inácio Rodrigues, clérigo regular na Companhia de Jesus, nascido em 1700;

---

<sup>5</sup> PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. “Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (de agora em diante, RIHGB). Rio de Janeiro, Companhia Typographica do Brazil. Tomo 65(105 - parte I), 1902, p. 406-407. Reedição do artigo do mesmo autor, originalmente publicado nesta mesma revista, no ano de 1841. Cabe salientar que Visconde de São Leopoldo informou que os *Autos do inventário do Sr. Francisco Lourenço* foram emitidos pelo Juízo dos Órfãos da Vila de Santos. Divaldo Freitas tentou localizar esse manuscrito na década de 1960 não obtendo êxito, informando apenas que este documento havia sido transferido de Santos para o Arquivo Público de São Paulo, onde também tentamos localizá-lo e cuja busca foi infrutífera. Ver: (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 24, nota 27).

12. João de Santa Maria, religioso carmelita, nascido em 1703.

Dos doze filhos do Sr. Francisco Lourenço, nove deles seguiram a vida religiosa: Simão Álvares, Bartholomeu Lourenço, Patrício de Santa Maria, Paula Maria, Arcângela da Conceição, Brígida Monteiro, Inácio Rodrigues, João Álvares de Santa Maria e Joana Gomes.<sup>6</sup>

Irmão mais velho de Bartholomeu de Gusmão, Padre Simão Álvares (ou Simão Rodrigues)<sup>7</sup> nasceu em Santos em 1682 e faleceu em 6 de julho de 1721. Ingressou na Companhia de Jesus em data ainda indeterminada, tornando-se professo do 4º voto. De acordo com o Desembargador da Relação do Rio de Janeiro, Veiga Magno de Moura, Simão Álvares destacou-se como orador sacro, chegando a publicar dois sermões dentre os quais podemos citar a paráfrase do salmo *Popule meus*.<sup>8</sup>

Cinco anos mais jovem que Bartholomeu de Gusmão, Frei Patrício de Santa Maria nasceu em Santos e ingressou na carreira eclesiástica no Convento da Imaculada Conceição, no Rio de Janeiro. Posteriormente, no cumprimento de suas obrigações eclesiásticas, transitou por Lisboa, Florença, Gênova e Jerusalém, e tal como seu irmão mais velho, Padre Simão Álvares, também chegou a publicar duas obras em latim: *Mel de petra Sanctissimi Sepulchri*

---

<sup>6</sup> Deve-se notar que Brígida Monteiro e Joana Gomes não constam nos *Autos do Inventário* como religiosas. A primeira delas, abraçou a vida religiosa somente a partir de 1723, e a segunda, já no auge de seus 60 anos, após desposar as filhas que tivera com Antonio Ferreira Gambôa. Ver: (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 30-31).

<sup>7</sup> LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. tomo V. Lisboa - Rio de Janeiro. Livraria Portuguesa; Instituto Nacional do Livro, 1945, p.253.

<sup>8</sup> MOURA, Manuel Francisco da Silva e Veiga Magro [Magno?] de. *Juizo Imparcial*. [S.l.]. BPMP, manuscrito M-1107, [1783-1809?], 5 fls. Este manuscrito, embora anônimo e sem data, foi avaliado na década de 1930 pelo historiador português Artur de Magalhães Basto (1894-1960) atribuindo-lhe a autoria a Manuel Francisco da Silva e Veiga Magno de Moura (Cf. BASTO, Artur, 1946, p. 86-88). De acordo com Jaime Cortesão (1884-1960), Magno (ou Magro) de Moura foi Membro da Academia Real das Ciências de Lisboa e professor régio de Eloquência e Poesia da Universidade de Coimbra, além de ter exercido o cargo de Desembargador da Relação do Rio de Janeiro, por volta de 1764. Magno (ou Magro) de Moura, ao desenvolver suas poesias, atendia pelo pseudônimo de Sílvio Mondânio. Este manuscrito é certamente posterior a 1783, pois ao comentar sobre a atividade científica de Bartholomeu de Gusmão, Magno de Moura utiliza-se do vernáculo *aerostática*, palavra utilizada primeiramente em Francês (*aérostatique*), após as experiências com balões de ar quente não tripulados, realizadas pelos irmãos Montgolfier, em junho de 1783. Ver: (CORTESÃO, Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madri, 1952a, parte I, tomo I, p. 128-129).

*Domini nostri J.C... Ulyssipone Typis regalibus sylvianis. Regiaeque Academiae* (1742) e *Elenchus Caerimoniarum Terrae ... Lisbonae typis Emmanuelis Alvares Soares* (1754).<sup>9</sup>

Sobre as três irmãs de Bartholomeu de Gusmão que seguiram carreira eclesiástica (Paula Maria, Arcângela da Conceição e Brígida Monteiro)<sup>10</sup>, todas elas foram freiras franciscanas no Convento de Santa Clara, na Vila de Santarém, em Portugal, tendo a mais jovem das irmãs, Brígida Monteiro (ou Brígida Victoria de Gusmão), ocupado o cargo de Abadessa nesse Convento, no ano de 1748.

Não poderíamos, naturalmente, deixar de mencionar os três irmãos mais jovens de Bartholomeu, ou seja, Alexandre de Gusmão, Padre Inácio Rodrigues e João Álvares de Santa Maria, todos eles nascidos em Santos e que nos legaram documentações impressas e manuscritas, cujo valor histórico é certamente imenso para que possamos ter uma visão, mesmo que parcial, sobre suas respectivas biografias e indiretamente sobre a própria biografia de Bartholomeu de Gusmão.

Cerca de dez anos mais jovem que Bartholomeu, Alexandre de Gusmão foi, sem sombra de dúvidas, o mais famoso dentre os filhos do Sr. Francisco Lourenço. Sua educação primária foi possivelmente concluída ainda em sua terra natal, no Colégio de São Miguel, sendo em seguida enviado por seus pais para o Seminário de Belém<sup>11</sup>, no recôncavo baiano, a

---

<sup>9</sup> TAUNAY, Affonso de E.. *A vida gloriosa e trágica de Bartholomeu de Gusmão*. São Paulo. Imprensa Oficial do Estado. 1938a. p. 44-45.

<sup>10</sup> Cortesão (1950a, parte II, tomo II, p. 279-286) apresenta um manuscrito setecentista de título *Rellação verdadeira e imparcial das rezoluções do Real Mosteiro de Santa Clara de Santarém*, onde se discute a tumultuada eleição de Brígida Victoria de Gusmão para o cargo de Abadessa naquele mosteiro realizada em junho de 1748. Ver fragmentos da transcrição deste manuscrito em: (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 222-224).

Sobre Paula Maria e Arcângela da Conceição, ver: *Copia dela genealogia, que declarou fr. Juan Alvarez de S.<sup>ta</sup> Maria, religioso Carmelita*. Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo, manuscrito PT-TT-TSO/IL/28/15928. Tribunal do Santo Officio, Inquisição de Lisboa, processo de João Álvares de Santa Maria, nº 15928, 1725, fls. 87- 88.

<sup>11</sup> O Seminário de Belém ficava a cerca de 8 km da antiga Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira, atual município de Cachoeira, Bahia, situado a cerca de 104 km da capital, Salvador. ARNIZÁU, José Joaquim de Almeida e. *Memória topográfica, histórica, comercial e política da Vila da Cachoeira da Província da Bahia*. Salvador: Fundação Maria América da Cruz; Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Tradição. 1998, p. 23 e 33. Maiores detalhes sobre o regime disciplinar e pedagógico deste Seminário serão abordados no capítulo 3.

fim de cursar Humanidades, onde teria permanecido por cerca de 5 ou 6 anos<sup>12</sup>. Após concluir o curso de Humanidades, Alexandre possivelmente ingressou no Real Colégio das Artes da Bahia a fim de obter, após três anos de estudos, o grau de Mestre em Artes, o que lhe permitiria descontar um ano de estudos ao se matricular na Universidade de Coimbra, na Faculdade de Cânones, onde estudou entre os anos de 1712 e 1714<sup>13</sup>. Alexandre, no entanto interrompeu os estudos na Universidade de Coimbra, em 1714, para assumir o cargo de secretário do 3º Conde da Ribeira Grande, D. Luiz Manuel da Câmara (1685-1723), na Embaixada portuguesa em Paris<sup>14</sup>. Durante sua permanência em Paris, Alexandre de Gusmão frequentou a Faculdade de Direito da Sorbonne onde obteve o grau de Bacharel em Direito Civil. De volta a Portugal em 1719, graduou-se neste mesmo ano pela Faculdade de Leis da Universidade de Coimbra<sup>15</sup>.

Alexandre de Gusmão recebeu diversas condecorações e mercês, dentre elas a de Cavaleiro professo da Ordem de Cristo<sup>16</sup> e de fidalgo da Casa Real. Em 1732, tornou-se sócio

---

<sup>12</sup> Este período de permanência de Alexandre de Gusmão no Seminário de Belém é estimado baseado no parágrafo 7 do regimento disciplinar deste Seminário: “Os que forem admitidos, comumente não hão de passar os doze ou treze anos, nem estarão no Seminário mais que 5 ou 6 anos [...]”. Ver: LEITE, *Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo V. Edição fac-símile. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000, p. 182.

<sup>13</sup> As suposições sobre a passagem de Alexandre de Gusmão tanto pelo Seminário de Belém quanto pelo Real Colégio das Artes da Bahia foram extraídas, em parte, de Cortesão (1952a, parte I, tomo I, p. 139-141) e das seguintes obras impressas e manuscritas a que tivemos acesso: ARAÚJO, Miguel Martins de. *Elogio de Alexandre de Gusmão, cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa Real, e Academico do numero da Academia Real*. Lisboa: Joseph da Costa Coimbra. 1754; MOURA, Manuel Veiga Magro [Magno?] de. *Juizo Imparcial*. BPMP, manuscrito M-1107, [1783-1809?], 5 fls.; CARVALHO, José Manuel Teixeira de. *Collecção de varios escritos ineditos politicos e litterarios de Alexandre de Gusmão*. Typographia de Faria Guimarães. Porto, 1841, p. XII.

<sup>14</sup> As primeiras informações confiáveis sobre a biografia de Alexandre de Gusmão e que provêm de documentações oficiais emitidas pelo governo português são: o seu ingresso na Universidade de Coimbra em 1712 e sua indicação para Secretário da Embaixada portuguesa em Paris, em 1714.

Portanto, todas as informações sobre a biografia de Alexandre de Gusmão anteriores a 1712, e aí se incluem as supostas passagens de Alexandre de Gusmão tanto pelo Seminário de Belém quanto pelo Real Colégio das Artes da Bahia, são suposições ancoradas unicamente nas obras citadas na nota anterior e não provêm de documentações oficiais. Ver: (CORTESÃO, Jaime, 1952a, Parte I, Tomo I, p. 159).

<sup>15</sup> MORAIS, Francisco da Silveira. “Estudante brasileiros de Coimbra nascidos no Brasil”. In: Suplemento do volume IV da *Revista Brasília*. Coimbra. 1949, p. 85.

<sup>16</sup> De acordo com Cortesão (1952a, parte I, tomo I, p. 214-216), esta condecoração concedida a Alexandre de Gusmão teria sido involuntária e a mando do próprio monarca, visando-se a capacitá-lo para tratar de questões eclesiásticas em Roma. Neste sentido, por imposição real e, portanto quebrando todos os protocolos habituais necessários, no mesmo dia 29-08-1720, D. João V teria ordenado ao Prior do Mosteiro de Nossa Senhora da Luz de Lisboa que passasse a certidão de noviço a Alexandre de Gusmão, declarando-o *Frei Alexandre de Gusmão*,

da Academia Real de História Portuguesa sendo incumbido de escrever, em língua latina, a História do Ultramar<sup>17</sup>. E no ano seguinte, ele propôs uma nova forma de arrecadação de impostos, o sistema de capitação<sup>18</sup>, que essencialmente visava a substituir a multiplicidade de impostos que então vigorava na tributação de metais preciosos extraídos nas minas da América Portuguesa. Sua proposta de arrecadação de impostos, criada em 1733, vigorou nas Minas Gerais de 1737 a 1750, muito embora, na prática, não totalmente nos moldes de sua proposta original.

A partir da década de 1740 o prestígio de Alexandre de Gusmão junto a D. João V atingiu seu ápice, culminando em sua nomeação, em 1743, para o cargo de Conselheiro Ultramarino. No ano seguinte, ele se casou com Isabel Maria Teixeira Chaves, de cuja união matrimonial nasceram dois filhos, Viriato e Trajano<sup>19</sup>. O primeiro deles, Viriato de Gusmão, nasceu entre os anos de 1745 e 1746, conforme nos relata Alexandre de Gusmão em uma de suas cartas divulgadas no jornal português *O Panorama*, em 1852:

Meu am.<sup>o</sup> e meu Senhor do Cor.<sup>ão</sup> [M.R.P. João Monteiro Bravo], a carta com que Vossa mercê me fez favor em 22 do passado não me foi entregue logo, e depois mediaram dois correios em que me foi impossível responder. Agora o faço dando a Vossa mercê mil agradecimentos pelos cordiais parabéns com que me felicita pelo nascimento de meu filho, que se vai criando muito bem, e um dia desses terá a honra de ir à pia debaixo dos auspícios de S.S. M.M; e permita Deus que um dia venha a fazer, que seja de um Santo o nome de Viriato, que já foi de um famoso Capitão Português. [...]<sup>20</sup>

---

em seguida, Sua Majestade teria ordenado que lhe passasse a certidão de Cavaleiro noviço, e por último, neste mesmo dia, expediu-se a certidão de Cavaleiro professo da Ordem de Cristo.

<sup>17</sup> PINHEIRO, José, RIHGB, tomo 65(105 - parte I), 1902, p. 383.

<sup>18</sup> MENEZES, Sezinando Luiz. “Alexandre De Gusmão (1695-1753) e a tributação das minas do Brasil”. In: *Revista História*, São Paulo, v. 25, n. 2, 2006. p. 179-191.

<sup>19</sup> De acordo com um documento do Conselho Ultramarino datado de 1728, presente no IHGB, (Lata 57, pasta 3, fl. 220) Alexandre de Gusmão ou um homônimo teve uma filha chamada Antónia de Gusmão. Seria uma filha bastarda do diplomata e irmão de Bartholomeu de Gusmão? Caso a averiguar. Lembra Divaldo Freitas que “durante o primeiro quartel do século XVIII, existiram, no Brasil, pelo menos quatro pessoas com o nome Alexandre de Gusmão: a) o fundador do Seminário de Belém [Padre Alexandre de Gusmão]; b) um sobrinho deste [Padre], natural do Rio de Janeiro, também pertencente à Companhia de Jesus; c) o diplomata, irmão de Bartholomeu; d) um proprietário no Rio de Janeiro”. Ver: (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 18, nota 8).

<sup>20</sup> “Cartas inéditas de Alexandre de Gusmão”. In *O Panorama* – semanário litterario e instructivo. Lisboa, vol. IX, Typographia de A. J. F. Lopes, primeiro da terceira série, 1852, p. 278-279.

Deus guarde a Vossa mercê muitos anos.

Lisboa, 19 de fevereiro de 1746.  
Alexandre de Gusmão

Possivelmente, um dos mais conhecidos atos político-administrativos atribuídos a Alexandre de Gusmão tenha sido a assinatura, no ano de 1750, do acordo bilateral entre Portugal e Espanha, denominado Tratado de Madrid, que determinava uma nova linha limítrofe que dividia os domínios de ambas as nações.<sup>21</sup>

Neste mesmo ano morre D. João V (1689-1750) e pouco depois, já no reinado de D. José I, Alexandre de Gusmão foi paulatinamente destituído dos cargos que ocupava no governo português, em parte, segundo Lúcio de Azevedo<sup>22</sup>, devido às divergências políticas com o futuro Marquês de Pombal (Sebastião José de Carvalho e Melo 1699-1782) que aos olhos do novo rei era visto como um reformador político e econômico que sob a confiança deste monarca assumiu importantes cargos administrativos em Portugal a partir da morte de D. João V, à medida que Alexandre de Gusmão caía num ostracismo político sem volta.

E até mesmo a sorte parece ter abandonado Alexandre de Gusmão em seus últimos anos de vida. Por volta de 1752, um grande incêndio destruiu sua casa, causando-lhe perdas materiais e vitimando faltamente seu filho caçula, Trajano<sup>23</sup>. O homem que outrora gozava de poder e prestígio até 1750 encontrava-se três anos depois já endividado e sem o valimento Real, vindo a falecer em 30-12-1753.<sup>24</sup>

Dentre os filhos do Sr. Francisco Lourenço, Alexandre de Gusmão foi, sem sombra de dúvidas, o que mais nos legou documentações históricas, o que demonstra como deva ter sido

---

<sup>21</sup> Segundo Cortesão (1952a, parte I, tomo I, p. 9), Alexandre de Gusmão teria estudado durante 15 anos o problema dos limites da fronteira do Brasil, analisando esta delicada questão sob os mais diversos aspectos: geográfico, político-geográfico, econômico, etnográfico, jurídico e diplomático.

<sup>22</sup> AZEVEDO, João Lúcio de. *O Marquês de Pombal e a sua época*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922, p. 92-103.

<sup>23</sup> ALBUQUERQUE, Vanessa da Silva. *Alexandre de Gusmão: Formação e Trajetória (1685-1753)*. 2007. 151p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2007, p. 134.

<sup>24</sup> A data de falecimento de Alexandre de Gusmão é informada em: (MACHADO, Diogo, 1759, tomo IV, p.9).

sua importância política e administrativa no período em que esteve a serviço da Coroa portuguesa de 1714 a 1750. Relata Jaime Cortesão<sup>25</sup> que a obra deixada por Alexandre de Gusmão é imensa, cobrindo desde “correspondências oficiais, oficiosas ou familiares; memórias políticas e geográficas; ensaios sobre economia política, crítica literária, costumes sociais, e até sobre uma nova ortografia portuguesa; discursos acadêmicos e panegíricos; livretos de ópera, poemas, traduções de poemas e rimários...”.<sup>26</sup>

Cerca de cinco anos mais jovem que Alexandre de Gusmão, Inácio Rodrigues nasceu em Santos e frequentou o Colégio dos Jesuítas da Bahia, tornando-se clérigo regular da Companhia de Jesus em data ainda indeterminada.

Inácio Rodrigues destacou-se como orador sacro, chegando a publicar dois de seus sermões, em 1746, impressos na obra *Sermoens da Paixam*<sup>27</sup>. De acordo com Afonso Taunay<sup>28</sup>, Inácio Rodrigues foi um dos primeiros a combater, em Portugal, a Escola Literária Gongórica<sup>29</sup> e a adotar um estilo de oratória à semelhança do que já era praticado pela Escola Literária Francesa<sup>30</sup>, no período de Luis XIV.

---

<sup>25</sup> (CORTESÃO, 1952a, parte I, tomo I, p. 9).

<sup>26</sup> Cortesão (1950b, parte II, tomo II; 1953, parte V) traz dezenas de manuscritos pesquisados pelo autor que dizem respeito a Alexandre de Gusmão e muitos dos quais também relacionados ao Padre Bartholomeu de Gusmão.

<sup>27</sup> RODRIGUES, Ignácio. *Sermoens da Paixam, pregados na Santa Igreja de Lisboa, no anno de 1738 e no de 1745*. Lisboa: Officina de Pedro Ferreyra, 1746.

<sup>28</sup> (TAUNAY, 1938a, p. 43).

<sup>29</sup> A Escola Literária Gongórica, de forte influência espanhola, “caracterizava-se pela novidade nas palavras e suas explicações, pelas inversões forçadas, pela ousadia das hipérboles e profusão de figuras que tornaram a língua quase ininteligível”. (REMÉDIOS, Mendes dos. *História da Literatura Portuguesa - desde as origens até a actualidade*. 6<sup>a</sup> ed. Coimbra editora Atlântida, 1930, p. 310-312).

<sup>30</sup> “Enquanto a literatura francesa do século XVII se interessava em estudar o homem, sobretudo do ponto de vista moral, a do século XVIII estuda-o principalmente do ponto de vista social. É uma literatura de propaganda ativa das idéias filosóficas e políticas opostas às do século precedente”. BANDEIRA, Manuel. *Noções de História das Literaturas*. São Paulo. Companhia Editora Nacional, 1940, p. 79.

Padre Inácio Rodrigues adotara um estilo de oratória conhecido como eloquência sacra onde se valorizava, sobretudo a moral cristã aos bons costumes numa linguagem acessível ao grande público laico, motivo pelo qual seu etilo literário assemelhava-se ao praticado pela Escola Literária Francesa do século XVII e não ao da Escola Literária Gongórica vigente em Portugal, em sua época, cuja linguagem era extremamente metafórica e inacessível ao grande público laico.

Por volta de 1763, Padre Inácio Rodrigues destituiu-se da condição de clérigo regular, tornando-se padre secular, posição religiosa que ocuparia até o seu falecimento ocorrido em terras brasileiras, pouco depois da dissolução da Companhia de Jesus no Brasil<sup>31</sup>.

Três anos mais jovem que Inácio Rodrigues, João Álvares de Santa Maria (ou João Álvares de Gusmão) nasceu na Vila de Santos, em 28 de março de 1703. Por volta de 1718, tomou o hábito de religioso Carmelita Calçado no Convento do Carmo, em sua terra natal. No ano seguinte, ingressou como noviço no Convento do Carmo de São Paulo, onde professou em dezembro de 1719. Durante o noviciado, estudou Artes (Filosofia e Ciências), concluindo o curso em setembro de 1720. Posteriormente, o jovem Carmelita retornou a Vila de Santos, onde exerceu o ofício de sacristão até o mês de agosto de 1721, quando então foi transferido desta Vila para o Convento da Trindade, no Rio de Janeiro, onde permaneceu até o mês de abril de 1722. Em setembro deste mesmo ano, embarcou, na Bahia, na nau *Nossa Senhora da Boa Viagem*, com o objetivo de estudar Teologia no Colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Coimbra. Nesta mesma nau também embarcaram sua irmã Brígida Monteiro (ou Brígida Vitória de Gusmão) e sua sobrinha Maria de Seixas, que visavam a professar no Convento de Santa Clara da Vila de Santarém. Entre os meses de maio e setembro de 1724, Frei João Álvares residiu na casa de seu irmão Bartholomeu, com quem fugiu de Lisboa rumo à Espanha em fins de setembro de 1724, sendo Bartholomeu, nesta ocasião, supostamente acusado de apostasia e colaborador de um ritual de bruxaria contra o rei D. João V. Após dois meses de viagem, seu irmão Bartholomeu foi acometido de uma febre maligna, sendo internado no Hospital da Misericórdia, em Toledo, Espanha, onde veio a falecer em novembro deste mesmo ano<sup>32</sup>. João Álvares, apesar de ter confessado que estava em companhia de seu

---

<sup>31</sup> Ver: (CORTESÃO, 1953, parte V, p. 561) e (TAYNAY, 1938b, p. 537).

<sup>32</sup> Os dados biográficos sobre a vida de João Álvares de Santa Maria, no período de 1703 a 1724, foram obtidos a partir do seguinte manuscrito setecentista: *Copia dela genealogia, que declarou fr. Juan Alvarez de S.<sup>ta</sup> Maria, religioso Carmelita*. (IANTT, PT-TT-TSO/IL/28/15928, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo de João Álvares de Santa Maria, nº 15928, fls. 81-85). Este manuscrito versa sobre o depoimento de João Álvares de Gusmão (ou João Álvares de Santa Maria) feito à Inquisição Espanhola, em Madrid, no ano de

irmão apóstata, aparentemente não sofreu nenhuma pena grave por parte das Inquisições Espanhola e Portuguesa<sup>33</sup>. Após a morte de seu irmão, Frei João Álvares permaneceu em solo espanhol, incorporando-se à Ordem Carmelita deste país, e nesta qualidade, segundo João M. Alfaya Rodrigues (1850-1941), foi enviado ao Chile onde permaneceu por longos anos, “deixando excelente reputação, como homem de talento, virtude e saber”<sup>34</sup>. De volta a Portugal, em 1740 publicou sua primeira obra, *Sermão de S. Nicolao*<sup>35</sup>. De 1736 a 1744, João Álvares residiu em Lisboa, na casa de seu irmão Alexandre de Gusmão, sendo neste último ano designado para assumir funções eclesiásticas em Roma, onde permaneceu, possivelmente, até 1750<sup>36</sup>, quando então foi encarregado pelo governo português de contratar em cidades italianas e em outras regiões da Europa “homens inteligentes dos estudos matemáticos e geográficos e que sejam práticos de fazer observações astronômicas para que se possam formar com exatidão cartas geográficas do Brasil<sup>37</sup>” com o objetivo de demarcar os novos limites territoriais entre as possessões portuguesas e espanholas, após a assinatura do Tratado de Madrid. Doze anos depois, Frei João Álvares publicou sua segunda obra, *Discurso sobre a Trezena de S. Francisco de Paula* (1762), na qual declarou que estava há dois anos e meio reunindo documentos para escrever a história cronológica deste santo<sup>38</sup>. Desconhecemos a data exata de seu falecimento, porém sua segunda obra impressa em 1762 nos sugere que

---

1725, no qual relata sua genealogia, informando seus ascendentes e colaterais. Ver transcrição completa deste manuscrito em: LEITE, Bertha. “Bartolomeu de Gusmão na documentação de Lisboa”. In: *Anais do IV Congresso de História Nacional*, vol. 12, Rio de Janeiro. Imprensa Nacional, IHGB, abr. 1949 (1951), p. 15-108.

<sup>33</sup> TAUNAY, Afonso de E. “A estranha aventura de Frei João Álvares de Santa Maria Gusmão, carmelita santista (1724)”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. XLIV (1ª parte), São Paulo, 1948, p. 244.

<sup>34</sup> *Ibidem*, p. 245.

<sup>35</sup> SANTA MARIA, Fr. João Álvares de. *Sermão de S. Nicolao, que no anno de 1739 prégou na Paroquial do mesmo Santo de Lisboa Occidental o M.R.P.M Fr. Joaõ Álvares de Santa Maria Carmelita Calçado da Provincia do Rio de Janeiro, Lente Jubilado na Sagrada Theologia*. Lisboa Occidental. Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca. 1740.

<sup>36</sup> MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. São Paulo. Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros. 1969, p. 188-193.

<sup>37</sup> (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 29).

<sup>38</sup> GUSMÃO, Fr. João Álvares de. *Discurso sobre a Trezena de S. Francisco de Paula...* Lisboa. Officina de Manoel Coelho Amado. 1762.

deva ter falecido na década de 1760, pois o próprio Frei João Álvares informa aos seus leitores que esta obra era apenas um breve ensaio sobre a história cronológica de São Francisco de Paula (1416-1507), chegando a prometer, num futuro próximo, brindar os seus leitores com um estudo histórico ampliado que seria composto de vários volumes. Porém, até o presente momento, não foi descoberta nenhuma obra impressa ou manuscrita atribuída a Frei João Álvares cuja data seja posterior a 1762, o que, portanto nos leva à hipótese muito provável de que tenha falecido nesta mesma década da era setecentista.

Sobre as três filhas casadas do Sr. Francisco Lourenço (Domingas Gonçalves, Maria Gomes e Joana Gomes), todas elas nasceram na Vila de Santos e se desposaram em datas ainda indeterminadas.

Domingas Gonçalves, casada com Antonio de Seixas, teve pelo menos uma filha, Maria de Seixas que entrou para o Convento de Santa Clara de Santarém em março de 1723, juntamente com sua tia, Brígida Monteiro (ou Brígida Vitória de Gusmão), conforme nos informa Frei João Álvares em seu depoimento feito à Inquisição Espanhola, em 1725.<sup>39</sup>

Sobre Maria Gomes, podemos afirmar que se casou por duas vezes e que teve pelo menos três filhos. Da primeira união matrimonial com Giraldo (ou Geraldo) da Silva teve pelo menos dois filhos, Theotônio da Silva Gusmão e Maria Bárbara, e da segunda união matrimonial com Francisco Vicente, teve pelo menos uma filha, Mariana Rita Teresa<sup>40</sup>.

Theotônio da Silva Gusmão, filho do primeiro casamento de Maria Gomes, nasceu em Santos e frequentou a Universidade de Coimbra, obtendo o grau de Bacharel em Leis em

---

<sup>39</sup> *Copia dela genealogia, que declaró fr. Juan Alvarez de S.ta.Maria, religioso Carmelita*. IANTT. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo de João Álvares de Santa Maria, nº 15928, 1725, fl. 82v.

<sup>40</sup> FREITAS, Divaldo, 1969, p. 217; FONSECA, Luiza da. “Bacharéis brasileiros - elementos biográficos (1635-1830)”. Rio de Janeiro. In: *Anais do IV Congresso de História Nacional*. Departamento de Imprensa Nacional. vol. XI, abr./1949 (1951), p. 204.

É oportuno salientar que nos *Autos do inventário do Sr. Francisco Lourenço*, datado de 1721, consta que Maria Gomes, nesta época, já era casada com seu segundo marido Francisco Vicente.

1731<sup>41</sup>. Posteriormente, foi nomeado intendente das minas de Tocantins, na Capitania de São Paulo, cargo que ocupou até 1738.<sup>42</sup>

Entre os anos de 1747 e 1750, Theotônio da Silva Gusmão exerceu a função de Juiz de Fora de Itu onde tentou implantar um imposto sobre o transporte terrestre e hidroviário que seguia de Itu em direção às áreas de extração de metais e pedras preciosas situadas na região Centro-Oeste da América Portuguesa<sup>43</sup>.

Segundo o historiador Pedro Taques (1714-1777), no ano de 1750 Theotônio havia sido transferido da função de Juiz de Fora de Itu para ocupar o cargo de Ouvidor-Geral da recém fundada Capitania de Mato Grosso (1748)<sup>44</sup>. Porém, as recentes pesquisas de Gustavo Almeida<sup>45</sup>, em documentos do Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa (AHU), demonstram que o ouvidor desta Capitania, no período citado por Pedro Taques, foi João António Vaz Morilhas. Ainda de acordo com Gustavo Almeida, Theotônio de fato foi transferido para a Capitania de Mato Grosso, como afirma Pedro Taques, porém para assumir o cargo de Juiz de Fora desta Capitania entre os anos de 1751 a 1756, período em que foi responsável pela normatização do espaço urbano de Vila Bela da Santíssima Trindade, então sede desta Capitania, dando início à construção de obras públicas essenciais para o desenvolvimento de

---

<sup>41</sup> FONSECA, 1951, p. 204; MORAIS, 1949, p. 112.

<sup>42</sup> CARTA do governador e capitão general da capitania do Mato Grosso, Antonio Rolim de Moura Tavares, ao rei [D. José I] sobre o merecimento do juiz de fora Teotônio da Silva Gusmão ao pedido de ajuda de custo para as grandes despesas na criação da vila de Mato Grosso. Vila de Cuiabá, 04 jul. 1751. Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa (Capitania de Mato Grosso). CT-AHU-ACL-CU-010,CX 6, DOC 351. *Projeto Resgate – UnB* (CMD23859). Disponível em: <http://www.cmd.unb.br/biblioteca.html>. Acesso em: 01 nov. 2011.

<sup>43</sup> GODOY, Silvana Alves de. *Rota das Monções – negócios e fronteiras na América Portuguesa*. Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2006, 8f. Trabalho apresentado no XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.

<sup>44</sup> LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *História da Capitania de São Vicente*. Brasília. Edições do Senado Federal. v. 25. Conselho Editorial, 2004, p. 129.

Pedro Taques (1714-1777), historiador e genealogista, nasceu na Cidade de São Paulo, recém elevada a esta categoria político-administrativa em Carta Régia de 24 de Julho de 1711. Relata o historiador brasileiro Afonso Taunay, ao prefaciá-la a primeira edição desta obra em versão fac-similar, que “em tempos em que a historiografia era uma aventura, Pedro Taques a exerceu com erudição, amante que era dos documentos e das fontes de cartórios e arquivos civis e eclesiásticos dispersos pelo Brasil”. Ver: (LEME, Pedro, 2004, p.23).

<sup>45</sup> ALMEIDA, Gustavo Balbuena de. *O cargo de Juiz de Fora na capitania de Mato Grosso (1751-1789): considerações para o início de uma discussão*. Três Lagoas: Departamento de História da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), 2010, 19f. Trabalho apresentado no X Encontro de História de Mato Grosso do Sul, 2010.

Vila Bela. Após o término de seu mandato como Juiz de Fora, por ordem do então governador da Capitania de Mato Grosso, António Rolim de Moura (futuro Conde de Azambuja), no ano de 1757 fundou a povoação de Nossa Senhora da Boa Viagem, localizada às margens da cachoeira do Salto Grande (atual Cachoeira do Teotônio – Rondônia) cujas águas desembocam no Rio Madeira, importante rota fluvial de comércio e comunicação entre as Capitânicas de Mato Grosso e Pará.

A Theotônio da Silva Gusmão é ainda atribuída a paternidade de Domingas Inácia de Gusmão, escrava alforriada, mãe do pintor barroco Padre Jesuino do Monte Carmelo (Jesuino Francisco de Paula Gusmão 1764-1819).<sup>46</sup>

Sobre Maria Bárbara e Mariana Rita Teresa, respectivamente, irmã e meia-irmã de Theotônio da Silva Gusmão, em 1736, pleitearam ingressar conjuntamente em um Convento da metrópole lisboeta, mas cujo local exato não nos foi possível precisar<sup>47</sup>.

Das três filhas casadas do Sr. Francisco Lourenço, Joana Gomes (ou Joana Gomes de Gusmão) havia sido a única a seguir vida religiosa, provavelmente já no auge de seus 60 anos de idade, após criar e desposar as filhas que tivera com seu marido, Antonio Ferreira Gambôa. Em 1745 já atendia pela insígnia de Irmã Joana Gomes de Gusmão, e em 1756 como Beata da Venerável Ordem Terceira da Penitência, na Freguesia da Lagoa, Vila de Nossa Senhora do Desterro (atual cidade de Florianópolis), onde fundou em 1762 a Capela do Menino Deus, às custas de muito sacrifício e doações. Cinco anos depois, alistou-se na Irmandade dos Passos, ocasião em que obteve licença para a construção da Capela do Senhor dos Passos anexa à do Menino Deus, em Nossa Senhora do Desterro. Além do serviço voluntário em favor dos pobres, Joana de Gusmão mantinha uma pequena escola para meninas em sua residência que

---

<sup>46</sup> ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuino do Monte Carmelo*. Ministério da Educação e Saúde, 1945, p. 154.

<sup>47</sup> (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 217).

também era contígua à Capela do Menino Deus, e onde, conforme seu último desejo, foi sepultada, aos 92 anos, em 16 de novembro de 1780.<sup>48</sup>

Em 2002, a Câmara Municipal de Florianópolis aprovou a Resolução 785/02 que criou a Medalha Beata Joana de Gusmão com a finalidade de homenagear pessoas que se destacaram pelo trabalho voluntário a entidades filantrópicas<sup>49</sup>.

De acordo com José G. Santos<sup>50</sup>, Joana Gomes de Gusmão, “segundo a tradição, teve sette Filhas”, cujos nomes de quatro delas foram descobertos por Divaldo Freitas<sup>51</sup> na década de 1960 em pesquisa realizada no Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa. São elas: Maria Leonor, Catarina Maria, Margarida Rosa e Helena Cristina, as quais tal como suas primas, Maria Bárbara e Mariana Rita Tereza, em 1736, pleitearam ingressar conjuntamente em um Convento da metrópole lisboeta, mas cujo local exato não nos foi possível precisar.

Conforme mostramos neste capítulo, a prole do Sr. Francisco Lourenço e diversos de seus netos tiveram brilhantes carreiras civis e religiosas. Resta-nos apresentar, pois, a genealogia da família do Sr. Francisco Lourenço e a da Sra. Maria Álvares, pais de Bartholomeu de Gusmão.

---

<sup>48</sup> SANTOS, José Gonçalves da Silva. “Noticias biographicas da Irmã Joanna Gomes de Gusmão”. São Paulo. In: *Annaes do Museu Paulista*. Imprensa Oficial. tomo V, 2ª parte, 1931, p. 321-333; FONTES, Henrique da Silva. *A beata Joana Gomes de Gusmão*. Florianópolis. Imprensa Oficial, 1954.

<sup>49</sup> Resolução 785/02 – *Medalha Beata Joana de Gusmão*. Honrarias concedidas através de Resoluções. Câmara Municipal de Florianópolis. Disponível em: <[http://www.cmf.sc.gov.br/honraria\\_res.rtf](http://www.cmf.sc.gov.br/honraria_res.rtf)>. Acesso em: 02 jun. 2007.

<sup>50</sup> (SANTOS, José, 1931, p. 331).

<sup>51</sup> (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 217-218).

## 2.2. GENEALOGIAS DAS FAMÍLIAS DO Sr. FRANCISCO LOURENÇO E DA Sra. MARIA ÁLVARES

De acordo com a certidão de batismo de *Bertholameu Lourenço*<sup>52</sup>, seus avós paternos foram Pedro Lourenço e Domingas Gonçalves, ambos portugueses naturais de Cabanas, Freguesia de São Pedro de Queimadela, então pertencente ao conselho da Vila de Guimarães. O Sr. Francisco Lourenço, filho de Pedro Lourenço, tinha a mesma naturalidade de seus pais, sendo, portanto natural de Cabanas conforme consta nos autos de *genere et moribus* de seu filho, Alexandre de Gusmão.<sup>53</sup>

Sobre a profissão exercida pelo Sr. Francisco Lourenço, propagou-se em diversas obras alusivas a Bartholomeu de Gusmão, impressas ao longo dos séculos XIX e XX, que ele teria sido cirurgião-mor do Presídio da Praça de Santos<sup>54</sup>. Esta informação provém, primariamente, da obra do santista José Feliciano Fernandes Pinheiro, (Visconde de São Leopoldo), *Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão*<sup>55</sup>, cuja primeira impressão data de 1841. No entanto, o Visconde de São Leopoldo não informa, neste artigo, a fonte bibliográfica de onde teria extraído esta afirmação. Divaldo Freitas<sup>56</sup>, na década de 1960, reacendeu essa polêmica ao analisar o manuscrito *Processo de habilitação de genere et Moribus de Alexandre de Gusmão*, chamando a atenção para o termo *lensenseado* presente no seguinte trecho deste manuscrito: *D. Maria Alvares viuva que ficou*

---

<sup>52</sup> *Processo de habilitação de genere et Moribus de Bertholameu Lourenço*. Estante 1, gaveta 3, nº 57, fl. 11. Villa de Santos, 06 de outubro de 1707. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, manuscrito. (de agora em diante, ACMSP). Apud (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 173).

<sup>53</sup> *Processo de habilitação de genere et Moribus de Alexandre de Gusmão*. ACMSP. Estante 1, gaveta 1, número 118, fl. 18.

<sup>54</sup> Ver: TAUNAY, 1938a, p. 27-28; FARIA, 1917, p. 7; REBELLO, Brito. “O centenário da invenção dos aeróstatos em França e seu inventor o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão”. In *O Occidente- revista ilustrada de Portugal e estrangeiro*. vol. 6, nº 168, 21 de agosto de 1883, p. 191.

<sup>55</sup> PINHEIRO, José, RIHGB, tomo 65(105 - parte I), 1902, p. 397.

<sup>56</sup> FREITAS, Divaldo, 1969, p. 22.

por falecimento do *lensenseado* Francisco Lourenço[...]<sup>57</sup>. Segundo Divaldo Freitas, o termo *lensenseado* corresponderia à palavra atual *licenciado*. Logo, existe a possibilidade do Sr. Francisco Lourenço ter obtido licença para exercer legalmente algum ofício específico, no entanto, não dispomos atualmente de documentações históricas confiáveis que possam afirmar se de fato o Sr. Francisco Lourenço teria ou não exercido, especificamente, o ofício de cirurgião na Vila de Santos.

De acordo com o manuscrito *Copia da Genealogia*<sup>58</sup> e informações colhidas por Jaime Cortesão<sup>59</sup>, os avós maternos de Bartholomeu de Gusmão foram Antônio Álvares, português, natural do Termo da Vila da Feira (Bispado do Porto), e Maria Gomes, sua esposa, natural da Vila de Santos. Desta união matrimonial nasceram, pelo menos, nove filhos, a saber <sup>60</sup>:

1. Padre Pascoal Gomes – integrante da Companhia de Jesus, residente no Colégio dos Jesuítas de Santos em 1725;
2. Padre Sebastião Álvares – integrante da Companhia de Jesus, residindo no Colégio de São Paulo e já falecido em 1725;
3. Padre Cláudio Gomes – integrante da Companhia de Jesus. Faleceu no Maranhão antes de 1725 onde esteve em missão religiosa;
4. Frei Querubim de Santa Rosa – religioso capuchinho no Convento de Santo Antônio da Vila de Santos do qual foi guardião;
5. Frei Pascoal da Encarnação - religioso capuchinho no Convento de Santo Antônio da Vila de Santos;

---

<sup>57</sup> Processo de habilitação de *genere et Moribus de Alexandre de Gusmão*. ACMSP. Estante 1, gaveta 1, número 118, fl. 18.

<sup>58</sup> *Copia dela genealogía, que declaró fr. Juan Alvarez de S.ta.Maria, religioso Carmelita*. IANTT. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo de João Álvares de Santa Maria, nº 15928, 1725, fl. 86.

<sup>59</sup> CORTESÃO, 1950a, parte I, tomo I, p. 123.

<sup>60</sup> *Copia dela genealogía, que declaró fr. Juan Alvarez de S.ta.Maria, religioso Carmelita*. IANTT. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo de João Álvares de Santa Maria, nº 15928, 1725, fls. 86-87.

6. Isabel Álvares – residente na Vila de Santos e viúva de Jacome Varela falecido antes de 1725;
7. Bernarda Gomes – teve como primeiro marido Francisco Cardoso e como segundo marido Sebastião da Fonseca e Pinto. Já falecida em 1725;
8. Vitória Gomes – natural da Vila de Santos, casada com Marcos da Fonseca e Pinto. Já falecida em 1725;
9. Maria Álvares – natural da Vila de Santos, mãe de Bartholomeu Lourenço de Gusmão e viúva do Sr. Francisco Lourenço desde 1720.

O historiador Pedro Taques, em sua obra *Nobiliarquia Paulistana*<sup>61</sup>, informa que Maria Gomes era filha do português João Gomes Vilas Boas e de Maria Jácome, e que esta havia sido filha ou neta de Maria Gonçalves, falecida em 1678, e de Gonçalo Pires Pancas que foi juiz ordinário na Vila de Santos em 1630, “homem muito abastado em cabedais”<sup>62</sup> e dono de minhas terras no entorno desta vila<sup>63</sup>.

Ainda de acordo com Pedro Taques:

Pelas muitas esmolos que fez o dito Gonçalo Pires Pancas ao convento do Carmo [de Santos], alcançou na sua igreja jazigo para si, e de seus descendentes, onde jaz, e fica junto ao arco da capela-mor, e diz na mesma igreja uma missa cada mês por sua tenção, e dos seus herdeiros [...] <sup>64</sup>.

Logo, podemos afirmar que a mãe de Bartholomeu de Gusmão, Maria Álvares, provém de uma família cujas gerações passadas eram benquistas na sociedade santista do

---

<sup>61</sup> LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *Nobiliarquia Paulistana histórica e genealógica*. 5ª Edição. Tomo II. Belo Horizonte; São Paulo: Editora Itatiaia Limitada; Editora da Universidade de São Paulo. 1953, p. 128-129.

<sup>62</sup> Ibidem, p. 129.

<sup>63</sup> No **apêndice A** deste trabalho encontra-se a árvore genealógica de Maria Álvares obtida a partir de: LEME, Pedro (1953, p. 128-129); *Cópia dela genealogia [...]*. (IANTT, processo de João Álvares de Santa Maria, nº 15928, 1725, fls. 86-87); FREITAS, Divaldo (1969, p.32-37); LEME, Luiz (*Genealogia Paulistana*, vol. 6, 1905, p. 50).

<sup>64</sup> LEME, Pedro, 1953, p. 129.

século XVII e de muitos cabedais. Porém, não podemos afirmar que os pais de Maria Álvares fossem necessariamente abastados a ponto de lhe deixarem uma volumosa herança por ocasião do falecimento de seu pai, Antônio Álvares<sup>65</sup>, ocorrido em torno de 1700, pois não dispomos de documentações históricas que possam corroborar esta hipótese que julgamos pouco provável. Em contrapartida, identificamos três depoimentos sobre a falta de recursos da família da Sra. Maria Álvares:

1. José Feliciano Pinheiro informa: “[...] manifesta-se do mesmo Inventario (*Autos do inventário*) ser tenue; e mesmo mesquinha a herança [...]”<sup>66</sup> deixada pelo Sr. Francisco Lourenço;
2. O Desembargador setecentista da Relação do Rio de Janeiro, Veiga Magno de Moura, informa que Alexandre de Gusmão “[...] teve Pays de pouca fortuna em Cabedal”<sup>67</sup>;
3. O autor anônimo do manuscrito setecentista *Rellação verdadeira e imparcial das rezoluções do Real Mosteiro de Santa Clara de Santarém* informa que a Abadessa Brígida Vitória de Gusmão, irmã de Bartholomeu de Gusmão “[...] em casa de seos Pays foi criada com a miseria, e mesquinhez que a todos he notória...”<sup>68</sup>.

Portanto, de acordo com os depoimentos supracitados, a hipótese mais provável é de que a família do Sr. Francisco Lourenço e da Sra. Maria Álvares possuíisse poucos recursos financeiros para poder criar seus doze filhos e, portanto necessitariam confiar sua educação a parentes e amigos da família, residentes na Vila de Santos, no Rio de Janeiro, na Bahia e em Portugal. Nosso principal biografado, Bartholomeu de Gusmão, por exemplo, teve a educação

---

<sup>65</sup> *Copia dela genealogía, que declaró fr. Juan Alvarez de S.<sup>ta</sup> Maria, religioso Carmelita*. IANTT. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo de João Álvares de Santa Maria, nº 15928, 1725, f. 86.

<sup>66</sup> PINHEIRO, José (1902, RIHGB, tomo 65, parte I, p. 407).

<sup>67</sup> MOURA, Manuel Veiga Magro [Magno?] de. *Juizo Imparcial*. BPMP, manuscrito M-1107, [1783-1809?], 5 fls.

<sup>68</sup> Apud (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 224).

secundária confiada ao Padre Alexandre de Gusmão conforme teremos a oportunidade de expor maiores detalhes no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 3

### BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO: OS PRIMEIROS ESTUDOS EM COLÉGIOS JESUÍTICOS

#### 3.1 A EDUCAÇÃO PRIMÁRIA NA VILA DE SANTOS

Conforme delineamos no capítulo 2.2, a família do Sr. Francisco Lourenço muito provavelmente possuía poucos recursos financeiros para poder educar sua prole composta de doze filhos, sendo-lhe necessário recorrer a parentes e amigos para esta finalidade. Outro motivo do necessário apadrinhamento de sua prole reside no ambiente de crise política, administrativa e financeira por que passou a Vila de Santos ao longo do século XVII, em especial a partir da segunda metade da era seiscentista.

As Vilas de Santos<sup>69</sup> e São Vicente, foco do início da colonização da América Portuguesa, viveram momentos de crise e apreensão nas últimas décadas do século XVI e ao longo do século XVII. De acordo com o historiador santista Francisco M. dos Santos (1903-1978)<sup>70</sup>, sucederam-se neste período quatro episódios históricos capitais que contribuíram

---

<sup>69</sup> A povoação do *Pôrto de Santos*, situada na Ilha de São Vicente (ver FIGURA 3.1), teve como principais fundadores, Brás Cubas, Pascoal Fernandes e Domingos Pires, sendo elevada à categoria de *Villa do Porto de Santos*, possivelmente, em 1546. A partir do século XVII a *Villa do Porto de Santos* passa a se chamar simplesmente *Villa de Santos* e em 1839 foi elevada à categoria de cidade. Ver: DEUS, Frei Gaspar da Madre de. *Memórias para a história da Capitania de S. Vicente*. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., 1953, p. 111-118; FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: Instituto brasileiro de Geografia e Estatística, 1958, p. 131-133.

<sup>70</sup> SANTOS, Francisco Martins dos. *História de Santos*. Vol. 1. São Paulo: Revista dos Tribunaes, 1937. p. 268-269.

para desencadear um momento de instabilidade política, administrativa e econômica, particularmente na Vila de Santos, terra natal de Bartholomeu de Gusmão:



**Figura 3.1:** Vilas de Santos, São Vicente e Santo Amaro no final do século XVI.  
**Fonte:** Biblioteca Nacional Lisboa<sup>71</sup>.

<sup>71</sup> Este mapa está contido em: *Roteiro de todos os sinais, conhecimentos, fundos, baixos, alturas e derrotas, que há na Costa do Brasil, desde cabo de Santo Agostinho até o estreito de Fernão de Magalhães*, fôlio 20.

1. A invasão de corsários ingleses de 1591 e a de holandeses de 1615 que saquearam a Vila de Santos e incendiaram grande parte da Vila de São Vicente, levando uma certa parcela da população insular a migrar involuntariamente para a região serrana da Capitania de São Vicente, particularmente para a Vila de São Paulo de Piratininga, receosos por habitarem o litoral desta capitania, região aparentemente de fragilizado sistema defensivo<sup>72</sup>;
2. Paralelamente aos acontecimentos apresentados acima, outra parcela significativa da população da Ilha de São Vicente havia decidido migrar para a Vila de São Paulo não somente em função dos possíveis ataques de corsários, mas também devido a uma nova alternativa econômica potencialmente rentável que surgia na Vila paulista: o comércio de índios capturados nas expedições denominadas *bandeiras* e a possibilidade, embora ainda remota, de se encontrarem minas de ouro e de diamantes no interior da América Portuguesa<sup>73</sup>;

---

<sup>72</sup> SANTOS, Francisco, vol. 1, 1937, p. 268-269; Ab'SABER, Aziz Nacib. *Época colonial*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000, p. 170-174;

<sup>73</sup> A mão-de-obra escrava indígena era utilizada nas lavouras de subsistência paulistas e também vendida para a agroindústria canavieira nordestina, sobretudo para o trabalho de montagem de engenhos de açúcar, pelo menos durante o reinado espanhol filipino em Portugal (1580-1640), período este em que apesar da atividade ilegal de escravização indígena, existia, na prática, pouco rigor fiscalizador por parte das Coroas portuguesa e castelhana. “Possuir escravos índios [na Capitania de São Vicente] constituía índice de abastança e de poder que seriam proporcionais ao número de ‘peças’ possuídas” (Ab'SABER, 2000, p. 284). Cada índio ou ‘peça’, em 1628, era comercializado, em média, por 1/5 do preço pago por um escravo africano, logo a atividade de comércio de escravos indígenas estava longe de atingir os lucros obtidos com a venda de escravos africanos utilizados, neste período, principalmente nas lavouras canavieiras do Nordeste. Com o fim do reinado espanhol filipino em Portugal, em 1640, a maior fonte de mão-de-obra escrava indígena - as missões jesuíticas situadas na bacia platina - estava agora em território inimigo espanhol e como resultado o comércio de escravos indígenas sofre uma gradativa redução. Além disso, com a reconquista de Angola pelos portugueses (1648) e com a expulsão dos holandeses do litoral nordestino (1654), a oferta de mão-de-obra escrava africana se intensificou no nordeste, desvalorizando ainda mais o comércio de escravos indígenas que seguia de São Paulo para o Nordeste. Neste sentido, o bandeirismo paulista de apresamento indígena para comércio sofreu uma gradativa redução a partir da segunda metade do século XVII, direcionando-se o bandeirismo, após este período, principalmente para expedições pesquisadoras de metais e pedras preciosas cujas primeiras jazidas foram localizadas provavelmente em 1693, nas Minas Gerais. Ver: Ab'SABER, 2000, p. 273-296; MARQUES, Rafael de Bivar. “A dinâmica da escravidão no Brasil - resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX”. São Paulo. In: Revista *Novos Estudos*. CEBRAP, 74, março 2006, p. 107-123.

3. Uma epidemia de bexigas ocorrida em torno de 1665 que havia dizimado cerca de um terço da população santista<sup>74</sup>;
4. A transferência da capital da Capitania de São Vicente, em 1683, da então estagnada Vila de São Vicente para a promissora Vila de São Paulo, confirmada pela Provisão de 22 de março de 1681<sup>75</sup>.

Neste sentido, em função dos quatro episódios supracitados, além de outros que julgamos de menor importância histórica, sucedeu-se uma gradativa migração de uma parcela significativa da população santista, em busca de melhores oportunidades, em direção à região serrana da capitania, particularmente rumo aos campos de Piratininga, na Vila de São Paulo, onde o clima mais ameno se mostrava mais propício ao colonizador europeu, bem como eliminador de grande parte das endemias tropicais típicas da faixa litorânea da capitania.

A Vila de Santos, portanto havia chegado à década 1680 em situação de penúria, com reduzida população, poucos recursos financeiros para investimentos em lavouras de subsistência e pecuária e, indiretamente, abalada politicamente em função da atenção central da capitania ter sido transferida, em 1683, para a nova capital, a Vila de São Paulo de Piratininga, distante cerca de 70 km da antiga capital, a Vila de São Vicente, cuja proximidade geográfica com a Vila de Santos trazia para a população santista, até 1683, maior poder de voz nas decisões políticas que lhe eram pertinentes.

Foi neste ambiente de instabilidades política, econômica e administrativa pelas quais passava a Vila de Santos, no final do século XVII, que no mês de dezembro de 1685 nasceu *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*, ou simplesmente *Bertholameu Lourenço* ou ainda *Bartholomeu Lourenço*.

---

<sup>74</sup> SANTOS, Francisco, vol. 1, 1937, p. 268-269.

<sup>75</sup> Ibidem, p.269; LEME, Pedro, 2004, p.76.

A incerteza quanto à grafia do nome deste ilustre santista se deve à adoção de, pelo menos, três nomes ao longo de sua vida: de 1703 até em torno de 1708 coexistiram duas grafias, *Bertholameu Lourenço* e *Bartholomeu Lourenço*. De 1709 até em torno de 1718, prevaleceu a grafia *Bartholomeu Lourenço* e a partir de 1718 acrescentou-se o sobrenome *Gusmão*, passando a se chamar *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*<sup>76</sup>, possivelmente em homenagem a seu educador, amigo e protetor, Padre Alexandre de Gusmão (1629-1724)<sup>77</sup>, conforme sugere o Desembargador setecentista da Relação do Rio de Janeiro, Veiga Magno de Moura, em seu depoimento feito em favor de Alexandre de Gusmão:

[...] o nosso Gusmão [Alexandre de Gusmão, irmão de Bartholomeu Lourenço]...veio a receber na Bahia de Todos os Santos acolhimento e favor decidido no Padre Alexandre de Gusmão [1629-1724], Loiolista, fundador do Seminário de Belém e que ... servindo-lhe de Padrinho no ato da Crisma, deu-lhe o seu Nome, para distinção [...] <sup>78</sup>.

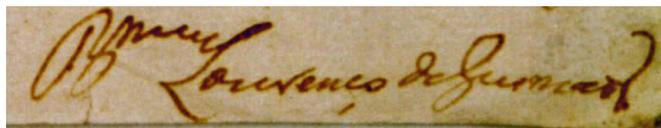
Logo, indiretamente, podemos supor que o sobrenome *Gusmão* adotado por *Bartholomeu Lourenço* também tenha a mesma origem do sobrenome adotado por seu irmão mais jovem, Alexandre, e que, portanto o principal objetivo teria sido homenagear o Padre Alexandre de Gusmão que provavelmente fora responsável pela educação de ambos, no Seminário de Belém da Cachoeira.

---

<sup>76</sup> Salientamos, no entanto que não houve uma transição abrupta na adoção sucessiva dessas três grafias (*Bertholameu Lourenço*, *Bartholomeu Lourenço* e *Bartholomeu Lourenço de Gusmão*), pois mesmo em 1721 Bartholomeu ainda era tratado, pelo menos entre os familiares, simplesmente como *Bartholomeu Lourenço* conforme consta nos *Autos do Inventário do Sr. Francisco* exposto no capítulo 2.1 deste trabalho, apesar do jovem santista ter incorporado o sobrenome *Gusmão* desde 1718. Para se ter uma idéia das diversas variações do nome deste ilustre santista ver: **ANEXOS. II, III e XVIII.**

<sup>77</sup> Padre Alexandre de Gusmão foi Mestre de Humanidades do Colégio do Rio de Janeiro (1662), Vice-Reitor do Colégio de Santos (1663), Padre Provincial e Vice-Provincial nas décadas de 1680 e 1690, além de ter escrito, pelo menos, uma dezena de obras de cunho religioso-pedagógico, dentre elas duas (*Escola de Belém*, 1678 e *Arte de criar bem os filhos*, 1685) que mais tarde, em 1686, ter-lhe-iam servido de inspiração para fundar a Igreja e Seminário de Belém, no recôncavo baiano, do qual foi Reitor por duas vezes (1690, 1698) e Vice-Reitor (1715), vindo a falecer nesse mesmo Seminário em 15-03-1724.

<sup>78</sup> MOURA, Manuel Francisco da Silva e Veiga Magro [Magno?] de. *Juizo Imparcial*. [S.l.]. BPMP, manuscrito M-1107, [1783-1809?], 5 fls.



**Figura 3.2:** Assinatura de Bartholomeu Lourenço de Gusmão de 1724.

**Fonte:** *Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa (BSGL)*.<sup>79</sup>

A determinação do ano e mês de nascimento de Bartholomeu Lourenço foi induzida a partir do registro de batismo que se encontra no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, onde consta que *Bertholameu* foi batizado em 19 de dezembro de 1685.

Certifico eu, Padre Hyacintho Lopez de Araujo, coadjutor da Igreja Parochial desta Villa [de Santos], que, revendo o livro em que se costuma fazer asento dos Baptizados, em virtude do despacho acima do R<sup>mo</sup>. Vigário da vara achei o seguinte: *Bertholameu* [nosso grifo], innocente, filho de Francisco Lourenço e de sua molher Maria Álvares, baptizey e lhe puz os Santos Oleos. Padrinhos Luiz Peres de Oporte e Ambrosia de Aguiar aos dezanove de Dezembro de seiscentos e oitenta e cinco annos. O Padre Antonio Correia Peres; o qual tirei bem e fielmente dessa [...] [trecho ilegível] que duvida faça ao qual me reporto e vai jurado aos Santos Evangelhios.

Santos, 6 de Outubro de 1707

O Coajutor Hyacintho Lopez de Araújo.<sup>80</sup>

<sup>79</sup> Esta assinatura está presente em uma das únicas cartas preservadas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão. *Carta de Bartholomeu Lourenço de Gusmão a Luiz Jozé de Vasconcellos sobre o governo de Mazagão*: Lisboa, 22 de Fevereiro, 1724. Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa (BSGL). Res. 2 – Est. 146 – Maço 4 - nº 89.

<sup>80</sup> Processo de habilitação de *genere et Moribus de Bertholameu Lourenço*. ACMSP, estante 1, gaveta 3, nº 57, f. 11. Villa de Santos, 06 de outubro de 1707. Apud (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 173).



**Figura 3.3:** Bartholomeu Lourenço de Gusmão na visão do pintor Benedicto Calixto. **Fonte:** Museu Paulista.

Os primeiros estudos do menino *Bertholameu Lourenço* foram feitos, provavelmente, no Colégio jesuítico de São Miguel<sup>81</sup>, na Vila de Santos, onde se lecionavam não somente as primeiras letras e catequese como também o Latim e as Humanidades<sup>82</sup>.

<sup>81</sup> Ver FIGURA 3.4 (Colégio de São Miguel na visão do pintor Benedicto Calixto:1853-1927).

<sup>82</sup> De 1589 a 1611, o Colégio dos jesuítas da Vila de Santos era conhecido como Casa de Santos, onde se lecionavam as primeiras letras e catequese. A partir de 1611, a Casa de Santos passou a ser conhecida também como Casa de São Miguel. Em meados de 1652, a Casa de Santos ou de São Miguel foi elevada à categoria de Colégio [de São Miguel], no entanto somente no ano seguinte iniciaram-se as atividades como Colégio.

Apesar deste colégio possuir cursos de níveis primário (ler, escrever e contar) e secundário (curso de Humanidades)<sup>83</sup>, possivelmente Bartholomeu deva ter feito nesta instituição de ensino somente os estudos primários, pois relata o Padre Alexandre de Gusmão<sup>84</sup>, em carta de 1706, que *Bertholameu Lourenço* foi aluno do Seminário de Belém (Cachoeira-BA), instituição de nível secundário que ministrava também um Curso de Humanidades. Logo, podemos deduzir que Bartholomeu possivelmente tenha concluído o ensino primário em sua terra natal, vindo posteriormente a prosseguir os estudos secundários, matriculando-se no Curso de Humanidades do Seminário de Belém, provavelmente entre 1693 e 1694.<sup>85</sup>

---

Os doze anos que antecederam a elevação da Casa de Santos à categoria de Colégio foram momentos de extrema tensão. Em 1640, os jesuítas foram expulsos da Capitania de São Vicente, repudiados principalmente pelos bandeirantes paulistas que insistiram em manter a escravização indígena para comércio, atitude que, naquele ano, desobedecia a uma Bula emitida pelo Papa Urbano VIII que dava à Companhia de Jesus exclusivos direitos sobre o gentio nativo para evangelização e serviços braçais. De acordo com Serafim Leite, a intenção de se elevar a Casa de Santos à categoria de Colégio surgiu por volta de 1643, durante a volta dos jesuítas à Casa de Santos, amparados pelo Alvará de 07 de outubro de 1642, emitido por D. João IV, que obrigava colonos e bandeirantes a aceitarem a volta dos jesuítas bem como restituí-los de todos os prejuízos decorrentes da expulsão ocorrida em 1640. A trégua entre jesuítas e bandeirantes paulistas durou até 1646 quando os jesuítas foram novamente expulsos da Vila de Santos. A partir de 1651, a paz voltou a reinar na Casa de Santos, propiciando no ano seguinte sua elevação à categoria de Colégio [de São Miguel]. E em 1653, após acordo firmado entre jesuítas, colonos santistas e bandeirantes, decidem-se, em definitivo, pelo retorno dos padres da Companhia de Jesus à Vila de Santos. A partir desta data acrescentou-se à grade curricular os cursos de Latim e de Letras Humanas. Ver: LEITE, Serafim, 2000, tomo VI, p. 415-437; LUÍS, Washington, 1870-1957. *Na capitania de São Vicente*. Brasília: Edições do Senado Federal. v. 24. Senado Federal, Conselho Editorial, 2004, p. 406-408; BARBOSA, Gino Caldato. “A Igreja e o Colégio de São Miguel da Vila de Santos (1585-1759)”. In: Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos - *Leopoldianum*. Santos, vol. XXIII, nº 64, agosto 1997, p. 203-222; PEREIRA, Maria Aparecida Franco. “Instituições jesuíticas em Santos nos séculos XVI e XVII”. In: Revista *Leopoldianum*, Santos, nº1, agosto 1974, p. 65-70.

<sup>83</sup> O Colégio de São Miguel “teve alguns professores de Humanidades, que deixaram nomes nas letras, como Bartholomeu Leão, mestre em 1663”. (LEITE, Serafim, 2000, tomo VI, p. 432).

<sup>84</sup> “Certifico eu, Padre Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus, Reitor do Seminário de Belém, como é verdade que *Bertholameu Lourenço seminarista que foi do dito seminário...* [Vila de N.S. do Porto da Cachoeira]... Seminário de Belém aos 18 de janeiro de 1706”. Apud (TAUNAY, 1938b, p. 542).

<sup>85</sup> O período de 1693 a 1694 que estimamos para o ingresso de Bartholomeu Lourenço no Seminário de Belém será explicado em pormenores na seção 3.3 deste capítulo.



**Figura 3.4:** Colégio de São Miguel (à esquerda) e Igreja Matriz (ao centro, em cor branca), em pintura de Benedicto Calixto, baseado em foto de 1862 do fotógrafo Militão Augusto de Azevedo. **Fonte:** Museu Paulista<sup>86</sup>.

### 3.2 A PEDAGOGIA JESUÍTICA E A *RATIO STUDIORUM*

Antes que venhamos a comentar sobre o ensino ministrado no Seminário de Belém julgamos necessário expor um breve comentário a respeito do surgimento da Companhia de Jesus, em especial, sobre sua estrutura hierárquica e educacional, haja vista que Bartholomeu Lourenço deva ter feito seus estudos primário e secundário em colégios jesuíticos.

A Companhia de Jesus, criada em 1534 por Inácio de Loyola e seus seguidores<sup>87</sup> e oficializada canonicamente em 1540, no reinado do Papa Paulo III, surgiu como resposta da

<sup>86</sup> Após a expulsão dos jesuítas em 1759, o Colégio de São Miguel tornou-se propriedade do governo português e suas instalações posteriormente abrigaram o Hospital Militar e a residência de capitães-gerais e no século XIX o imóvel, já bastante modificado arquitetonicamente, alojou a Alfândega e o Correio de Santos. O edifício foi demolido por volta de 1876. Ver: "A velha e secular Alfândega de Santos". In: *Jornal Cidade de Santos*, 13 jul. 1980, p.14-15; BARBOSA, Gino, 1997, p. 203-222.

Igreja Católica Romana frente às profundas transformações religiosas, políticas, econômicas, sociais e culturais pelas quais passavam as nações européias nas primeiras décadas da era quinhentista, dentre as quais destacamos a Reforma Protestante, a invenção da Imprensa<sup>88</sup> e o início da Revolução Científica, que já vinha desde o século anterior, com as grandes navegações e o aperfeiçoamento de instrumentos náuticos<sup>89</sup>.

A imprensa possibilitou um efeito multiplicador da palavra cristã, através de diversas traduções da Bíblia<sup>90</sup> do latim para a língua vernácula das principais nações européias. E as grandes navegações culminaram na descoberta de ‘novos mundos’, de novas espécies animais até então desconhecidas e, não menos importantes, a descoberta dos povos ameríndios que até então, segundo a tradição medieval, eram considerados monstros ou pigmeus, ou seja, personagens lendários.

De acordo com o antropólogo Klaas Woortmann<sup>91</sup>, a descoberta de que os ameríndios eram na verdade seres humanos e não monstros ou pigmeus como supunha a tradição medieval, levaram teólogos quinhentistas a fazerem a seguinte indagação: se os ameríndios

---

<sup>87</sup> O espanhol Inácio de Loyola (1491-1556) teve como primeiros seguidores: Afonso Salmerón, Cláudio Jay, Diego Laínez, Francisco Xavier, João Codure, Nicolau Bobadilla, Paschase Broët, Pedro Favre e Simão Rodrigues.

<sup>88</sup> Atribui-se ao alemão Johann Gutenberg (1400-1468) a difusão e aperfeiçoamento do processo tipográfico por caracteres móveis de metal no qual cada palavra a ser impressa deveria ser colocada letra a letra separadamente em uma matriz (página), tornando a impressão um processo mais rápido e mais viável financeiramente para a produção em série. No entanto, na visão de Wilson Martins, é errôneo classificar Gutenberg como o único inventor da Imprensa, pois a utilização de caracteres de madeira (xilografuras) para a confecção de livros ilustrados, bem como os rudimentos da confecção de caracteres móveis de metal já estavam em voga na Europa, nas primeiras décadas da era quatrocentista. Ver: MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. 3ª. ed. São Paulo. Editora Ática. 2002, p. 127-156.

<sup>89</sup> Destacamos o aperfeiçoamento da bússola, do astrolábio, do quadrante e da balestilha que propiciaram uma navegação mais precisa, segura e ultramarina. Concomitantemente ao desenvolvimento desses instrumentos náuticos, cabe destacarmos a evolução da cartografia e com ela a elaboração de mapas mais precisos que, paulatinamente, incluíam o continente europeu no centro geográfico desses mapas, em substituição ao modelo de mapas medievais que em sua maioria colocavam a região de Jerusalém no centro geográfico, como forma simbólica de evidenciar o centro da criação do mundo (Gênesis). Ver: REIS, António Estácio dos. *Medir estrelas- measunring stars*. Lisboa: CTT Correios de Portugal S.A. 1997, p. 30-85.

<sup>90</sup> A Bíblia até então era escrita somente em latim, em número reduzidíssimo de exemplares e lida predominantemente pelo clero.

<sup>91</sup> WOORTMANN, Klaas. *Ciência e Religião no Renascimento*. Brasília. Editora da UnB. 1997, p. 63-64.

são seres humanos e não monstros, então como teriam sobrevivido ao Grande Dilúvio e conseguido chegar ao novo continente? Além disso,

[...] se Noé havia colocado em sua arca um casal de cada espécie animal existente desde a Criação, como explicar a presença de outros animais [novas espécies], até então desconhecidos? [...] Torna-se urgente estudar a fauna, a flora e a população humana daquele mundo novo que desestabilizava o saber tradicional.<sup>92</sup>

Além dos questionamentos citados acima surgem, neste período, novos problemas para a Igreja Católica. Com a invenção da Imprensa, não tardaria para que as traduções da Bíblia gerassem, no seio da própria Igreja, correntes religiosas cristãs que passassem a fazer ferrenhas críticas à doutrina imposta pela Igreja Católica Romana. Dentre essas correntes religiosas cristãs destacamos os seguidores de Martinho Lutero<sup>93</sup>, denominados *protestantes*. De acordo com Woortmann:

[...] a doutrina protestante proclamava não apenas o direito, mas, sobretudo, o dever individual de ler as Escrituras, de maneira independente para todos aqueles capazes de o fazer. Da mesma maneira proclamava o dever de ler o *livro da natureza* [cosmologia, história natural, estudos dos fenômenos naturais e do corpo humano], sem consideração para com a autoridade estabelecida (Aristóteles, Galeno, Ptolomeu, etc.), [aberto] para todos aqueles que tivessem *talento* para tanto. Desprezar um talento dado por Deus era equivalente a desprezar o *chamamento* divino, a *vocação*. Se a leitura da *Bíblia* não deveria ser delegada à hierarquia, a leitura do *livro da natureza* não podia ser delegada à autoridade dos antigos.<sup>94</sup>

Assim, na visão de Woortmann, a Reforma Protestante foi “parte do contexto de idéias renascentistas, que incluía desde a nova ideologia econômica [mercantilismo], o nascente

---

<sup>92</sup> WOORTMANN, Klaas. *Ciência e Religião no Renascimento*. Série Antropologia (200). Brasília, 1996. p.36.

<sup>93</sup> O alemão Martinho Lutero, *Martin Luther* ou ainda *Martin Luder* (1483-1546) entrou para a Ordem dos Agostinianos em 1505. Posteriormente Lutero concluiu o doutorado em Teologia na Universidade de Wittenberg, onde a partir de 1512 tornou-se professor desta universidade.

<sup>94</sup> WOORTMANN, 1997, p. 81.

individualismo, os descobrimentos [de ‘novos mundos’], a nova concepção da ciência, o humanismo e a revisão teológica<sup>95</sup>”.

O Protestantismo ganhou adeptos principalmente da emergente classe burguesa alemã que discordava dos privilégios clericais e da imposição do pagamento de indulgências<sup>96</sup>, privilégios esses combatidos por Lutero. Além disso, o Protestantismo defendia uma ruptura com o conceito de Igreja cristã universal, defendendo propostas nacionalistas que corroboravam os ideais políticos e econômicos não somente da burguesia como também da nobreza alemã.

A Companhia de Jesus, portanto surge em pleno período renascentista visando recuperar a imagem da Igreja Católica Romana perante seus fiéis e ao mesmo tempo para tentar reconquistar o crescente espaço ocupado pelo protestantismo.

O jesuíta ou *militare Deo* (soldado de Deus) era, em princípio, um clérigo regular que deveria seguir a três votos sagrados: obediência, castidade e pobreza, onde o primeiro voto impunha ao *militare Deo* a tarefa de realizar missões religiosas em qualquer parte do mundo quando fosse designado pelo Supremo Pontífice, sendo em essência um voto de mobilidade, um compromisso de viajar pelo mundo levando a palavra cristã; diferentemente do “voto de estabilidade que tornava um homem num monge, que prometia viver toda a sua vida no mosteiro, onde buscava sua santificação<sup>97</sup>”. Assim, o voto de mobilidade rompia com séculos de tradição monástica, diferenciando-se, portanto dos monges medievais. Além disso, o voto

---

<sup>95</sup> WOORTMANN, 1997, p. 93-94.

<sup>96</sup> O pagamento de indulgências era uma taxa cobrada pela Igreja Católica aos fiéis cristãos em troca da absolvição (parcial ou total) de seus pecados tais como a avareza, o adultério e mesmo para o livramento do Purgatório, de parentes já falecidos.

Em 1517, Lutero apresentou na Igreja de Wittenberg suas *95 teses* que combatiam, por exemplo, a avareza e o tráfico de indulgências praticada pela Igreja cristã, propondo, nessa ocasião, um amplo debate público sobre estas questões polêmicas.

As obras de Lutero são, em si, a prova do poder da divulgação da imprensa no início da era quinhentista. Em 1519, suas obras de protesto contra a Igreja Católica Romana já haviam sido publicadas na Itália, na Inglaterra e na França. Em 1521 Lutero foi excomungado pelo Papa Leão X. No ano seguinte, já exilado no Castelo de Wartburg, em Eisenach, na Alemanha, Lutero veio a publicar a tradução, para o alemão, do *Novo Testamento*.

<sup>97</sup> O’MALLEY, John. *Os primeiros jesuítas*. São Paulo: EDUSC. 2004, p. 461.

de mobilidade contribuiu para uma rápida expansão da Companhia de Jesus não só na Europa, mas também no continente americano, foco de interesse de duas das principais potências econômicas quinhentistas, Portugal e Espanha, em cujas colônias habitavam os ameríndios que em sua maioria eram politeístas, sendo, portanto uma ótima oportunidade para a conversão em massa dessas populações ao cristianismo<sup>98</sup>.

De início, a Companhia de Jesus somente tinha como meta a atividade missionária de evangelização, não sendo sua prioridade a formação de estudantes laicos. Neste sentido, seus primeiros colégios destinavam-se apenas a jovens religiosos em formação. Foi somente a partir de 21 de julho de 1550 que, oficialmente, o Papa Júlio III emitiu a Bula *Exposcit debitum* através da qual incluía como meta da Companhia de Jesus “ensinar aos meninos e rudes as verdades do cristianismo<sup>99</sup>”.

Devemos, no entanto ressaltar que o propósito maior da Companhia de Jesus ao abraçar a educação de jovens era, em princípio, formar gradativamente uma quantidade expressiva de intelectuais dispostos a defender a bandeira católica frente às crescentes críticas advindas do protestantismo. Porém, será que a Companhia de Jesus conseguiria apresentar respostas plausíveis para os atuais problemas teológicos, filosóficos e científicos, que se avolumavam já no início do século XVI, ensinando em seus colégios os velhos preceitos filosóficos escolásticos? Evidentemente que não.

Defende o historiador Carlos Ziller que uma das estratégias utilizadas pela Companhia de Jesus para tentar recuperar o crescente espaço ocupado pelo protestantismo foi investir na renovação intelectual da Igreja Católica.

[...] o combate ao novo, a novas questões filosóficas, teológicas e religiosas, não pode se dar pela repetição pura e simples do velho, das antigas teses e de

---

<sup>98</sup> ARNAUT, Cezar, RUCKSTADTER, Flávio Massami Martins. “Estrutura e organização das *Constituições* dos jesuítas (1539-1540)”. Maringá. In Revista *Acta Scientiarum*, v. 24, n. 1, 2002, p. 109.

<sup>99</sup> RODRIGUES, Francisco. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo I, vol. I. Porto. Apostolado da Imprensa. 1931, p. 111.

enunciados cansados pelo uso. “[...] combater o protestantismo e suas instituições também exigia a construção de escolas católicas do mais elevado nível, oferecendo uma formação filosófica e científica sólida e renomada.”<sup>100</sup>

Neste sentido, a preocupação da Companhia de Jesus em fundar escolas com sólidas estruturas pedagógicas já se evidenciava desde 1548, com a fundação do Colégio de Messina (Itália), do Colégio das Artes (Coimbra) e em 1550, com a fundação do Colégio Romano, sendo este último considerado referência no ensino jesuítico e para onde eram enviados relatórios das experiências de ensino realizadas em todos os Colégios da Companhia de Jesus<sup>101</sup>.

Em linhas gerais, a Companhia de Jesus possuía uma estrutura hierárquica bastante organizada. O principal posto hierárquico jesuítico era o de *Padre Geral*, responsável administrativamente por todas as Provinciais da Companhia. Cada Província era composta por certo número de *Casas*<sup>102</sup>, *Colégios*, *Seminários* e *Igrejas* cujo montante era gerenciado por um *Padre Provincial*. Ao *Provincial* caberia, dentre outras tarefas, supervisionar todos os colégios e seminários sob sua jurisdição, estando sob suas ordens os Padres Reitores e Prefeitos de Estudos alocados em colégios e seminários jesuíticos. O *Reitor* era a autoridade máxima de uma instituição de ensino jesuítico, sendo auxiliado pelo *Prefeito de Estudos*, clérigo regular com profundo conhecimento nas “Letras e nas Ciências” e tinha o papel pedagógico de acompanhar a vida escolar diária dentro e fora das salas de aula<sup>103</sup>.

<sup>100</sup> CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “A Companhia de Jesus e a Ciência na América Portuguesa entre 1663 e 1759”. In: *Anais do III Seminário Nacional de História da Matemática*, Vitória, mar. 1999, p. 157-158.

<sup>101</sup> ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2ª ed. São Paulo. Editora Moderna. 1998, p. 92.

<sup>102</sup> Na visão da prof.<sup>a</sup> de História da UniSantos, Maria Aparecida Franco Pereira, *Casa* “é a residência, onde também coexistiam as *escolas de ler, escrever e contar*”, e *Colégio* “refere-se às aulas do ensino secundário, principalmente Gramática e Humanidades (o latim e os textos clássicos)”. Ver: (PEREIRA, Maria, 1974, p. 66). Lembramos, no entanto que na América Portuguesa, particularmente no Colégio da Bahia, desde 1575 já se lecionavam disciplinas desde o nível primário até o ‘superior’, portanto o vernáculo *Colégio* era aplicável também ao ensino ‘superior’. Quanto ao vernáculo *Seminário*, particularmente na América Portuguesa, eram instituições de nível secundário (internato), como no caso do Seminário de Belém (1687) e também instituições ‘superiores’, como o foi o Seminário de São José, no Rio de Janeiro (1739).

<sup>103</sup> O Padre Reitor e o Prefeito de Estudos possuíam, respectivamente, funções análogas às atuais funções de Diretor e Coordenador Pedagógico das escolas modernas. Em instituições que ministravam Humanidades e Cursos ‘superiores’, o cargo de Prefeito de Estudos era subdividido em dois, onde o Prefeito de Estudos (Geral)

Visando-se uniformizar as estruturas pedagógicas dos Colégios da Companhia, desde 1548 surgem diversas propostas com essa finalidade, porém a mais importante foi a *Ratio Studiorum*, cuja redação final foi apresentada no ano de 1599, na gestão do Padre Geral Cláudio Aquaviva<sup>104</sup>.

As normas pedagógicas contidas na *Ratio Studiorum* subdividiam os cursos ministrados nas instituições jesuíticas em duas categorias, a saber:

## I. **Estudos Inferiores:**

I.1- **Letras Humanas:** composta por Gramática (ínfima, média e suprema), Humanidades e Retórica cujas disciplinas deveriam ser pautadas na literatura ‘clássica’ greco-latina. As classes de Gramática e Humanidades visavam, sobretudo preparar o estudante para os estudos de Retórica<sup>105</sup>. Além dessas classes, por vezes a grade curricular incluía as *Realia* (erudito) que englobavam noções de História, Geografia, Mitologia, Etnologia e de Cultura Greco-Romana. Assim, concluída a formação humanística, a meta a ser alcançada era que “os jovens dominassem o que [posteriormente] Montaigne e Pascal [chamaram] de *arte de conferenciar*, ou seja, que o aluno fosse capaz de manter uma discussão com argumentos sólidos e brilhantes em todos os

---

ganhava o título de *Principal* e a este ficava subordinado o Prefeito de Estudos Inferiores cuja tarefa era acompanhar o andamento dos Cursos de Letras Humanas e Artes.

<sup>104</sup> A *Ratio Atque Institutio Studiorum Societatis Jesu* (Organização e Planos de Estudos da Companhia de Jesus) foi publicada em 1599, após 18 anos de inúmeros debates, projetos-piloto, experiências e adequações às realidades de ensino dos Colégios da Companhia. Ver: RODRIGUES, Francisco. *História da Companhia de Jesus na assistência de Portugal*. Tomo II, vol. II. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1938, p. 18-27; FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico Jesuítico - O “Ratio Studiorum”: Introdução e Tradução*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1952.

<sup>105</sup> “A gramática visa à expressão [oral e escrita] clara e correta; as humanidades, a expressão bela e elegante; a retórica, a expressão [oral, escrita e gesticular] enérgica e convincente”. (FRANCA, 1952, p. 80).

assuntos referentes à condição humana, a fim de extrair o máximo proveito da vida social e defender a religião cristã”<sup>106</sup>;

**I.2 - Filosofia e Ciências** (Curso de Artes): com duração mínima de três anos, abrangia aulas de Lógica, Matemática, Filosofia (Natural e Moral) e Metafísica. O ensino de ciências se iniciava no primeiro ano do Curso de Filosofia, porém ainda de forma bastante introdutória. O ensino de Física, em princípio, aristotélica e de Matemática, em princípio, noções de geometria<sup>107</sup> prática e especulativa, deveria ser tratado concomitantemente a partir do segundo ano de estudos do curso de Filosofia<sup>108</sup>;

## II. Estudos Superiores:

**II.1 Teologia ou Ciências Sacras:** com duração de quatro anos, abrangendo as classes de Teologia Escolástica, Teologia Moral (ou Casos de Consciência), Sagrada Escritura e Língua Hebraica.<sup>109</sup>

<sup>106</sup> Ver: ROSITO, Margaréte May Berkenbrock. *Aulas Régias: Currículo, Carisma, Poder - um teatro clássico?* 2002. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) – GEPI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2002, p. 114.

<sup>107</sup> O Padre Manuel de Campos, membro da Academia Real de História Portuguesa, professor do Colégio de Santo Antão de Lisboa e autor da primeira tradução (parcial) portuguesa de “Os Elementos” de Euclides, em sua obra *Elementos de geometria plana e sólida* (1735) divide a Geometria em duas classes: a primeira, denominada *Geometria prática*, relaciona-se a medições de alturas, larguras, profundidades, áreas e volumes; a segunda, denominada *Geometria especulativa*, relaciona-se ao estudo dos *Elementos* de Euclides, Esféricos de Theodósio e Cônicos de Apolônio, onde os estudos da geometria de Euclides e Theodósio formam a trigonometria ou *Geometria Inferior* e cuja solução dos problemas geométricos são feitos unicamente através de régua e compasso; já os estudos dos Cônicos de Apolônio, de acordo com Manuel de Campos, formavam a *Geometria Superior* e que envolvem os estudos da parábola, da elipse e da hipérbole.

Cabe salientarmos que a *Ratio Studiorum* de 1599 somente previa noções elementares de geometria especulativa e não um estudo avançado sobre o tema como propõe o livro de Manuel de Campos de 1735. Porém, este livro sinaliza no sentido de que a matemática ensinada nos colégios jesuíticos não permaneceu estagnada, mas sim paulatinamente foi evoluindo e acompanhando os avanços que se seguiam ao longo dos tempos. Ver: FRANCA, 1952, p. 164; VALENTE, Wagner Rodrigues. *Uma história da matemática escolar Brasil (1730-1930)*. São Paulo: Annablume, 1999, p. 39, nota 9; CASTRO, F. M. de Oliveira. *A Matemática no Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996, p. 14-15.

<sup>108</sup> *Ratio Studiorum*, 1599, regras dos professores de Filosofia e de Matemática. Apud (FRANCA, 1952, p. 158-164).

<sup>109</sup> *Ratio Studiorum*, 1599, regras dos professores de Teologia e Casos da Consciência. Apud (FRANCA, 1952, p. 152-158).

De acordo com Gilberto Alves<sup>110</sup>, as atividades de ensino propostas na *Ratio*, para a formação humanística<sup>111</sup>, se dividiam em *preleção* e *composição*. A preleção ou lição antecipada visava apresentar ao aluno um resumo do que se vislumbraria na lição diária. Geralmente as atividades de ensino se iniciavam a partir da leitura de textos tais como uma carta, um trecho de uma obra clássica greco-latina ou ainda a partir de uma determinada obra escrita por um padre da própria Companhia. Porém, “nada que se pareça a uma multidão atômica e amorfa de alunos em face de um livro morto ou de uma conferência ouvida passivamente<sup>112</sup>”; pelo contrário, a pedagogia jesuítica pautava-se na participação ativa dos alunos, sendo a preleção considerada a espinha dorsal na formação humanística.

Neste sentido, após as explicações dos pontos mais importantes do texto didático, o Mestre indagava os alunos com o intuito de verificar o grau de compreensão do conteúdo explicado, além de incentivá-los a fazerem perguntas entre si através de *desafios orais*.

Concluída a *preleção*, iniciava-se a segunda etapa do processo ensino-aprendizagem, denominada *composição*. Nesta etapa, o aluno exercia plenamente sua atividade intelectual. Assim, a partir do texto ‘modelo’ explicado na preleção, caberia ao aluno agora a tarefa de elaborar uma composição pessoal que em última instância visava a desenvolver sua autonomia na expressão escrita e oral, de forma que paulatinamente viesse a imprimir sua identidade própria através de composições originais. Porém, essas atividades de ensino não se limitavam à sala de aula, mas também incluíam atividades lúdicas realizadas em pátios e auditórios que se centravam em competições ou desafios orais envolvendo declamações de poesias, raciocínio lógico além de debates entre grupos de estudos sobre determinado tópico visto em sala de aula.

---

<sup>110</sup> ALVES, Gilberto Luiz. “Origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica”. In: Revista *Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 91, maio/agosto 2005, p. 623-625.

<sup>111</sup> Focamos a compreensão da formação humanística proposta pela *Ratio*, pois conforme julgamos Bartholomeu Lourenço frequentou o Curso de Humanidades no Seminário de Belém, a partir do final do século XVII.

<sup>112</sup> Ver: (FRANCA, 1952, p. 84).

Durante essas atividades didáticas, por vezes se descobriam talentos, como deva ter sido o caso de Bartholomeu Lourenço.

O jovem talentoso era estimulado por seus mestres a participar de agremiações estudantis denominadas *Academias* que reuniam estudantes talentosos de Gramática, Retórica-Humanidades e Filosofia-Teologia. Nessas agremiações estudantis ocorria uma atividade didática denominada *disputa* ou *desafio oral*, onde os alunos talentosos eram divididos em grupos que debatiam entre si os mais variados assuntos vistos em sala de aula. Havia também exposições e desafios individuais propostos aos melhores alunos de cada classe sobre um determinado poema, um célebre problema matemático ou ainda um desafio que visava a premiar o aluno que conseguisse a árdua tarefa de decorar integralmente o conteúdo de um determinado livro<sup>113</sup>. Os vencedores dessas disputas eram contemplados com premiações distribuídas em solenidades pomposas, ocasiões em que eram convidados os familiares dos premiados além de autoridades eclesiásticas e civis.

Todos os meses, ou pelo menos de dois em dois meses, na presença de um auditório de filósofos e teólogos, procure que um dos alunos resolva algum problema célebre de matemática; e, em seguida, se parecer bem, defenda a solução<sup>114</sup>. (*Ratio Studiorum*, 1599, regra 2 do professor de Matemática)

Foi esse ambiente educacional ao mesmo tempo escolástico, lúdico e consciente dos avanços científicos<sup>115</sup> em voga, que o jovem Bartholomeu Lourenço deve ter encontrado ao

---

<sup>113</sup> Embora possa parecer absurdo o desafio de se tentar decorar o conteúdo um determinado livro, ele de fato está previsto na *Ratio Studiorum*, porém julgamos que este desafio apenas se aplicasse a pequenos livros de poesia da literatura clássica greco-latina. A norma da *Ratio* que diz respeito a este assunto é a seguinte: “Prêmios particulares - Procure que, além dos prêmios públicos, os professores estimulem em suas aulas, os alunos com pequenos prêmios particulares, ou outros símbolos de vitória dados pelo Reitor do Colégio e que sejam merecidos por quem venceu o adversário, repetiu ou aprendeu de cor um livro, ou realizou algum outro esforço notável”. (*Ratio Studiorum*, 1599, regra 36 do Prefeito de Estudos Inferiores) Apud (FRANCA, 1952, p. 174).

<sup>114</sup> Apud (FRANCA, 1952, p. 164).

<sup>115</sup> Não estamos afirmando que todas as instituições jesuíticas de Portugal e da América Portuguesa acompanharam os avanços científicos que se seguiam, nem tampouco que tais conhecimentos científicos foram

ingressar no Curso de Humanidades do Seminário de Belém, na Bahia. No entanto, de acordo com a subdivisão dos Estudos Inferiores proposta pela *Ratio*, podemos concluir que o Curso de Humanidades, em princípio, não incluía aulas de Matemática (geometria)<sup>116</sup> nem de Física, logo Bartholomeu, muito provavelmente, não teve o primeiro contato com o ensino formal de ciências no Seminário de Belém, mas sim, provavelmente, no Colégio da Bahia, que já lecionava o Curso de Artes (Filosofia e Ciências) desde 1575, assim como o Curso de Artes do Colégio do Rio de Janeiro que lecionava o referido curso desde 1638.<sup>117</sup>

### 3.3 A EDUCAÇÃO SECUNDÁRIA NO SEMINÁRIO DE BELÉM

O Seminário de Belém<sup>118</sup>, onde o jovem Bartholomeu fez seus estudos secundários, foi construído num lugarejo, inicialmente, de nome ignoto e posteriormente denominado Arraial

---

levados para as salas de aulas em todas as instituições jesuíticas, mas somente que tais avanços científicos não foram desconhecidos por parte de tais instituições, pois há relatos de diversos jesuítas portugueses que abraçaram as novas idéias científicas e chegaram mesmo a lecioná-las nos colégios jesuíticos, muito embora sejam compelidos a declarar que estes casos foram minoria em relação ao enorme número de jesuítas que permaneceram fiéis ao saber escolástico e a física aristotélica, conforme defende Carvalho, Rômulo (1982, p. 36-37).

<sup>116</sup> Estamos nos referindo aqui à ausência de aulas de geometria no Curso de Humanidades, mas naturalmente a matemática elementar ou *Lição de Algarismos* para se aprender a fazer ‘contas’ já era lecionada nas classes de *primeiras letras*, no ensino primário, cujas lições o jovem Bartholomeu Lourenço possivelmente as tenha tido ainda em sua terra natal, no Colégio de São Miguel. No entanto, de acordo com Serafim Leite, noções de Aritmética já eram ensinadas nos Colégios da Bahia, do Rio de Janeiro e de Pernambuco desde 1605, porém Serafim Leite não informa se tais estudos matemáticos faziam parte do Curso de Humanidades ou se eram apenas uma nova roupagem para a designação da *Lição de Algarismos* presente no curso primário. Além disso, cita Serafim Leite a existência da classe dos *Primeiros Elementos* em Curso de Humanidades, na América Portuguesa, porém ele não informa se a denominação *Primeiros Elementos* seria aplicada às classes de ler, escrever e contar, ou se estaria relacionada com noções dos *Elementos* de Euclides. Ver: (LEITE, Serafim, 1949, tomo VII, p. 163; Idem, 2000, tomo VII, p. 152-154).

<sup>117</sup> Informa Leite, Serafim (1948, p. 109) que além do Colégio da Bahia e o do Rio de Janeiro, lecionavam também Curso de Filosofia o Colégio de São Paulo, o de Olinda, o de Recife, o do Maranhão e o do Pará. Ver também: (AZEVEDO, Fernando de. *A cultura Brasileira*. 4.<sup>a</sup> ed. Brasília: Editora UNB, 1963, p.522, nota 13; LEITE, Serafim, 1945, tomo VI, p. 4).

<sup>118</sup> “No século XVII, possuíam os jesuítas, além de escolas para meninos e outros colégios menores, onze colégios propriamente ditos, a saber: o de Todos os Santos, na Bahia [Colégio da Bahia], fundado em 1556; o de São Sebastião, no Rio de Janeiro, de 1567; o de Olinda, que passou de simples residência e escola elementar a colégio, em 1568; o de Santo Inácio, em São Paulo (1631) [Colégio de São Paulo]; o de São Miguel, de Santos (1652) [Colégio de Santos]; o de São Tiago, no Espírito Santo (1654); o de Nossa Senhora da Luz, em São Luiz

de Belém em homenagem a Nossa Senhora de Belém, santa que também deu nome à Igreja<sup>119</sup> fundada em 1686, contígua a este seminário jesuítico.<sup>120</sup>

Edificado no Recôncavo baiano, a cerca de 230 m acima do nível do mar, nas proximidades do rio Pitanga, afluente do Paraguaçu, o Seminário de Belém localizava-se a cerca de uma légua (6 km) a nordeste da antiga Vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira<sup>121</sup>, atual município de Cachoeira que dista 110 km da capital da Bahia, Salvador.

---

do Maranhão, e o de Santo Alexandre, no Pará, estabelecidos em 1652, mas só elevados à categoria de ‘colégios perfeitos’, em 1670; o de Nossa Senhora do Ó, no Recife (1678), o da Paraíba (1683) e o Seminário de Belém, da Cachoeira cuja fundação foi solicitada e obtida, em 1687, pelo Padre Alexandre de Gusmão”. (AZEVEDO, Fernando, 1963, p. 520-521). Ainda de acordo com Fernando de Azevedo, os dois principais Colégios da Companhia de Jesus foram o Colégio da Bahia e o de São Sebastião, no Rio de Janeiro, os quais apresentavam a mais completa organização do ensino jesuítico da América Portuguesa, cobrindo desde os estudos de Humanidades e o de Artes (Filosofia e Ciências), classificados como *studia inferiora*, até o de Teologia classificado como *studia superiora*, seguindo, portanto amplamente o programa de estudos proposto na *Ratio Studiorum*, muito embora o Colégio do Rio de Janeiro tenha se equiparado ao ensino ministrado no Colégio da Bahia somente por volta de 1757. Ver: (AZEVEDO, Fernando, 1963, p. 521) e (LEITE, Serafim, 1945, tomo VI, p. 6).

<sup>119</sup> Ver FIGURA 3.6.

Atualmente apenas a Igreja do antigo Seminário de Belém resistiu ao tempo até os dias atuais, apesar de diversos de seus ornamentos de ouro e prata terem sido confiscados pelo governo português em 1760, após a expulsão dos padres da Companhia de Jesus, e outra parte ter sido furtada ao longo dos séculos. Após este período, o edifício do Seminário de Belém, paulatinamente, foi sendo consumido pela ação do tempo e suas fundações e paredes centenárias não resistiram ao tempo e vieram abaixo já nas primeiras décadas do século XIX. A Igreja, em contrapartida, é atualmente patrimônio histórico, sendo protegida pelo IPHAN cujo tombamento data de 1938. Ver: FOULQUIER, Joseph H. *Jesuítas no Norte: segunda entrada da Companhia de Jesus, 1911-1940*. Salvador, 1940. p. 69-75; SILVA, Pedro Celestino da. “Reminiscências históricas - contribuições para o estudo chorographico do Districto de Belem no Municipio de Cachoeira (Estado da Bahia)”. Salvador. In: *Anaes do V Congresso Brasileiro de Geographia*. vol. II. Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, Imprensa Official do Estado, set. 1916 (1918), p. 82-83; ALMEIDA, Eduardo de Castro e (Org.). “Instrumento do Inventário dos ornamento, ouro, prata e mais alfayas, pertencentes a Igreja do Seminário de Bellem, que foi dos Religiosos da Companhia denominada de Jesus. Seminario de Belém, 22 e 23 de janeiro de 1760” (doc. 4894). In: *Anaes da Bibliotheca Nacional do Rio Janeiro*, vol. XXXI. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1909 (1913), p. 383-384; CASAL, Aires de. *Corografia Brasileira*. Fac-símile da edição de 1817. tomo II. Rio de Janeiro. Imprensa Nacional. 1947, p. 126-127; SOUZA, Lais Viena de. *Educados nas letras e guardados nos bons costumes. Os pueris na prédica do Padre Alexandre de Gusmão S.J. (séculos XVII e XVIII)*. 2008. 210 p. Dissertação (Mestrado em História) - FFCH/ PPGH, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2008, capítulo III.

<sup>120</sup> O Seminário de Belém foi o primeiro seminário jesuítico fundado na América Portuguesa ainda no século XVII. No século XVIII, pelo menos outros oito Seminários foram fundados na América Portuguesa: os Seminários de São José e de São Pedro (ou de São Joaquim e mais tarde Colégio Pedro II), no Rio de Janeiro, em 1739; o da Paraíba (1745); o do Pará (1749); o de Mariana (1750); o do Maranhão (1751); o de Paranaguá (1754) e na Bahia, o de Nossa Senhora da Conceição (fundado em 1743, mas que teve instalações definitivas somente em 1756). Ver: (AZEVEDO, Fernando, 1963, p. 526-527, nota 14); (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 152-154).

<sup>121</sup> Ver FIGURA 3.5. A Vila de N. S. do Rosário do Porto da Cachoeira foi fundada em terreno argiloso (massapé), propício à cultura da cana-de-açúcar, o que levou esta Vila a atrair muitos portugueses interessados em obter lucros com os engenhos de açúcar, formando-se nesta região uma aristocracia rural que contribuiu com grandes doações para a construção da Igreja e Seminário de Belém. Ver: MELLO, Francisco José de. *História da cidade de Cachoeira*. Feira de Santana. Editora Radami, 2001, p. 9-116; SILVA, Pedro Celestino da. “A Cachoeira e o seu município - escôrcço physico, político, econômico e administrativo”. Salvador. In: *Revista do*

Relata Serafim Leite<sup>122</sup> que as construções do seminário e da igreja se deram por etapas que se prolongaram por longos anos. O Seminário de Belém cuja construção se iniciou em meados de 1687 levou cerca de vinte anos para ser concluído, finalizando-se a construção em 1707. A construção da Igreja levou outros quinze anos, sendo concluída no ano de 1701.



**Figura 3.5:** Localização geográfica da cidade de Cachoeira-BA.  
**Fonte:** Secretaria de Turismo da Bahia.

Embora a construção do Seminário de Belém tenha se prolongado até o início do século XVIII, já havia seminaristas residindo e assistindo às aulas em instalações provisórias desde 1687 e as matrículas cresciam a cada ano<sup>123</sup>. De 1687 até a primeira década do século

*Instituto Geographico e Histórico da Bahia (RIGHB)*. nº 63, 1932 (1937). p. 71-97; LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 168-177.

<sup>122</sup> LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 167-198.

<sup>123</sup> *Ibidem*, p. 190.

XVIII já haviam passado pelo Seminário de Belém por volta de 500 alunos<sup>124</sup> e ao longo de seus 72 anos de funcionamento (1687-1759) foram mais de 1500 seminaristas<sup>125</sup> e dentre eles, o jovem *Bertholameu Lourenço* matriculado nesse seminário, possivelmente, no final do século XVII.

De acordo com a subdivisão de estudos proposta na *Ratio*, o Seminário de Belém era uma instituição de Estudos Inferiores, sob regime de internato, particularmente focada no ensino de Humanidades, e comparativamente ao atual sistema educacional brasileiro, poderia ser classificada com uma instituição de ensino fundamental e médio, guardadas naturalmente as devidas proporções.

Embora fosse desejável à Companhia de Jesus que seus alunos seminaristas abraçassem futuramente a carreira religiosa, o Seminário de Belém, em princípio, não se restringia à formação sacerdotal. Neste sentido, ao terminar os estudos no Seminário de Belém, caberia ao aluno decidir se prosseguiria seus estudos em Portugal, na Universidade de Coimbra, ou em outra instituição de ensino europeia, ou ainda ingressar na Companhia de Jesus ou em outras Ordens religiosas<sup>126</sup>.

O Seminário de Belém se mostrava bastante organizado tanto pedagógica quanto administrativamente, pelo menos desde 1696 quando foi apresentado seu primeiro regulamento<sup>127</sup>.

Defende Serafim Leite que a elaboração inicial deste regulamento já havia sido apresentada desde 1692 pelo Padre Provincial Manual Correia, durante a gestão do primeiro

---

<sup>124</sup> GUSMAM, Alexandre de. *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron - a virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesu, - dedicada a' mesma soberana Virgem em sua gloriosa assumpção*. Lisboa. Officina Real Deslandesiana. 1715, p. 365.

<sup>125</sup> LEITE, Serafim, op. cit., p. 177.

<sup>126</sup> Embora o ensino jesuítico predominasse na América Portuguesa, outras três Ordens religiosas também se dedicaram ao ensino tais como os beneditinos, os franciscanos e os carmelitas. Ver: MORAES, Rubens Borba de. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro. Livros Técnicos e Científicos Editora S.A..1979, p. 11.

<sup>127</sup> *Ordens para o Seminário de Belém conforme ao que mandou Nosso Reverendo Padre em uma sua [carta] de 28 de Janeiro de 1696, e em outra antecedente de 16 de Janeiro de 1694 ao Padre Provincial*. Apud (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 180-189).

Reitor e fundador do Seminário de Belém, Padre Alexandre de Gusmão. Esta proposta inicial foi posteriormente aprimorada em 1694 e dois anos depois, após diversas revisões e adaptações chegou-se à redação final do primeiro regulamento (administrativo e disciplinar) no ano de 1696.<sup>128</sup>

Em linhas gerais, este regulamento é composto por 44 normas disciplinares e administrativas que versam sobre os critérios de admissão de alunos, estipulação do ordenado anual a ser pago por cada seminarista, cronograma de atividades de estudos, além das normas de disciplina comportamental nas dependências do seminário e relações de convivência sadia entre seminaristas, professores e demais ‘funcionários’<sup>129</sup> desta instituição de ensino. Dentre essas normas destacamos quatro pontos importantes, a saber:

O primeiro ponto a ser destacado refere-se ao tempo de permanência e idade máxima de admissão dos seminaristas.

De acordo com o parágrafo 7º do Regulamento do Seminário de Belém, os alunos matriculados, preferencialmente, “[...] não hão de passar os doze ou treze anos de idade, nem estarão no Seminário mais que cinco ou seis anos; salvo se em algum caso especial, por razão de boa índole e costumes louváveis ou por outras circunstâncias, parecer ao Padre Provincial [...]”<sup>130</sup>. Logo, se a idade limite para se iniciar o Curso de Humanidades no Seminário de Belém era em torno de 13 anos, o jovem Bartholomeu deveria ter ingressado neste Seminário, na pior das hipóteses, em torno de 1698, ano em que completou 13 anos de idade. Porém, de acordo com o Padre alemão Baltazar Wilhelm<sup>131</sup>, Bartholomeu deixou a Companhia de Jesus,

<sup>128</sup> (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 179).

<sup>129</sup> Os funcionários (religiosos) do Seminário de Belém eram, em sua maioria, padres seculares que exerciam funções tais como porteiro, enfermeiro, vaqueiro e feitor. Ver: LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 181, nota 1; Idem. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Brotéria; Livros de Portugal. 1953, p. 228.

<sup>130</sup> Parágrafo 7º das *Ordens para o Seminário de Belém*. Apud (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 182).

<sup>131</sup> Ver: WILHELM, Balthasar. “An der Wiege der Luftschiffahrt - Francesco Lana e Barthol. Lourenço de Gusmão”. In: *Frankfurter Zeitgemässe Broschüren*. Breer & Thiemann. Band XXVIII. 15 Marz 1909. Seft 6-7, p. 169.

enquanto noviço, no ano de 1701. Assim, como o Noviciado durava em torno de dois anos, Bartholomeu deve ter concluído o Curso de Humanidades entre os anos de 1699 e 1700 e, portanto, novamente baseado no Regulamento do Seminário de Belém, é mais provável que seu ingresso neste seminário tenha ocorrido seis anos antes desse período, ou seja, entre os anos de 1693 e 1694.

O segundo ponto a ser destacado sobre o Regulamento do Seminário de Belém refere-se a um livro de registro onde se deveriam anotar as datas de matrícula e encerramento dos estudos de cada seminarista, cujo livro encontra-se desaparecido e caso viesse a ser descoberto poderia nos informar, com a devida precisão, a data exata de entrada e de saída de Bartholomeu do Seminário de Belém<sup>132</sup>. É provável que este livro de registro tenha sido confiscado pelo governo português, assim como os demais bens deste seminário, por ocasião da invasão de tropas de soldados ocorrida em 28 de dezembro de 1759 a mando do 6º Conde dos Arcos, D. Marcos José de Noronha e Britto (1712-1768), então vice-rei e capitão geral do Brasil. De acordo com Serafim Leite, nesta data, o Seminário de Belém havia sido fechado, seus seminaristas expulsos e seu então Reitor, Padre Francisco do Lago, exilado na Europa.<sup>133</sup>

---

A fonte histórica primária onde consta a saída de Bartholomeu Lourenço da Companhia de Jesus em 1701 é a seguinte: “Bartholomaeus Laurentius nov. schol. ex oppido Sanctorum an. 1701[...]”. Brasília 6, 66, *Archivum Romanum Societatis Iesu* (ARSI). Apud (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 178).

<sup>132</sup> Parágrafo 22º das *Ordens para o Seminário de Belém*: “Haverá um livro, em que se façam os assentos dos dias e era, em que entram no Seminário, e dos que se recebem de cada um, fazendo sempre o encerramento do ano, que acaba, e do ano que começa, para não haver confusão”. Apud (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 184).

<sup>133</sup> A Companhia de Jesus, embora de início, no século XVI, não demonstrasse interesse pelo acúmulo de riquezas, na primeira metade do século XVIII já havia se tornada proprietária de muitas fazendas de gado, sítios, engenhos dentre outros bens, adentrando-se, portanto no mundo mercantilista e tornando-se cada vez mais atrelada à burguesia colonial. Este fato, dentre muitos outros até hoje desconhecidos, levou o governo português a enxergar este crescente aumento da riqueza da Companhia de Jesus como uma ameaça ao poder político e econômico de Portugal, culminando na expulsão desta Ordem religiosa do reino e das colônias portuguesas a partir de 1759. Ver: LEITE, Serafim, op. cit., p. 190; SILVA, Pedro Celestino da, 1916, p. 79-82; ALVES, Gilberto, 2005, p. 623.

Para se ter uma noção de como o governo português passou a tratar de forma ríspida os jesuítas, após a sua expulsão da América Portuguesa, ver: ALMEIDA, Eduardo de Castro e (Org.). “Paralellos dos missionarios Capuxinhos e Jesuitas do Bispado e Capitania de Pernambuco...” [Bahia, 1º. agosto 1761?] (doc. 5358). In: *Anaes da Bibliotheca Nacional do Rio Janeiro*, vol. XXXI. Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 1909 (1913), p. 444-454.

Além do livro de registro atualmente desaparecido, também da maior importância histórica é a livraria<sup>134</sup> do Seminário de Belém cujo catálogo, caso venha a ser descoberto poderia nos revelar que gêneros de livros científicos estariam disponíveis neste seminário. A única informação que encontramos a esse respeito consta em uma carta do Chanceler da Relação da Bahia, Thomaz Roby de Barros Barreto, enviada a Sua Majestade, D. José I, na qual se refere ao sequestro e inventário dos bens dos Jesuítas da Bahia e avaliação da Casa da livraria do Seminário de Belém e de outras instituições jesuíticas da Bahia, no ano de 1760:

Nas Casaz do Noviciado e Seminarios de Belem e da Senhora da Conceição [Seminário de Nossa Senhora da Conceição], também ha seus livros, que pela suas avaliações importão 480\$000 rs. e na Caza dos Exercicios huns poucos espirituas por suas avaliações 6:400 rs.; e como os referidos generos são corruptiveis, principalmente neste Estado, fico na intelligencia de vender todos os livros, que respeitão á Caza do Noviciado e aos Seminário de Bellem e da Senhora da Conceição e tambem os que pertencem á Caza dos Exercicios, quando possão vender-se.<sup>135</sup>

O terceiro ponto a ser destacado sobre o Regulamento do Seminário de Belém refere-se à possibilidade de admissão de seminaristas provenientes de famílias pobres.

Se alguém deixar algum legado de fazenda de raiz se aceitará como condição de se vender, ou arrendar a outrém, e do precedido se aplicar ao sustento de meninos pobres [seminaristas].<sup>136</sup>

<sup>134</sup> Este era o vernáculo utilizado para designar as bibliotecas coloniais. Por vezes também se chamava Casa da Livraria.

<sup>135</sup> ALMEIDA, Eduardo de Castro e (Org.). “Carta do Chanceler da Relação da Bahia, Thomaz Roby de Barros Barreto, para El-rei D. José, na qual se refere aos sequestros, inventarios, vendas e administração dos bens dos Jesuítas, á avaliação das livrarias, ás reliquias do Padre Anchieta, etc. Bahia. 12 de abril de 1760” (doc. 4913). In: Anaes da Bibliotheca Nacional do Rio Janeiro, vol. XXXI. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1909 (1913), p. 389.

Somente a título de comparação, neste mesmo inventário de 1760 foi especificado que o montante em livros da biblioteca do Colégio da Bahia foi avaliada em 5.499\$050 réis ao passo que a somatória de todos os livros de diversas instituições de ensino jesuítico da Bahia (Casas do Noviciado, Seminário de Belém, Seminário de Senhora da Conceição e Casa dos Exercícios Espirituais) foram avaliados em apenas 486\$400 rs. Os dados fornecidos por este inventário demonstram, implicitamente, o enorme montante em livros da biblioteca do Colégio da Bahia em relação às demais bibliotecas desta cidade e das Vilas circunvizinhas. Informa Leite, Serafim (2000, tomo V, p. 93) que a Livraria do Colégio da Bahia possuía em 1694 cerca de 3000 livros, logo é razoável supormos que a biblioteca do Seminário de Belém possuísse uma quantidade de livros bem inferior aos 3000 livros da Biblioteca do Colégio da Bahia neste ano de 1694, período este em o jovem Bartholomeu Lourenço muito provavelmente já estaria matriculado no Seminário de Belém.

<sup>136</sup> Parágrafo 3º das *Ordens para o Seminário de Belém*: Apud (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 181).

Conforme expusemos no capítulo 2.2, em diversos manuscritos setecentistas há referências de que a família do Sr. Francisco Lourenço, pai de Bartholomeu, possuía poucos recursos financeiros para educar dignamente sua prole. Neste sentido, a possibilidade de admissão de alunos pobres no Seminário de Belém, provavelmente deva ter sido decisiva para que o Sr. Francisco Lourenço pudesse enviar seu filho, Bartholomeu, para estudar Humanidades na Bahia. Assim, independente de ter havido ou não certa relação de amizade entre o Sr. Francisco Lourenço e o Padre Alexandre de Gusmão, como defendia Taunay<sup>137</sup>, certamente a entrada de Bartholomeu no Seminário de Belém estaria amparada pelo parágrafo 3º do regulamento deste seminário cujo conteúdo textual demonstra claramente que os seminaristas oriundos de famílias pobres seriam mantidos com doações e verbas advindas da venda ou arrendamento de fazendas agropecuárias.

O quarto e último ponto a ser destacado, refere-se à finalidade desta instituição de ensino que, de acordo com seu regulamento, destinava-se a “criar os meninos em santos e honestos costumes, principalmente no temor de Deus e inclinação às coisas espirituais, a fim de saírem ao diante bons cristãos. Além disto, hão de aprender a ler, escrever, contar,

---

<sup>137</sup> Sugere Taunay (1938a, p. 74-75) ter havido certa relação de amizade entre o Padre Alexandre de Gusmão e o Sr. Francisco Lourenço, o que teria supostamente facilitado a ida de Bartholomeu e de seu irmão, Simão Álvares, para o Seminário de Belém, após o ano de 1694. Taunay sustentava tais afirmações baseadas unicamente em documentos históricos que atestam a passagem do Padre Alexandre de Gusmão pela Vila de São Paulo, em março de 1685 e em janeiro de 1694, durante sua gestão como Padre Provincial. Naturalmente, naquele período, para se chegar aos campos de Piratininga, era necessário passar primeiro pelo litoral onde se localizava a antiga Vila de Santos, mas isto em nada comprova que a relação de amizade entre o Padre Alexandre e o Sr. Francisco Lourenço fosse anterior a data de entrada de Bartholomeu no Seminário de Belém. Ainda de acordo com Taunay, havia sido uma dessas passagens por terras paulistas, em 1694, que o “[padre] Alexandre de Gusmão teve o ensejo de rever o amigo [Sr. Francisco Lourenço] e oferecer-lhe que lhe confiasse a educação dos filhos. Desejava vel-os educados no seu Seminário de Belém”. Contava Bartholomeu, neste período, oito anos de idade. Acreditamos que esta hipótese levantada por Taunay, embora plausível, carece de uma maior fundamentação. No entanto, apesar de parecer mera especulação, esta hipótese se tornou ‘fato’, possivelmente em função da notoriedade de Taunay enquanto historiador, e como consequência uma quantidade imensa de publicações posteriores às obras de Taunay passaram a comentar que Bartholomeu teria ingressado no Seminário de Belém em função da suposta relação de amizade entre o Padre Alexandre de Gusmão e o Sr. Francisco Lourenço. Todavia, a amizade entre o Padre Alexandre e a família do Sr. Francisco Lourenço certamente existiu, tanto que diversos de seus filhos incorporaram o sobrenome Gusmão, porém não identificamos prova documentais de que esta amizade tenha se iniciado antes da entrada de Bartholomeu no Seminário de Belém, como defendia Taunay.

Gramática e Humanidades e não se lerá Curso de Filosofia<sup>138</sup>”. Faziam parte também da grade curricular noções de Retórica e aulas de Solfa<sup>139</sup>.

O fato de o regulamento deste seminário proibir o ensino de Filosofia, a nosso ver, não teria nenhuma relação com uma censura do livre pensamento filosófico e científico, mas sim por dois possíveis motivos: o primeiro deles está relacionado com o fato desta instituição de ensino ter foco na formação humanística<sup>140</sup> e não filosófica; o segundo motivo, relaciona-se com a sequência de estudos proposta na *Ratio Studiorum*<sup>141</sup> que determinava que o Curso de Filosofia, que incluía o ensino de Lógica, Física, Matemática e Metafísica, deveria ser iniciado somente por alunos que cursaram, pelo menos, dois anos de Retórica. Mas o Regulamento do Seminário de Belém, aparentemente, não previa uma classe específica de Retórica, mas apenas noções elementares incluídas nas classes de Latim. Logo, não se poderia lecionar Filosofia Natural (Física) para alunos que tivessem apenas noções elementares de Retórica. Neste sentido, aparentemente não haveria espaço para o ensino formal de ciências no Seminário de Belém e, portanto alunos que demonstrassem interesse pela Física e pela Matemática, como foi o caso do jovem Bartholomeu, deveriam ser incentivados a ingressar num Curso de Artes (Filosofia e Ciências), tais como o Curso de Artes do Colégio da Bahia que já formava mestres, bacharéis e licenciados em Artes desde 1578. Mas isto não exclui por

---

<sup>138</sup> *Ordens para o Seminário de Belém conforme ao que mandou Nosso Reverendo Padre em um sua [carta] de 28 de Janeiro de 1696, e em outra antecedente de 16 de Janeiro de 1694 ao Padre Provincial.* Apud (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 180).

<sup>139</sup> LEITE, Serafim, op. cit., p. 183 e 189.

<sup>140</sup> De acordo com a *Ratio Studiorum*, a classe de Humanidades teria como objetivo “preparar, nos que terminaram a gramática, o terreno à eloquência. Para este fim concorrem três meios: o conhecimento da língua, alguma erudição e uma introdução breve aos preceitos da Retórica”. (*Ratio Studiorum*, 1599, regra 1 do professor de Humanidades) Apud (FRANCA, 1952, p. 199).

Para se ter uma visão geral sobre o Curso de Humanidades lecionado em colégios jesuíticos da América Portuguesa, no século XVIII, ver: (LEITE, Serafim, 2000, tomo VII, p. 149-162).

<sup>141</sup> “*Curso de retórica e humanidades.* – Ainda que não seja possível prescrever a duração do curso de humanidades e retórica e a cargo do superior fique decidir quanto deverá cada qual demorar-se nestes estudos, nenhum dos nossos, pelo menos, deverá ser enviado à filosofia antes de haver estudado dois anos de retórica [grifo nosso], a menos que não se julgue em o Senhor que a idade, as aptidões ou outro motivo a isto se oponham. Mas, se alguns forem dotados de aptidões naturais para grandes progressos nesses estudos, poder-se-á examinar se, a fim de se lançarem mais sólidos fundamentos, não convenha conservá-los na retórica por três anos”. (*Ratio Studiorum*, 1599, regra 18 do Provincial) Apud (FRANCA, 1952, p. 123).

si só a possibilidade de Bartholomeu ter tido o seu primeiro contato com livros de Física de forma autodidata, ainda no Seminário de Belém, porém é importante salientarmos que de acordo com a *Ratio Studiorum* os alunos não tinham livre acesso a todos os livros da Casa da Livraria, pois caberia ao Prefeito de Estudos disciplinar a leitura de livros adequados ao nível de cada classe e somente se poderiam ler as obras recomendadas previamente pelos professores. Mas até que ponto poderíamos crer que a versão da *Ratio Studiorum* de 1599 tenha sido aplicado na íntegra no Seminário de Belém e no Colégio da Bahia<sup>142</sup> ? Teria sido a *Ratio* um inibidor de jovens talentos ao restringir o estudo de Filosofia Natural à leitura das obras de Aristóteles? Teria sido este um fator determinante para a saída de Bartholomeu Lourenço da Companhia de Jesus, no ano de 1701? Acreditamos que não, pois conforme expusemos na seção 3.2 deste capítulo, no final do século XVII, no Colégio da Bahia, a cerca de 110 km do Seminário de Belém, já havia mestres jesuítas como Valentin Stansel (1621-1705)<sup>143</sup> que desenvolvia pesquisas científicas sobre temas em voga naquele período, e que

---

<sup>142</sup> De acordo com Serafim Leite, os colégios jesuíticos da América Portuguesa tentaram “adaptar-se à Lei Geral [*Ratio Studiorum*-1599], mas a princípio, [estavam] mais próximo do programa [pedagógico] do Colégio de Évora de 1563” que prescrevia para a instrução humanística cinco classes de Gramática além de Humanidades e Retórica. Logo, nos colégios jesuíticos da América Portuguesa, não é possível afirmarmos que tenha havido um programa pedagógico comum a todo o território colonial, porém é certo que, independente do número exato de classes adotadas, os cursos de Humanidades, em geral, eram divididos nas classes de Gramática, Humanidades e pelo menos noções de Retórica. No entanto, este conjunto de disciplinas que compunha o ensino humanista recebeu em alguns colégios, simplesmente, a denominação de *Gramática* cuja nomenclatura poderá às vezes confundir o leitor incauto. Ver: (LEITE, Serafim, 2000, tomo VII, p. 152 e 155).

<sup>143</sup> Valentin Stansel ingressou na Companhia de Jesus aos 16 anos em sua terra natal, Olmütz, situada ao norte de Praga, na atual República Tcheca. No Colégio jesuítico de Olmütz e na Universidade de Praga estudou Filosofia e Matemática, sendo posteriormente nomeado professor de ambas as instituições de ensino. Em 1655, Stansel transferiu-se para Roma onde, em parceria com o respeitado cientista, Padre Athanasius Kircher, desenvolveu diversas pesquisas além de ter tido a oportunidade de entrar em contato com outros sábios de sua época tais com Gioseffo Petrucci e Gaspar Schott que neste período se correspondiam com Athanasius Kircher. Stansel, Kircher e Schott mantiveram contato ao longo das décadas seguintes, pois tinham diversas áreas de estudos em comum, dentre elas, a hidrostática e a pneumática. No final da década de 1650, Stansel mudou-se para Portugal, onde veio a lecionar no Colégio de Santo Antão. A partir de 1663, Stansel transferiu-se para a América Portuguesa onde foi professor no Colégio da Bahia, em Salvador, e onde permaneceu até o seu falecimento ocorrido em 1705. Stansel desenvolveu pesquisas nos campos da matemática, hidráulica, óptica e astronomia, além de ter possuído certa habilidade na construção de aparatos mecânicos e de instrumentos náuticos e astronômicos. Suas observações e estudos astronômicos feitos em Salvador nos anos de 1664, 1665 e 1668 foram posteriormente reunidos na obra *Legatus Uranicus ex Orbe novo in Veterem* publicado em Praga em 1683. Suas observações astronômicas feitas em Salvador em 1668 foram publicadas na grandiosa obra *Principia Mathematica* de Isaac Newton em 1687 (livro III, prop. XLI, probl. XX, p. 507-508). Na obra *Legatus Uranicus*, p. 51, escreve Valentin Stansel: “Eu sustento que os astros ou corpos celestes estão sujeitos à corrupção e à geração”. Apud (CAMENIETZKI, RSBHC, n. 14, jul.-dez., 1995, p. 46);

de certa forma contrariavam alguns preceitos da física aristotélica presente nos volumes dos *Commentarii Collegii Conimbricensis*<sup>144</sup>, obra prescrita implicitamente pela *Ratio Studiorum*. Desta forma, possivelmente o Colégio da Bahia, no final do século XVII, não seguia fielmente as normas da *Ratio Studiorum*, o que daria ao jovem Bartholomeu, tão logo concluísse os estudos de Humanidades no Seminário de Belém, a oportunidade de estudar nesse colégio não somente a Física aristotélica, mas também abordagens mais modernas sobre astronomia, hidráulica e pneumática.

Quanto à hipótese das normas da *Ratio* terem sido aplicadas plenamente no Seminário de Belém, podemos afirmar que as possibilidades também são mínimas, pois essas normas previam certa flexibilidade de adequação curricular à realidade regional, porém sem que tais adequações viessem a romper com sua estrutura normativa monolítica que ia desde o estudo

---

Estudos biográficos sobre o Padre Valentim Stansel podem ser encontrados em: CAMENIETZKI, op. cit., p. 37-52; Idem. “Esboço biográfico de Valentim Stansel (1621-1705), matemático jesuíta e missionário na Bahia”. In: Revista *Ideação*, Feira de Santana, nº 3, jan./jun. 1999, p. 159-182; Idem. “A Companhia de Jesus e a Ciência na América Portuguesa entre 1663 e 1759”. In: *Anais do III Seminário Nacional de História da Matemática*, Vitória, mar. 1999, p. 160-161; Idem. “Savants du bout du monde: les jésuites astronomes de Salvador”. In: *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*. Roma, nº 148, vol. 52, 2002. p. 147-158; NOBRE, Sérgio. “Os Jesuítas e o desenvolvimento da ciência no Brasil”. In: *Anais do III Seminário Nacional de História da Matemática*, Vitória, mar. 1999, p. 183-184.

<sup>144</sup> O pensamento filosófico aristotélico foi interpretado por um grupo de jesuítas do Colégio das Artes de Coimbra denominados *Conimbricenses*, cujos estudos resultaram na publicação da obra *Commentarii Collegii Conimbricensis Societatis Jesu...Aristotelis Stagiritae*. São cinco volumes publicados entre 1592 e 1606 que abrangem estudos dos fenômenos naturais, Cosmologia, Lógica, Metafísica e dentre outros temas de cunho filosófico. Defendia Serafim Leite que esta obra havia sido o “livro de fundo” de Física utilizado no Colégio da Bahia. Porém, paralelo a esta obra, também circulava no Colégio da Bahia o *Cursus Philosophicus* (1632) de Rodrigo de Arriaga, a *Summa Universae Philosophiae* (1642) de Baltasar Teles e o *Cursus Philosophicus* (1651) de Francisco Soares Lusitano. De acordo com Francisco Rodrigues (S.J), os padres Baltasar Teles e Soares Lusitano demonstravam estar a par de assuntos matemáticos, científicos e filosóficos em voga no século XVII, pois suas respectivas obras fazem referência às pesquisas de Cristóvão Clavius, Galileu, Inácio Stafford, Athanasius Kircher, Tycho Brahe, Copérnico e Kepler. Ver: (LEITE, Serafim. “O curso de Filosofia e tentativas para se criar a Universidade do Brasil no século XVII”. In revista *Verbum*, Rio de Janeiro, nº 5, fascículo 2, jun. 1948, p.134-136; RODRIGUES, Francisco, 1944, tomo III, livro I, p. 166 - nota 4, p. 168 - nota 1; Ibidem, 1938, tomo II, livro II, p. 115-122).

As recentes pesquisas do prof. Carlos Ziller também demonstram que já se debatiam, no final do século XVII, no Colégio da Bahia, assuntos astronômicos sobre a possibilidade de cometas não transitarem na esfera infralunar, contrariando, portanto a concepção aristotélica presente na obra *Commentarii Collegii Conimbricensis*. E em meados do século XVIII, também neste mesmo colégio jesuítico, o Padre José Monteiro da Rocha desenvolveu pesquisas astronômicas sobre cometas e cujos cálculos das efemérides já se baseavam em teorias newtonianas. Ver: CAROLINO, Luís Miguel. “A ciência e os topoi retóricos em Antônio Vieira: um caso de difusão cultural em Portugal e no Brasil durante o século XVII”. In: *RSBHC*, São Paulo, n. 18, jul.-dez. 1997, p. 55-72; CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “O cometa, o pregador e o cientista: Antônio Vieira e Valentim Stansel”. In: *RSBHC*, São Paulo, n. 14, jul.-dez., 1995, p. 37-52; Idem. “Savants du bout du monde: les jésuites astronomes de Salvador”. In *Archives Internationales d’Histoire des Sciences*. Roma, nº 148, vol. 52, 2002. p. 147-158; ROCHA, José Monteiro da. *Sistema Físico-Matemático dos cometas*. Rio de Janeiro: MAST, 2000.

da Gramática latina, passando pelas Humanidades que por sua vez deveriam sequencialmente ser seguidas pela Retórica e Filosofia até se chegar ao ápice do ensino jesuítico, o Curso de Teologia. Esta sequência de estudos que ia desde a Gramática Latina até se chegar à Teologia, na visão de Gilberto Alves<sup>145</sup>, formava o bloco monolítico proposta pela *Ratio* e deveria ser seguido fielmente por aqueles que desejassem se tornar futuros padres e principalmente para aqueles que almejassem se tornar padres mestres, vindo posteriormente a lecionar nos colégios jesuíticos. E é justamente baseado nesta afirmação de Gilberto Alves que julgamos que o Seminário de Belém, possuindo foco na formação humanística, não poderia burlar o bloco monolítico da *Ratio* e lecionar formalmente ciências e filosofia, sem que seus alunos tivessem visto, pelo menos, dois anos de Retórica. Assim, reiteramos que caso o jovem Bartholomeu tenha tido o primeiro contato com livros de Física no Seminário de Belém ele muito provavelmente o tenha feito de forma autodidata e não através de uma educação formal, até porque o próprio regulamento deste seminário não previa o ensino de ciências.

Mas haveria alguma prova documental de que o Seminário de Belém não teria seguido fielmente as normas da *Ratio*? Infelizmente atualmente não dispomos de provas documentais que possam sinalizar positivamente a favor desta hipótese que julgamos muito provável. No entanto, o depoimento de um contemporâneo de Bartholomeu, José Soares da Silva (1672-1739), informa que em 1701 o jovem santista já “antecipava as ciências aos anos”.

É neste período que surgem as primeiras informações biográficas sobre Bartholomeu, por ocasião de sua estada em Lisboa entre os anos de 1701 e 1702, cujo depoente, José Soares da Silva, fez excelentes comentários a respeito dos dotes intelectuais do jovem santista, muito

---

<sup>145</sup> “A aspiração pedagógica perseguida era a de formar um padre com o domínio básico da filosofia aristotélica e da teologia, na sua vertente tomista, que pudesse brandir com elegante eloquência a doutrina católica para, assim, obter a adesão subjetiva do fiel à tutela da religião”. (ALVES, Gilberto, 2005, p. 627-628).

embora nos pareça haver certo sensacionalismo na notícia que Soares da Silva apresentou na *Gazeta em forma de carta*<sup>146</sup> de 30 de dezembro de 1701.

Relata Soares da Silva, em dezembro de 1701, que Bartholomeu Lourenço contando entre 15 e 16 anos de idade, possuía uma excelente memória a ponto de supostamente conseguir repetir de cor trechos de várias obras clássicas (de Virgílio, Horácio, Ovídio, Sêneca, etc) “para diante e para trás ou onde lhe apontarem” nas referidas obras, além de supostamente poder responder “a todas as dúvidas da Sagrada Escritura do testamento velho, e o novo e repetindo de cor todos os Evangelhos [...] para trás e para diante; o mesmo de todas as epístolas de São Paulo e São Jerônimo<sup>147</sup>”.

O que mais nos chama a atenção no depoimento de Soares da Silva não é a prodigiosa memória de Bartholomeu com o que concordamos (sem os gritantes exageros evidentes deste depoimento), mas sim a presença de duas palavras-chave neste relato: *ciências e filosofia*. Relata Soares da Silva que Bartholomeu Lourenço “antecipava as ciências aos anos”, e prometia “defender toda a philosophia, e os pontos mais intrincados della”.

Embora o depoimento de Soares da Silva em favor de Bartholomeu Lourenço esteja envolto de certo sensacionalismo, a essência de seu conteúdo, ou seja, os relatos sobre a prodigiosa memória bem como o prematuro conhecimento de filosofia do jovem santista merece a devida consideração, pois tal depoimento corrobora outro de maior importância histórica, o de Diogo Barbosa Machado<sup>148</sup>, de 1741. Entretanto, este último depoente se mostra bem mais sóbrio e menos sensacionalista que o primeiro.

---

<sup>146</sup> SILVA, José Soares da. *Gazeta em forma de carta (anos de 1701-1716)*. Tomo I. Edição fac-similar. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1933, p. 8-9.

<sup>147</sup> Ver **ANEXO I**.

<sup>148</sup> Diogo Barbosa Machado (1682-1772) foi consócio de José Soares da Silva e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão na Academia Real de História Portuguesa, em 1720. Considerado o patriarca da bibliografia portuguesa, Diogo Barbosa Machado publicou entre 1741 e 1759 a famosa obra *Bibliotheca Lusitana* (quatro tomos) onde expõe centenas de biografias de ilustres portugueses. MACHADO, Diogo Barbosa. In: *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. vol. 18. Lisboa: Editorial Verbo, 1998, p. 688.

É assim que Diogo Barbosa Machado manifestou suas impressões sobre o jovem Bartholomeu:

[...] logo nos primeiros annos deo manifestos indícios do grande talento que lhe concedeu liberal a natureza, assim na admiravel promptidaõ, com que comprehendeo as dificuldades da Filosofia, e da Mathematica, como na prodigiosa memória com que conservava as noticias mais reconditas na Historia Sagrada, e profana [...].<sup>149</sup>

Se os depoimentos de Soares da Silva e de Barbosa Machado estiverem corretos, então onde Bartholomeu havia obtido conhecimentos sobre “ciências” e “philosophia” se o Seminário de Belém aparentemente não os ensinava formalmente? Podemos supor duas hipóteses mais prováveis: a primeira seria a de que a *Ratio Studiorum* não teria sido aplicada fielmente no Seminário de Belém, o que daria ao jovem Bartholomeu a oportunidade de ter obtido conhecimentos de “ciências” e “philosophia” de forma autodidata, através do livre acesso à Casa da Livraria do Seminário de Belém, sem a censura prévia do Prefeito de Estudos; a segunda hipótese seria a de que Bartholomeu teria tido uma efêmera passagem pelo Colégio da Bahia entre os anos de 1700 e 1701, onde poderia ter tido, formalmente, o primeiro contato com o ensino de ciências e de filosofia lecionado no curso de Artes neste colégio. Ou ainda, a soma das duas hipóteses acima levantadas.<sup>150</sup>

Os conhecimentos teóricos sobre ciências que o jovem santista adquiriu, seja de forma autodidata ou de modo formal, foram paulatinamente colocados em prática, culminando em sua primeira invenção: um maquinismo<sup>151</sup> destinado à elevação de água até o Seminário de Belém, construído possivelmente entre os anos de 1705 e 1706.

<sup>149</sup> Ver: (MACHADO, Diogo, 1741, Tomo I, p. 463-464); (ANEXO XXVII).

<sup>150</sup> Defende Carlos Ziller que “os cursos regulares [ensino formal]... não foram o único gênero de atividade matemática realizada nas escolas da Companhia. Em muitos casos, os professores destas matérias se reuniam com alunos interessados em pequenas *academias* [grifo nosso] e laboratórios discutindo e tratando de problemas relativos à Astronomia, Música, Geometria, Perspectiva, Filosofia Natural, etc”. CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “A Companhia de Jesus e a Ciência na América Portuguesa entre 1663 e 1759”. In: *Anais do III Seminário Nacional de História da Matemática*, Vitória, mar. 1999, p. 159.

<sup>151</sup> TAUNAY, 1938b, p. 542-543.

Documentos comprobatórios<sup>152</sup> da primeira invenção atribuída a Bartholomeu levaram diversos pesquisadores, ao longo dos séculos XIX e XX, a suporem que os seus dotes intelectuais bem como o seu conhecimento científico seriam advindos de seus estudos formais num suposto Curso de Artes ministrado no Seminário de Belém. Em defesa desta hipótese, encontram-se dois renomados pesquisadores cujas declarações certamente influenciaram dezenas de outros pesquisadores ao longo do século XX até os dias atuais. Em 1938, escreveu o renomado historiador Afonso Taunay:

Alunos [do Seminário] de Belém, Simão Alvares e Bartholomeu Lourenço, dentre em pouco se achariam a frequentar as classes de latim e casos da consciência no *curso de artes* [grifo nosso] que se seguiam às classes de ler escrever e algarismos.<sup>153</sup>

Com certeza, porém adquiriu [Bartholomeu] com o maior resultado a posse das disciplinas ensinadas por provectoros mestres sob a alta direcção de seu ilustre protector [Padre Alexandre de Gusmão].<sup>154</sup>

Em 1963, Pereira Forjaz, então Secretário Geral da Academia das Ciências de Lisboa, escreveu:

Bartholomeu tinha 8 anos e meio quando o mestre inacista [Padre Alexandre de Gusmão] o levou para o seu famoso Seminário [de Belém]. Envervou sua batina escura, ensinaram-lhe latim e as artes [Curso de Artes]. Mas o engenhoso estudante, sem se deixar absorver com a filosofia e a matemática, notou a falta de água no Seminário [de Belém], erigido num outeiro e logrou imaginar uma canalização hidráulica que a transportaria duma nascente, em nível inferior uns 100 m.<sup>155</sup>

Tanto Afonso Taunay como Pereira Forjaz declaravam que havia um Curso de Artes (ensino de Ciências)<sup>156</sup> no Seminário de Belém, porém nenhum deles havia apresentado provas documentais que pudessem sustentar esta hipótese. A nosso ver, ambos os escritores,

<sup>152</sup> Ver ANEXOS II-V.

<sup>153</sup> TAUNAY, 1938a, p. 79.

<sup>154</sup> TAUNAY, 1938a, p. 86.

<sup>155</sup> FORJAZ, *Anais Azevedos*, vol. XV, nº 1, 1963, p. 3-4.

<sup>156</sup> O Curso de Artes englobava o ensino formal de Filosofia Natural (Física).

na época em que emitiram tais declarações, provavelmente não tiveram acesso aos documentos oficiais sobre a estrutura pedagógica jesuítica do período em que Bartholomeu estudou no Seminário de Belém e é justamente por isso que ambos chegaram a conclusões precipitadas sobre a hipótese dos dotes intelectuais do jovem santista advirem de um suposto estudo formal de ciências neste seminário. Mas lembremos de que a obra de Leonel Franca, *O Método Pedagógico Jesuítico – O [sic] Ratio Studiorum*, que foi a primeira tradução do latim para o português das normas da *Ratio*, somente surgiu em 1952. Além disso, a descoberta do Regulamento do Seminário de Belém (1696) somente foi apresentada em 1945, por Serafim Leite, em sua obra *História da Companhia de Jesus no Brasil*<sup>157</sup>. Logo, o historiador Afonso Taunay não chegou a conhecer nenhuma dessas obras na época em que publicou *A vida gloriosa e trágica de Bartholomeu de Gusmão* (1938), e *Bartolomeu de Gusmão - Inventor do aeróstato - A vida e a obra do primeiro inventor americano* (1942), cujas obras comentam sobre o Seminário de Belém. Neste sentido, se Taunay tivesse tido acesso à obra de Leonel Franca que comenta sobre a *Ratio Studiorum*, bem como a transcrição do Regulamento do Seminário de Belém divulgada por Serafim Leite em 1945, certamente o grande historiador das Bandeiras Paulistas não iria supor a existência de um Curso de Artes no Seminário do Belém sem que se tenham provas documentais que possam atestar esta hipótese. Porém, a confusão se deve também em função de na América Portuguesa ter havido, de fato, seminários onde se lecionava desde as primeiras letras, passando pelas Humanidades e os Cursos de Artes e Filosofia e até mesmo Teologia, como foi o caso do Seminário de São José, no Rio de Janeiro onde, segundo Fernando de Azevedo<sup>158</sup>, lecionavam-se aulas de latim, filosofia, teologia moral e dogmática.

Para sustentarmos a hipótese de que o Seminário de Belém não possuía um ensino formal de ciências, apoiamo-nos não somente na transcrição do Regulamento deste Seminário

---

<sup>157</sup> Cf. LEITE, Serafim. 2000, tomo V, p. 180.

<sup>158</sup> (AZEVEDO, Fernando, 1963, p. 526-527, nota 14).

(1696)<sup>159</sup>, mas também em documentos do Arquivo Histórico Ultramarino<sup>160</sup> pertinentes ao Seminário de Belém, que foram transcritos nos *Anais da Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro* (vol. 31, 1909)<sup>161</sup>, nos quais não encontramos nenhuma menção sobre ter havido ensino formal de ciências neste seminário, nem mesmo nos anos que antecederam a expulsão da Companhia de Jesus na Bahia.

Com esses argumentos o que almejamos é demonstrar que o simples fato da passagem do jovem Bartholomeu pelo Seminário de Belém, não comprova por si só que este seminário tivesse um ensino formal de ciências.

Porém, Carlos Filgueiras<sup>162</sup>, em um artigo alusivo a Bartholomeu de Gusmão, afirmou que o mestre jesuíta, padre Manuel Maciel, havia lecionado *Física Moderna* no Seminário de Belém, nos anos 50 do século XVIII.

Resolvemos investigar a origem dessa informação e constatamos que ela surgiu da interpretação de um trecho de um artigo publicado por Serafim Leite, em 1948, onde consta: “[...] no Novo Seminário do mesmo Estado [da Bahia], o P. Manuel Maciel [...] ensinava pelos *melhores descobrimentos da Física Moderna*”.<sup>163</sup>

De fato, o padre Manuel Maciel lecionava na Bahia, em 1757, modernos conhecimentos de Física, conforme atestam documentos do Arquivo Histórico Ultramarino<sup>164</sup>,

---

<sup>159</sup> *Ordens para o Seminário de Belém conforme ao que mandou Nosso Reverendo Padre em um sua [carta] de 28 de Janeiro de 1696, e em outra antecedente de 16 de Janeiro de 1694 ao Padre Provincial.* Apud (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 180-189).

<sup>160</sup> Antigo Arquivo Histórico Colonial de Lisboa ou Arquivo de Marinha e Ultramar.

<sup>161</sup> ALMEIDA, Eduardo de Castro e. (Org.). “Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Arquivo de Marinha e Ultramar”. In: *Anaes da Bibliotheca Nacional do Rio Janeiro*. Rio de Janeiro: vol. XXXI, 1909 (1913), docs. 4500, 4501, 4802-4808, 4824, 4887, 4892, 4894, 4913 e 4915.

<sup>162</sup> FILGUEIRAS, Carlos A. L. “Bartholomeu de Gusmão - um eco da revolução científica no Brasil”. In: *História da ciência- o mapa do conhecimento*. Vol. 2, Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995, p. 383.

<sup>163</sup> LEITE, Serafim, 1948, p.138;

<sup>164</sup> ALMEIDA, Eduardo de Castro e. (Org.). “Carta do Desembargador Thomaz Roby de Barros Barreto, em que se refere á nova reforma do ensino e á execução na Capitania da Bahia dos respectivos Alvará e Instrucções de 28 de julho de 1759”. (doc. 4824). In: *Anaes da Bibliotheca Nacional do Rio Janeiro*, vol. XXXI. Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1909 (1913), p. 375-376.

e este jesuíta estava alocado no *Seminarium Novum Bahiense*<sup>165</sup>. Porém este novo seminário da Bahia de que trata Serafim Leite, não era o Seminário de Belém como informa Carlos Filgueiras, mas sim o de Nossa Senhora da Conceição<sup>166</sup>, fundado em 1743 e que teve instalações definitivas somente em 1756.

Logo, apesar de parecer plausível supormos que o Seminário de Belém possuísse um ensino formal de ciências em função da passagem do prodigioso jovem santista por aquela instituição jesuítica, no entanto os fatos atualmente conhecidos nos leva a concluir que o ensino de ciências não faria parte, oficialmente, nas aulas ministradas no Seminário de Belém, limitando-se, apenas ao ensino de Gramática, Humanidades e noções de Retórica.



**Figura 3.6:** Igreja do antigo Seminário de Belém. **Fonte:** foto Carlos A. L. Filgueiras (2004).

<sup>165</sup> LEITE, Serafim, 2000, tomo VII, Apêndice G, p. 441.

<sup>166</sup> De acordo com Serafim Leite, o Seminário de Nossa Senhora da Conceição era destinado somente aos aposentos e estudos individuais dos seminaristas. As aulas propriamente ditas não ocorriam neste Seminário, mas sim no Colégio da Bahia. Logo, o Padre Manuel Maciel lecionava Física Moderna no Colégio da Bahia, embora estivesse alocado administrativamente no Seminário de Nossa Senhora da Conceição. Ver: (LEITE, Serafim, 2000, tomo V, p. 152-155).

## CAPÍTULO 4

### AS MÚLTIPLAS HABILIDADES INTELECTUAIS DO PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO

Conforme expusemos no capítulo 3.3, por motivos ainda não totalmente esclarecidos, o jovem Bartholomeu Lourenço havia deixado a Companhia de Jesus, como noviço, no ano de 1701. Porém, ele não abandonaria por completo a vida religiosa, vindo posteriormente a pleitear as Ordens Menores, como padre secular, cujo processo de habilitação, segundo Taunay, havia se arrolado entre os anos de 1703 e 1708.

Taunay, que teve acesso ao processo de habilitação<sup>167</sup> de Bartholomeu, defende que o jovem santista após ter concluído o Curso de Humanidades no Seminário de Belém, havia permanecido neste seminário, como *minorista* (postulante às Ordens menores e sacras), enquanto aguardava o desenrolar de seu processo de ordenação como padre secular. Todavia, julgamos que ele tenha também transitado pelo Rio de Janeiro e pela Vila de Santos entre 1703 e 1708, pois os trâmites burocráticos de seu processo de ordenação provavelmente exigiram sua presença nestas localidades que são citadas nesse processo.

Embora a data da ordenação de Bartholomeu Lourenço seja atualmente uma incógnita, julgamos que ele tenha sido ordenado padre secular provavelmente no ano de 1708, pois

---

<sup>167</sup> *Processo de habilitação de genere et Moribus de Bertholameu Lourenço*. Estante 1, gaveta 3, nº 57. Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo (ACMSP.). Apud (TAUNAY, 1938a, p.99 e p.115-121).

segundo Divaldo Freitas<sup>168</sup>, Bartholomeu se matriculou na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra no dia 1º de dezembro de 1708, ocasião em que foi registrado, no ato da matrícula, como “Padre Bertholameu Lourenço<sup>169</sup>”. Logo, podemos supor que sua ordenação tenha se dado em data anterior a esta que consta em seu registro de matrícula, porém ainda no ano de 1708, pois de acordo com informações colhidas por Taunay a partir de um despacho de 28 de janeiro de 1708, emitido pelo juiz responsável pelo processo de ordenação de Bartholomeu, nesta data o jovem santista ainda não havia sido ordenado padre secular.<sup>170</sup>

Portanto, já devidamente ordenado padre secular, Bartholomeu retornou a Portugal no final de 1708 para vir a construir, em solo lusitano, uma carreira intelectual de sucesso e a desenvolver diversas pesquisas experimentais. Devemos, no entanto destacar que o Padre Bartholomeu, possivelmente, não chegaria a alcançar a notoriedade que teve se não estivesse sob o apadrinhamento inicial do 3º Marquês de Fontes (D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e

---

<sup>168</sup> Divaldo Freitas, que consultou os arquivos da Universidade de Coimbra (*Livros de Actos e Graus* bem como os *Livros das Folhas de Pagamento 1708-1720*), relata que Bartholomeu trancou por diversas vezes sua matrícula na Faculdade de Cânones desta Universidade para se dedicar a seus inventos e também em função de compromissos oficiais a serviço da Coroa Portuguesa. Bartholomeu matriculou-se no primeiro ano do curso de Direito Canônico em 1º de dezembro de 1708 e posteriormente trancou a matrícula no início de 1709, possivelmente para se dedicar a seu principal invento: “um instrumento para andar pelo ar”.

Após passar alguns anos no estrangeiro (Holanda em 1713 e França entre 1715-1716) Bartholomeu retornou a Portugal para prosseguir os seus estudos de Direito Canônico em Coimbra, matriculando-se no segundo ano em 5-11-1716, no terceiro ano em 1º de outubro de 1717, no quarto em 1º de outubro de 1718 e finalmente no quinto e último ano, em 1º de outubro de 1719, doutorando-se em Cânones em 16 de junho de 1720. Ver: (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 68-73); (MORAIS, Francisco, 1949, p. 85).

<sup>169</sup> Aparentemente Divaldo Freitas teria sido o primeiro pesquisador a divulgar, na década de 60 do século passado, que Bartholomeu Lourenço já constava com a insígnia de padre secular em dezembro de 1708, apesar de Brito Rebello também ter pesquisado nos Arquivos da Universidade de Coimbra, no final do século XIX, mas que naquela época não se apercebeu desta valiosa informação. Salientamos ainda que até a década de 40 do século passado defendia Taunay que Bartholomeu Lourenço havia sido ordenado padre secular, no Rio de Janeiro ou na Bahia, entre o final de 1708 e início de 1709. Ver: (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 69; TAUNAY, 1942, p. 38; REBELLO, Brito, Revista *O Occidente*, vol. 6, nº 168, 21 ago. 1883, p. 191).

<sup>170</sup> Informa Taunay (1942, p. 38) que este documento seria, cronologicamente, o último contido no *Processo de habilitação de genere et Moribus de Bertholameu Lourenço*. Logo, os documentos referentes ao processo de ordenação de Bartholomeu, presentes no Arquivo da Cúria Metropolitana de São Paulo, estão infelizmente incompletos e não fornecem informações precisas sobre o desfecho de seu processo de ordenação nem a data exata em que obteve a insígnia de padre secular.

Meneses)<sup>171</sup>, do 1º Duque de Cadaval (D. Nuno Álvares Pereira de Mello) e principalmente sob a proteção de Sua Majestade, D. João V (1689-1750).

Assim, num intervalo de 19 anos desde sua primeira invenção apresentada na Bahia, em 1705, até o seu falecimento ocorrido em 1724, Bartholomeu se dedicou a várias áreas de conhecimento, desde poesia e oratória sacra até assuntos científicos sobre hidráulica e pneumática que lhe valeram diversas concessões de privilégio emitidas por seu maior protetor, Sua Majestade, D. João V.

Apresentamos abaixo um resumo das habilidades intelectuais do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão:

#### **4.1 POLIGLOTA**

Afirma Diogo Barbosa Machado que Bartholomeu Lourenço de Gusmão “foy versado nas linguas mais principaes, sabendo com pureza a Latina, fallando com promptidaõ a Francesa, e Italiana, e tinha grande intelligencia da Grega, e Hebraica<sup>172</sup>”.

#### **4.2 LITERATO E HISTORIADOR**

No período em que residiu em Lisboa, Bartholomeu havia participado de pelos menos três academias: a dos Anônimos, a dos Generosos e a Academia Real de História Portuguesa.

A Academia dos Anônimos, fundada em 1714, compunha-se de homens civis e religiosos da mais alta notoriedade e cujas atividades se resumiam na composição de poesias

---

<sup>171</sup> D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses (1676-1733) foi terceiro Marquês de Fontes, sétimo Conde de Penaguião e a partir de 1718, 1º Marquês de Abrantes. Casou-se em 1690 com D. Isabel de Lorena (1672-1699) que era filha do 1º Duque de Cadaval (1638-1727). D. Rodrigo Anes de Sá Almeida teve quatro filhos, sendo seu primogênito D. Joaquim Francisco Sá Meneses e Almeida (1695-1756), 8º Conde de Penaguião e 2º Marquês de Abrantes sobre quem voltaremos a comentar ao longo deste capítulo.

<sup>172</sup> Ver: (MACHADO, Diogo, 1741, tomo I, p. 464); **ANEXO XXVII**.

que, em sua maioria, seguiam ainda o estilo gongórico seiscentista<sup>173</sup>. A passagem de Bartholomeu por essa academia é relatada no jornal *Gazeta de Lisboa* de 28 de janeiro de 1723:

Os anonymos abrião a Academia Domingo passado com hum numerozo concurso de pessoas eruditas. Deu principio á sessão o Doutor Bartholomeu Lourenço de Gusmão, também acadêmico da Academia Real de História, com um elegante discurso.<sup>174</sup>

Atualmente são conhecidos três ensaios literários atribuídos a Bartholomeu de Gusmão:

- *Se os louvores são úteis porque incitam a virtude ou prejudiciaes porque provocam a vaidade*<sup>175</sup> ?
- *Problema de Bertholameu Lourenço de Gusmão; qual he mais illustre, se a prudência se a temperança*<sup>176</sup>;
- *Problemas impossíveis.*

Em função do estilo gongórico do primeiro ensaio descrito acima, defende Taunay<sup>177</sup> que este ensaio literário havia sido escrito “para algum daquelles cenáculos literários,

---

<sup>173</sup> Ver: RIBEIRO, José Silvestre. *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*. Tomo I. Lisboa: Typographia a Academia Real das Sciencias, 1871, p. 159-160; BRAGA, Theophilo. *A Arcadia Lusitana*. Porto: Livraria Chardron, 1899, p. 28-32; TAUNAY, 1938a, p. 161-167.

<sup>174</sup> *Gazeta de Lisboa* - 28 de janeiro de 1723. Apud (ALMEIDA, Manoel, 1961, p. 83).

<sup>175</sup> Este ensaio literário, originalmente, está contido no tomo III da *Coleção prosaica de vários discursos*, Lisboa, 1784, códice 51-II-30, fls. 95-111, cujo códice pertence à Biblioteca da Ajuda. Salientamos que este manuscrito foi elaborado por um copista que transcreveu o referido ensaio literário no ano de 1784, provavelmente para tentar evidenciar os dotes intelectuais de Bartholomeu Lourenço num período em que os irmãos Montgolfier haviam realizado as primeiras experiências com balões cativos de grandes proporções. Esta é a nota inicial escrita pelo copista anônimo: “Discurso sobre o referido Pello Pe. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que se chamou vulgarmente – O Voador – pela nova Machina que inventou de andar pelos ares nos princípios do reinado do Sr. Dom João o Quinto”.

<sup>176</sup> Manuscritos adicionais da King's Library of the British Museum: *Papéis políticos. vol. III*, ms. 15195, fls. 208-212.

daquellas academias de princípios do século XVIII, cheias das ridicularias do gongorismo”, dentre as quais se enquadrava a Academia dos Anônimos.

Ainda de acordo com Taunay<sup>178</sup>, Bartholomeu também havia sido sócio da Academia dos Generosos, baseado em informações obtidas pelo historiador Rodolfo Garcia (1873-1949) que as havia extraído das edições manuscritas da *Gazeta de Lisboa* de 1717. Assim, segundo Taunay, Bartholomeu havia lido, nesta academia, dois ensaios de sua autoria: *Qual he mais illustre, se a prudência ou a temperança* (em junho de 1717) e *Problemas impossíveis* (em 9 de dezembro de 1717).

Fundada em 1647, a Academia dos Generosos teve diversos momentos de continuidade e interrupção, inclusive seu próprio nome havia sido modificado ao longo dos anos, pois a partir de 1696 ela ressurgiu com o nome de *Conferências Eruditas e Discretas* e posteriormente, em 1717, passa a se chamar *Academia Portuguesa*<sup>179</sup>.

Nesta academia discursava-se sobre “questões filosóficas [Física e Moral], problemas mathematicos, poesias diversas, e trabalhos philologicos relativos á língua portugueza<sup>180</sup>”.

Na década 1960, Divaldo Freitas<sup>181</sup> procurou investigar a veracidade das informações fornecidas por Rodolfo Garcia e concluiu que nas edições de 1717 (e anos seguintes) da *Gazeta de Lisboa* não constam informações relativas à leitura dos ensaios de Bartholomeu na Academia dos Generosos. No entanto, não deixa de ser verídica a existência do ensaio literário *Qual he mais illustre, se a prudência ou a temperança*, atribuído a Bartholomeu de

<sup>177</sup> TAUNAY, 1934, p. 211; Idem, 1938a, p. 266.

<sup>178</sup> TANAY, 1938a, p. 270.

<sup>179</sup> RIBEIRO, José, 1871, tomo I, p. 154-159; REMÉDIOS, 1930, p. 314.

<sup>180</sup> Cita José Ribeiro a distribuição de assuntos debatidos pelos acadêmicos, onde constam temas tais como *Philosophia Natural* (Cosmógrafo-mor Manuel Pimentel), *A lógica moderna, comparada com a dos antigos* (Manuel de Azevedo Fortes) e *Paradoxos Matemáticos* (José Contador). Ver: (RIBEIRO, José, 1871, tomo I, p. 155).

<sup>181</sup> Em 1967, Divaldo Freitas solicitou consulta ao Dr. Luis Ferrand de Almeida (1922-2006), de Coimbra, que após consultar as edições da *Gazeta de Lisboa* concluiu que “nos números da *Gazeta* correspondentes a 1717 e seguintes, não há semelhantes notícias; deve tratar-se de um engano de Taunay, ou de Rodolfo Garcia ao referirem com fonte bibliográfica a *Gazeta de Lisboa*”. Ver: (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 98).

Gusmão, conforme consta em um manuscrito setecentista que pertence ao acervo da King's Library de Londres.<sup>182</sup>

Quanto ao ensaio literário *Problemas impossíveis*, supostamente de autoria de Bartholomeu de Gusmão, não nos foi possível investigar a veracidade das informações fornecidas por Taunay e Rodolfo Garcia, pois ambos os historiadores não forneceram a fonte bibliográfica deste ensaio literário.

A única informação que conseguimos apurar sobre a possível passagem de Bartholomeu pela Academia dos Generosos, é fornecida por uma nota contida no final do ensaio *Qual he mais illustre, se a prudência ou a temperança*:

Diga [discurso do]... Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão na Academia do [4º] Conde da Ericeyra depois que veio da primeira fugida que fez para o Norte [da Europa].<sup>183</sup>

Segundo Mendes dos Remédios<sup>184</sup>, o ano de 1717 marca um momento de transição e renovação para a Academia dos Generosos, que nesta época ressurgiu com o nome de *Academia Portuguesa* e cujas sessões ocorriam na Casa da Livraria<sup>185</sup> do 4º Conde da Ericeira (D. Francisco Xavier de Menezes 1673-1743), local onde já haviam ocorrido as *Conferências discretas e eruditas*, denominação anterior da mesma Academia dos Generosos, conforme nos informa o Padre D. Rafael Bluteau (1638-1734) que foi um dos ilustres sócios desta academia em 1717.

---

<sup>182</sup> Este manuscrito de título *Problema de Bartholomeu Lourenço de Gusmão - Qual é mais illustre, se a Prudência, se a Temperança* pertencente ao acervo da King's Library de Londres (códice 15195, tomo III da Coleção dos Papéis Políticos, fls. 208r-212v). Segundo Taunay (1934, p. 216-223), trata-se de mera cópia, possivelmente transcrita no segundo quartel do século XVIII.

<sup>183</sup> *Ibidem*, p. 218.

<sup>184</sup> REMÉDIOS, 1930, p. 314; Cf. RIBEIRO, José, 1871, Tomo I, p. 155-163.

<sup>185</sup> Segundo Theóphilo Braga, a Casa da Livraria do 4º Conde da Ericeira, situada no Palácio da Anunciada, possuía cerca de 18.000 volumes impressos e aproximadamente mil manuscritos (portugueses e estrangeiros). O acervo incluía livros de gramática, filosofia, medicina, história natural, filologia, dicionários, poética e oratória. Infelizmente esta notável biblioteca, que era cultuada e atualizada pelos Condes da Ericeira há gerações, ficou completamente destruída após um grande incêndio que se seguiu ao terremoto de 1º de novembro de 1755 e que atingiu o Palácio da Anunciada, reduzindo-se a cinzas grande parte do valiosíssimo acervo documental desta livraria. Ver: (BRAGA, Theophilo, 1899, p. 27-28).

[...] a antiga e sempre veneranda *Academia dos Generosos*, que nos annos passados se disfarçara com o título de *Conferencias Eruditas* [...].<sup>186</sup>

Em função do apoio do 4º Conde da Ericeira ao desenvolvimento de produções literárias e à profusão de conferências sobre temas filosóficos e *científicos* realizadas em sua suntuosa biblioteca localizada no Palácio da Anunciada, a *Academia Portuguesa* ganharia do público intelectual, o nome não oficial de *Academia do Conde da Ericeira*.

Portanto, a partir das informações colhidas no ensaio *Qual he mais illustre, se a prudência ou a temperança*, podemos afirmar que Bartholomeu Lourenço, na melhor das hipóteses, havia sido sócio da Academia dos Generosos no período em que esta academia era conhecida como *Academia Portuguesa*, ou *Academia do Conde da Ericeira*, porém não podemos afirmar se de fato Bartholomeu pertenceu a esta agremiação especificamente no ano de 1717, como defendiam Taunay e Rodolfo Garcia.

Concomitantemente a sua participação em academias portuguesas, Bartholomeu destacou-se também como orador sacro, tendo imprimido, pelo menos, três sermões:

- Sermão da Virgem Maria (1712)<sup>187</sup>;
- Sermão a Nossa Senhora do Desterro (1718)<sup>188</sup>;
- Sermão da Festa do Corpo de Deus (1721)<sup>189</sup>.

---

<sup>186</sup> *Preambulo breve na renovação da Academia dos Generosos, na casa do conde da Ericeira, ... pelo padre D. Rafael Bluteau, anno 1717.* Apud (RIBEIRO, José, 1871, Tomo I, p. 159).

<sup>187</sup> LOURENÇO, Bartholomeu. *Sermam da Virgem Maria*. Lisboa: Officina Deslandesiana, 1712. Apud (TAUNAY, 1934, p. 87-132).

<sup>188</sup> GUSMAM, Bartholomeu Lourenço. *Sermam a Nossa Senhora do Desterro*. Lisboa Occidental: Antonio Pedrozo Galram, 1718. Apud (TAUNAY, 1934, p. 133-157).

<sup>189</sup> GUSMAM, Bartholomeu Lourenço. *Sermam pregado na Festa do Corpo de Deos*. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1721. Apud (TAUNAY, 1934, p. 159-188).

Sobre a participação de Bartholomeu Lourenço na Academia Real de História Portuguesa<sup>190</sup>, ela é sem sombra de dúvidas a mais bem documentada dentre todas as suas participações em academias portuguesas. Os resumos de sua atuação nesta academia foram impressos em diversas edições da *Coleção dos documentos, estatutos e memórias da Academia Real da História Portuguesa*<sup>191</sup>, onde constam dezenas de conferências realizadas por ele entre os anos de 1721 e 1724, que visavam, sobretudo, dar conta de seus estudos sobre a *História Eclesiástica do Bispado do Porto*<sup>192</sup>, incumbência esta que lhe fora dada na ocasião em que foi escolhido para ser um dos cinquenta primeiros acadêmicos do número (efetivo)<sup>193</sup> desta academia fundada em 08 de dezembro de 1720, por decreto<sup>194</sup> de D. João V.

Não constitui nosso objetivo, neste trabalho, apresentar as minúcias da pesquisa histórica desenvolvida pelo Dr. Bartholomeu Lourenço, nesta academia, mas apenas salientar que seus estudos sobre a *História Eclesiástica do Bispado do Porto*, segundo Magalhães Basto<sup>195</sup>, foram desenvolvidos com maestria e elevado rigor historiográfico. Seus resultados

---

<sup>190</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre a Academia Real da História Portuguesa, ver: MOTA, Isabel Ferreira da. *A Academia Real da História - os intelectuais, o poder cultural, e o poder monárquico no século XVIII*. Coimbra: Edições Minerva-Coimbra, 2003.

<sup>191</sup> *Colleçam dos documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. Lisboa Occidental: Officina de Pascoal da Sylva, vols. 1721-1725.

Menções sobre os discursos proferidos pelo Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, nesta academia, constam nos seguintes volumes desta obra:

**Vol. 1721:** Conferência de 22-12-1720; de 5-01-1721; 04-03-1721; 18-03-1721; 1º-04-1721; 16-04-1721; 30-04-1721; 14-08-1721; 28-08-1721; 09-10-1721; 06-11-1721; 20-11-1721;

**Vol. 1722:** Conferência de 12-2-1722; de 25-02-1722; 12-05-1722; 28-05-1722; 30-7-1722; 13-08-1722; 27-08-1722; 09-12-1722;

**Vol. 1723:** Conferência de 23-12-1722; de 04-03-1723, p. 63; 18-03-1723, p. 69-70; de 10-06-1723, p. 224; 22-06-1723; 19-08-1723; 16-09-1723, p. 299-304; 09-12-1723, p. 515;

**Vol. 1724:** Conferência de 23-12-1723; de 13-1-1724, num. IV, p. I; 27-01-1724, num. VI, p. I; 23-03-1724, num. XI, p. 3; 06-04-1724, num. XII, p. I; 28-06-1724, num. XVII, p. 6; 13-07-1724, num. XIX, p. 5; 20-09-1724, num. XXVI, p.5;

**Vol. 1725:** Conferência de 22-12-1724, num. I, p. 3.

<sup>192</sup> “... para compor as memórias [do Bispado do Porto] na língua Portugueza o Doutor Bartholomeu Lourenço de Gusmão”. Ver: SYLVA, Manoel Telles da. *Historia da Academia Real da Historia Portugueza*. Tomo I. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727, p. 62.

<sup>193</sup> *Ibidem*, p. 55.

<sup>194</sup> “Decreto porque El Rey N. Senhor D. João o V. foy servido instituir a Academia Real de Historia Portugueza”. In: *Colleçam dos documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. vol. de 1721.

<sup>195</sup> Para um estudo mais aprofundado sobre a pesquisa histórica desenvolvida por Bartholomeu Lourenço, nesta academia, ver também: BASTO, Artur de Magalhães. “Bartolomeu de Gusmão, D. Julião I e a carta dum leitor”.

vieram a corrigir alguns equívocos presentes no estudo histórico anterior, publicado pelo arcebispo D. Rodrigo da Cunha<sup>196</sup>, em 1623. Porém salientamos que Bartholomeu Lourenço não chegou a terminar a pesquisa histórica que lhe fora designada nesta academia, apresentando apenas a terça parte na conferência de 16 de setembro de 1723<sup>197</sup>. Com a morte de Bartholomeu em novembro de 1724, em janeiro do ano seguinte foi escolhido para ser seu sucessor nessa academia Nuno da Silva Teles<sup>198</sup>, que fora incumbido de dar prosseguimento às pesquisas históricas sobre o Bispado do Porto. Essas pesquisas foram continuadas pelo acadêmico supranumérico (correspondente no Porto) Antonio Cerqueira Pinto<sup>199</sup>, que em 1742 foi responsável pela elaboração da segunda edição do *Catálogo dos Bispos do Porto composto pelo illustrissimo D. Rodrigo da Cunha*, acrescentando-se a esta edição resultados de sua pesquisa histórica que, de acordo com Magalhães Basto<sup>200</sup>, é nitidamente inferior aos estudos históricos realizados por Bartholomeu duas décadas antes.

O Dr. Bartholomeu Lourenço não foi certamente o único sócio desta academia a primar pelo rigor historiográfico, pois havia um texto normativo denominado *Systema*<sup>201</sup>, composto por regras de investigação histórica que, em princípio, deveriam ser seguidas por

In seção *Falam Velhos Manuscritos*, *Jornal O Primeiro de Janeiro*. Porto, p.1, 30 nov.1934; Idem. “Notícias curiosas sobre assuntos portuenses extraídas dos papéis do acadêmico setecentista António Cerqueira Pinto”. In: *Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto: Edições Maranus, vol. XII, fasc. 1-2, 1949; Idem. *Porto e Brasil: figuras e factos da história luso-brasileira*. Porto: Livraria Progredior, 1946, p. 52-63.

<sup>196</sup> CUNHA, D. Rodrigo da. *Catálogo e História dos Bispos do Porto*. Porto, 1623.

<sup>197</sup> *Collecção dos documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. vol. de 1723, conferência de 23-09-1723, p. 299-304.

<sup>198</sup> *Collecção dos documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. vol. de 1725, conferência de 04-01-1725, num. III, p. I; de 19-04-1725, num. X, p. 2-6; 08-11-1725, num. XXVI, p. I a 7; 21-03-1726.

Nessas três últimas conferências, Nuno da Silva Teles deu conta de seus estudos sobre o Bispado do Porto, ocasiões em agradecera a colaboração dos acadêmicos D. António Caetano de Souza, Francisco Leitão Ferreira e Manuel Pereira Leal, e injustamente não faz nenhuma menção a importante colaboração do Dr. Bartholomeu Lourenço.

<sup>199</sup> António Cerqueira Pinto, nesta edição revisada do Catálogo dos Bispos do Porto, tal como Nuno da Silva Teles, também não fez menção às pesquisas históricas do Dr. Bartholomeu Lourenço. O motivo de não se dar crédito as pesquisas históricas desenvolvidas por Bartholomeu está, possivelmente, relacionado com um escândalo político e religioso em que teve seu nome envolvido em 1724 e que será detalhado no capítulo 4.6.

<sup>200</sup> Ver: BASTO, Artur, 1946, p. 56.

<sup>201</sup> *Systema da Historia Ecclesiastica e Secular de Portugal, que há de escrever a Academia Real da Historia Portugueza*. In: *Collecção dos documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*, vol. 1721. (este volume não possui numeração de páginas).

todos os acadêmicos do número, de forma que na elaboração de suas respectivas pesquisas históricas zelassem pela linguagem clara e imparcial<sup>202</sup>, bem como pelo conhecimento apurado da Geografia e da Cronologia que, de acordo com o *Systema*, “são os dous olhos da Historia<sup>203</sup>”. Agindo desta forma, “os acadêmicos tentavam libertar-se da [antiga] história que se limitava a repetir bonitas lendas e a aceitar sem mais exame, nem elementos de confirmação, o que registravam os cronistas mais antigos<sup>204</sup>”. Assim, o principal objetivo com a criação da *Academia Real da História Portuguesa* foi romper com séculos de atraso neste campo do saber, transformando a década de 1720 numa linha divisória entre a antiga e a moderna forma de escrever história em Portugal.<sup>205</sup>

Paralelamente às atividades como historiador, na *Academia Real*, pelo menos no ano 1721, Bartholomeu também se mantinha sócio da *Academia Portuguesa*<sup>206</sup>, que sendo remanescente da *Academia dos Generosos*, direcionava-se à filosofia, à física, à matemática, à história e à poesia.

Além do Padre Bartholomeu, em 1721, provavelmente muitos outros sócios da *Academia Real* também teriam sido sócios da *Academia Portuguesa*, pois diversos membros da *Academia Real* manifestavam interesse não apenas pela História, mas também pela Física e pela Matemática, dentre os quais destacamos o matemático José Contador de Argote, o engenheiro Manuel de Azevedo Fórtes, o padre D. Rafael Bluteau, o Padre Manuel de

---

<sup>202</sup> Defende Daniel de Souza, que embora, de início, se primasse pela imparcialidade na *Academia Real da Historia Portuguesa*, “acabou por suceder, afinal, que a maior parte do que se publicou não mostra seguir a ambicionada imparcialidade [proposta no *Systema*, em 1720]”. Ver: SOUZA, Daniel de. *Teoria da história e conhecimento histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982, p. 146.

<sup>203</sup> *Ibidem*, vol. 1721. (este volume não possui numeração de páginas).

<sup>204</sup> DOMINGUES, Mário. *D. João V - O homem e a sua época*. Lisboa: João Romano Torres Editor, 1964, p. 317.

<sup>205</sup> CÔRTE-REAL, João Afonso. “Recolhas de alguns elementos coevos para a história sincera do reinado de El-Rei Dom João V”. In: *Revista Las Ciências*. Madrid: Año XII, número 3, [1950?], p. 34-35.

<sup>206</sup> O frontispício da obra de Bartholomeu Lourenço de 1721, *Sermam pregado na Festa do Corpo de Deos*, releva três informações importantes: em 1721 Bartholomeu Lourenço de Gusmão era Fidalgo Capelão da Casa de Sua Majestade, sócio da *Academia Portuguesa* bem como da *Academia Real de História Portuguesa*. No ano seguinte, em 16-01-1722, Bartholomeu Lourenço de Gusmão recebeu o título de Fidalgo Capelão da Casa Real. Ver: (*Diccionario aristocratico contendo os alvarás dos foros de fidalgos da Casa Real*. Tomo A-E. Lisboa: Imprensa Nacional, 1840, p. 301).

Campos (prof. de matemática), além de D. Francisco Xavier de Menezes (4º Conde da Ericeira)<sup>207</sup>.

### 4.3 JURISTA, DIPLOMATA E DECIFRADOR DE CRIPTOGRAMAS

De acordo com Brito Rebello<sup>208</sup>, Bartholomeu havia faltado involuntariamente à segunda matrícula<sup>209</sup> do quinto e último ano da Faculdade de Cânones, possivelmente no início de 1720, para se dedicar a questão da sucessão da Casa de Aveiro<sup>210</sup> cuja causa jurídica dizia respeito a quem deveria pertencer a Casa e o título de Aveiro, após a morte da 6ª duquesa de Aveiro (D. Maria de Guadalupe de Lencastre), ocorrida em 1715. Bartholomeu retornou a Coimbra para fazer os exames finais<sup>211</sup> somente em maio de 1720, após ter atuado nesta causa jurídica que, em 22 de fevereiro de 1720, deu ganho de causa em favor de D.

---

<sup>207</sup> Além de academias voltadas para temas literários, históricos, filosóficos e matemáticos, também surgiram em Portugal, na década de 1740, academias voltadas para a ‘ciência médica’, formadas por cirurgiões, boticários e médicos, dentre as quais destacamos a Academia Cirúrgica Protótipo Lusitânia Portuense que tinha como objetivo discutir os métodos de tratamento de doenças, além do atendimento gratuito a enfermos pobres. Ver: DOMINGUES, Mário, 1964, p. 326-327; RIBEIRO, José, 1871, tomo I, p. 174-176.

<sup>208</sup> REBELLO, Brito, Revista *O Occidente*, vol. 6, nº 177, 21 nov. 1883, p. 258-259.

<sup>209</sup> António Nunes Ribeiro Sanches (1699-1783), que frequentou a Universidade de Coimbra entre 1716 e 1719, informa que o ano letivo desta universidade durava cerca de sete meses, iniciando-se em 18 de outubro e finalizando-se em 15 de maio.

Segundo Divaldo Freitas, havia no início do século XVIII, nesta Universidade, um livro de Registro de Matrículas que deveria ser assinado pelo aluno três vezes no ano, no início (em 18 de outubro), no meio do ano escolar, e em no final (em 15 de maio). Assim, Bartholomeu, faltou à segunda matrícula, provavelmente no mês de janeiro de 1720, que corresponde aproximadamente o meio do ano escolar nesta Universidade. Ver: (FREITAS, Divaldo, 1969, p. 65).

<sup>210</sup> FREITAS, Divaldo, 1969, p. 70-72.

<sup>211</sup> Brito Rebello, em seu artigo de 21 de novembro de 1883, apresentou a transcrição de um documento oficial, datado de março de 1720 (IANTT, Papéis relativos à Universidade [de Coimbra], maço 25-71), através do qual Bartholomeu justificou sua falta à segunda matrícula do quinto e último ano da Faculdade de Cânones por estar atarefado no caso da sucessão da Casa de Aveiro. Neste documento, Bartholomeu solicita a D. João V que lhe fosse abonada esta falta para que viesse a fazer os exames de fim de curso marcados para o mês de maio de 1720. Em 11 de março de 1720 D. João V atende à solicitação do Padre Bartholomeu, concedendo-lhe dispensa da segunda matrícula. A transcrição deste manuscrito consta em: FREITAS, Divaldo, p. 193-194 (documento nº 34).

Gabriel de Lencastre (1667-1745)<sup>212</sup> que nove anos depois assumiu o ducado, tornando-se 7º Duque de Aveiro.

Concluídos os estudos em 16 de junho de 1720, e agora de posse do título de Doutor em Cânones pela Universidade de Coimbra<sup>213</sup>, Bartholomeu retornou a Lisboa em data ainda indeterminada, e a partir de julho de 1721 já figurava na Secretaria de Estado, provavelmente assumindo funções diplomáticas, no auxílio do então Secretário Diogo de Mendonça Corte Real (1658 - 1736), conforme atestam diversas correspondências trocadas entre Bartholomeu e D. Luiz da Cunha (1662 - 1749), então embaixador de Portugal em Paris<sup>214</sup>.

Poucos meses após o seu doutoramento em Coimbra, é atribuída ao Dr. Bartholomeu Lourenço uma possível participação em negociações eclesiásticas entre o governo português e a Santa Sé que visavam à concessão de duas bulas do serviço da Patriarcal de Lisboa e dos rendimentos das quartas partes dos bispados deste reino. Esta informação provém de um depoimento feito por seu irmão, Alexandre de Gusmão, em sua *Representação feita ao Fidelissimo Rey o Snr D. João Quinto* (1749) que contém um polêmico trecho a respeito de uma possível participação de Bartholomeu em uma missão diplomática em Roma, entre o final de 1720 e início de 1721<sup>215</sup>. Tivemos a sorte de ter em mãos uma cópia setecentista deste manuscrito, transcrita por Frei Lucas de S. Pinheiro, provavelmente pouco depois de 1784.

[...] Neste mesmo tempo [1720] se negociavam em Roma as bulas do serviço da Patriarcal, e das quartas partes dos bispados, com muitas demoras

<sup>212</sup> Não há evidências de que a atuação de Bartholomeu Lourenço neste caso jurídico tenha sido “brilhante ou notável”, como defendia Taunay (1938a, p. 191), pois ao veredicto de 22-02-1720 a favor de D. Gabriel de Lencastre, seguiu-se um embargo que somente foi retirado em 18 de novembro de 1724. O processo se arrolou por mais cinco anos, finalizando-se definitivamente, em 22 de março de 1729 e ratificando-se, nesta data, o ganho de causa em favor de D. Gabriel de Lencastre.

No ano de 1732, D. Gabriel de Lencastre tornou-se 7º Duque de Aveiro, tomando posse da Casa de Aveiro. Ver: SOARES, Sérgio Cunha. “O Ducado de Aveiro e a Vila da Lousã no século XVIII (1732-1759)”. In: Separata de *Arunce* - Revista de Divulgação Cultural. Lousã: nº 11/12 (1996/1997), p. 37 et seq.

<sup>213</sup> REBELLO, Brito. Revista *O Occidente*, vol. 7, nº 181, 1º jan. 1884, p. 6.

<sup>214</sup> IANTT, *Cartas de D. Luiz da Cunha para a Corte*, tomo 19. Cartas de 1721: 28 de julho, 27 de outubro, 3 de novembro, 29 de novembro, 24 de novembro. Apud (FARIA, 1910, p. 70-75).

<sup>215</sup> PINHEIRO, José, RIHGB, tomo 65, parte I, 1902, p. 398; REBELLO, Brito, Revista *O Occidente*, vol. 7, nº 186, 21 fev. 1884, p. 43; TAUNAY, 1938a, p. 195-206.

e equívocos, por falta da inteira percepção das intenções de V. Majestade nos que solicitavam aquelas graças; pelo que julgou V. Majestade necessário mandar a tratar delas quem tivesse bem compreendido o que V. Majestade desejava. E como por ser *Bartolomeu Lourenço* [grifo nosso], irmão do suplicante, quem lidava naquele negócio, e V. Majestade se havia dignado de admitir o suplicante [Alexandre de Gusmão] ao mesmo trabalho, caiu a real eleição de V. Majestade sobre o suplicante, ordenando-lhe que fosse a estar em Roma dois meses, que V. Majestade reputava bastante para concluir as ditas expedições, e que acabadas elas voltasse para seu destino de Cambray.<sup>216</sup>

Não são necessários muitos argumentos para se provar que Bartholomeu Lourenço jamais teria sido enviado a Roma para participar de tal missão diplomática, pois estando ele, entre o final de 1720 e início de 1721, a participar de diversas conferências na Academia Real de História Portuguesa, conforme atesta a *Coleção de Documentos*<sup>217</sup> já mencionada, não poderia, pois, estar em igual período a tratar de questões eclesiásticas em Roma. Logo, uma interpretação mais plausível para o polêmico trecho da *Representação* seria que, na melhor das hipóteses, o Dr. Bartholomeu Lourenço havia sido encarregado de tratar desta questão diplomática, em Lisboa, de onde teria instruído negociadores oficiais enviados a Roma, que lá estavam para tratar de perto desta questão diplomática. Porém, em função dos negociadores em Roma não terem entendido bem aquilo que Sua Majestade desejava, foi enviado a Roma para tratar desta questão seu irmão mais jovem, Alexandre de Gusmão. No entanto, a participação efetiva de Alexandre nas negociações diplomáticas deve ter sido mínima, haja vista que, de acordo com Jaime Cortesão, mesmo antes de sua partida de Lisboa, marcada para novembro de 1720, o Papa Clemente XI, no final do mês de setembro deste mesmo ano, já havia concedido benefícios tanto ao corpo eclesiástico da Patriarcal de Lisboa quanto à própria realza portuguesa, atendendo, portanto, grande parte das solicitações requeridas por

<sup>216</sup> PINHEIRO, Lucas de S. Joaquim (Frei). “Representação feita ao Fidelíssimo Rei o Sr. D. João quinto – Por Alexandre de Gusmão”. In: *Cartas, consultas e mais obras de Alexandre de Gusmão: máquina aerostática do Padre Bartholomeu Guerreiro* [sic]. [S.l.] IANTT, manuscrito da Livraria 1011, [17--?], p. 175-176. (PT-TT-MSLIV/1011).

<sup>217</sup> *Collecçam dos documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portuguesa*. vol. de 1721. Ver Conferências de 22-12-1720, 5-01-1721, 04-03-1721 e 18-03-1721 que demonstram que o Dr. Bartholomeu Lourenço estava em Lisboa nestas datas, e, portanto não poderia estar, neste período, a tratar de questões eclesiásticas em Roma.

D. João V. Alexandre de Gusmão chegou a Roma em março de 1721 e dois meses depois esta questão diplomática já havia sido totalmente concluída<sup>218</sup>.

Alexandre de Gusmão, em sua *Representação feita ao Fidelíssimo Rey* ainda relata outra habilidade intelectual do Dr. Bartholomeu Lourenço: *decifrador de criptogramas*.

[...] Quando o suplicante [Alexandre de Gusmão] começou a ser admitido por V. Majestade em coisas de maior segredo, achou praticado o mesmo que em todas as cortes se pratica, de se abrirem aquelas cartas de que podem resultar perigo e inquietação deste Estado [Portugal]: esta diligência era porém quase infrutuosa, porque as coisas que se queriam recatar de reconhecimento desta corte, iam ou vinham cifradas; e depois da morte do dito irmão do suplicante [Dr. Bartholomeu Lourenço] não havia quem descobrisse as cifras, nem já serviam as que tinha descoberto, porque os ministros que tinham vindo de novo haviam trazido outras diversas.<sup>219</sup>

De acordo com Brito Rebello:

[...] era estylo então seguido em algumas côrtes da Europa, se não em todas, a violação da correspondência dos diversos governos com os seus representantes; por este pernicioso habito, inventado não nos lembra por quem, sabia o gabinete de uma nação conhecendo de antemão o que os das outras lhe queria communicar ou exigir e aquillo que era preciso occultar-lhe, a maneira porque deviam ser dirigidos os diversos negócios, precavendo-se para os discutir, repellir, addiar, combater, procurando os argumentos, documentos e mais instrumentos necessários para o combate diplomático em que era preciso astúcia, finura, sisudez e segurança.<sup>220</sup>

<sup>218</sup> Alexandre permaneceu em Roma por mais sete anos, somente retornando a Lisboa em 1728. O fato de Alexandre de Gusmão ter permanecido em Roma mesmo depois de concluída, em maio de 1721, a questão diplomática de concessão das tais “bulas do serviço da Patriarcal” e das “quartas partes dos bispados” levou Jaime Cortesão a defender que o “verdadeiro ou principal objeto da missão de Alexandre de Gusmão a Roma foi já a questão do capelo de Bicchi”, pois era desejo de D. João V que neste período, Vicente Bicchi, Núncio Apostólico de Lisboa, fosse elevado a Cardeal. A negação do Papa Clemente XI, à elevação de Vicente Bicchi a Cardeal, renderia maus frutos nas relações entre o governo português e a Santa Sé, a ponto de se chegar ao rompimento de relações com o Vaticano em 1728. Poucos meses depois deste incidente, Alexandre de Gusmão retorna a Lisboa. Ver: (CORTESÃO, Jaime, 1952, tomo I, parte I, p. 221-226); (DOMINGUES, Mário, 1964, p. 258-268).

<sup>219</sup> PINHEIRO, Lucas de S. Joaquim (Frei). “Representação feita ao Fidelíssimo Rei o Sr. D. João quinto – Por Alexandre de Gusmão”. In: *Cartas, consultas e mais obras de Alexandre de Gusmão: máquina aerostática do Padre Bartholomeu Guerreiro* [sic]. [S.l.]. IANTT, manuscrito da Livraria 1011, [17--?], p. 185. (PT-TT-MSLIV/1011).

<sup>220</sup> REBELLO, Brito, Revista *O Occidente*, vol. 7, nº 187, 1º mar. 1884, p. 51.

Portanto, o governo português, a exemplo de diversas outras nações europeias, interceptava correspondências secretas (criptogramas) trocadas entre nações estrangeiras e seus representantes em Portugal e posteriormente incumbia o Dr. Bartholomeu Lourenço da árdua tarefa de decifrá-las para antecipadamente revelar ao governo português o seu conteúdo, por uma questão de segurança nacional.

Podemos presumir, a partir dos relatos supracitados, que a partir de meados de 1721, o prestígio do Padre Bartholomeu Lourenço, junto à corte portuguesa, deva ter alcançado índices altíssimos, a ponto de, no final do mês de setembro deste mesmo ano, seu nome ter sido lembrado para tentar solucionar problema geográfico da maior importância para a soberania portuguesa sobre os limites territoriais da América Portuguesa.

Para que possamos entender o surgimento deste problema geográfico que poderia ocasionar enormes questões diplomáticas entre Portugal e Espanha, devemos retroceder a exatos 27 de novembro de 1720, quando Guilherme (ou Guillaume) Delisle, Primeiro Geógrafo do Rei de França, leu, perante a Academia Real das Ciências de Paris, sua dissertação de título *Détermination géographique de la situation et de l'étendue des différentes parties de la Terre*<sup>221</sup>, “obra revolucionária que marca época na história da geografia, [pois] representava a primeira e gigantesca tentativa para remodelar toda a carta da Terra, reunindo num só mapa as alterações de posição, obtidas com as longitudes observadas, por meios astronômicos [...]”<sup>222</sup>.

---

<sup>221</sup> DELISLE, Guillaume. “Détermination géographique de la situation et de l'étendue des différentes parties de la Terre”. In: *Histoire de l'Académie Royale des Sciences- année M. DCCXX*. Paris: L'Imprimerie Royale, 1722, p. 365-384.

<sup>222</sup> CORTESÃO, 1952a, parte I, tomo I, p. 274-275.

Em linhas gerais, a dissertação de Delisle relatava que os portugueses injustamente possuíam as Terras do Cabo do Norte<sup>223</sup> bem como a região da Colônia de Sacramento, no extremo sul da América Portuguesa<sup>224</sup>.

Diante do clima de apreensão que se instalara em Portugal com a divulgação da dissertação de Delisle, o governo português tentou diplomaticamente solicitar-lhe que não imprimisse tal dissertação, ou se o fizesse, excluísse do texto impresso<sup>225</sup> as polêmicas questões supracitadas que poderiam por em xeque os atuais limites territoriais da América Portuguesa, estabelecidos pelo Tratado de Tordesilhas (1494) e de Utrecht (1713 e 1715)<sup>226</sup>. Foi então que no mês de setembro de 1721, o nome do Dr. Bartholomeu Lourenço foi cogitado para tentar apresentar uma contra prova que viesse a contestar as afirmações feitas por Delisle, em sua dissertação.

[...] Suponho que V.Sa remeteu os Atlas de Monsenhor Delisle para Sua Majestade [D. João V] que me havia ordenado soubesse de V.Sa. se poderia aí descobrir o que El Rei de França costumava dar aos estrangeiros que lhe faziam semelhante oferta. Eu lembrei a Sua Majestade que este homem havia feito uma dissertação em que nos tirava a Colônia de Sacramento, sobre esta matéria lhe falou o Conde da Ribeira e creio que também falou ao Regente [Duque de Orleans], e não sei o que resultou daquela diligência e como *Bertholameu Lourenço de Gusmão* [grifo nosso] sabe de geografia escreve a V.Sa. sobre este particular.

Toda as pessoas reais logram boa saúde, Deus guarde a VSa. Lisboa Ocidental, 30 de setembro de 1721.<sup>227</sup>

<sup>223</sup> Porção de terras situada entre o rio Amazonas e o Oiapoque que desde 1713, com o primeiro Tratado de Utrecht, delimitava os domínios territoriais entre a América Portuguesa e a Guiana Francesa. Atualmente esta região é ocupada pelo Estado do Amapá.

<sup>224</sup> Embora a dissertação de Delisle não mencionasse que a região de extração de metais preciosos, situada em torno de Cuiabá estivesse em território espanhol, é evidente que Portugal também temesse perder esta região que, nitidamente, está a oeste da linha de Tordesilhas. Ver: (DELISLE, 1722, p. 374-375).

<sup>225</sup> Salientamos que, embora Delisle tenha lido sua dissertação, na Academia de Ciências de Paris, em 27 de novembro de 1720, seu artigo somente foi impresso em 1722, tempo suficiente para que o governo português tentasse, a qualquer custo, convencer Delisle de não publicá-la em função das enormes consequências que poderia acarretar nas relações diplomáticas Portugal-Espanha.

<sup>226</sup> Pelo segundo Tratado de Utrecht de 1715, a Espanha reconheceu o direito de Portugal sobre a região da Colônia de Sacramento. Esta região localiza-se atualmente no Uruguai.

<sup>227</sup> *Carta de Diogo de Mendonça Corte-Real (Secretário de Estado, Lisboa) para D. Luiz da Cunha (Embaixador de Portugal, Paris), de 30 de setembro de 1721.* Arquivo Histórico do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Portugal, Lisboa, Congresso de Cambrai. Livro de Registro dos documentos expedidos aos plenipotenciários, fls. 87v-89r. Apud (TAUNAY, “Novidades sobre o Voador”, *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*, 7 agosto 1949).

[...] Não se remeteu a V.Sa o papel [artigo?] do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão porque pareceu conveniente saber primeiro se Mr. Delisle imprimiu a dissertação e também vê-la antes para se lhe responder e assim espero que V.Sa me responda sobre este particular e me remeta a dita dissertação se acaso se imprimiu ou uma cópia dela manuscrita porque se a dita dissertação não saiu a público é escusada a resposta.  
 Toda as pessoas reais logram boa saúde, Deus guarde a V.Sa. Lisboa Ocidental, 7 de outubro de 1721.<sup>228</sup>

Não é crível que o Padre Bartholomeu Lourenço, isoladamente, conseguisse dar respostas plausíveis que viessem a contrapor a dissertação de Delisle, haja vista que, de acordo com Jaime Cortesão, esta dissertação englobava resultados de pesquisas de diversos cartógrafos e astrônomos espalhados por toda a Europa<sup>229</sup>. Além disso, para tentar provar que a linha de Tordesilhas situava-se a oeste das regiões das Terras do Cabo do Norte e da Colônia de Sacramento, Bartholomeu Lourenço deveria possuir conhecimentos atualizados não somente de geografia física, mas também de trigonometria esférica e de cálculos de longitudes a partir de observações astronômicas de eclipses da Lua e dos satélites de Júpiter<sup>230</sup>. Possuiria Bartholomeu Lourenço toda esta bagagem de conhecimentos necessários para tentar contrapor as sólidas argumentações de DeLisle? Por mais que sejamos compatriotas do ilustre santista, acreditamos que não. A única referência que identificamos sobre a possibilidade do Padre Bartholomeu ter manifestado interesse por assuntos astronômicos, consta no seguinte trecho de um manuscrito setecentista anônimo<sup>231</sup>:

---

<sup>228</sup> *Carta de Diogo de Mendonça Corte-Real (Secretário de Estado, Lisboa) para D. Luiz da Cunha (Embaixador de Portugal, Paris), 7 de outubro de 1721, fls. 89v-90v. Apud (TAUNAY, “Novidades sobre o Voador”, *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro*, 7 ago.1949).*

<sup>229</sup> CORTESÃO, 1952a, parte I, tomo I, p. 275.

<sup>230</sup> Ao posicionarmos a linha meridional de Tordesilhas (longitude aproximada de 46° W, de Belém-PA até Laguna-SC) num mapa do Brasil atual, é evidente que a Colônia de Sacramento (57° W), as regiões de extração de metais preciosos de Cuiabá (56° W), bem como as Terras do Cabo do Norte, estão todas a oeste da linha de Tordesilhas. Logo, mesmo que Bartholomeu Lourenço tivesse os conhecimentos científicos necessários para tentar contrapor as argumentações de Delisle, o nosso ilustre compatriota certamente se convenceria de que jamais conseguiria provar que Delisle estaria errado.

<sup>231</sup> *Memoria do P.º Bartholomeo Lourenço, chamado vulgarmente o Voador, pella razão q. abaixo se relata. [S.l.]. BGUC, códice 537, [ca. 1724], fl. 315v; A íntegra deste manuscrito consta no ANEXO XXV. Existe uma*

[...] Não faltou quem dissesse que [Bartholomeu Lourenço] alugara aquelas casas para maior liberdade, e que no pátio tinha um *andador de madeira* [grifo nosso], no qual se metia, dizendo que queria *observar os astros* [grifo nosso], e o dito carro rodava com violência, e não se tornava a sentir senão de madrugada, por que as noites dizem que as ia passar a Alcácer, de onde vieram umas feiticeiras, pouco antes da fuga.<sup>232</sup>

De acordo com Jaime Cortesão, a partir de dezembro de 1721, enfim, o governo português tomava ciência da íntegra da dissertação de Delisle, convencendo-se de que “para obviar a futuras alegações do governo espanhol, fundadas na situação do meridiano de Tordesilhas, era indispensável renovar, por meio dos novos métodos e, em especial, da cultura astronômica, a cartografia portuguesa e dar base científica à sua diplomacia<sup>233</sup>”. Portanto, o governo português, em fins de 1721, rende-se às sólidas argumentações científicas apresentadas por Delisle, desistindo de tentar impedir a publicação desta polêmica dissertação que, enfim, veio a lume em 1722. Mas Portugal certamente saiu de cabeça erguida desta derrota diplomática, pois decide iniciar, neste período, uma renovação da cartografia portuguesa, delegando-se ao engenheiro Manuel Azevedo Fortes<sup>234</sup> e aos jesuítas matemáticos Giovanni Battista Carbone e Domenico Capassi a tarefa inicial de atualizarem o ensino e prática da cartografia e da astronomia em Portugal<sup>235</sup>.

---

cópia desta *Memória*, transcrita por volta de 1753, com algumas variantes, e que foi publicada em: BAST, Amédée de. *Maravilhas do gênio do homem*. Lisboa: tomo I, José Maria Corrêa Seabra Editor, 1863, p. 192-200.

<sup>232</sup> A *fuga* do Padre Bartholomeu relatada no trecho descrito acima, ocorreu por volta do mês de setembro de 1724. Os motivos que o teriam levado a fugir de Lisboa, em 1724, serão tratados em ocasião oportuna, no capítulo 4.6.

<sup>233</sup> CORTESÃO, 1952a, parte I, tomo I, p. 280-281.

<sup>234</sup> Na sessão da Academia Real de História Portuguesa de 09-10-1721, portanto em pleno período de tensão pela divulgação da dissertação de Delisle, o acadêmico e engenheiro Manuel Azevedo Fortes denunciava que Portugal era a única nação da Europa, “que se achava sem cartas particulares [topográficas], sendo o primeiro que a todos mais ensinou a geografia e a navegação [no passado]. [...] Portanto “se podia esperar que os engenheiros portugueses, reatando aquela gloriosa tradição, fizessem com a maior exaço possível as cartas particulares destes Reinos[...]”. Ver: *Ibidem*, p. 281.

<sup>235</sup> Em 1722, ano em que, de fato, foi impresso em Paris, o artigo de Delisle, o engenheiro Manuel Azevedo Fortes publicou sua obra *Tratado do modo mais fácil, e o mais exacto de fazer as Cartas Geografica*. Neste mesmo ano, chegaram a Lisboa, a convite de D. João V, os jesuítas italianos Giovanni Battista Carbone e Domenico Capassi que, segundo Rômulo de Carvalho, teriam sido responsáveis pela instalação de dois observatórios astronômicos em Lisboa: um no Colégio jesuítico de Santo Antão e outro no Paço da Ribeira, cujas primeiras observações astronômicas datam de novembro de 1724. Quatro anos mais tarde, em 1728, nova

Não nos foi possível apurar qual a efetiva participação do Padre Bartholomeu Lourenço neste período de renovação da cartografia portuguesa, iniciada a partir de 1722. Porém julgamos que, estando Bartholomeu, neste período, a ocupar funções diplomáticas na Secretaria de Estado de Portugal, é provável que tenha atuado apenas na fase de negociações diplomáticas para que a dissertação de Delisle não viesse a ser publicada, pois sendo Bartholomeu homem de “ciência” poderia compreender, mesmo que superficialmente, os pontos intrigantes da dissertação de Delisle para posteriormente interpretá-los para uma linguagem acessível ao Secretário de Estado, Diogo de Mendonça Corte Real e Sua Majestade, D. João V, para que ambos tomassem conhecimento das reais implicações diplomáticas que se sucederiam com a publicação desta polêmica dissertação.

#### 4.4 MATEMÁTICO

Como bem afirmou o historiador Carlos Ziller<sup>236</sup>, muito se tem escrito sobre o Padre Bartholomeu sem o menor fundamento histórico-científico, e lhe são atribuídas diversas habilidades intelectuais, divulgadas em uma infinidade de publicações que, em sua maioria, parecem apenas repetir informações infundadas, desprovidas de qualquer respaldo documental confiável, e que infelizmente se propagaram ao longo de décadas e mais décadas,

---

contribuição do engenheiro Manuel Azevedo Fortes, através de sua obra *Engenheiro Portuguez*. E no ano seguinte, em 1729, partem para a América Portuguesa, Diogo Soares e Domenico Capassi, com a missão de atualizarem as latitudes e longitudes dos mapas do Brasil. Ver: CARVALHO, Rómulo de. *A astronomia em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Breve, vol. 100, 1985, p. 37-53; CORTESÃO, 1952a, parte I, tomo I, p. 284-291; Idem. “A Missão dos Padres Matemáticos no Brasil”. In revista trimestral *Studia*. Lisboa, fasc. 1, jan. 1958, p. 123-124.

<sup>236</sup> “[...] quanto ao problema em questão, relativo às atividades científicas de Bartolomeu de Gusmão, chamo sua atenção para o fato de que muito do que se tem dito mais deve a mitos criados pela historiografia do século XX que a testemunhos fiáveis [...]”. CAMENIETZKI, Carlos Ziller. *Bartholomeu de Gusmão*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[denivaldo2004@yahoo.com.br](mailto:denivaldo2004@yahoo.com.br)> em 17 Jul. 2006.

desde meados do século XIX até os dias atuais. E é justamente sobre as habilidades intelectuais do Padre Bartholomeu relacionadas à Física e à Matemática, que se tem propagado o maior número de informações, geralmente, ditas ao léu sem nenhum respaldo documental confiável em que possam se apoiar.

É inegável o interesse do Dr. Bartholomeu Lourenço pela Matemática, conforme atestam depoimentos de contemporâneos, tais como os de Diogo Barbosa Machado (1741)<sup>237</sup>, Miguel Martins de Araújo (1754)<sup>238</sup> e do poeta italiano Píer Jacopo Martello (1723)<sup>239</sup>. No entanto, ao contrário daquilo que muito se tem escrito a esse respeito, não identificamos nenhuma documentação confiável que possa atestar que Bartholomeu tenha estudado matemática formalmente na Universidade de Coimbra ou em qualquer outra universidade européia, e muito menos de que tenha chegado a ser professor desta disciplina em Coimbra ou em Lisboa, como se afirma em uma infinidade de artigos<sup>240</sup>. Existem, naturalmente, diversos impressos e manuscritos setecentistas onde se afirma que Bartholomeu teria sido indicado para assumir a cadeira de “lente de prima de mathematica na Universidade de Coimbra”, como possível prêmio pelo suposto sucesso, em 1709, de seu principal invento, o “instrumento para andar pelo ar<sup>241</sup>”. Mas a efetiva nomeação de Bartholomeu para assumir a

---

<sup>237</sup> “[...] logo nos primeiros annos deo manifestos indícios do grande talento que lhe concedeu liberal a natureza, assim na admirável promptidaõ, com que comprehendeo as dificuldades da Filosofia, e Mathematica...”. (MACHADO, Diogo, 1741, Tomo I, p. 463); **ANEXO XXVII**.

<sup>238</sup> “[...] Merecia na Corte geral estimação do Rey, e da Nobreza, seu irmão Bartholomeu Lourenço, Presbytero Secular, de cuja eloquência, e estudos se conservará sempre com respeito à memória [...] e não menos os [seus] utilíssimos estudos de Mathematica”. (ARAÚJO, Miguel, 1754).

<sup>239</sup> Reporta o poeta italiano, Píer Jacopo Martello (1665-1727), que o então Embaixador de Portugal em Roma, 3º Marquês de Fontes, havia lhe informado que seu filho primogênito, D. Joaquim Sá Meneses e Almeida, (8º Conde de Penaguião) tivera seus estudos confiados “ao Matemático Brasileiro [Padre Bartholomeu Lourenço]”. Ver: MARTELLO, Píer Jacopo, 1723, p. 377; **ANEXO XIX**.

<sup>240</sup> Como exemplo de obras e artigos onde se afirma que Bartholomeu Lourenço havia sido professor de matemática em Coimbra, citamos: BLAKE, Augusto Vitorino A. Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Ed. fac-similar (1883-1902), vol. I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1970, p. 383; XAVIER, Cesar Feliciano. *O Voador - Bartholomeu Lourenço de Gusmão, sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1933. p. 24; SILVA, João Manuel Pereira da. *Os Varões illustres do Brazil durante os tempos coloniães*. Tomo I. Pariz: Livraria de Guillaumin, 1858, p. 215; “Bartolomeu de Gusmão, o padre voador”. In revista *Pesquisa FAPESP*-edições Especiais. São Paulo, edição 52, abril 2000, p. 7.

<sup>241</sup> Os pormenores deste invento será objeto de estudo na seção 4.5 deste capítulo.

cadeira de lente de matemática em Coimbra, aparentemente jamais se concretizou, pelos motivos que explicaremos a seguir, baseados em três depoimentos setecentistas correlatos:

[ 1º ] [...] para com mais vontade o supplicante [Bartholomeu Lourenço] se aplicar ao novo invento [instrumento para andar pelo ar], obrando o effeito, que relata, [ eu, o Rei] lhe faço mercê da primeira dignidade que vagar em as minhas collegiadas de Barcellos, ou Santarém, e de lente de prima de mathematica na minha Universidade de Coimbra, com seiscentos mil réis de renda, que crio de novo em vida do supplicante sómente. Lisboa 17 de d’abril de 1709. Com a rubrica de Sua Magestade [D. João V].<sup>242</sup>

[ 2º ] [...] em março [1709] inventou o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão um instrumento para andar pelo ar, e El Rei lhe fez mercê da primeira Dignidade que vagar na Collegiada de Barcellos, e de Lente de Prima Mathematica na Universidade de Coimbra com 600:000 reis de renda, *mas nada teve effeito* [griffo nosso].<sup>243</sup>

Como podemos observar, os depoimentos citados acima são bastante similares, porém o segundo depoimento, atribuído ao Padre João Baptista de Castro (1700-1775)<sup>244</sup>, acrescenta que, apesar da intenção de D. João V de conceder a Bartholomeu uma vaga de professor de matemática em Coimbra, *nada teve effeito*, ou seja, a promessa feita por Sua Majestade não havia se concretizado.

<sup>242</sup> *Petição do P. Bartholomeu Lourenço sobre um instrumento que inventou para andar pelo ar, e suas utilidades*. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1774. Apud (CARVALHO, Francisco, RIHGB, edição fac-similar, segunda série, tomo quinto, 1973, p. 339) [vol. 12, 1849].

Salientamos que este depoimento é, no entanto, anônimo e não teria sido emitido pelo governo português, como muito se tem divulgado. Aliás, o documento oficial (ANEXO VIII) alusivo ao “instrumento para andar pelo ar”, emitido pela Chancelaria de D. João V, em 19-04-1709, não inclui este trecho que acima transcrevemos.

<sup>243</sup> CASTRO, João Baptista de. *Pecúlio in fólio tomo 6º. Apontamentos históricos chronologicos do seculo XVIII*. Biblioteca Pública de Évora, [17--?]. Apud (CARVALHO, Francisco, *Actas das sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, Tomo I, 1849, p. 210-211).

Acrescenta Simões, Filipe (1868, p.21-22, nota 4) que o trecho transcrito acima está presente em dois códices da Biblioteca Pública de Évora (CXII/2-14 e CXII/2-6), sendo o primeiro códice abrangendo os acontecimentos ocorridos entre 1700 e 1774 e o segundo códice entre 1700 e 1768.

<sup>244</sup> Segundo o bibliógrafo português Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876), João Batista de Castro foi “Presbytero secular Beneficiado na Sancta Igreja Patriarchal de Lisboa” e escreveu cerca de 15 obras impressas sobre poesia e história. Felipe Simões acrescenta que João Batista de Castro escreveu também três obras manuscritas, dentre elas *Indagações curiosas breves e scientificas*, que citamos na nota anterior. Ver: SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo III. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. Reimpressão fac-similar, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987, p. 300-302; SIMÕES, Augusto Filipe. *A invenção dos aerostatos reivindicada - exame critico das noticias e documentos concernentes ás tentativas aeronauticas de Bartholomeu de Gusmão*. Évora: Typographia da Folha do Sul, 1868, p. 114.

No final do século XIX, Manuel Maria Rodrigues<sup>245</sup> descobriu um manuscrito setecentista atribuído a Salvador António Ferreira (1710)<sup>246</sup> cujas informações parecem esclarecer o motivo pelo qual D. João V não poderia cumprir com sua promessa feita ao Padre Bartholomeu. Porém, ao contrário dos dois depoentes citados acima, Salvador Ferreira informa que D. João V teria prometido arcar com as despesas do Padre Bartholomeu para estudar Matemática na Universidade de Coimbra, não incluindo nenhuma promessa real de conceder-lhe cargo como Lente de Prima de Matemática, nesta universidade.

[ 3º ] [...] Por Decreto de El-Rei Nosso Senhor D. João o 5º, de 13 de agosto de 1710, fez mercê ao P.º Bertholameu Lourenço de 300\$000 rs. cada ano, pagos às meçadas, nos efeitos da Junta dos Três Estados, para ir estudar à Universidade de Coimbra a ciência de Matematica, applicando-se e estudando para a vir a ensinar, por se entender se seguia disso alguma utilidade pública, por ser um clérigo pobre e não ter com que se sustentar para aprender a dita ciência; e foi examinado pelo Marquês de Fontes e [4º] Conde da Ericeira, que lhe acharam bastantes noticias. E nisto veio a parar a bulha do invento do ar, com que desinquietou esta Côrte o ano passado de 1709 [...].<sup>247</sup>  
 [...] Ao Decreto de 13 de Agosto dado ao P.º Br.<sup>meu</sup> Lourenço replicou a Junta dos Três Estados e fez uma consulta a S. Maj., dizendo se não podia pagar a d.<sup>a</sup> [dita] quantia de 300\$000 rs. porquanto os efeitos da dita Junta tinham applicação a várias coisas do serviço de S. Maj., o qual foi servido resolver no primeiro de Setembro desobrigava a Junta da satisfação referida.<sup>248</sup>

Logo, podemos presumir, a partir dos três relatos supracitados, que havia certa intenção de Sua Majestade de arcar com as despesas do Padre Bartholomeu para estudar Matemática na Universidade de Coimbra com o objetivo de futuramente vir a lecionar tal disciplina, possivelmente em Lisboa. Porém, tudo não teria passado de promessa, pois em

<sup>245</sup> RODRIGUES, Manuel Maria. “A invenção dos aeróstatos”. In: *Occidente - Revista Illustrada de Portugal e do estrangeiro*. Lisboa: vol. XXI, nº 717, 30 nov. 1898, p. 270.

<sup>246</sup> FERREIRA, Salvador António. *Varias noticias de cazos acontecidos em Portugal*. [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-FA-15, [17--?], fls. 75r. e 76 v. Este manuscrito trata de notícias acontecidas em Portugal entre 1680 e 1719.

<sup>247</sup> FERREIRA, Salvador, op. cit., fl. 75r.

<sup>248</sup> Ibidem, fl. 76 v.

função da falta de recursos<sup>249</sup>, a verba destinada aos estudos de Matemática do Padre Bartholomeu, em Coimbra, havia sido cortada já em 1º de setembro de 1710.

Mas se atualmente existem dúvidas sobre a possibilidade do Padre Bartholomeu Lourenço ter feito estudos formais de Matemática em Coimbra e sobre ter lecionado tal disciplina, a mesma dúvida paira sobre quais pesquisas matemáticas ele, de fato, teria desenvolvido.

No ano de 2005, pusemo-nos a investigar a veracidade de uma informação que se propagou em alguns livros publicados no Brasil, cuja fonte primária parece originar-se da obra *O voador*, de César Feliciano Xavier<sup>250</sup>, informando que o Padre Bartholomeu havia apresentado à recém fundada Academia Real de Ciências de Berlim, no princípio do século XVIII, um artigo matemático sobre um sistema de resolução de equações “para achar as raízes das exponenciaes”<sup>251</sup>.

A antiga Academia de Ciências de Berlim, fundada em 1700, é atualmente conhecida por *Berlin-Brandenburgische Akademie der Wissenschaften* cujo *site*<sup>252</sup> disponibiliza para *download* os conteúdos de todas as revistas<sup>253</sup> publicadas por aquela academia desde 1710 até o ano de 1900. Uma pesquisa realizada no índice dos artigos publicados nas cinco primeiras revistas disponíveis, que correspondem aos anos de 1710, 1723, 1727, 1734 e 1737, revelou

<sup>249</sup> De acordo com Divaldo Freitas, “Portugal, no primeiro quartel do século XVIII, encontrava-se a braços com inúmeras dificuldades, consequentes a fatores remotos e também recentes”, dentre as quais destacamos as Guerras da Restauração (1640-1668) e a Guerra da Sucessão da Espanha (1702-1714) que “prejudicaram os negócios públicos e afastaram os homens dos trabalhos do campo”, culminando numa redução da produção agrícola portuguesa que levou uma grande parte da população a passar fome. Mas enquanto o povo e comércio viviam momentos difíceis, D. João V descuidava das coisas urgentes do reino, gastando rios de dinheiros na construção de luxuosos monumentos religiosos, como o Convento de Mafra, cuja construção iniciou-se em 1711. Ver: FREITAS, Divaldo, 1969, p. 53-55; CÔRTE-REAL, João, [1950?], p.7-17.

<sup>250</sup> XAVIER, César, 1933, p. 24 e 150; *História Geral da Aeronáutica Brasileira - Dos primórdios até 1920*. vol. 1, Rio de Janeiro: Editora Itatiaia - Instituto Histórico-Cultura da Aeronáutica (INCAER), 1988, p. 72-73.

<sup>251</sup> Afirma César Xavier que o suposto artigo matemático atribuído ao Padre Bartholomeu pertence ao campo da *Análise Finita*. Ver: (XAVIER, César, op. cit, p. 24).

<sup>252</sup> “Berlin-Brandenburgischen Akademie”. Disponível em: <<http://bibliothek.bbaw.de/bibliothek-digital/digitalequellen/schriften/#B1>>. Acesso em 04 jul. 2005.

<sup>253</sup> Revista *Miscellanea Berolinensia ad incrementum scientiarum, ex scriptis Societati Regiae Scientiarum exhibitis edita*, Berlin: Edições de 1710, 1723, 1727, 1734, e 1737.

que o nome de Bartholomeu Lourenço de Gusmão ou outro nome similar<sup>254</sup> não consta em nenhum artigo das revistas supracitadas. Logo, até o presente momento, podemos concluir que a notícia de um suposto artigo matemático atribuído ao Padre Bartholomeu seria infundada ou talvez careça de uma pesquisa mais minuciosa, *in locu*, na *Berlin-Brandenburgischen Akademie*.

Apesar de não termos localizado documentações confiáveis que possam atestar que grau de conhecimento matemático possuiria Bartholomeu, temos plena certeza de que os depoimentos de Diogo Barbosa Machado (1741), Miguel Martins de Araújo (1754) e do poeta italiano Píer Jacopo Martello (1723), em favor dos dotes matemáticos do Padre Bartholomeu, se devem, em grande parte, aos diversos inventos que lhe são atribuídos, cuja documentação é certamente farta.

---

<sup>254</sup> Efetuamos uma busca bibliográfica no *site* da *Berlin-Brandenburgischen Akademie* utilizando-se versões de um mesmo nome (Bartholomeu Lourenço de Gusmão) que se encontram espalhadas em diversas obras impressas e manuscritos atualmente conhecidos:

- **Bartholomeu Lourenço de Gusmão** (grafia adotada por escritores em Portugal e Brasil atualmente);
- **Bartolomeu Lourenço de Gusmão** (grafia adotada em Portugal e Brasil atualmente);
- **Bertholameu Lourenço** (São Paulo-Brasil, em 1707);
- **Bartholomeu Lourenço** (Lisboa, em 1708);
- **Bartholomæus Laurentius** (Itália, em 1709);
- **Bartolomeo Laurenzio** (Itália, em 1710 e 1723);
- **Barthélemy Laurent de Gusman** (França, século XVIII);
- **Bartolomé de Gusmão** (França, século XVIII);
- **Bartholomé Laurent** (Holanda, em 1713);
- **Bartholomew Laurence de Gusmao** (Inglaterra, século XVIII);
- **Bartholomew Laurent** (Inglaterra, século XVIII);
- **Bartholomæu Lorenz de Gusmao** (Viena, Áustria, em 1709);
- **Bartolomeu Laurentius** (Viena, Áustria, em 1709);
- **Bartholoméé Gusmao** (França, 1795);
- **Don Bartholomé Lorenzo de Guzman** (Espanha, século XIX);
- **Laurent de Guzman** (Estados Unidos, início do século XIX).

## 4.5 INVENTOR

Atualmente são conhecidos cinco projetos que efetivamente foram elaborados pelo Padre Bartholomeu e que são respaldados por documentações setecentistas oficiais emitidas pelo governo português.

1. Maquinismo para elevação de água (1705);
2. Máquina voadora ou “instrumento para se andar pelo ar” (1709);
3. Técnicas de esgotamento de porões de embarcações em alto mar (1710 e 1713);
4. Técnica de produção artificial de carvão (1721);
5. Eficiência energética em moinhos hidráulicos (1724).

Há ainda referências a outros quatro projetos atribuídos ao Padre Bartholomeu, mas que provêm de fontes não oficiais, geralmente, pouco confiáveis. Mesmo assim, julgamos oportuno relacioná-los para que futuros pesquisadores possam investigar a veracidade das informações que abaixo reportamos.

6. “Assar carne ao sol com uns vidros<sup>255</sup>”;
7. Elaboração de fórmulas medicinais inspiradas na flora brasileira<sup>256</sup>;
8. “Rodas de pás adaptáveis às embarcações movidas por um só homem<sup>257</sup>”;
9. “Modo fácil da casicção de batatas muito útil para sua conservação e redução à farinha<sup>258</sup>”.

---

<sup>255</sup> *Memoria do P.<sup>e</sup> Bartholomeo Lourenço, chamado vulgarmente o Voador, pella razão q. abaixo se relata.* [S.l.]. BGUC, códice 537, [ca. 1724], fl. 115r; **ANEXO XXV**.

<sup>256</sup> Ver: FORJAZ, António Pereira. “Bartolomeu de Gusmão: farmacêutico improvisado-patriarca da aeronáutica”. In: “Dois sábios do Brasil”, *Anais Azevedos*. Lisboa: Sociedade Industrial Farmacêutica, vol. XV, nº 1, 1963, p. 6.

<sup>257</sup> RODRIGUES, Lysias. *Brasileiros pioneiros do ar*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo, 1944, p. 30.

### 4.5.1 MAQUINISMO PARA ELEVAÇÃO DE ÁGUA

Conforme expusemos no capítulo anterior, bem como no início do presente capítulo, o primeiro invento atribuído a Bartholomeu era uma espécie de “maquinismo para elevação de água” destinado ao abastecimento do Seminário de Belém e havia sido construído no período em que ele vivia como minorista neste seminário. Portanto, enquanto aguardava o desenrolar de seu processo de ordenação como padre secular, Bartholomeu se dedicava ao seu primeiro invento instalado ao longo do riacho Pitanga, de onde era extraída a água que após ser elevada por este “maquinismo” era drenada por meio de canos até o Seminário de Belém, situado a cerca de 100 metros acima do referido riacho. Pelo menos são estas as declarações contidas em uma certidão emitida pelo Padre Alexandre de Gusmão:

Certifico eu, Padre Alexandre de Gusmão, da Companhia de Jesus, Reitor do Seminário de Belém, como é verdade que Bertholameu Lourenço, seminarista que foi do dito Seminário, fez com sua indústria subir a água de um brejo do dito Seminário que fica sobre um monte, por um cano de quatrocentos e sessenta palmos de altura, obra de grande admiração e utilidade para o Seminário; a qual eu vi correr, e todos os mais do dito Seminário, assim religiosos como seminaristas; e por passar assim na verdade e me ser pedida esta, a fiz por mim assinada e selada com o selo de meu officio no mesmo Seminário de Belém, aos 18 de janeiro de 1706.

Alexandre de Gusmão.<sup>259</sup>

No final do século XIX, Brito Rebello<sup>260</sup> apresentou a transcrição de um manuscrito setecentista onde se relata que a Câmara da Bahia havia concedido a Bartholomeu Lourenço, em 12 de dezembro de 1705, privilégio sobre o “maquinismo para elevação de água”.

<sup>258</sup> Afirma Ludovico de Menezes que Bartholomeu havia lido na Academia Real de História Portuguesa a descrição de um “Modo fácil da casicção de batatas muito útil para sua conservação e redução à farinha”, que muito provavelmente signifique uma técnica de secagem de batatas ao sol. Ver: MENEZES, Ludovico de. “Bartolomeu Lourenço de Gusmão, engenheiro agrônomo”. In *Jornal A Voz*. Lisboa, 23 set. 1934; ASSIS, José Eugênio de Paula. *Bartolomeu Lourenço de Gusmão- resumo histórico de sua vida e obra*. Coleção Saraiva 254. Rio de Janeiro: Editora Saraiva, 1969, p.94-95.

<sup>259</sup> Apud TAUNAY, 1938b, p. 542-543; **ANEXO II**.

[...] ele [Bertholameu Lourenço] com muito particular estudo e experiência que fez, deu no segredo de fazer subir a água toda a distancia e altura a que se quizer levar e que com effeito a fez o supplicante subir no seminário de Belém, quatrocentos e sessenta palmos, como mostra por uma certidão... passada pelo muito reverendo padre Alexandre de Gusmão, reitor do dito seminário, e que com o mesmo invento se poderá fazer moer os engenhos de beira mar, com a agua d'elle, e a este respeito todos os engenhos que tiverem tanque, fonte ou rio, ainda que esteja em parte muito inferior, e pelo conseguinte trazer águas para chafarizes e fontes para utilidade e conveniência do serviço dos povos e grandeza d'esta cidade, e assim respeitando tão útil proposta pedia que descobrindo o supplicante o segredo do dito invento e ensinando-o para que se possa usar d'elle o não podesse fazer nenhuma pessoa, nem lograr a sua utilidade, sem pagar ao supplicante quatrocentos mil reis para cada engenho ou obra que fizer na forma sobre dita, visto dever-se-lhe remunerar o trabalho de seus estudos [...]<sup>261</sup>

Cerca de cinco décadas após a publicação das pesquisas de Brito Rebello, o historiador Afonso Taunay tornou pública a transcrição de um parecer emitido pelo Conselho Ultramarino<sup>262</sup> datado de 18-11-1706, além de uma Provisão Real<sup>263</sup> de 23-03-1707 que concedia a Bartholomeu plenos direitos sobre o “maquinismo para elevação de água” e cuja patente estendia-se a todo o território da América Portuguesa.

Apesar da probidade das informações contidas nos documentos emitidos pelo Conselho Ultramarino (1706) bem como pela Chancelaria de D. João V (1707), a respeito do primeiro invento atribuído a Bartholomeu Lourenço, infelizmente, tais documentações não contêm nenhuma informação sobre os detalhes construtivos deste invento. Mas este não é o único invento do ex-seminarista Bartholomeu Lourenço que carece de um memorial

<sup>260</sup> REBELLO, Brito, Revista *O Occidente*, vol. 6, nº 168, 21 de agosto de 1883, p. 191.

<sup>261</sup> Infelizmente Brito Rebello não informou a referência bibliográfica deste manuscrito que é transcrito em seu artigo da revista *Occidente* supracitada. Após incansáveis quatro anos de busca, em dezembro de 2009, tivemos a felicidade de localizar a fonte primária de onde o ilustre português havia transcrito o documento de 1705, cujo original, em manuscrito, pertence ao acervo do Arquivo Municipal de Salvador, contido nas *Atas da Câmara* e que foi posteriormente transcrita na seguinte obra, da qual tivemos acesso: “Atas da Câmara” (1700-1718). vol. 7. *Documentos Históricos do Arquivo Municipal*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1984, p. 258-259; **ANEXO III**.

<sup>262</sup> Ver **ANEXO IV**.

<sup>263</sup> *Brazil. Bertholameu L.<sup>co</sup> [Lourenço] Alv. [Alvará] para uzar de hum invento de fazer subir agoa e q~ninguem uze delle sem lhe dar 400\$ rs.* Lisboa, 2 abr. 1707. IANTT, Chancelaria de D. João V, Offícios e Mercês, livro 28, fls. 112r-112v. Ver FIGURA 4.2 e **ANEXO V**.

descritivo. Todos os demais documentos oficiais que apresentaremos ao longo deste trabalho, relacionados com suas invenções, somente informam, vagamente, os projetos que o inventor visava por em prática. Mas, seja por lapso ou talvez intencionalmente para salvaguardar os reais segredos de seus projetos, não devemos criticar Bartholomeu isoladamente, pois de acordo com o historiador português Souza Viterbo (1845-1910)<sup>264</sup>, a falta de um memorial descritivo, anexo às patentes, havia sido praticada em Portugal, esporadicamente, há pelo menos dois séculos anos antes do nascimento de nosso compatriota.

Além das três documentais oficiais supracitadas, há ainda informações colhidas de pessoas que estiveram *in locu* nas ruínas deste invento. Um desses poucos relatos consta em um artigo do pesquisador cachoeirano Alberto Rabello, escrito em 1916:

Deste invento, há alguns anos passados, restava uma parte do cano, já destruído e soterrado, e que era feito de duas telhas unidas e tomadas de argamassa nos pontos de contato. O resto do aparelho, alguma armação ou engrenagem, represas e muralhas que existiram, tudo consumiu o tempo ou destruíram os homens, pois mesmo da fonte, cujas águas foram outrora aproveitadas, nada mais existe que um quadro de alvenaria forrado a tijolos, para proteger a minação, e um amontoado de blocos que se desconjuntam, e por onde flúe crystalino um fio de agua tranquillo.<sup>265</sup>

Em 2005, o professor da UFBA, Amílcar Baiardi, apresentou um trabalho de título *A passagem de Bartolomeu de Gusmão pela Vila de Belém* visando demonstrar a viabilidade técnica do maquinismo hidráulico inventado por Bartholomeu<sup>266</sup>. Neste trabalho, Baiardi

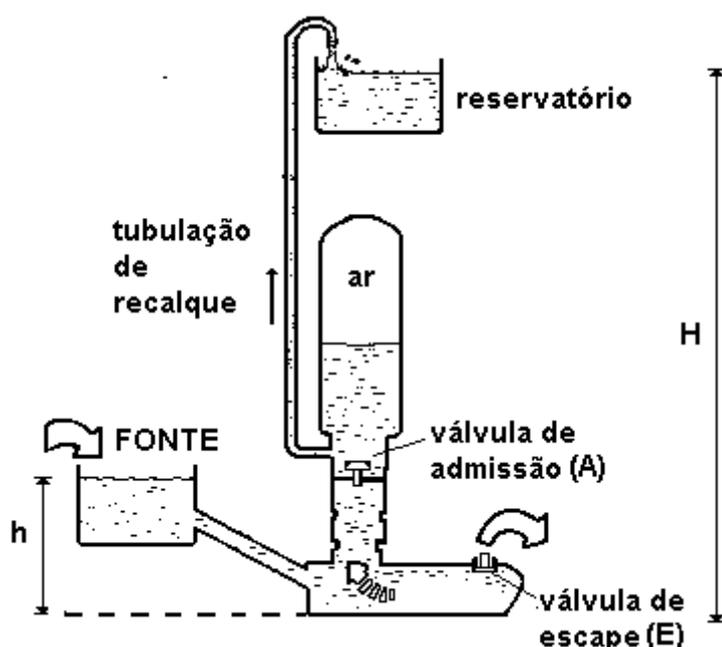
---

<sup>264</sup> O historiador e arqueólogo português Souza Viterbo, entre o final do século XIX e início do século XX, publicou diversos artigos que visavam identificar inventores que obtiveram patentes, em solo lusitano, ao longo dos tempos. Nestes artigos, Souza Viterbo transcreve dezenas de patentes portuguesas emitidas entre o século XV e XVIII e lamenta que a grande maioria delas não apresente memoriais descritivos dos inventos. Ver: VITERBO, Francisco M. de Sousa. “*Archeologia Industrial Portuguesa - Os moinhos*”. In: *O Archeologo Português*. Lisboa. Museu Ethnographico Português. Vol. II, nº8 e 9, ago-set. 1896, p.199; VITERBO, Francisco M. de Sousa. “Litteratura e Bellas-Artes: Inventores portuguezes”. In *O Instituto: Revista Scientifica e Litteraria*. Coimbra. Imprensa da Universidade. Vol 48, 1901, p. 50 et seq.; ibidem, vol 49, 1902, p. 37 et seq.

<sup>265</sup> RABELLO, Alberto. *O Seminário de Belém, da Bahia, e o Padre Bartholomeu Lourenço, o Voador, erradamente chamado de Gusmão*. Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia. vol. XI, nº 42. Imprensa Official do Estado. Salvador, 1916, p. 213.

<sup>266</sup> BAIARDI, Amílcar; SANTOS, Alex V. dos. *A passagem de Bartolomeu de Gusmão pela Vila de Belém, Cachoeira-BA*. Belo Horizonte: Departamento de História da FAFICH-UFMG, 2005, 10f. Trabalho apresentado no X Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia, outubro 2005.

apresenta a hipótese desse maquinismo tratar-se de uma espécie de carneiro hidráulico, cujo princípio de funcionamento baseia-se em propiciar um surto de pressão em uma válvula de escape (E) cuja vazão é momentaneamente interrompida quando a velocidade da água atinge um valor específico. Esta elevada pressão possibilita que uma válvula de admissão (A) se abra, por onde a água entrará em direção a tubulação de recalque que, por sua vez, conduzirá a água para um nível mais elevado, onde se localiza um reservatório, conforme FIGURA 4.1. O funcionamento de um carneiro hidráulico é automático e a quantidade de água que passará pela tubulação de recalque é função do tamanho do carneiro e da relação entre a queda de água disponível ( $h$ ) e a altura de recalque ( $H$ ).



**Figura 4.1:** Funcionamento do carneiro hidráulico: um surto de pressão na válvula de escape (E) direcionará, periodicamente, o fluxo de água para a tubulação de recalque que o conduzirá para um nível mais elevado ( $H$ ), onde se situa um reservatório.  
**Fonte:** ([http://www.lifewater.ca/ram\\_pump.htm](http://www.lifewater.ca/ram_pump.htm))

Baiardi, que fora *in locu* investigar a viabilidade do maquinismo hidráulico inventado por Bartholomeu de Gusmão, conclui que, de fato, existem condições topográficas para o

funcionamento deste invento, porém salienta que a altura do recalque demandaria um suposto “carneiro hidráulico” cuja capacidade de vazão seria de difícil construção em pleno alvorecer do século XVIII, haja em vista que até o presente momento, somente há registros históricos do surgimento de carneiros hidráulicos após a segunda metade deste mesmo século.

Milton Vargas<sup>267</sup>, renomado pesquisador da História da Técnica e da Tecnologia, em artigo publicado no ano 2000, nos revela uma informação capital sobre a viabilidade técnica do invento hidráulico de Bartholomeu de Gusmão. Para Milton Vargas, em função de documentos históricos já mencionados afirmarem a utilidade deste invento, no Seminário de Belém, para mover engenhos de açúcar, criação de peixes e chafarizes,

[...] faz supor tratar-se de uma bomba premente (capaz de elevar ou expelir água sob a ação de um êmbolo que o comprima); mas também, como afirma o Padre Alexandre de Gusmão, a água era recolhida de um riacho, muito abaixo do nível do Seminário, logo esta bomba também poderia ser aspirante (capaz de aspirar água de um nível inferior a ele – o que, por razão da pressão atmosférica, não pode ser de mais de cerca de 10 m). Portanto, a bomba construída por Bartholomeu de Gusmão deve ser do tipo que hoje chamamos de aspirante-premente.<sup>268</sup>

Novamente, Milton Vargas tal como Baiardi, depara-se com dois grandes problemas enfrentados para se defender a viabilidade técnica deste invento: o problema da capacidade de vazão e do tamanho da bomba necessária para elevar água à tamanha altura (460 palmos ou aproximadamente 100 metros).

Milton Vargas informa ainda que as bombas aspirantes-prementes não foram inventadas por Bartholomeu de Gusmão, pois já existiam desde meados do século XVII, no entanto somente para elevação de água a pequenos desníveis, nunca superiores a 10 metros. Logo, de acordo com Milton Vargas, o invento hidráulico atribuído a Bartholomeu de

---

<sup>267</sup> VARGAS, Milton. “Bartholomeu de Gusmão: primeiro cientista das Américas”. In GOLDFARB, José Luiz; FERRAZ, Márcia H. M. (Orgs.). *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*. São Paulo: Imprensa Oficial, 2000, p. 417-424.

<sup>268</sup> *Ibidem*, p. 418.

Gusmão teria sido algo semelhante a uma bomba aspirante-premente, porém deveria ter um mecanismo auxiliar, que ainda desconhecemos, e que manteria um movimento contínuo de água e energia mecânica necessária para elevar água a um desnível de 100m.

Independente da primazia da invenção da bomba aspirante-premente ser ou não atribuída a Bartholomeu de Gusmão, podemos chegar a uma importante conclusão: o problema do esgotamento de minas de carvão, na Europa, utilizando bombas hidráulicas já mobilizava filósofos naturais como Huygens e Leibniz, desde o final do século XVII, portanto é muito provável que o jovem Bartholomeu com 21 anos incompletos, em 1706, já detinha conhecimentos atualizados sobre hidráulica e pneumática haja vista seu trabalho para resolver o problema da elevação de água até o Seminário de Belém para um desnível superior a 100 metros, cujo feito notável não há precedentes, pelo menos não antes de 1797, quando Joseph Michel Montgolfier (1740-1810) e Aimé Argand (1750-1803) desenvolveram um carneiro hidráulico (*Bèlier Hydraulique*)<sup>269</sup> que conseguiu atingir uma elevação de água superior a 50 pés (aproximadamente 15 metros de altura)<sup>270</sup>. Estas afirmações, portanto reforçam ainda mais a justa reivindicação da importância do invento hidráulico do Padre Bartholomeu de Gusmão frente aos avanços técnicos que ocorriam na Europa neste mesmo período.

Além da invenção de uma bomba hidráulica, defende Lysias Rodrigues (1896-1957) que durante o período em que Bartholomeu Lourenço residiu na Bahia, ele também teria inventado um aparelho para “facilitar as travessias marítimas para a cidade de Salvador”, composto por “rodas de pás adaptáveis às embarcações movidas por um só homem<sup>271</sup>”. Informação similar também foi reportada por César Xavier em sua obra de 1933:

---

<sup>269</sup> L.C. “Sur une nouvelle espèce de machine hydraulique, par les CC.Montgolfier et Argant [sic]”. In *Bulletin des sciences par la Société philomathique*. Paris, n. 8, nov. 1797, p. 58-60.

<sup>270</sup> MONTGOLFIER, Michel Joseph. *De l'utilité du Belier hydraulique*. Paris : L'imprimerie de Gillé fils., 1805, p. 12; EWBANK, Thomas. *Descriptive and historical account of hydraulic and other machines for raising water*. New York: D. Appleton and Company, 1842, p. 369-372.

<sup>271</sup> RODRIGUES, Lysias, 1944, p. 30.

Bartholomeu Lourenço de Gusmão executara a movimentação das águas, utilizando-se da actuação do vento sobre as pás de uma roda fixa; Kulls pouco annos depois, idealiza a movimentação nas águas, de uma embarcação, pela actuação das pás de uma roda nella fixa. Gusmão, fixando o corpo da bomba em terra, realizara a movimentação das águas; Kulls imaginava movimentar a embarcação, pela actuação nas águas das pás de uma bomba, cujo corpo era nella fixo.<sup>272</sup>

Infelizmente, nenhum dos autores supracitados teve o zelo de fornecer a fonte bibliográfica de onde teriam colhido as informações que acima reportamos, o que nos leva a considerá-las, por ora, de carácter duvidoso.

Mas se atualmente ainda pairam incertezas sobre este suposto invento informado por Lysias Rodrigues e César Xavier, felizmente o “maquinismo para elevação de água” inventado pelo jovem Bartholomeu já havia sido suficiente para que sua fama de inventor ultrapassasse o Atlântico e chegasse a Lisboa, culminando em nova oportunidade de visitar terras portuguesas em fins de 1708, e posteriormente vir a se matricular na Faculdade de Cânones da Universidade de Coimbra em 1º de dezembro daquele ano.

---

<sup>272</sup> XAVIER, César, 1933, p. 37-38.



#### 4.5.2 MÁQUINA VOADORA OU “INSTRUMENTO PARA SE ANDAR PELO AR”

De acordo com Brito Rebelo<sup>273</sup>, o jovem Bartholomeu havia interrompido o seu primeiro ano de estudos na Universidade de Coimbra, possivelmente no primeiro trimestre de 1709, para se dedicar, em Lisboa, a sua principal invenção: o “instrumento para se andar pelo ar” que no final deste mesmo século, na França, recebeu o nome de “aeróstato”<sup>274</sup>.

Diversos pesquisadores, ao longo dos séculos XIX e XX, contribuíram para o estudo histórico e científico deste invento, dentre os quais destacamos:

- No século XIX: Francisco Freire de Carvalho, Augusto Filipe Simões, Manuel Maria Rodrigues, Jacinto Inácio de Brito Rebelo, Inocêncio Francisco da Silva e Hermann W. L. Moedebeck;
- No século XX: Balthasar Wilhelm, Carl Von Klinckowstroem, Gustavo Tedeschi Corrêa Neves, Antonio de Portugal de Faria (2º Visconde de Faria), Joaquim de Carvalho, Artur de Magalhães Basto, Afonso de E. Taunay e Divaldo Gaspar de Freitas.

Dentre os pesquisadores supracitados, o catarinense Afonso Teixeira de Escragnolle Taunay (1876 – 1958) foi, sem sombra de dúvidas, o maior pesquisador brasileiro sobre a vida e obras de Bartholomeu de Gusmão, tendo a árdua tarefa de reunir em seus artigos e livros diversas informações colhidas por outros pesquisadores, realizadas ao longo do século

---

<sup>273</sup> REBELLO, Brito, Revista *O Occidente*, vol. 6, nº 168, 21 de agosto de 1883, p. 191.

<sup>274</sup> De acordo com a Enciclopédia Mirador Internacional, etimologicamente, a palavra “aeróstato” é originária da França (*aérostat*, 1783-1784) e significa balão de ar quente ou cheio de outro gás mais leve que o ar (à temperatura ambiente) e cujo funcionamento baseia-se na aplicação do princípio de Arquimedes. Ver: *Enciclopédia Mirador Internacional*. Vol. 2. São Paulo; Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1995, p. 132-133.

XIX e XX, em Portugal, Alemanha, França e Itália, além de ter descoberto diversos manuscritos que vieram a esclarecer pontos obscuros sobre a trajetória intelectual do Padre Bartholomeu de Gusmão. Em seu artigo de 1940, publicado na revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (RIHGSP), Taunay declara que publicou, apenas no *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, de 1932 a 1940, cerca de 76 artigos sobre Bartholomeu de Gusmão.<sup>275</sup>



**Figura 4.3:** Afonso Teixeira de Escragnolle Taunay (11/07/1876 – 20/03/1958). **Fonte:** ABL<sup>276</sup>

<sup>275</sup> Ver: TAUNAY, Afonso de E. “Um caso de improbidade científica - a propósito de uma memória do prof. Julio Duhem, da Escola Normal de Montpellier, sobre Bartolomeu de Gusmão e publicada no número de 1936 de Thalès, órgão oficial do Instituto de História das Ciências e das Técnicas, da Universidade de Paris”. In: *RIHGSP*. São Paulo: vol. XXXVIII, 1940, p. 181.

<sup>276</sup> De acordo com o historiador Tito Lívio Ferreira (1894 – 1988), o nome completo de Taunay era *Afonso Teixeira de Escragnolle Taunay*. Ver: FERREIRA, Tito Lívio. “No centenário do nascimento do historiador das Bandeiras Paulistas”. In: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: jan.-dez. 1976, p. 51. Para um estudo biográfico sobre o historiador Afonso de E. Taunay ver: LEPSCH, Inaldo. *Taunay e o Padre Voador*. Itu: Ottoni Editora, 2005, p. 11-44; MATOS, Odilon Nogueira de. *Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil – perfil biográfico e ensaio bibliográfico*. São Paulo: coleção Museu Paulista, série Ensaios vol. 1, 1977; VIANNA, Hélio. “Afonso de Escragnolle Taunay”. In: *RIHGB*, vol. 247, 1960 (1961), p. 327-331; *Opúsculo comemorativo do nascimento de Taunay*. São Paulo: Mosteiro de São Bento, 1976;

Atualmente, são conhecidos diversos manuscritos e impressos setecentistas que descrevem a petição e a concessão de privilégio da “máquina voadora” inventada pelo Padre Bartholomeu, dentre os quais destacamos abaixo cinco destes documentos:

- Manuscrito do Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo (IANTT): Chancelaria de D. João V, Offícios e Mercês, livro 31 (ALVARÁ)<sup>277</sup>;
- Manuscrito 677 da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC); (PETIÇÃO)<sup>278</sup>;
- Impresso anônimo datado de 1774 e publicado na tipografia de Simão Thaddeo Ferreira (PETIÇÃO E PARECER DO DESEMBARGO DO PAÇO)<sup>279</sup>;
- Manuscrito 15201 da coleção *Papéis políticos* (vol. IX), do acervo da King’s Library (British Museum) (PETIÇÃO E PARECER DO DESEMBARGO DO PAÇO)<sup>280</sup>;

---

<sup>277</sup> *Alvara - P.e Bartholameu Lourenço - Privilegio*. Lisboa, 19 abr. 1709. IANTT, Chancelaria D. João V, Offícios e Mercês, livro 31, fls. 202 v.-203v. Ver **ANEXO VIII**.

<sup>278</sup> *Petição do Padre Bertholameu Lourenço que tem descoberto hum instrumento para se andar pello ar*. [S.l.]. BGUC, códice 677, fls. 410r-410v., [1709?], Ver **ANEXO VII**.

Este documento não possui autor explícito, nem data, porém podemos deduzir que foi escrito entre os meses de abril e agosto de 1709, haja vista que neste documento se afirma que o privilégio real já havia sido concedido e que o inventor já trabalhava em seu “instrumento aéreo”, mas que ainda não havia realizado experiências com tal máquina voadora, cujos primeiros ensaios somente se iniciaram em agosto de 1709.

Alertamos ao leitor para tomar o devido cuidado na leitura das obras de Afonso de E. Taunay, alusivas a Bartholomeu de Gusmão, pois Taunay (1938b, p. 29) equívoca-se ao citar que o manuscrito 342 da BGUC conteria a *Petição do Padre Bertholameu Lourenço* e persiste no erro em sua obra *Bartolomeu de Gusmão - Inventor do aeróstato* (1942, p. 166), quando na verdade o códice correto é o 677 da BGUC.

<sup>279</sup> *Petição do P. Bartholomeu Lourenço sobre um instrumento que inventou para andar pelo ar, e suas utilidades*. Lisboa: na Officina de Simão Thaddeo Ferreira, 1774. Apud (CARVALHO, Francisco, RIHGB, edição fac-similar, segunda série, tomo quinto, 1973, p. 338-339) [vol. 12, 1849].

De acordo com o bibliógrafo português Inocêncio Francisco da Silva (1810-1876), a data deste impresso (1774) deve ser revista, pois Simão Tadeu Ferreira não era proprietário de tipografia antes de 1781. Provavelmente este impresso deve ter sido publicado pouco depois das primeiras experiências aerostáticas realizadas na França pelos irmãos Montgolfier, em junho de 1783, possivelmente numa tentativa de reivindicar para a nação portuguesa a primazia sobre a invenção do balão de ar quente. Ver: (SILVA, Innocencio, 1987, tomo VII, p.13).

<sup>280</sup> SOUTHEY, Robert. “Petição que fez o P. Bertholameu Lourenço ao Desembargo do Paço para que lhe concedesse fazer hum instrumento que havia andar pello ar, e com effeito se lhe concedeo, o qual fez elevando-o a Caza da India, o fez subir ao ar”. In: *Sir Thomas More: or, Colloquies on the progress and prospects of society*. vol. I. Londres: J. Murray, 1829, p. 343-344.

Esta “petição” informada por Robert Southey (1774-1843) se deve a autor anônimo e fez parte de uma coleção de manuscritos que pertenceu ao desembargador português Mathias Pinheiro, que contém documentos

- Manuscrito 1011 do IANTT de autoria do Frei Lucas de S. Pinheiro (PETIÇÃO)<sup>281</sup>;

Uma primeira análise comparativa entre os documentos supracitados revela que seus conteúdos textuais são bastante similares, pois todos eles, sem exceção, transcrevem de forma exagerada as supostas potencialidades deste invento destinado a *andar pelo ar* e cujas promessas apresentadas na petição de privilégio eram as seguintes:

- O acesso aos pólos da Terra (região polar ártica e antártica), que no século XVIII ainda permanecia uma hipótese remota;
- A correção cartográfica e o conseqüente conhecimento das longitudes e latitudes com maior precisão;
- O trabalho de resgates em regiões isoladas por cataclismos ou sitiadas;
- A redução do tempo de comunicação entre o poder central português e as autoridades locais em função da suposta velocidade alcançada pela “maquina voadora”, que poderia atingir mais de duzentas léguas/dia ou aproximadamente 1200km/dia!<sup>282</sup>

O autor anônimo do impresso datado de 1774 e do manuscrito 1011 do Frei Lucas de S. Pinheiro informam que em 17 de abril de 1709 o Desembargo do Paço<sup>283</sup> havia concedido

---

portugueses dos séculos XVII e XVIII. A partir da década de 1840 esta coleção passou a fazer parte do acervo do British Museum, arquivados na King's Library: *Papéis políticos. vol. IX*, ms. 15201, fls. 380-382.

<sup>281</sup> PINHEIRO, Lucas de S. Joaquim (Frei). “Petição do P.<sup>o</sup> Bartholomeu Lourenço sobre o instrumento q. inventou p.<sup>a</sup> andar pello ar”. In: *Cartas, consultas e mais obras de Alexandre de Gusmão: máquina aerostática do Padre Bartholomeu Guerreiro* [sic]. [S.l.]. IANTT, manuscrito da Livraria 1011, [17--?], p. 202-203. (PT-TT-MSLIV/1011).

<sup>282</sup> Ver também **ANEXOS VII e VIII**.

<sup>283</sup> Em linhas gerais, o Desembargo do Paço era um órgão do governo português, formado por desembargadores, escrevães e oficiais que desenvolviam funções burocráticas relacionadas com diversas questões de natureza

ao Padre Bartholomeu parecer favorável à petição de privilégio da “máquina voadora”. No entanto, o autor anônimo do manuscrito 15201 informa que o parecer do Desembargo do Paço teria ocorrido em 20 de abril de 1709. Um terceiro depoente, o diplomata português José da Cunha Brochado (1651 - 1733), em sua carta de 13 de abril de 1709 endereçada ao Conde de Viana (D. José de Meneses), informa que, “esta petição se mandou ver no Desembargo do Paço, e se consultou a favor do homem [Bartholomeu Lourenço] <sup>284</sup>”. Logo, levando-se em conta o mais probó destes três depoimentos (o do diplomata português José da Cunha Brochado) podemos deduzir que, possivelmente, o parecer favorável do Desembargo do Paço tenha ocorrido em data anterior a 13 de abril de 1709.

Poucos dias após sair o parecer do Desembargo do Paço, em 19 de abril de 1709, através de Alvará emitido pela Chancelaria de D. João V, concedem-se ao Padre Bartholomeu plenos direitos sobre sua “máquina voadora” e impõem-se severas penas para aqueles que tentassem dela se apossar sem a permissão do inventor<sup>285</sup>.

---

jurídica e dentre elas a análise de petições de privilégios. Este órgão vigorou, em Portugal, do século XVI ao início do século XIX.

<sup>284</sup> Ver: CARVALHO, Joaquim de. “Cartas de José da Cunha Brochado ao Conde de Viana, D. José de Meneses (1705-1710)”. In *O Instituto - Revista Científica e Literária*. Coimbra, vol. 71, nº 7, jul. 1924 (1927), p. 318-320; **ANEXO VI**.

<sup>285</sup> *Alvara - P.<sup>e</sup> Bartholameu Lourenço - Privilégio*. Lisboa, 19 abr. 1709. IANTT, Chancelaria D. João V, Ofícios e Mercês, livro 31, fls. 202 v.-203v.

Salientamos que neste Alvará, emitido pela Chancelaria de D. João V, as tais “severas penas” dizem respeito à perda total de bens para aqueles que usassem deste invento sem a permissão do inventor. Não há neste Alvará nenhuma menção de pena de morte como consta no impresso datado de 1774.

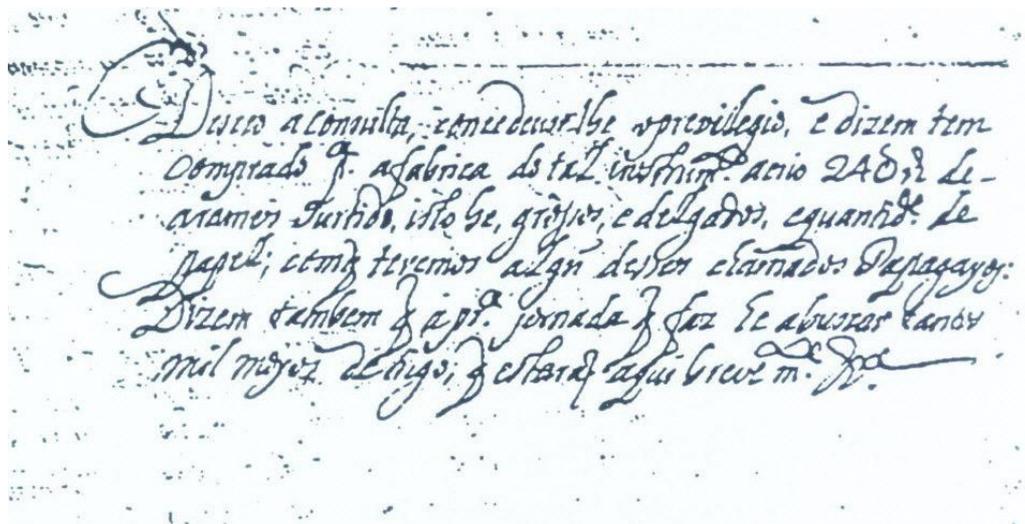


Uma segunda análise comparativa nos documentos (petição e Alvará) conduz a seguinte observação: a petição não contém uma minuciosa descrição da “máquina voadora” que o inventor julgava poder construir e sobre a qual reivindicou plenos direitos sobre a mesma, ou seja, neste documento não são apresentadas provas da viabilidade técnica de construção deste invento. Isto poderia ser até compreensível como atitude por parte do inventor, de caráter preventivo, visando proteger os segredos técnicos de seu invento, mas incompreensível por parte da autoridade que prontamente concedeu o Alvará (D. João V). Essa atitude tomada por D. João V, quanto à pronta concessão do Alvará, abre, a nosso ver, um leque para três possibilidades:

1. A pouca experiência de um rei que subira ao trono recentemente (1706), levando-o a tomar uma decisão precipitada, no auge de seus 19 anos de idade, sem que o inventor lhe desse provas da viabilidade de se projetar uma máquina voadora;<sup>287</sup>
2. É possível ainda que o monarca tenha acompanhado os primeiros ensaios deste invento em data anterior à petição de privilégio e cujos ensaios não foram documentados ou cujos documentos ainda permaneçam inéditos;
3. Ou talvez o rei tivesse tomado conhecimento de possíveis experiências preliminares da máquina voadora, realizadas pelo inventor, em solo brasileiro, entre 1703 e 1708, período este em que Bartholomeu permaneceu no Brasil, após a sua primeira estada em Lisboa ocorrida em 1701.

---

<sup>287</sup> DOMINGUES, Mário, 1964, p. 11-13.



**Figura 4.5:** Nota do copista anônimo do manuscrito 677. **Fonte:** BGUC<sup>288</sup>

Obtido o privilégio real, Bartholomeu começou a trabalhar, oficialmente, em sua “máquina voadora”, instalando-se inicialmente na Quinta do Duque de Aveiro da qual se transferiu mais tarde para a do próprio monarca, em Alcântara, conforme nos informa José Soares da Silva:

Elle [Bartholomeu Lourenço] emfim vay com sua teima adelante e El Rey lhe mandou dar as chaves da quinta do Duque de Aveiro a S. Sebastian da Pedreira, para nella haver de dispor o tal engenho, que só em arames ouço ter gasto 200 mil [réis], tomara eu saber quem lhe fez mercê delles, que o [3º] Marquez de Fontes, e o sogro Exmº [1º Duque de Cadaval] ainda que lha fazem de o apoiar, duvido que lhe queirão fazer para o contribuir.<sup>289</sup>

O Voador não quiz a quinta do Duque de Aveiro e foy para a del Rey em Alcantara, que diz he mais acomodada para a fabrica do seu invento.<sup>290</sup>

<sup>288</sup> “Desceo a consulta, concedeuse-lhe o privilégio, e dizem tem comprado para a fabrica do tal instrumento aereo 24 arrobas de arames surtido, isto he, grossos e delgados, e quantidade de papel; com que teremos algum desses chamados papagayos. Dizem também que a primeira jornada que faz he buscar tantos mil moyos de trigo, que estará aqui brevemente etc. Ver: *Petição do Padre Bertholameu Lourenço que tem descoberto hum instrumento para se andar pello ar.* [S.l.]. BGUC, códice 677, fl. 410v. [1709?], Ver **ANEXO VII**.

<sup>289</sup> Depoimento de José Soares da Silva na *Gazeta em forma de carta*, em Lisboa, entre 21 e 29 de abril de 1709 (SILVA, José Soares da. *Gazeta em forma de carta (anos de 1701-1716)*. Tomo I. Edição fac-similar. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1933, p. 195).

<sup>290</sup> Depoimento de José Soares da Silva na *Gazeta em forma de carta*, 15 de maio de 1709, *Ibidem*, p. 198.

Corroborando com o depoimento de Soares da Silva, de 15 de maio de 1709, está o depoimento de Salvador António Ferreira que informa:

Em 6 de maio [de 1709] começou o Padre Bartholomeu Lourenço, filho do Brasil, em o lugar de Alcantara a fazer o instrumento do ar para voar como a seu tempo se dirá.<sup>291</sup>

A primeira experiência oficial da “máquina voadora” havia sido marcada para 24 de junho (ou julho)<sup>292</sup> de 1709, mas fora adiada para o mês de agosto, possivelmente em razão de uma enfermidade contraída por D. João V neste período, cujo tratamento se prolongaria até o final de outubro deste mesmo ano<sup>293</sup>.

É impressionante a rapidez com que se propagaram na Europa, no ano de 1709, notícias sobre as anunciadas experiências da máquina voadora, muitas das quais,

Notemos, neste depoimento de Soares da Silva, que Bartholomeu Lourenço já era tratado como padre “Voador”, pelo menos, desde maio de 1709.

<sup>291</sup> FERREIRA, Salvador António. *Varias noticias de cazos acontecidos em Portugal*. [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-FA-15, [17--?], fl. 47r.

<sup>292</sup> Na primeira década do século XX, o pesquisador alemão Carl von Klinckowstroem (1884-1969) divulgou a descoberta de diversos impressos do ano de 1709 relativos à máquina voadora inventada pelo Padre Bartholomeu e em cujos documentos já consta o texto da petição de privilégio deste invento, além de se fazer o prenúncio de uma experiência oficial marcada para 24 de junho de 1709 (Ver FIGURA 4.6). Em contrapartida, o manuscrito do Arquivo Vaticano (Fondo Bolognetti, n. 116, p. 69-72), descoberto pelo Marques de Faria, relata o prenúncio de uma experiência oficial marcada para 24 de julho de 1709. Ver: KLINCKOWSTROEM, Carl von. “Beitrag zur Gusmão – Bibliographie”. In *Archiv für die Geschichte der Naturwissenschaften und der Technick*. Leipzig, band 3, F. C. W. Vogel, 1911-1912, p. 215-222; FARIA, Antonio, 1917, p. 14;

<sup>293</sup> Em 15 de junho de 1709 assim reportava José da Cunha Brochado: “... oiço que ElRey Nosso Senhor tambem anda com queixas, que lhe sahem ao rosto...”. CARVALHO, Joaquim de. “Cartas de José da Cunha Brochado ao Conde de Viana, D. José de Meneses (1705-1710)”. In *O Instituto-Revista Científica e Literária*, vols. 69-71, 1922-1927. Apud (TAUNAY, 1938b, p. 95).

E José Soares da Silva, por volta de 30 de junho de 1709, assim reportava: “ElRey fica sangrado e vay continuando com a sua caza, para huns carocinhos que tem no pescoço, acha que se não de perigo, de enfado”. (SILVA, José Soares da. *Gazeta em forma de Carta*. Tomo I. Lisboa, 1933, p. 205).

Em 13 de julho de 1709, José da Cunha Brochado novamente reportava sobre o estado de saúde de D. João V: “El Rey Nosso Senhor não está melhor da sua queixa. O tumor he grande querendo recorrer ao segredo de hum Agostinho de Barros, ou ao remédio da mulher de Loires”. Apud (TAUNAY, 1938b, p. 96).

Felizmente a saúde de D. João V parece ter melhorado a partir de agosto de 1709, período este em que se iniciaram as primeiras experiências oficiais da máquina voadora: “El-Rey N. Sr. dizem que está com grande fastio, que a garganta tem menos inflamaçam e que com estes indícios de melhora, não tomará outro remédio, que lhe tinham destinado os generaes da medicina”. Carta de José da Cunha Brochado de 3 de agosto de 1709. Apud (TAUNAY, 1938b, p. 97).

E finalmente, de acordo com Taunay, “...só na carta de 26 de outubro de 1709 é que o diplomata [José da Cunha Brochado] anunciava o positivo restabelecimento do Rei”. Apud (TAUNAY, 1938b, p. 122).

lamentavelmente acompanhadas de uma infeliz iconografia intitulada *Passarola* que supostamente ilustraria a máquina voadora inventada por nosso compatriota.

Atualmente são conhecidas diversas versões setecentistas desta iconografia que estão representadas nos seguintes impressos e manuscritos:

- O jornal vienense *Wienerischen Diarium*, nº 609, p. 2 (correspondente ao período de 1º a 4 de junho de 1709);<sup>294</sup>
- O impresso vienense *Abbildung eines sonderbahren Luft-Schiffes, oder: kunst zu fliegen* que provém da tipografia de Johann Baptist Schönwetter, publicado em junho de 1709;<sup>295</sup>
- Manuscrito *Fondo Bolognetti* n. 116, fl. 69 (Arquivo Vaticano), anterior a julho de 1709;<sup>296</sup>
- O jornal londrino *Evening Post* n. 56, (correspondente ao período de 20 a 22-12-1709)<sup>297</sup>;
- Livro *Versi e Prose* (1710, p. 223) de Pier Jacopo Martello;<sup>298</sup>
- Livro *Museum Museorum* (1714, vol.II, pt. 3, p. 35) de Michel Bernhard Valentini;<sup>299</sup>
- Manuscrito da Livraria 1011 (IANTT) de Frei Lucas de S. Pinheiro, p. 204;
- O impresso português datado de 1774, na tipografia de Simão Tadeu Ferreira;<sup>300</sup>
- Existem ainda três *Passarolas* publicadas na França, no século XVIII: sendo duas delas publicadas no livro de Jules Duhem<sup>301</sup>, em 1944, e finalmente a que foi divulgada, em 2004, no artigo do prof. Daniel Gethmann.<sup>302</sup>

---

<sup>294</sup> Apud (KLINCKOWSTROEM, 1911, p. 215).

<sup>295</sup> Apud (KLINCKOWSTROEM, 1911, p. 216).

<sup>296</sup> Apud (DUHEM, 1944, p. 143, fig. 95-I).

<sup>297</sup> Apud (DUHEM, 1944, p. 143, fig. 95-II).

<sup>298</sup> Ver também: (MARTELLO, 1723, p. 370).

<sup>299</sup> Apud (MOEDEBECK, 1893, p. 6).

<sup>300</sup> Apud (TAUNAY, 1942, p. 238).

<sup>301</sup> Apud (DUHEM, 1944, p. 147).

<sup>302</sup> GETHMANN, Daniel. “Fahrten im Luftmeer - Interkontinentale Landnahme per Luftschiff seit Bartholomeu Lourenço de Gusmão (1709)”. In KRAJEWSKI, Markus: *Projektemacher*. Berlin, 2004, p. 133. Ver FIGURA 4.8.

Em geral, a *Passarola* é representada por uma barca no formato de pássaro, contando inclusive com cauda e asas, cujas funções seriam respectivamente a de leme e de equilíbrio lateral da embarcação. Sem a pretensão de adentrarmos as minúcias desta iconografia, vamos ao que há de mais fantasioso: simetricamente posicionado na proa e convés da suposta embarcação voadora existem duas esferas de metal em cujo interior seriam depositados pedaços de magnetita<sup>303</sup>. Para facilitar a elevação da *Passarola*, o corpo da barca deveria ser forrado com chapas de ferro, desta forma, supostamente a magnetita contida nas esferas atrairia as chapas de ferro, possibilitando a barca de elevar-se do solo! Esta explicação da *Passarola*, certamente absurda, *aos olhos da Física Moderna*, infelizmente se propagou por diversas nações européias (Itália, Áustria e Alemanha)<sup>304</sup> entre os meses de junho e julho de 1709, provocando enorme expectativa sobre o prenúncio de uma experiência oficial supostamente marcada para 24 de junho ou julho deste mesmo ano e cuja notícia certamente abria espaço para o surgimento de diversas informações noticiosas, algumas das quais vangloriando antecipadamente o inventor, outras, porém, em sua maioria, denegrindo a sua reputação.

---

<sup>303</sup> Ver FIGURA 4.7. O par de esferas, nesta figura, é designado pela letra E.

<sup>304</sup> KLINCKOWSTROEM, 1911, p. 215-222; FARIA, 1917, p. 14-17.

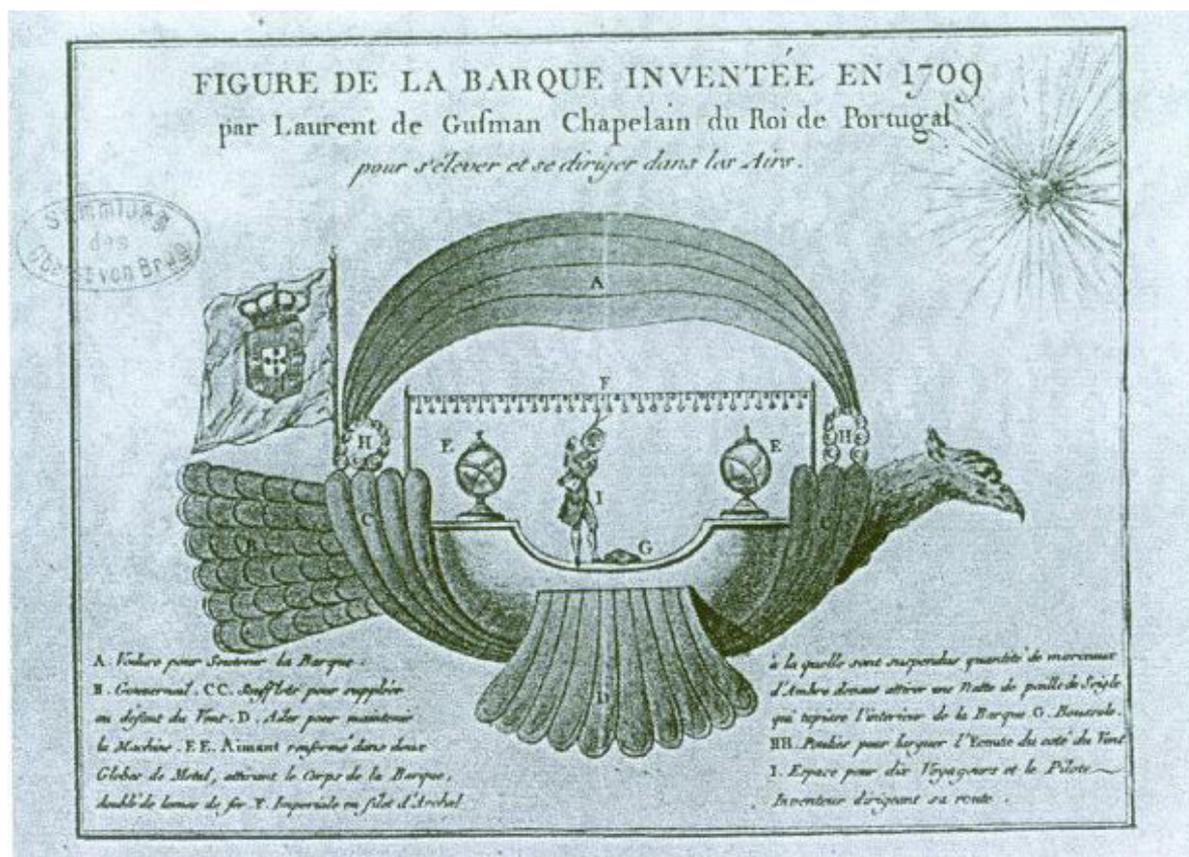


**Figura 4.6:** Impresso anônimo publicado na tipografia de Johann Baptist Schönwetter em junho de 1709. Fonte: (Biblioteca Nacional da Áustria – BNA)<sup>305</sup>

<sup>305</sup> Tradução do texto da FIGURA 4.6: “Vista de um admirável navio aéreo [FIGURA 4.7] ou a arte de voar que proporciona ao homem viajar pelos ares em vinte e quatro horas, tão depressa sobre a terra como sobre os mares, transportando longinquamente aos exércitos em guerra, cartas, ordens, reforço, munições, dinheiro, permitido socorrer as praças assediadas em todas as suas necessidades, como quaisquer aprovisionamentos. Esta arte foi descoberta por um sacerdote brasileiro e oferecida a Sua Majestade o Rei de Portugal e deve a 24 de junho deste ano de 1709 fazer experiência publica em Lisboa. Traduzido pela primeira vez do português para o alemão culto e pela primeira vez agora impresso”. Apud (TAUNAY, 1938b, p. 191-192).



**Figura 4.7:** Imagem da Passarola presente no impresso anônimo publicado na tipografia de Johann Baptist Schönwetter em junho de 1709. **Fonte:** (BNA).



**Figura 4.8:** Passarola francesa (século XVIII) recentemente divulgada. **Fonte:** (GETHMANN, 2004)<sup>306</sup>

Mas a Passarola, de fato, representaria a máquina voadora inventada por Bartholomeu de Gusmão? Há fortes indícios que não: primeiramente, porque tal iconografia surgiu provavelmente entre os meses de maio e junho de 1709, no período em que o público intelectual ainda não havia tomado conhecimento do real formato deste invento, pois o inventor teria guardado o segredo de sua construção para somente apresentá-lo, oficialmente, na presença de D. João V, no mês de agosto deste mesmo ano. Em segundo lugar, atualmente são conhecidos diversos relatos<sup>307</sup> setecentistas confiáveis de pessoas que, em sua maioria,

<sup>306</sup> Esta *Passarola* francesa não é inédita, pois ela já havia sido parcialmente exibida no livro: DOLLFUS, Charles, BOUCHÉ, Henri. *Histoire de l'aéronautique*. Paris: L'illustration, 1932. Neste livro os autores omitiram o título desta iconografia que foi então divulgada integralmente, em 2004, no artigo de Gethmann (2004, p. 133).

<sup>307</sup> Ver ANEXOS XI-XV.

havam presenciado a realização das primeiras experiências oficiais da máquina voadora, ocorridas em agosto de 1709, e cujos depoentes afirmam que o formato deste invento era de um corpo esférico de papelão sustentado por uma tigela de madeira ou pequena barca no interior da qual se colocava fogo que lhe servia de propulsão para elevá-la do solo. Além disso, nenhum desses relatos, posteriores a agosto de 1709, referem-se que tal invento teria o formato de uma Passarola como erroneamente informam diversos impressos alemães, austríacos e italianos divulgados entre os meses de maio e julho de 1709. Em terceiro lugar, em 1928, o jesuíta italiano Galileu Venturini<sup>308</sup> localizou um interessantíssimo relato setecentista, atribuído ao poeta italiano Pier Jacopo Martello (1665-1727), a respeito da autoria da iconografia da *Passarola*, cuja informação foi reportada a Martello pelo então embaixador de Portugal em Roma, 3º Marquês de Fontes, D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses<sup>309</sup>.

Encarecendo eu [Pier Jacopo Martello] deste fato [da veracidade da iconografia da Passarola], certo dia, a conversar com Sua Excelência, o Embaixador de Portugal [3º Marques de Fontes], homem possuidor de variados conhecimentos e sobremodo versado nas Belas Artes, e nas nobres, sorriu ele amenamente e me confidenciou o modo pelo qual seu estudiosíssimo primogênito [8º Conde de Penaguião], (cujo cultivo da alta inteligência fora cometido ao matemático brasileiro, sendo o único que este religioso admitia no recinto em que o tão esperado aparelho se construía) se houvera para não revelar o segredo confiado à sua lealdade.

Para libertar-se da curiosidade inoportuna das perguntas [o 8º Conde de Penaguião] deixava escapar aquele papel manuscrito, passando de mão em mão, fora ter inopinadamente aos prelos da Alemanha, França e Holanda, havendo o jovem fidalgo, e o Indiano [sic] estourado de riso por causa de tal sucesso.<sup>310</sup>

---

<sup>308</sup> VENTURINI, Galileu. *Da Icaro a Montgolfier*. Roma, 1928. Apud (TAUNAY, 1942, p. 272-273).

De acordo com Taunay, o capítulo XIII da obra de Venturini versa sobre “o que, em matéria de aerostação, ocorreu de mais importante no primeiro quartel do século XVIII”.

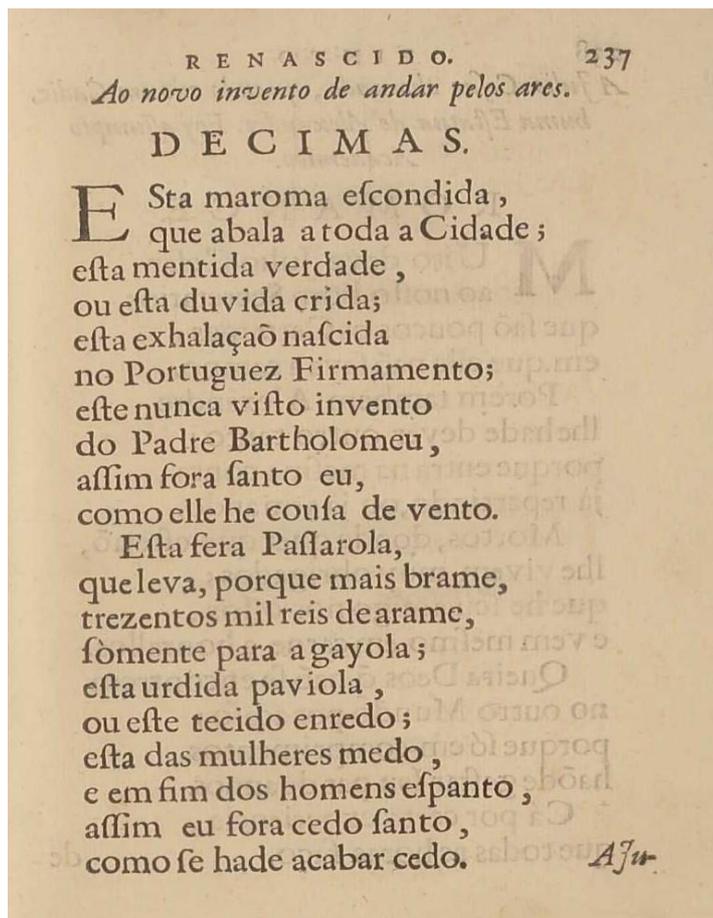
<sup>309</sup> O 3º Marquês de Fontes (D. Rodrigo Anes de Sá Almeida e Meneses), em 1709, era profundo defensor da viabilidade da máquina voadora inventada pelo Padre Bartholomeu Lourenço. Ver **ANEXOS VI e XXV**.

<sup>310</sup> MARTELLO, Pier Jacopo. *Opere- Seguito del Teatro Italiano*. vol.5. Bolonha: Della Volpe, 1723, p. 377. Tradução do original, em italiano, Apud (TAUNAY, 1942, p. 282-283 e 1981, p. 50). Este depoimento de Martello provavelmente foi apurado entre os anos de 1712 e 1718, período este em que o 3º Marquês de Fontes esteve em Roma, na função de embaixador de Portugal.

Assim, reporta Pier Jacopo Martello que o 3º Marques de Fontes ter-lhe-ia informado que a iconografia da Passarola havia sido divulgada por seu filho primogênito, D. Joaquim Francisco Sá Meneses e Almeida (8º Conde de Penaguião), única pessoa a quem o Padre Bartholomeu admitia no recinto onde estava sendo construída a máquina voadora. Além disso, o depoimento de Martello sinaliza que tal iconografia havia sido desenhada como uma mera brincadeira, provavelmente a mando do próprio inventor, visando iludir possíveis aproveitadores que dela viessem a tomar conhecimento, na tentativa de convencê-los, intencionalmente, da existência de um falso memorial descritivo deste invento, mantendo, portanto, sob o mais completo sigilo, o verdadeiro segredo da elevação de sua máquina voadora até o momento propício em que viesse a apresentá-la no Palácio Real de Lisboa, em agosto de 1709.

Mas se por um lado, a estratégia adotada pelo Padre Bartholomeu de divulgar a iconografia da Passarola, acompanhada de uma fantasiosa explicação de sua máquina voadora, salvaguardou o real formato e o verdadeiro princípio de funcionamento deste invento; por outro lado, o surgimento desta iconografia refletiu negativamente em sua imagem enquanto inventor, atraindo para si as mais severas críticas do meio intelectual.

Apesar das críticas advindas, principalmente, do poeta Thomaz Pinto Brandão (1664-1743), Bartholomeu Lourenço decidiu dar prosseguimento a seu projeto de construir uma máquina voadora e finalmente apresentou a sua invenção, em agosto de 1709, na presença de D. João V, conforme atestam os seguintes relatos setecentistas presentes na TABELA 4.1:



**Figura 4.9:** Poesia de Thomaz Pinto Brandão criticando o “novo invento de andar pelos ares”. **Fonte:** (BRANDAM, 1732)<sup>311</sup>

<sup>311</sup> Este poema apesar de ter sido impresso em 1732, foi escrito provavelmente entre abril e julho de 1709, pois nesta composição literária Thomaz Pinto Brandão afirma: “esta maroma escondida que abala a toda a Cidade [...] este nunca visto invento do Padre Bartholomeu [...]”. Logo, podemos deduzir que no período em que este poema foi escrito Bartholomeu Lourenço estava a construir sua máquina voadora e ainda não havia realizado nenhuma experiência oficial. Ver: BRANDAM, Thomaz Pinto. *Pinto Renascido, empennado, e desempennado: primeiro voo*. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1732, p. 237. Outras poesias deste mesmo autor, alusivas a Bartholomeu Lourenço, constam em: *Ibidem*, p. 509-511; SIMÕES, Filipe, 1868, p. 47-49 e p. 55-56; CABRAL, Alfredo do Vale. “Satyras inéditas de T. Pinto Brandão. Gusmão, o Voador, ridicularizado”. In: “Variedade” - *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, vol. I, 1876, p. 190-198.

Além do poeta Thomaz Pinto Brandão, outros intelectuais portugueses setecentistas compuseram versos referentes ao Padre Bartholomeu. Simões (1868, p. 29-57), por exemplo, transcreveu em seu livro cerca de quinze composições literárias setecentistas alusivas à máquina voadora, que em sua maioria ridicularizam o Padre Voador. Ver também: (TAUNAY, 1938b, p. 55-83); *Ao Padre dos inventos—Romance*. [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-1413, [17--?], fls. 121v.-123r; *Que o voador voara, ouvi dizer*. [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-1413, [17--?], fl. 136r; *Romance a Passarola: irmão de Alexandre de Gusmão. Do Conde da Eryceira*. Em *Curiosidades dos primeiros annos de Frei Vicente Salgado, religioso da Terceira Ordem e S. Francisco*. [S.l.]. ACL, manuscrito série vermelha, número 188, [17--?], fls. 203r-208r.

| Depoente                                 | Provável data do depoimento | Data da experiência   | Local da experiência <sup>312</sup>   | Formato do aparato experimental   | Avaliação da experiência  |
|--|-----------------------------|---|---|---|---|
| Salvador António Ferreira <sup>313</sup> | Anterior a 1719.            | <p>Relata Salvador Ferreira terem ocorrido três experiências da máquina voadora:</p> <p>(1) A primeira experiência teria ocorrido no dia 3 ou 5 de agosto de 1709;<sup>314</sup></p> <p>(2) A segunda experiência teria ocorrido em 5 ou 7 de agosto de 1709;<sup>315</sup></p> <p>(3) E a terceira, em 3 outubro do mesmo ano.</p> | <p>(1) “...casa [do Forte] que fica embaixo da das embaixadas [em Lisboa]...”;</p> <p>(2) “na Casa Real [do Palácio Real de Lisboa];</p> <p>(3) “... ponte da Casa da Índia”.</p> | <p>(1) Sobre a primeira experiência da máquina voadora, Salvador Ferreira não informou o formato deste invento;</p> <p>(2) “... meio globo de madeira delgada, e dentro trazia um globo de papel grosso, metendo-lhe no fundo uma tigela com fogo material...”;</p> <p>(3) Não informado.</p> | <p>(1) A primeira experiência teria sido mal sucedida, pois “não surtiu efeito, porque logo ao princípio se queimou”;</p> <p>(2) A segunda experiência teria sido bem sucedida, pois o globo de papel “subiu mais de 20 palmos [aproximadamente 4,4 metros], e como o fogo ia bem aceso, começou a arder o papel subindo; e o meio globo de madeira ficou no chão sem subir, porque ficou frustrado o intento”;</p> <p>(3) A terceira experiência foi provavelmente realizada em campo aberto, pois “... tendo [a máquina voadora] já subido a bastante altura caiu no chão sem efeito...”.</p> |

**TABELA 4.1:** Principais relatos sobre as experiências da máquina voadora realizadas em Lisboa, em 1709. **(continua)**

<sup>312</sup> Todos os locais citados nesta tabela, onde se realizaram as experiências com a máquina voadora, são nas mediações do Palácio Real de Lisboa ou, em alguns casos, especificamente no interior deste palácio.

<sup>313</sup> FERREIRA, Salvador António. *Varias noticias de cazos acontecidos em Portugal* [1680 – 1719]. [S.l.], BPMP, manuscrito MS-FA-15, [17--?], fls. 52v. e 56 v; **ANEXO XV**.

<sup>314</sup> A caligrafia do manuscrito de Salvador António Ferreira, de fato deixa certa margem de dúvida quanto ao dia em que teria ocorrido esta primeira experiência. De acordo com Taunay (1942, p. 196) seria 03 de agosto, por outro lado, segundo Basto, Artur (1946, p. 78-81), a data teria sido 5 de agosto; Ao analisarmos tal manuscrito verificamos que provavelmente a data informada por Salvador António Ferreira seja 3 de agosto de 1709.

<sup>315</sup> A data da segunda experiência relatada por Salvador António Ferreira, também deixa margem para dúvida em função da caligrafia. De acordo com Taunay (1942, p. 196) seria 5 de agosto, porém segundo Basto, Artur, (1946, p. 78-81) a data teria sido 7 de agosto. Ao analisarmos tal manuscrito verificamos que provavelmente a data informada por Salvador António Ferreira seja 5 de agosto de 1709.

| Depoente  | Provável data do depoimento | Data da experiência  | Local da experiência  | Formato do aparato experimental          | Avaliação da experiência  |
|---|-----------------------------|--|---|--|---|
| Francisco Leitão Ferreira <sup>316</sup> (1667-1735)    | Anterior a 1735             | Relata Francisco Leitão Ferreira uma experiência da máquina voadora ocorrida em 8 de agosto de 1709.   | “... no pateo da Casa da Índia diante de Sua Magestade e muita fidalgia...”<br>No final do relato, o depoente retifica que tal experiência teria ocorrido na Sala das Audiências. | Um “globo”.                              | A experiência teria sido bem sucedida, pois o globo “subiu suavemente à altura da Sala das Embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo material que ardia e a que aplica o fogo no mesmo invento”  |
| Cardeal Michelângelo Conti (1655 - 1724) <sup>317</sup> | 16 de agosto de 1709        | Relata o Cardeal Michelangelo Conti terem corrido duas experiências da máquina voadora no início do mês de agosto de 1709, porém o depoente não especifica as datas exatas de tais experiências. | Michelângelo Conti informa apenas que tais experiências teriam ocorrido na presença de D. João V.   | “...um corpo esférico de pouco peso ...” | (1) A primeira experiência teria sido mal sucedida, pois pegou fogo “sem se mover da terra”...<br>(2) “E a segunda [experiência], se bem que se elevasse duas canas [aproximadamente 4 metros] igualmente se queimou”.<br><br>Michelângelo Conti termina o depoimento informando que o inventor, nesta data, 16 de agosto, estava “fabricando outro engenho maior”. |

**TABELA 4.1:** Principais relatos sobre as experiências da máquina voadora realizadas em Lisboa, em 1709. (**continuação**)

<sup>316</sup> Presbítero secular, historiador e consócio de Bartholomeu Lourenço na Academia Real de História Portuguesa, a partir de 1720. De acordo com Diogo Barbosa Machado, Francisco Leitão Ferreira tinha certo interesse pela Física, pois em 21 de janeiro de 1691 “defendeo conclusões publicas de Physica...”. Ver: (MACHADO, Diogo, 1747, tomo II, p. 169); **ANEXO XI**.

<sup>317</sup> Michelangelo Conti, em 1709, era Núncio Apostólico em Portugal onde permaneceu de 1696 a 1710 e onze anos depois, em 1721, veio a se tornar Papa Inocêncio XIII, sucessor de Clemente XI. O depoimento de Michelangelo Conti a respeito de duas experiências realizadas em Lisboa, com a máquina voadora, consta em: “Foglietto di avvisi” In: *Nunziatura di Portogallo*, tomo 67, Archivo Vaticano, Apud (FARIA, António, 1913, p. 370); **ANEXO XIV**.

Uma breve biografia sobre Michelangelo Conti consta em: (ALMEIDA, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. Tomo III, parte I. 1915, p. 706).

| Depoente  | Provável data do depoimento | Data da experiência  | Local da experiência   | Formato do aparato experimental                            | Avaliação da experiência  |
|---|-----------------------------|--|--|--|---|
| José Soares da Silva (1672-1739) <sup>318</sup> | 15 de agosto de 1709        | Relata José Soares da Silva terem corrido duas experiências da máquina voadora no início do mês de agosto de 1709, porém o depoente não especifica as datas exatas de tais experiências. | <p>(1) A primeira experiência teria ocorrido na “caza do Forte debaixo da das embaixadas, diante de Sua Majestade, D. João V;</p> <p>(2) E a segunda, no terreiro do Paço (hoje Praça do Comércio, em Lisboa);</p> | <p>(1) “... um globo de papel”.</p> <p>(2) um “globo”.</p> | <p>(1) A primeira experiência relatada por José Soares da Silva teria sido bem sucedida, pois o inventor “foy fazer a primeira prova do seu engenho, levando para isto hum globo de papel o qual dizia elle, que por si mesmo se havia de elevar aos ares, metendolhe hua vela acesa, e fazendo o a primeira vez, voou elle com brevidade, porque lhe pegou o fogo, e ardeu inteiramente...”.</p> <p>(2) A segunda experiência relatada por Soares da Silva também teria sido bem sucedida, pois o “segundo globo, que se levou no segundo dia ao Paço [Terreiro do Paço], o que se não ardeu como o primeiro, fez o que qualquer fizera porque gastado pela luz o ar que continha dentro o globo [...] tornou outra vez a descer como subira...”.</p> <p>Portanto, relata Soares da Silva ter havido duas experiências de sucesso, provavelmente em dias subsequentes, no início do mês de agosto de 1709.</p> |

**TABELA 4.1:** Principais relatos sobre as experiências da máquina voadora realizadas em Lisboa, em 1709. **(continuação)**

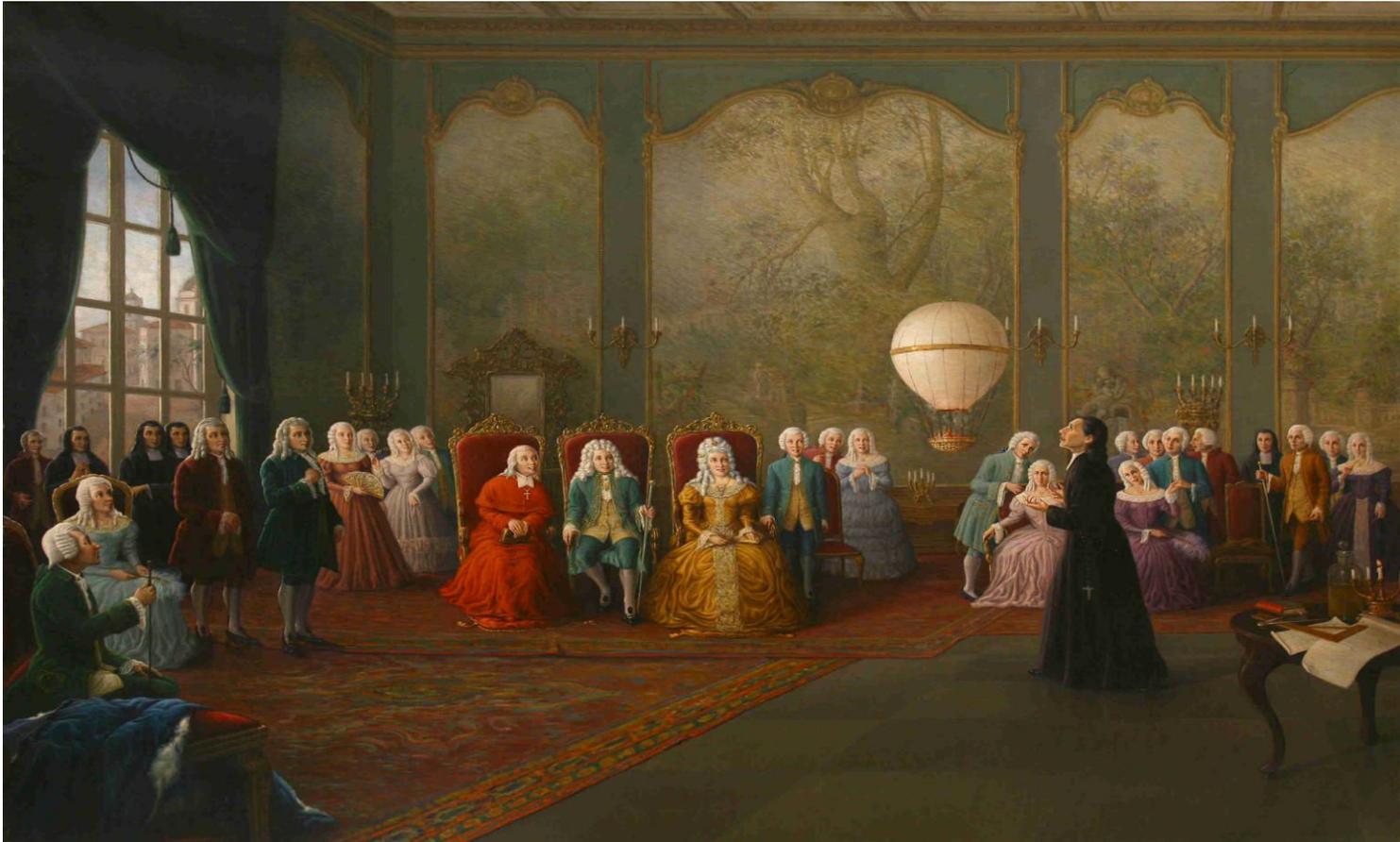
<sup>318</sup> Pessoa de elevada reputação no meio intelectual lisboeta, José Soares da Silva era Cavaleiro da Ordem de Cristo. Assim como Bartholomeu Lourenço, José Soares da Silva foi um dos cinquenta primeiros acadêmicos escolhidos por D. João V e pelo IV Conde da Ericeira para fazer parte da Academia Real de História Portuguesa fundada em 1720. Ver: TAUNAY, 1938a, p. 103-104; SYLVA, Manoel, 1727, p. 132-135; **ANEXO XIII**.

| <b>Depoente</b>                                   | <b>Provável data do depoimento</b> | <b>Data da experiência</b>  | <b>Local da experiência</b>  | <b>Formato do aparato experimental</b> | <b>Avaliação da experiência</b>   |
|---|------------------------------------|---|--|--|---|
| José da Cunha Brochado (1665-1733) <sup>319</sup> | 10 de agosto de 1709               | Relata José da Cunha Brochado ter presenciado uma experiência da máquina voadora, no início do mês de agosto de 1709. | Relata José da Cunha Brochado que “hu destes dias havia de ter o contentamento de ver voar o sacerdote da [na] caza do Forte...” | “...navio de papel...”                 | A experiência teria sido mal sucedida, pois “se antes de começar o vôo se não queimara o engenho ou navio de papel...”. |

**TABELA 4.1:** Principais relatos sobre as experiências da máquina voadora realizadas em Lisboa, em 1709. **(conclusão).**<sup>320</sup>

<sup>319</sup> Segundo Diogo Barbosa Machado, José da Cunha Brochado foi “cavaleiro da Ordem Militar de Christo, fidalgo da Caza de Sua Magestade [...], conselheiro da Real Fazenda, Chancellor das Ordens Militares [...], censor e director da Academia Real de História Portugueza [...]”, além de ter sido consócio de Bartholomeu Lourenço nesta mesma academia, a partir de 1720. Ver: MACHADO, Diogo, 1747, tomo II, p. 843; CARVALHO, Joaquim de. “Cartas de José da Cunha Brochado ao Conde de Viana, D. José de Meneses (1705-1710)”. In *O Instituto - Revista Científica e Literária*. Coimbra, vol. 71, nº 10, out. 1924 (1927), p. 476; **ANEXO XII**.

<sup>320</sup> Os depoimentos citados na TABELA 4.1 podem ser considerados os mais probos atualmente conhecidos, sendo um dos depoentes nada menos que o Núncio de Lisboa, em 1709, Michelângelo Conti, que doze mais tarde se tornou Papa Inocêncio XIII. Outros depoimentos alusivos à máquina voadora podem ser encontrados nos **ANEXOS XIX, XXV, XXX, XXXI e XXXII**.



**Figura 4.10:** Experiência de sucesso com o balão de ar quente, na visão do pintor paulista Bernardino de Souza Pereira, a partir do relato de Francisco Leitão Ferreira de 08 de agosto de 1709 (Pintura da década de 40 do século XX). **Fonte:** Museu Paulista.<sup>321</sup>

<sup>321</sup> Este quadro, de autoria de Bernardino de Souza Pereira, foi encomendado pelo pesquisador Afonso Taunay visando deixar registrada a reconstituição histórica de uma das primeiras experiências de sucesso com o balão de ar quente. Com a encomenda deste quadro Taunay visava apresentar uma visão mais realista do formato da máquina voadora inventada pelo Padre Bartholomeu Lourenço para que paulatinamente caísse em descrédito a infeliz iconografia da Passarola. Ver: (TAUNAY, 1943, p. 9-11).



**Figura 4.11:** Vista em perspectiva do Paço da Ribeira, onde se localizavam a Casa da Índia, Casa do Forte e o Terreiro do Paço, em cujos locais o Padre Bartholomeu Lourenço realizou experiências com o seu “instrumento para se andar pelo ar”. **Fonte:** Biblioteca Nacional de Portugal<sup>322</sup>

<sup>322</sup> Pintura de Georg Gottfried WINCKLER (década de 1740).

“A Casa da Índia foi uma organização portuguesa criada em Lisboa para administrar os territórios portugueses além mar, assim como todos os aspectos do comércio externo, navegação, desembarque e venda de mercadorias”. Ver: “Casa da Índia”. Disponível em < <http://dicionario.sensagent.com/casa+da+india/pt-pt/>>. Acesso em 05 jan. 2010. De acordo com Schwarcz (2002, p. 475), a Casa do Forte do Paço da Ribeira abrigou a Biblioteca Régia até o terremoto de 1755.

A partir dos relatos resumidos na TABELA 4.1 podemos chegar às seguintes conclusões:

1. Ocorreram, pelo menos, 6 (seis) experiências com a máquina voadora, dentre as quais cinco delas no início do mês de agosto de 1709 e uma sexta experiência em outubro daquele mesmo ano<sup>323</sup>. Julgamos, no entanto prematuro estipularmos uma data específica que demarque a primeira experiência de sucesso com a máquina voadora, pois há divergências entre os depoentes nesta questão. A maioria dos pesquisadores que se dedicaram ao estudo histórico-científico de tais experiências atribui o dia 08 de agosto de 1709 como sendo a data da memorável experiência de sucesso com a máquina voadora, provavelmente por que esta informação provém de uma pessoa de notoriedade no meio intelectual lisboeta, na era setecentista: Francisco Leitão Ferreira.
  
2. Notemos que nenhum dos depoentes citados na TABELA 4.1 faz qualquer alusão ao formato da máquina voadora assemelhar-se a uma *Passarola*, estampa divulgada em Lisboa por volta de maio de 1709, o que demonstra, portanto, que aqueles que tiveram a oportunidade de presenciar as experiências ou delas tomar conhecimento a partir de agosto de 1709, aperceberam-se, então, de que o formato da máquina voadora assemelhava-se a um globo<sup>324</sup> de pequenas dimensões,

---

<sup>323</sup> Supomos que os depoentes Michelângelo Conti, José da Cunha Brochado e Salvador Ferreira tenham presenciado a mesma experiência mal sucedida ocorrida na Casa do Forte, e que os depoentes Michelângelo Conti e Salvador Ferreira tenha presenciado a mesma experiência bem sucedida na Casa Real. Portanto, em agosto de 1709, teriam ocorrido, pelo menos, duas experiências na Casa do Forte, uma na Casa Real, uma na Sala das Audiências e uma no Terreiro do Paço. E em outubro de 1709: uma experiência na ponte da Casa da Índia.

<sup>324</sup> Salientamos que existe um manuscrito (códice 342, BGUC), provavelmente redigido entre o final de abril e início do mês de maio de 1709, onde o depoente anônimo informa que o formato do compartimento de ar (quente) da máquina voadora seria, em princípio, piramidal e capaz de transportar um aeronauta. Não podemos afirmar até que ponto este depoimento é confiável, pois se trata de autor anônimo, mas certamente este não foi o formato da máquina

construído provavelmente a partir de uma armação de arames forrada com papel grosso, sob o qual se colocava uma fonte ígnea que viabilizava a elevação deste aparato experimental a certa altura do solo, embora, inicialmente, através de uma combustão não controlada rudimentar, pois o protótipo apesar de ter se elevado do solo em algumas experiências de sucesso, logo em seguida teria se queimado. Mas aparentemente o inventor foi aprimorando o seu protótipo, pois conforme relatava o Núncio Apostólico de Lisboa, Michelângelo Conti, em 16 de agosto de 1709 o inventor já estaria construindo um aparato experimental de proporções maiores e que muito provavelmente foi testado na experiência de 3 de outubro relatada por Salvador António Ferreira, cujo protótipo se elevou a grande altitude e retornou ao solo, mas desta vez, aparentemente sem se queimar.

A partir das informações supracitadas, podemos concluir que o “instrumento para se andar pelo ar” inventado pelo Padre Bartholomeu, em agosto de 1709, era de fato um *aeróstato* ou popularmente um *balão de São João*. Porém, devemos ser cautelosos ao avaliarmos o passado com um olhar do presente para não cairmos na tentação de antecipadamente vangloriarmos o ilustre santista pelo suposto pioneirismo na ascensão de um artefato voador mais leve que o ar, pois de acordo com o historiador Joseph Needham<sup>325</sup> (1900-1995), dois séculos antes da era

---

voadora testada em agosto de 1709, conforme relatos citados na TABELA 4.1. É muito provável que este manuscrito anônimo, tal como a iconografia da Passarola, tenha sido escrito para encobrir o verdadeiro formato deste invento, pois o autor anônimo informa: “... [Bartholomeu Lourenço] tem alcansado Previlégio perpetuo, e que só elle, ou seus herdeiros, possão usar deste invento, e espera sahir com elle [o invento] a publico dentro em tres mezes”. Logo este manuscrito tal como a iconografia da *Passarola* veio a lume em data anterior às primeiras experiências oficiais com a máquina voadora e por isso não corroboram os depoimentos citados na TABELA 4.1 que são todos posteriores a agosto de 1709. Ver: *Descripção e figura da admiravel maquina para se navegar pelo ar, que faz Lisboa o Pe. B.meu Lourenço natural do Brazil, dada a estampa por hum amigo do autor, tirada de noticias particulares que este lhe comonicou*: [S.l.]. BGUC, códice 342, [ca. maio 1709], fls. 247 v. - 249r.

<sup>325</sup> NEEDHAM, Joseph. *Science and Civilization in China*. Vol. 4, part 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2000, p. 595-599.

cristã, os chineses já teriam o hábito de se divertirem com cascas de ovos vazias que se elevavam do solo impulsionadas por ar quente. Outro entretenimento milenar chinês, citado por Needham, refere-se à ascensão de lanternas esféricas de papel que, tal como as cascas de ovos, elevavam-se do solo mediante a aplicação de uma fonte ígnea aplicada sob a parte inferior deste artefato voador. Além das lanternas esféricas de papel servirem como forma de entretenimento, defende o escritor chinês Yinke Deng<sup>326</sup> que elas também teriam sido utilizadas como forma de sinalização noturna para a intimidação de inimigos durante batalhas. No entanto, ainda não foram encontradas provas documentais confiáveis que atestem que na China, antes da penúltima década do século XVIII, tenha havido experiências com artefatos voadores que visassem provar a navegabilidade aérea, como o fez o Padre Bartholomeu, em 1709, e posteriormente também o fizeram os irmãos Montgolfier, em 1783. Antes de Bartholomeu, o Padre italiano Francesco Lana Terzi (1631-1687) também tentou provar a navegabilidade aérea através do projeto de uma barca que supostamente se elevaria do solo sustentada por globos de cobre ocos, delgados e desprovidos de ar em seus interiores<sup>327</sup>. De acordo com Rómulo de Carvalho (1906-1997)<sup>328</sup>, Terzi jamais chegou a por em prática tal projeto que foi minuciosamente detalhado em sua obra de 1670, porém, mesmo se o fizesse, não obteria êxito, pois o globo de cobre delgado seria comprimido pela pressão atmosférica externa.<sup>329</sup>

---

<sup>326</sup> DENG, Yinke. *Ancient Chinese Inventions*. New York: Cambridge University Press, 2011, p.130-132.

<sup>327</sup> TERZI, Francesco Lana. *Prodromo Ovvero Saggio di Alcune Inventioni Nuove Premesso All'arte Maestra*. Brescia: Rizzardi, 1670, p. 52-61 (Figuras III-V).

<sup>328</sup> CARVALHO, Rómulo de. *História dos Balões*. Lisboa: Relógio D'água, 1991, p. 10-13.

<sup>329</sup> Além do Padre Lana Terzi, outros sábios tentaram provar a navegabilidade aérea, antes do nascimento do Padre Bartholomeu. Algumas dessas tentativas foram voltadas para vôos individuais, através de aparatos ligados a braços e pernas que visavam alçar vôo semelhante a pássaros. Neste contexto, destacamos a tentativa de vôo do Sr. Besnier, citada no *Journal des Sçavans* de 12 de dezembro de 1678. Ver: HOOKE, Robert. "An account of the Sieur Bernier's [sic] way of Flying"; In: *Philosophical collections*. n. 1. London: Royal Society, 1682, p. 14-17; DUHEM, Jules. *Musée Aéronautique - avant Montgolfier*. Paris: Editor Fernand Sorlot, 1944, p. 128-134.

Eis então o mérito de nosso compatriota: *ter realizado a primeira experiência aerostática de sucesso, na presença de autoridades governamentais e eclesiásticas, com o claro intuito de se provar a navegabilidade área.*

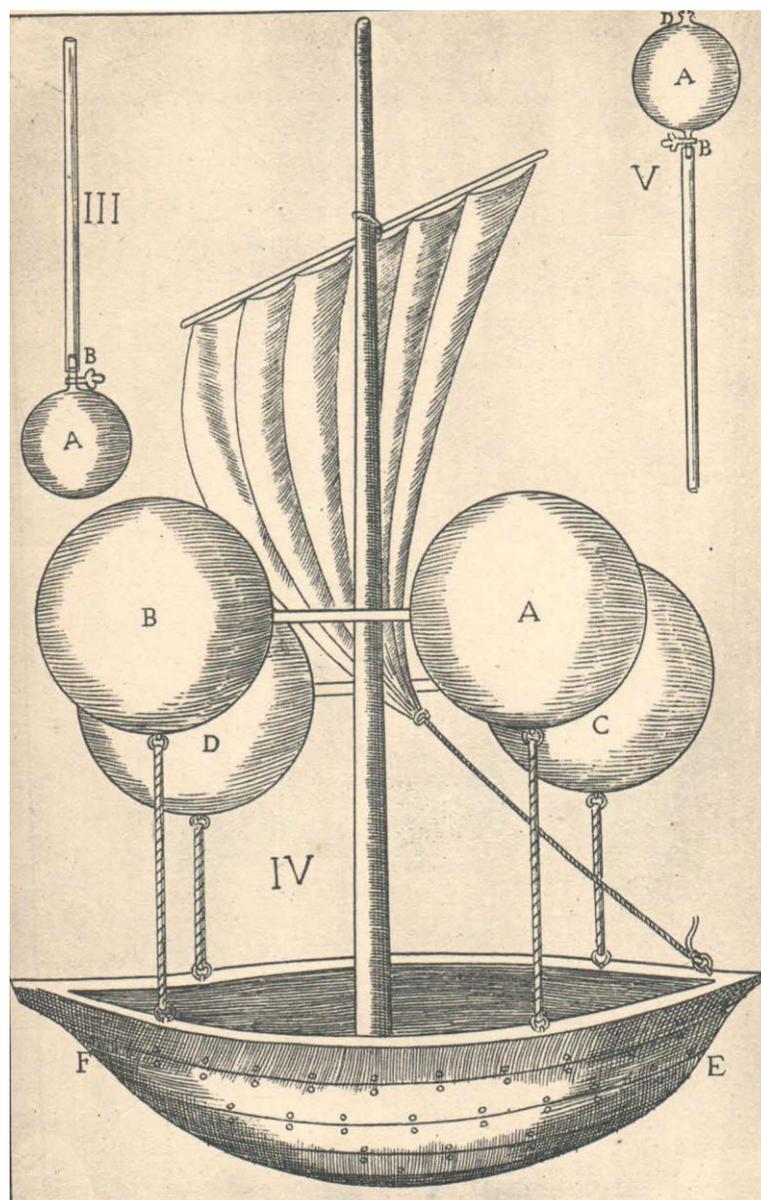
Apesar do sucesso obtido em algumas experiências aerostáticas realizadas em Lisboa, nos meses de agosto e outubro de 1709, e da clara intenção do inventor de paulatinamente aprimorar o seu protótipo, por razões até então desconhecidas, decidiu o Padre Bartholomeu Lourenço abandonar suas pesquisas com tal invento provavelmente ainda no ano de 1709. Surge então a seguinte indagação: por que o inventor não teria ousado prosseguir o seu projeto de construção de uma máquina voadora, haja vista que Sua Majestade, D. João V, mostrava-se tão receptivo à continuidade de suas pesquisas?<sup>330</sup>

É provável que Bartholomeu estivesse ciente de que o prestígio que conquistara junto ao seu maior protetor e financiador de suas pesquisas, D. João V, era sua maior garantia para a continuidade de seu trabalho em favor da Coroa Portuguesa. E, portanto, em função dos resultados de suas experiências estarem aquém das expectativas anunciadas na petição, somadas às críticas advindas do meio intelectual lisboeta, o inventor teria optado por abandonar suas pesquisas aerostáticas, temendo que tais fatos pudessem gerar um clima de desconfiança sobre sua real capacidade inventiva e a consequente perda de credibilidade junto ao financiador de suas pesquisas, D. João V.<sup>331</sup>

---

<sup>330</sup> Podemos citar duas provas do prestígio do Padre Bartholomeu Lourenço junto a Sua Majestade: a primeira em função do monarca ter cedido sua própria Quinta, em Alcântara, para que o inventor pudesse fazer os testes como seu primeiro protótipo aerostático, cujo relato está contido na *Gazeta em forma de carta* de 15 de maio de 1709 (SILVA, José, 1933, p.198); a segunda prova está contida em um manuscrito setecentista descoberto por Simões (1868, p.93): “[...][Bartholomeu Lourenço] tinha em palacio [d’El-Rey] porta franca e mesa prompta”. (*Memoria do P.<sup>e</sup> Bartholomeo Lourenço, chamado vulgarmente o Voador, pella razão q. abaixo se relata.* [S.l.]. BGUC, códice 537, [ca. 1724], fl. 315r).

<sup>331</sup> Na visão de Mário Domingues, assim teria sido a impressão da sociedade lisboeta, em 1709, em relação ao invento aerostático do Padre Bartholomeu: “A rotina, a estupidez e a superstição apoderaram-se do acontecimento. Começaram a qualificar o inventor de feiticeiro, em relações secretas com o Demônio; enredaram-no numa intriga tão densa de calúnias, que o próprio povo [inicialmente] entusiasmado com a façanha, passou a olhá-lo de viés. A



**Figura 4.12:** Barca voadora proposta pelo Padre italiano Francesco Lana Terzi. **Fonte:** (TERZI, 1670).

insidiosa campanha de boatos contra o seu invento tornou-se tão intensa e ameaçadora, que o padre Gusmão resolveu abandonar os trabalhos de aperfeiçoamento a que se entregara após o primeiro vôo”. (DOMINGUES, Mário, 1964, p. 53).

### 4.5.3 TÉCNICAS DE ESGOTAMENTO DE PORÕES DE EMBARCAÇÕES

No ano imediatamente posterior às experiências aerostáticas, o padre *Voador* apresentou a D. João V novos inventos, desta vez, destinados a amenizar um problema que preocupava a navegação marítima em viagens de longas distâncias: o inevitável alagamento dos porões. Era praticamente impossível evitá-lo a partir das técnicas de impermeabilização até então disponíveis, pois a calafetagem realizada nas embarcações de madeira tinha ação temporária, e era constantemente vencida pelas ondas do mar que se chocavam contra o casco da embarcação.<sup>332</sup>

Ciente de que este problema causava insegurança nas viagens marítimas de longas distâncias, ao colocar em risco tripulações inteiras em alto mar, Bartholomeu, no auge de seus 25 anos incompletos, apresentou a D. João V uma série de alternativas técnicas para a expulsão de águas dos porões de embarcações, cujas idéias foram expostas em sua primeira obra impressa em 1710, e que se intitula *Vários modos de esgotar sem gente as naus que fazem água*<sup>333</sup>. Trata-se de um opúsculo de 13 páginas, escrito na versão bilíngue (português-latim), no qual são expostos seis modos de esgotamento automático de embarcações que, em síntese, visavam a aproveitar a energia cinética dos ventos, das ondas do mar ou do próprio movimento da embarcação, para acionar maquinismos (rodas, roldanas e esferas de metal) que, em geral, eram acoplados a uma bomba hidráulica responsável por drenar a água acumulada no porão e expeli-la para fora da embarcação, conforme mostra a FIGURA 4.13.

---

<sup>332</sup> Em 1712, a expressão “calafetar hum navio” significava: “tapar-lhe os buracos e aberturas [fendas] com estopa e breu”. (BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez e latino*. Tomo II. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, p.44).

<sup>333</sup> *Vários modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua..* Officina Real Deslandense. Lisboa, 1710. Apud (TAUNAY, 1934, p. 201-209; XAVIER, 1933, p. 199-207);

Neste opúsculo, o inventor inicia sua abordagem técnica informando que as bombas hidráulicas utilizadas em embarcações portuguesas eram até então, em geral, acionadas manualmente e dependiam continuamente de grande esforço físico dos marinheiros. Eis a grande vantagem dos “vários modos de esgotar” as naus apresentada por nosso compatriota: *o esgotamento da embarcação se daria de forma automática, sem esforço manual.*

Apresentamos a seguir, resumidamente, as alternativas técnicas para a expulsão de água dos porões de embarcações propostas pelo Padre Bartholomeu, em 1710:

- **Modo 1:** O primeiro modo de esgotamento é certamente o mais simples e óbvio: aproveitar o vento para “mover uma roda que lançasse fóra a água”<sup>334</sup>. Embora Bartholomeu não tenha informado de que forma a água seria expelida para fora da embarcação, é provável que a roda supracitada estivesse acoplada a uma bomba hidráulica, a exemplo dos modos que serão expostos a seguir<sup>335</sup>;
- **Modo 2:** Dependendo das condições climáticas ou mesmo da velocidade da embarcação, se não houver vento suficiente para viabilizar o modo 1, o inventor sugere o uso do modo 2 que, basicamente, aproveita a energia cinética da correnteza marítima para por em movimento uma roda em cujo centro é acoplada uma manivela que gira solitariamente à roda, e por meio de roldanas e cordas esta manivela é acoplada a uma bomba hidráulica, conforme mostram as FIGURA 4.13 e 4.14. De acordo com Bartholomeu, o modo 2 é muito útil quando a embarcação realiza apenas

<sup>334</sup> *Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua*, 1710. Apud (TAUNAY, 1934, p. 204).

<sup>335</sup> Ao longo de sua obra de 1710, Bartholomeu Lourenço, por diversas vezes, utiliza o vocabulário *zoncho* que em sua época significava o êmbolo de uma bomba hidráulica manual. Deste vocabulário derivava o verbo *zonchar* que significava o ato de levantar o êmbolo da bomba para extrair o ar a fim de que a água ocupasse o espaço vazio. (ZONCHO. In: BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza*. Tomo II. Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1789, p.541); (ZONCHAR. In:AMORIM, João Pedro de. *Diccionario de marinha*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1841, p. 319).

o movimento de translação, em uma viagem de mar calmo, não oscilando muito nem de popa a proa, nem de bombordo a estibordo, pois em casos de grandes oscilações da embarcação, a roda formada por paletas poderá não tocar a correnteza marítima o suficiente, que por sua vez poderá prejudicar a eficiência da bomba hidráulica na drenagem do porão.<sup>336</sup>

- **Modo 3:** No modo 3 o inventor trata da oscilação popa-proa da embarcação, aproveitando-a para mover um pêndulo formado por uma esfera e uma haste metálica que se movem solidariamente a uma corda que, por meio de roldanas, acionam a bomba hidráulica, conforme FIGURAS 4.13 e 4.15.
- **Modo 4:** No modo 4 Bartholomeu trata da oscilação bombordo-estibordo, aproveitando-a para mover uma esfera de bronze que deslizará ao longo de uma calha de madeira extremamente lisa, colocada estrategicamente de bombordo a estibordo na embarcação. À medida que a embarcação inclina-se para bombordo ou para estibordo, a esfera de bronze, por ação da gravidade, desloca-se para um dos lados extremos da calha (A ou B), arrastando consigo uma corda que, por meio de roldanas, acionam a bomba hidráulica, conforme FIGURAS 4.13 e 4.16.
- **Modo 5:** No modo 5 o inventor propõe uma alternativa de drenagem utilizando-se canos que se interligam desde o porão até a parte superior da embarcação, por meio de válvulas, conhecidas nos séculos XVIII pelo nome de *chapeleta*<sup>337</sup>. Essas válvulas

---

<sup>336</sup> *Proa* - é a parte dianteira de uma embarcação;

*Popa* - é a parte traseira de uma embarcação;

*Estibordo ou Boreste* - é o lado direito, quando se está voltado para a proa da embarcação;

*Bombordo* - é o lado esquerdo da embarcação;

<sup>337</sup> CHAPELETA. In: BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez e latino*. Tomo II. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712, p. 273; NABO. In: AMORIM, João Pedro de. *Diccionario de marinha*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1841, p. 214-215.

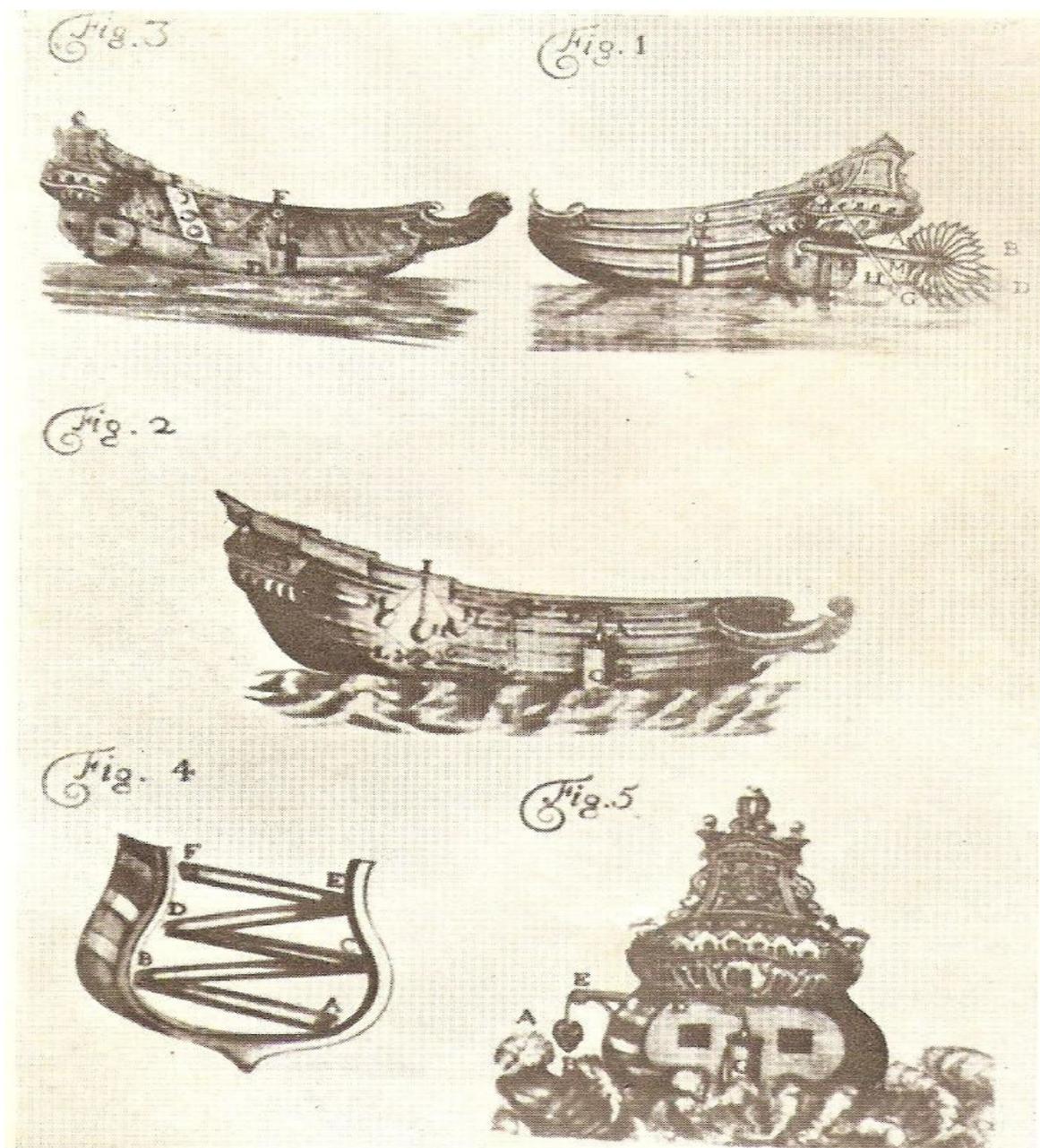
(V) tinham a função de só abrir de fora para dentro, permitindo que a água entrasse nos canos, por ação da gravidade, mas que não conseguisse voltar ao caminho de origem. Desta forma, de acordo com o inventor, instalando-se canos (AB, BC, CD, DE e EF), interligados por *chapeletas*, seria possível aproveitar as oscilações laterais da embarcação para, sucessivamente, transportar a água acumulada no porão (A) até a parte superior da embarcação (F), de onde seria então devolvida ao mar, conforme FIGURA 4.13 e 4.17.

- **Modo 6:** Lança-se ao mar uma bóia amarrada a uma corda que, por meio de roldanas, acionará uma bomba hidráulica instalada na embarcação. Desta forma, de acordo com o inventor, quando a bóia estiver sobre ondas mais altas, a corda amarrada a ela afrouxará, empurrando o êmbolo da bomba para baixo (A'). Por outro lado, se a bóia estiver sobre ondas mais baixas, a corda amarrada a ela puxará o êmbolo da bomba para cima (B') que, por sua vez, aspirará a água acumulada no porão para fora da embarcação, conforme FIGURAS 4.13 e 4.18. Para se ajustar o maquinismo hidráulico à intensidade das ondas marítimas, e garantir que o êmbolo pudesse alcançar às posições A' e B' supracitadas, Bartholomeu sugeriu que se modificasse a quantidade de roldanas para que o êmbolo oferecesse maior ou menor inércia ao ser puxado pela bóia<sup>338</sup>. Este último modo é mais adequado quando a embarcação está ancorada ou em baixa velocidade, pois se estiver movendo-se rapidamente, a correnteza marítima tenderá a arrastar a bóia, prejudicando a plena operação da bomba hidráulica<sup>339</sup>.

---

<sup>338</sup> TAUNAY, 1934, p. 209.

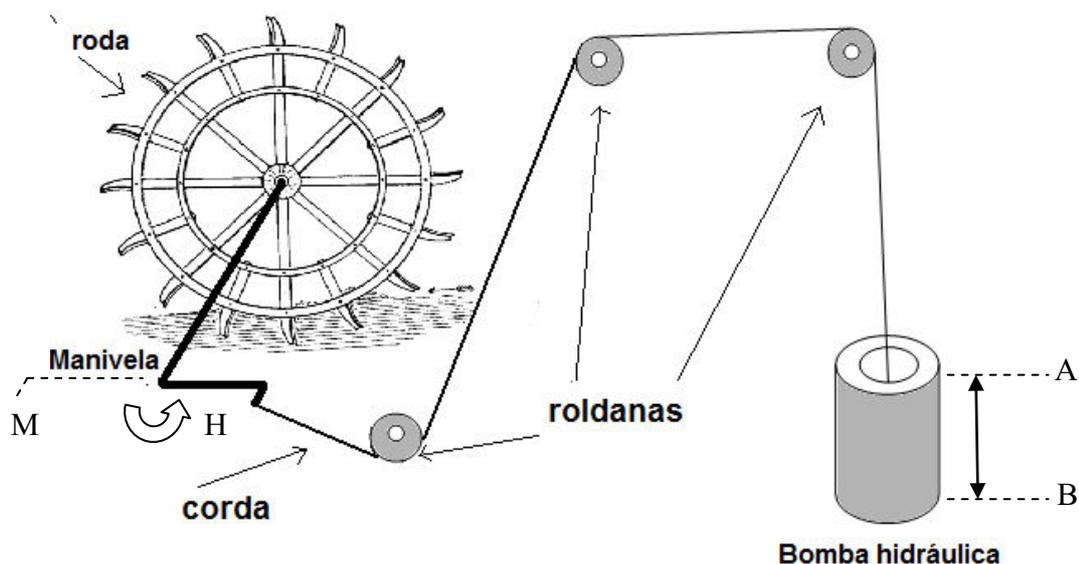
<sup>339</sup> A título de curiosidade, em 1800, o brasileiro Hipólito José da Costa Pereira (1774-1823), Patrono da Imprensa no Brasil, imprimiu um opúsculo no qual descreve uma máquina destinada a desalagar porões de embarcações. Ver:



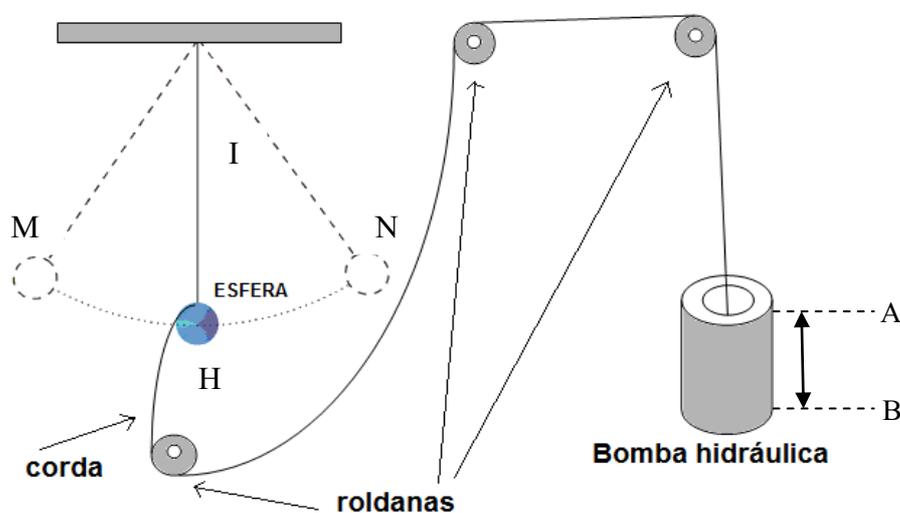
**Figura 4.13:** Técnicas de drenagem de porões expostas na obra *Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua*, (1710). **Fonte:** (TAUNAY, 1934).<sup>340</sup>

(PEREIRA, Hippolyto José da Costa. *Descripção de huma maquina para tocar a bomba a bordo dos navios sem o trabalho de homens*. Lisboa: Typographia Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego, 1800).

<sup>340</sup> As cinco figuras expostas nesta estampa representam, respectivamente, os modos de 2 a 6 propostos pelo inventor. Assim: modo 2 (Fig.1), modo 3 (Fig.2), modo 4 (Fig.3), modo 5 (Fig.4) e modo 6 (Fig. 5). O modo 1 não é representado nesta iconografia.



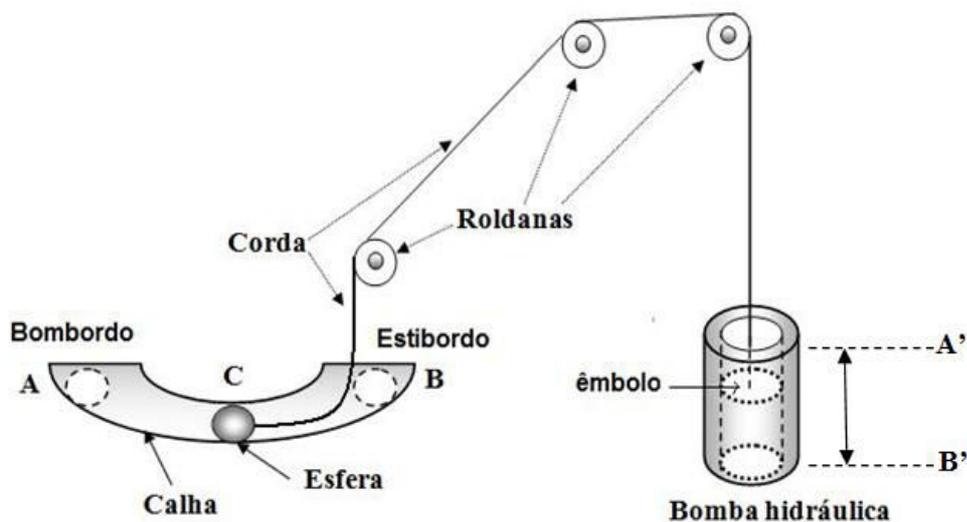
**Figura 4.14:** Interpretação da Fig.1 (modo 2) contida na obra *Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua*, (1710). Fonte: ilustração do autor.<sup>341</sup>



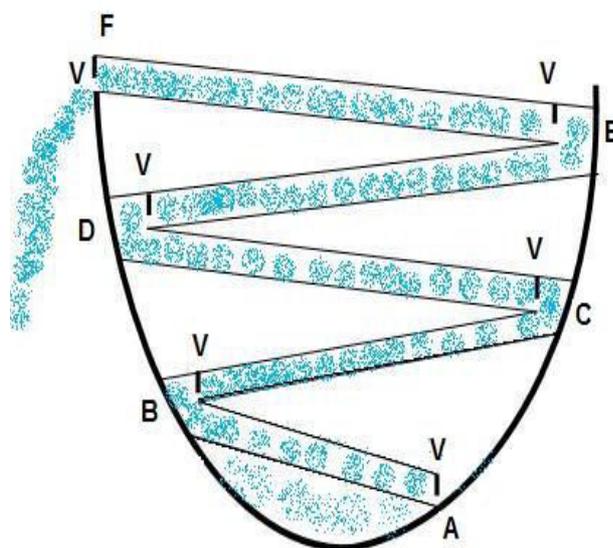
**Figura 4.15:** Interpretação da Fig.2 (modo 3) contida na obra *Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua*, (1710). Fonte: ilustração do autor.<sup>342</sup>

<sup>341</sup> M e H são posições extremas atingidas pela corda fixa à manivela. Quando a manivela passar pela posição M, a corda puxará o êmbolo da bomba para a posição A. Quando a manivela passar pela posição H, o êmbolo da bomba atingirá a posição B.

<sup>342</sup> M e N são extremos de oscilação do pêndulo. Quando a esfera estiver nestas posições, a corda puxará o êmbolo da bomba para a posição A. Quando a esfera passar pela posição H, o êmbolo da bomba atingirá a posição B.

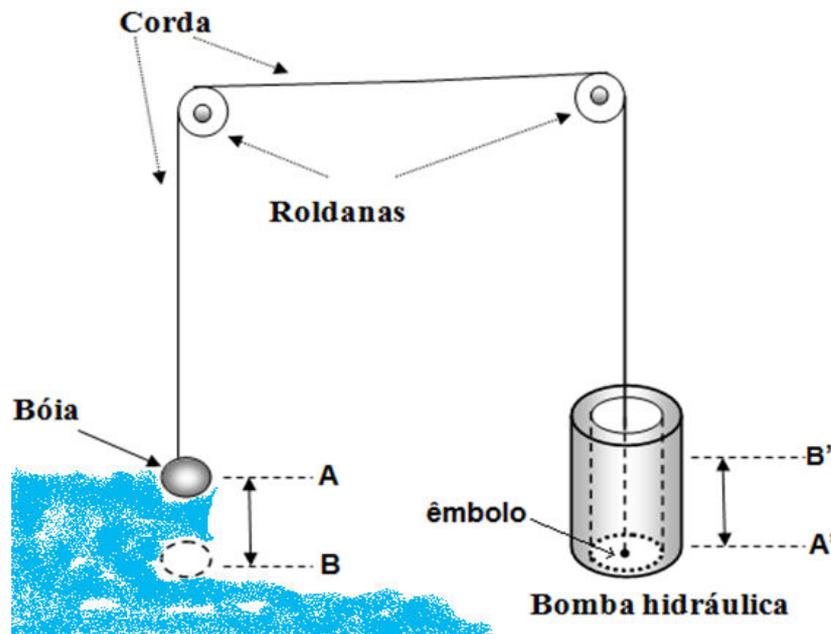


**Figura 4.16:** Interpretação da Fig.3 (modo 4) contida na obra *Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua*, (1710). Fonte: ilustração do autor.<sup>343</sup>



**Figura 4.17:** Interpretação da Fig.4 (modo 5) contida na obra *Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua* (1710). **Fonte:** ilustração do autor.

<sup>343</sup> A e B são posições extremas alcançadas pela esfera, ao longo da calha. Enquanto a embarcação não apresentar oscilações laterais, a esfera permanecerá na posição C. Quando a embarcação oscilar para bombordo (esquerda) a esfera alcançará a posição A, levando consigo a corda que puxará o êmbolo da bomba para a posição A'. Quando a embarcação oscilar para estibordo (direita) a esfera alcançará a posição B, levando consigo a corda que deslocará o êmbolo da bomba para a posição B'.



**Figura 4.18:** Interpretação da Fig.5 (modo 6) contida na obra *Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua* (1710). **Fonte:** ilustração do autor.

Dentre as técnicas de drenagem apresentadas, o modo 6 é único em que há fortes indícios de que tenha sido realmente colocado em prática, pois ao descrevê-lo, em 1710, Bartholomeu declara:

Neste mesmo porto vi, estando quieta a embarcação, dar muy apressadamente á bomba, sem que o rio tivesse mais movimento que o que lhe tinha communicado hum vento muy brando.<sup>344</sup>

Três anos após a publicação da obra *Varios modos de esgotar*, Bartholomeu apresentou ao governo holandês um maquinismo hidráulico também destinado à drenagem de embarcações, do qual requereu patente em 27 de setembro de 1713.

Os Estados [da Holanda e da Frísia Ocidental] declaram que nos foi demonstrada por Bartolomeu Lourenço, nascido em Portugal [sic], uma

<sup>344</sup> *Varios modos de esgotar sem gente as naos que fazem agua*, 1710. *Apud* (TAUNAY, 1934, p. 208).

máquina confiável e de fácil utilização, por ele inventada após longos estudos e experimentos, que pode, sem exigir nenhum esforço humano, tão frequentemente e pela duração que for necessária, efetuar a drenagem de qualquer navio que se encontre em alto mar.[...] E foi assim que o requerente recorreu a nós, solicitando que lhe fosse concedida uma patente [...], pela qual fica proibido a todas as pessoas em nosso país, em todas as nações conquistadas e colônias na Índia, ou em qualquer lugar do mundo sob o nosso domínio, colocar em funcionamento ou mandar instalar a mencionada máquina [...] sem a permissão do solicitante da patente, [...] sob pena de multa [...] que deverá sempre ser paga por aquele ou aqueles a quem o navio pertence.<sup>345</sup>

Em 14 de dezembro de 1713 foi expedida a patente deste invento, conforme nos relata J.

Welck, copista responsável pelo documento que abaixo reportamos,

Fica assim válido este documento [patente] pelo prazo de 15 anos, durante os quais fica proibido a todos, em qualquer navio que seja, fabricar, ou mandar fabricar e instalar, no todo ou em parte, a máquina acima mencionada [...], sob pena de confisco da máquina copiada ou importada e de uma multa de trezentos florins.<sup>346</sup>

---

<sup>345</sup> *Pedido de patente de uma máquina hidráulica para desalgar porões de embarcações apresentada por Bartholomeu Lourenço aos Estados da Holanda e da Frisia Ocidental em 27 de setembro de 1713.* Cópia de manuscrito holandês de 1713, transcrita por J. Welck. Nationaal Archief (patente número 1665, manuscrito H223, 21 D 13). (tradução do holandês por João Carlos Pijnappel).

<sup>346</sup> *Patente de uma máquina hidráulica para desalgar porões de embarcações, concedida a Bartholomeu Lourenço, pelos Estados da Holanda e da Frisia Ocidental, em 14 de dezembro de 1713.* Cópia de manuscrito holandês de 1713, transcrita por J. Welck. Nationaal Archief (patente número 1665, manuscrito H223, 21 D 13). (tradução do holandês por João Carlos Pijnappel).



Soo ist es voorts als het formulair voor  
 Fijde van is Jaers, den 14<sup>den</sup> Decemb. 1713.  
 A verblevende daerom alles es een jegelyk  
 d's voors crayme in te geseel ofte ten  
 deel in wat <sup>voor es</sup> ligip t selud tonds weely te  
 moge maeken es stelly ofte te doe maeken  
 en stelly, ofte wel buyten onty land <sup>in eenig</sup> gemaekt  
 segep, hier te buyt hoorend gemaekt onderprewt  
 van veranderingh ofte perfectioneerigh, directelyk of  
 indirecte in voors onty land te bringe, te verandere  
 ofte te verkoopen, op verbeurte van voors naergemaekte  
 ofte ingebraghe crayme es een boerd van ind hondert gden

**Figura 4.20:** Patente holandesa de uma máquina hidráulica para desalgar porões de embarcações concedida a Bartholomeu Lourenço, em 14 de dezembro de 1713 (p.3). **Fonte:** Nationaal Archief (Holanda).<sup>348</sup>

De acordo com correspondências trocadas, no ano de 1713, entre o embaixador de Portugal na Holanda (4º Conde de Tarouca) e o Inquisidor-mor português (Cardeal da Cunha), Bartholomeu havia transitado, neste ano, pelas cidades de Utrecht, Amsterdã e Haia, provavelmente para tratar do pedido de patente de seu novo invento destinado à drenagem de embarcações.<sup>349</sup>

O Padre Bartholomeu Lourenço em que Vossa Eminência [Cardeal da Cunha] me fala veio a esta terra depois de haver chegado de Portugal Manuel de Siqueira e ter eu sabido a sua inconstância, disse-me que vinha pôr em prática inventos tão difíceis em minha opinião, como o que teve de voar, no qual ainda não perdeu as esperanças, e sem que se dilatasse mais que dois dias, passou a Amsterdã e daí a Haia, donde supponho que pretende privilégios dos Estados Gerais para usar só das máquinas que introduzir. [Utrecht, 21 de setembro de 1713, 4.º Conde de Tarouca, Dom João Gomes da Silva].<sup>350</sup>

<sup>348</sup> Os manuscritos que apresentamos nas FIGURAS 4.19 e 4.20 foram descobertos pelo pesquisador fluminense Rodrigo Moura Visoni, em 2004, no Arquivo Nacional da Holanda (Nationaal Archief).

<sup>349</sup> 4.º Conde de Tarouca: Dom João Gomes da Silva (1671-1738); Cardeal da Cunha: Dom Nuno da Cunha e Ataíde (1664 -1750).

<sup>350</sup> Carta de 21/09/1713 do 4º conde de Tarouca ao Inquisidor-mor (cardeal Cunha). Apud (BASTO, 1946, p. 68).

Sobre a passagem do Padre Bartholomeu pela Holanda, há ainda relatos informando que ele teria vivido com bufarinheiro, vendendo dispositivos ópticos que, estranhamente, possibilitariam assar carne ao sol.<sup>351</sup>

Após a passagem pela Holanda, Bartholomeu seguiu provavelmente rumo à França, permanecendo em Paris, no mais tardar, até o ano de 1716, onde teria se dedicado à manipulação de remédios a partir de plantas medicinais da flora brasileira.<sup>352</sup>

Além da passagem pela Holanda e França, há ainda informações de que Bartholomeu teria residido certo período na Inglaterra (entre 1713-1716 ou entre 1711-1712). O motivo da estadia em terras inglesas, provavelmente, teria sido o mesmo que o levava à Holanda: apresentar seus inventos na tentativa da obtenção de patentes.<sup>353</sup>

---

<sup>351</sup> *Memoria do P.º Bartholomeo Lourenço, chamado vulgarmente o Voador, pella razão q. abaixo se relata.* [S.l.]. BGUC, códice 537, [ca. 1724], fl. 115r; **ANEXO XXV**.

<sup>352</sup> O historiador Afonso Taunay cita uma carta do Abade de Mornay (embaixador francês em Lisboa) enviada ao Regente Filipe de Orleans, em 09/02/1717, cujo documento, supostamente, comprovaria a passagem de Bartholomeu por Paris, a trabalhar na venda de remédios: (TAUNAY, 1938a, p. 182-184); **ANEXO XVII**.

A informação sobre Bartholomeu ter se dedicado, em Paris, especificamente, à manipulação de remédios inspirados na flora brasileira consta no artigo “Dois sábios do Brasil” do cientista português e ex-secretário geral da Academia das Ciências de Lisboa, António Pereira Forjaz (1893-1972). Neste artigo, Pereira Forjaz afirma que Bartholomeu “[...] viu-se compelido, em Paris, a sustentar-se compondo drogas inspiradas na flora brasileira, conforme descreveu o [3º] Conde da Ribeira [D. Luis Manuel da Câmara: 1685-1723] em uma de suas cartas: desde o pó de guaraná, rico em cafeína, à noz de Gondja; da Scilla à losna: do jambu ao agrião do Pará, à agudrayba; da imbaúba ou árvore da preguiça à casca do anhu-yba-peabya, das folhas da guaçatunga, à raiz de magerioba, do pó da Bahia à casca da simarubal, e ao chá de S. Germano!” Ver: FORJAZ, António Pereira. “Bartolomeu de Gusmão: farmacêutico improvisado-patriarca da aeronáutica”. In: “Dois sábios do Brasil”, *Anais Azevedos*. Lisboa: Sociedade Industrial Farmacêutica, vol. XV, nº 1, 1963, p. 6.

<sup>353</sup> (TAUNAY, 1938a, p. 430-431).

#### 4.5.4 TÉCNICA DE PRODUÇÃO ARTIFICIAL DE CARVÃO

Depois de passar alguns anos no exterior<sup>354</sup>, Bartholomeu retorna a Portugal, e em fins de 1716 retoma os estudos na Universidade de Coimbra, interrompidos desde o ano em que realizara experiências aerostáticas com seu *instrumento de andar pelo ar*.

Cinco anos mais tarde e já recém formado pela Universidade de Coimbra, em 1721 o Dr. Bartholomeu apresenta nova invenção: uma técnica de produção artificial de carvão a partir de terra.

Infelizmente, as informações oficiais emitidas na concessão de privilégio deste invento não contêm uma descrição da técnica de fabricação de carvão que o inventor almejava por em prática. Podemos, no entanto, fazer algumas conjecturas, considerando-se que Bartholomeu visava produzir carvão a partir de amostras de solo rico em material carbonáceo.

---

<sup>354</sup> Apesar da existência de documentações comprobatórias sobre a viagem de Bartholomeu ao exterior, entre os anos de 1713 e, no máximo, até 1716, relata o Padre João Batista de Castro que, em 1715, Bartholomeu Lourenço estaria em Portugal: “Aprendendo eu [João Batista] philosophia, no anno de 1715, com o R. P<sup>o</sup>. Felipe Neri, da Congregação do Oratorio, vi fazer na casa da aula, o D<sup>o</sup>. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, chamado o <<Voador>>, notaveis ostentações de memoria local que pareciam exceder as forças humanas”. (CASTRO, João Baptista de. *Indagações curiosas, breves e scientificas sobre os inventores e origens de varias coisas*. Códice CXII/2-14, Biblioteca Pública de Évora, [17--?]); **ANEXO XXVIII**.



O processo de produção de carvão pode ocorrer de forma natural ou artificial. O primeiro processo tem sua origem na lenta decomposição de matéria orgânica (tronco de árvores, folhas, etc.) que após milhares de anos transforma-se em turfa, uma espécie de terra preta ou matéria carbonácea escura, típica de regiões pantanosas ou zonas de difícil drenagem de água. A terra turfosa extraída dessas regiões depois de secada ao sol e ao vento era utilizada como combustível doméstico, sobretudo na Holanda, nos séculos XVIII e XIX.

Em termos geológicos, a turfa situa-se numa etapa inicial do processo natural de formação do carvão, haja vista que são necessárias centenas de milhões de anos para que este material carbonáceo se transforme, respectivamente, no linhito, hulha e antracito, que constituem a série evolutiva do carvão mineral<sup>356</sup>, sendo a turfa um carbonáceo com menor teor de carbono e o antracito um material sólido mais carbonificado e com maior poder calórico.

Quanto à forma artificial de se produzir carvão, a mais comum é a queima de madeira que durante vários séculos foi o principal combustível industrial e doméstico. Porém, já no final do século XVIII, a falta de lenha para produzir carvão, no reino de Portugal, foi notada pelo naturalista italiano Domingos Vandelli (1730-1816) que para amenizar este problema sugeriu a utilização dos recursos minerais lusitanos, dentre os quais as turfas provenientes de Comporta, região atualmente pertencente à freguesia de Alcácer do Sal.

Não havendo abundancia de Lenhas neste Reino [de Portugal], he necessario aproveitar aquelles combustiveis, que a Natureza tão largamente subministra; como são os Carvões de Pedra de Buarcos, Samfins, Spit, Porto de Móz, N. Senhora do Cabo, Setuval [Setubal], e os Pãos Bituminosos da Lousã, Aveiro,

---

<sup>356</sup> O carvão mineral também é conhecido por carvão de pedra ou carvão fóssil, embora a última terminologia, geologicamente, seja a mais adequada. Cabe salientar que *carvão de terra* é sinônimo de carvão mineral

Carapinheira, Ourem, Carvoeira. Além da *Turba*, ou Turfa da Comporta, e de muitos lugares paludosos do Reino.<sup>357</sup>

Nas primeiras décadas do século XIX, surgem outras formas artificiais de produção de carvão cujos processos, em geral, usavam turfas ou serragem de madeira envolvida com argila úmida que, submetidas à alta pressão e temperatura (200°C–300°C), formavam aglomerados compactos com poder calórico bem superior àquele proveniente da simples queima de madeira<sup>358</sup>. Seria algo similar a esta técnica de fabricação de carvão, formado de aglomerados compactos, que julgam alguns autores<sup>359</sup> ter sido aplicada por Bartholomeu Lourenço para produzir carvão artificialmente, cerca de um século anos antes do surgimento dos primeiros métodos propostos por cientistas como M. Baroulier e Charles Wye William<sup>360</sup>.

Infelizmente, ao contrário do invento aerostático de 1709 sobre o qual existem diversas documentações comprobatórias, em contrapartida, atualmente, as documentações alusivas ao invento de 1721, destinado à fabricação de carvão, são raríssimas e pouco esclarecedoras quanto à real técnica de produção artificial de carvão que Bartholomeu almejava por em prática. As raras informações que coletamos a esse respeito foram obtidas a partir da leitura do manuscrito

<sup>357</sup> VANDELLI, Domingos. “Sobre o modo de aproveitar o carvão de Pedra, e os Páos Bituminosos deste Reino”. In: *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Na Officina da mesma Academia. Tomo II, 1790, p. 434-436.

<sup>358</sup> “PRODUÇÃO artificial de carvão de pedra”. In: *O Instituto, Jornal Cientifico e Litterario*. Coimbra. Universidade de Coimbra. Vol. 7, 1859, p.11; “A turfa”. In: *O Instituto, Jornal Cientifico e Litterario*. Coimbra. Universidade de Coimbra. Vol. 7, 1859, p.44-48; “USO da turfa ou turba I”. In: *O Panorama- Jornal Litterario e instructivo da sociedade propagadora dos conhecimentos úteis*. Lisboa. Vol I, 1837, p. 267-268; “TURFA ou turba II”. In: *O Panorama-Jornal Litterario e instructivo da sociedade propagadora dos conhecimentos úteis*. Lisboa. Vol II, 1838, p. 50-51;

<sup>359</sup> RODRIGUES, Clóvis da Costa. *A inventiva brasileira*. Vol. I. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1973, p. 401; XAVIER, 1933, p. 118.

<sup>360</sup> WILLIAM, Charles Wye. “Improvements in the means of preparing the vegetable material of peat moss or bog, so as to render it applicable to several useful purposes, and particularly for fuel”. In: *The London Journal of arts and sciences; and repertory of patents inventions*. London. Vol. XIV, 1839, p. 281-290; M. BAROULIER. « Note sur la production artificielle de la houille ». In : *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des sciences*. Paris. Tomo XLVI, N° 7, 1858, p.376; “ON Artificial Fuel”. In: *The Practical mechanic and engineer's magazine*. London. Mechanic's Magazine Office. Vol I, 1842, p. 231-234; EASBY, William. “Improvement in the Method of converting fine Coal into solid lumps”. In: *Journal of the Franklin Institute*. Philadelphia. Franklin Institute. Third Series, vol. XVII, 1849, p. 385;

setecentista *Memoria do P.<sup>e</sup> Bartholomeo Lourenço, chamado vulgarmente o Voador*. Neste manuscrito, o autor anônimo assim se reporta sobre esta invenção:

Entrou em segundo invento de fazer carvão de lama e matto, e para este efeito alugou junto á Bica do Sapato humas cazas, fingindo estarem em melhor situação para sua fabrica. Fez para ella hum moinho de vento em que gastou muito cabedal, e tudo á custa d’El-Rei [...].<sup>361</sup>

Se Bartholomeu, de fato, almejava fabricar carvão a partir de “lama e mato”, é provável que tal “lama” fosse extraída de solo rico em material carbonáceo. Porém, haveria em Lisboa um local com tal característica?<sup>362</sup>

O autor anônimo do manuscrito *Memoria do P.<sup>e</sup> Bartholomeo Lourenço* informa que o inventor teria instalado sua ‘fábrica’ próxima à Bica do Sapato, antiga fonte de águas situada na freguesia de Santa Engrácia, cujas águas são conhecidas há séculos por suas propriedades terapêuticas.<sup>363</sup>

De acordo com a pesquisadora portuguesa Maria da Conceição Freitas, do Departamento de Geologia da Universidade de Lisboa<sup>364</sup>, a antiga Bica do Sapato está situada na região geológica de *Areias com Placunas Miocênicas*, que se caracteriza por um solo composto por

---

<sup>361</sup> *Memoria do P.<sup>e</sup> Bartholomeo Lourenço, chamado vulgarmente o Voador, pella razão q. abaixo se relata..* [S.l.]. BGUC, códice 537, [ca. 1724], fl. 315v.

<sup>362</sup> Para se avaliar as contribuições tecno-científicas de personalidades de um passado remoto, deve-se abandonar o pensamento anacrônico que conduz a comparações grosseiras com o atual estágio tecnológico. Neste sentido, antes que se venha a prejudicar o relato contido no manuscrito *Memoria do P.<sup>e</sup> Bartholomeo Lourenço* sobre o suposto projeto de fabricar carvão a partir de “mato”, informamos que recentemente a empresa Bioware Tecnologia, em parceria com a UNICAMP, patenteou um processo de fabricação de carvão aglomerado a partir do capim-elefante. Ver: “Projeto carvão verde”. Disponível em <[http://www.inee.org.br/biomassa\\_carvao.asp?Cat=biomassa](http://www.inee.org.br/biomassa_carvao.asp?Cat=biomassa)>. Acesso em: 22 jan. 2011.

<sup>363</sup> Em 1726, o então médico de D. João V, Francisco da Fonseca Henriques, em seu livro *Aquilegio Medicinal*, classificou a Bica do Sapato como sendo uma fonte de águas com propriedades terapêuticas para “curar achaques [...] do fígado, [...] queyxas da ourina [...] e todos os males que procederem do calor”. Ver: (HENRIQUES, Francisco da Fonseca. *Aquilegio Medicinal*. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1726, p. 176);

<sup>364</sup> FREITAS, Maria da Conceição. *Bica do Sapato – Lisboa*. [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por: <denivaldo2004@yahoo.com.br> em 19 Jan. 2011.

camadas de areia branca, calcário e argila, e, portanto não faz parte de uma região geológica que contenha evidências de expressiva concentração de material carbonáceo, elemento essencial para a produção de carvão. Porém, a poucos quilômetros da antiga Bica do Sapato, na Quinta da Granja (Freguesia de Benfica), existe uma formação geológica denominada *Camadas de Prazeres* que se caracteriza pela “ocorrência de níveis carboníferos quase negros e níveis argilosos acinzentados”<sup>365</sup>. Logo, em Lisboa, de fato, existem regiões com concentração de material carbonáceo, mas que seriam insuficientes para a produção artificial de carvão proposta pelo Padre Bartholomeu, mesmo em pequena escala. No entanto, a região da Bica do Sapato também abrangia um pequeno porto de mesmo nome, situado às margens do Tejo, logo não podemos descartar a possibilidade do inventor ter trazido sua matéria prima, por via marítima, da região de Comporta, na Freguesia de Alcárcer do Sal, onde o naturalista Domingos Vandelli relatou a presença de turfas, em 1789. A efêmera passagem de Bartholomeu pela Holanda, em 1713, poderia ter lhe despertado o interesse pela manufatura de carvão a partir de turfas, haja vista que os holandeses utilizavam este material carbonáceo há séculos como combustível doméstico. Todavia, as informações geológicas bem a identificação do provável local onde o inventor havia instalado a sua fábrica, em nada esclarecem sobre o seu método de produzir artificialmente carvão, questão, infelizmente, que ainda permanece indeterminada, por falta de provas documentais<sup>366</sup>.

---

<sup>365</sup> “BENS culturais imóveis de interesse predominantemente geológico”. In: *Revisão PDM (Plano Director Municipal de Lisboa) Componente geológica – caracterização*, ago. 2010, p.13.

<sup>366</sup> CASTRO, João Baptista de Castro. *Mappa de Portugal*. Parte primeira. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa, 1745, p.54; “A turfa”. In: *O Instituto, Jornal Científico e Litterario*. Coimbra. Universidade de Coimbra. Vol. 7, 1859, p. 44-48;

#### 4.5.5 EFICIÊNCIA ENERGÉTICA DE MOINHOS HIDRÁULICOS

Três anos após a tentativa de produzir carvão artificialmente, o Padre Bartholomeu apresentou um novo invento, desta vez, destinado a aumentar a eficiência dos moinhos hidráulicos, cuja idéia lhe rendeu nova concessão de privilégio, em julho de 1724.

Dom João, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar, em África, Senhor da Guiné etc. faço saber que Bertholameu Lourenço de Gusmão me representou por sua petição que ele tinha descoberto modo para que todos os moinhos d'água salgada e os de água doce que moessem por via de rodízio, como também os moinhos e engenhos de açúcar que moessem rasteiros, pudessem, com a mesma quantidade de água moer muito mais do que moíam, servindo-se para este fim de uma máquina ou modo diversos de que os ditos moinhos e engenhos ao presente praticavam, e que o dito invento será de uma utilidade pública tanto pelas faltas de farinhas que nestas cidades e outras muitas terras do reino se experimentavam, como por se poder aplicar a parte da dita água que sobejasse das moagens e fazer mover outras máquinas como engenhos de serrar, forjas de ferreiro, moinhos de papel, lagares de azeite e ainda ajudar muito a cultura de açúcares, em grande benefício do comércio [...].<sup>367</sup>

---

<sup>367</sup> *Bartolomeu Lourenço de Gusmão (privilégio real) - machina ou modo para que todos os moynhos dagoa salgada e os de agoa doce, que mohiaõ por via de rodizio como tambem os moynhos e engenhos de asucar que moinhaõ rasteiros, podem, com a mesma quantidade dagoa, moer muito mais do que mohiaõ.* Lisboa, 22 jul. 1724. IANTT, Chancelaria D. João V, Officios e Mercês, livro 66, fls. 324 v.- 325r; **ANEXO XX**.



Infelizmente, a concessão de privilégio, emitida por D. João V, não contém uma descrição dos pormenores deste invento, mas apenas informa, vagamente, que a máquina inventada pelo Padre Bartholomeu seria algo a ser *adaptado* ou *aperfeiçoado* nos modelos de moinhos hidráulicos utilizados, até então, em Portugal e que, em tese, propiciaria um melhor aproveitamento da energia hidráulica proveniente das correntezas marítimas ou fluviais que, em última estância, visava a aumentar a produtividade dos engenhos, principalmente a produção de farinha que andava escassa no ano de 1724.<sup>368</sup>

O aperfeiçoamento proposto pelo Padre Bartholomeu era aplicado tanto nos moinhos de *rodízio* que possuem uma roda horizontal, quanto nas *azenhas* que utilizam uma roda vertical, sendo esta última subdividida em três categorias, a saber: roda *copeira*, *meio copeira* e *rasteira*. Chama-se *copeira* a roda vertical que se move devido ao peso da água que recebe em sua parte superior, na altura correspondente ao seu diâmetro; *meio copeira* quando a roda se move devido à água que recebe na altura de seu centro e *rasteira* quando o movimento se dá devido ao fluxo de água que quase tangencia a roda em sua parte inferior<sup>369</sup>. Dentre as três categorias supracitadas, o texto da concessão de privilégio refere-se apenas aos engenhos de roda *rasteira* que são, geralmente, instalados em rios caudalosos como o Tejo, enquanto os engenhos de roda *copeira*,

---

<sup>368</sup> A busca incessante por soluções técnicas que visavam a aumentar a produtividade dos engenhos portugueses, certamente, não teve início no ano de 1724, com a patente concedida ao Padre Bartholomeu. De acordo com Souza Viterbo, do século XV até meados do século XVIII, diversas patentes portuguesas foram concedidas para inventores que apresentaram inovações técnicas relacionadas com engenhos de moagem. Dentre os inventores de engenhos de moagem do século XVI, domiciliados em Portugal, destacamos Afonso Garro que, no ano de 1535, obteve patente, emitida por D. João III, para desenvolver quatro modelos de engenhos que, segundo o inventor, poderiam moer “o dobro do que costumavam moer todas as moendas até então existentes nos reinos de Portugal e seus senhorios”. No ano de 1703, o italiano Proxé e Morato requereu patente, em Lisboa, de um “novo invento de moer trigo para farinhas”. E “em 1727, D. João V, concedia privilégio a Roman de La Torre para dois engenhos que intentara fazer, sendo o primeiro para serrar madeira, sem o auxílio de motor hydraulico ou de vento, movido só por um homem [...] e o segundo engenho era um moinho para moer trigo, o qual, movido por uma só besta, moeria sessenta alqueires em 24 horas”. Ver: (VITERBO, Francisco M. de Sousa. “*Archeologia Industrial Portuguesa - Os moinhos*”. In: *O Archeologo Português*. Lisboa. Museu Ethnographico Português. Vol. II, nº8 e 9, ago-set. 1896, p. 193-204).

<sup>369</sup> Ver FIGURAS 4.23 e 4.24. Optamos por utilizar as terminologias *rodízio*, *azinha*, *copeira*, *meio copeira* e *rasteira*, com seus respectivos significados idênticos aos que eram praticados na época em viveu Bartholomeu Lourenço, em Portugal. Ver: AZENHA. In: BLUTEAU, Rafael. *Vocabulario portuguez e latino*. Tomo I. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712; p 694; ENGENHO DE AÇUCAR, ibidem, p. 117.

embora não tenham sido mencionados na concessão de privilégio, são normalmente instalados em regiões de relevo acidentado para permitir que a água seja lançada na parte superior da roda vertical.

Nos moinhos hidráulicos tradicionais<sup>370</sup>, sejam de roda horizontal ou vertical, a tarefa específica de moagem cabe a um par de mós, que são, em geral, pedras graníticas homogêneas, em formato circular, dispostas horizontalmente uma sobre a outra, de tal forma que a mó inferior permanece estática enquanto a mó superior gira solidária a um eixo que atravessa o centro das mós e transmite o movimento de rotação proveniente da roda horizontal ou vertical, conforme o caso<sup>371</sup>. Nos moinhos de *rodízio* tradicionais a mó superior gira mediante um acoplamento direto com o eixo que a une à roda horizontal, sendo, no entanto, necessário que a roda seja movimentada por um fluxo de água rápido o suficiente para garantir um movimento circular contínuo da mó, pois geralmente esta pedra granítica pesa centenas de quilos ou mesmo chega a pesar algumas toneladas. Em contrapartida, nas *azenhas*, a mó superior se move por intermédio de um conjunto de engrenagens que são interligadas à roda vertical, sendo, portanto, um sistema hidráulico mais complexo e de construção mais onerosa comparado com os moinhos de rodízio, porém com três grandes vantagens: a primeira de disponibilizar à mó girante uma força motora e potência superiores às aquelas obtidas com o moinho de rodízio, pois nas azenhas a força da gravidade atua na roda vertical de forma a impulsioná-la ao passo que nos engenhos de rodízio, a mesma força da gravidade atua somente como um empecilho ao movimento da roda horizontal; a segunda vantagem é possibilitar a regulação da velocidade da mó girante, via ajuste do diâmetro das engrenagens, a fim de adequar o fluxo de água disponível para obter uma maior

---

<sup>370</sup> Consideramos como moinhos hidráulicos tradicionais aqueles que, ao longo dos séculos, seguiram os modelos de certos moinhos de rodízio fabricados pelos gregos e de azenhas fabricadas pelos romanos, nas primeiras décadas que antecederam a era cristã. Os moinhos tradicionais são, portanto o moinho “grego” e o “romano”. Ver: SILVA, Luís. “Moinhos e moleiros no Alentejo oriental: uma perspectiva etnográfica”. In: *Etnografia*. Vol. VIII (2), 2004, p. 222.

<sup>371</sup> Ver FIGURA 4.25.

eficiência do sistema de moagem; e a terceira e maior vantagem, que deriva das anteriores, é a possibilidade de um aumento substancial na produtividade do moinho, pois a utilização de engrenagens possibilita a instalação de diversos pares de mós moendo grãos simultaneamente, além de viabilizar a utilização da força motora excedente para outros fins que também utilizem o “movimento circular contínuo”, tais como o torno para madeiras e o amolador de lâminas, ou do “movimento retilíneo alternativo”<sup>372</sup>, como o martelo hidráulico, a serra hidráulica, além de máquinas de forjar o ferro bem como moinhos para a fabricação de papel.<sup>373</sup>

Grande parte das aplicações supracitadas, que utilizam o “movimento retilíneo alternativo”, consta na concessão de privilégio de 1724, embora, conforme julgamos, somente voltadas para engenhos *rasteiros*. Além disso, neste documento de 1724, relata-se ainda que as modificações a serem feitas pelo Padre Bartholomeu, nos moinhos hidráulicos portugueses em voga, propiciariam aumentar a produtividade da moagem de grãos, mantendo-se inalterado o consumo de água, muito embora este mesmo documento nada informe sobre quais parâmetros do sistema mecânico dos moinhos o inventor havia alterado para justificar o aumento de produtividade anunciado. Portanto, para que possamos argumentar a respeito de possíveis soluções encontradas pelo Padre Bartholomeu para aumentar a produtividade dos moinhos,

---

<sup>372</sup> De acordo com o historiador da tecnologia, Bertrand Gille (1920–1980), a Escola de Alexandria, ou mais particularmente, Herão, desde as primeiras décadas da era cristã, utilizava um sistema mecânico que possibilitava converter o movimento circular contínuo em movimento retilíneo alternativo, utilizando-se ressaltos excêntricos, muito embora este sistema de excêntricos voltado para os moinhos hidráulicos somente tenha ocorrido, de forma expressiva, a partir da Idade Média. “O princípio do excêntrico (came) é extremamente simples. No eixo motor (ligado à roda d’água) são colocados ressaltos regularmente espaçados. Cada ressalto pressiona a extremidade de uma barra que atua como alavanca interfixa, levantando a outra extremidade da barra e a ferramenta (a mão de pilão, p. ex.) que nela se apóia. O peso da ferramenta (ou uma mola) faz com que ela caia após a barra ter cessado sua ação, voltando à posição primitiva até nova passagem do ressalto pela outra extremidade da barra”. (GILLE, Bertrand. O moinho d’água. In: GAMA, Ruy (org.). *História da técnica e da tecnologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p.130).

<sup>373</sup> GAMA, Ruy (org.). *História da técnica e da tecnologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985, p. 116-157; USHER, Abbott Payson. *Uma história das invenções mecânicas*. Campinas: Papirus, 1993, p. 225-232; SOUZA, Eduardo de. *O pão*. Porto: Typographia Occidental, 1897, p. 161-172.

devemos, previamente, elencar uma série de fatores que influenciavam a eficiência do processo de moagem, na era setecentista:

- a) Os diâmetros das engrenagens influenciavam a velocidade angular da mó girante. “Da velocidade da mó é que principalmente depende a qualidade e a quantidade de farinhas. Se o andamento é muito rápido a farinha é grossa e pudenta [...]. Se a mó gira com lentidão a farinha sahe com sêmea muito moída [...]”.<sup>374</sup>
- b) Dimensões e pesos das mós também influenciavam a quantidade de farinha produzida, pois se a mó superior fosse muito pesada a sua velocidade seria reduzida, e por consequência a farinha sairia mais fina; por outro lado, se a mó superior fosse muito leve, esta tenderia a girar mais rapidamente, produzindo-se uma farinha mais grossa, de pior qualidade;<sup>375</sup>
- c) A distância milimétrica que separava o par de mós influenciava diretamente a eficiência do processo de moagem, pois havia uma tendência natural da mó superior de elevar-se à medida que sua velocidade aumentava e, por consequência, aumentando a distância entre as mós, resultando numa farinha mais grossa, de pior qualidade. A regulação dessa distância e a estabilidade na rotação da mó girante tornou-se um desafio técnico ao longo do século XVIII. Em 1787, o inglês Thomas Mead patenteou um sistema mecânico que regulava a distância entre as mós quando a velocidade da mó girante sofresse variações. Basicamente, Mead utilizou um duplo pêndulo cônico que atuava sobre a mó girante com uma força

---

<sup>374</sup> SOUZA, Eduardo de. *O pão*. Porto: Typographia Occidental, 1897, p. 169.

<sup>375</sup> De acordo com Eduardo Souza, uma farinha de qualidade deve ser, simultaneamente, “fina, macia e solta”. SOUZA, op. cit., p. 170.

vertical, para baixo, proporcional à rotação, de tal forma que, havendo um aumento de velocidade da mó superior, esta receberia um aperto vertical automático, no sentido de impedi-la de separar-se demasiadamente da mó inferior, para não prejudicar a eficiência do processo de moagem;<sup>376</sup>

- d) A potência mecânica do moinho constitui também fator determinante para o aumento de produtividade, pois este parâmetro está relacionado com a força motora que será transmitida à mó girante. Na primeira década do século XVIII, o físico francês Antoine Parent (1666-1716) e o engenheiro sueco Christopher Polhem (1661-1751) realizaram experiências independentes para testar a eficiência das rodas verticais tradicionais movidas por água e determinar quais as condições que propiciavam maior potência mecânica. Na Inglaterra, entre os anos de 1752 e 1753, o engenheiro inglês John Smeaton (1724-1792) realizou experiências com modelos de moinhos hidráulicos, em pequena escala, visando estudar a eficiência das rodas verticais, cujos resultados foram publicados no ano de 1759. Dentre as rodas verticais, Smeaton concluiu, experimentalmente, que a mais eficiente é a roda copeira (overshot wheel) com um rendimento de 63%, enquanto as rodas rasteiras (undershot wheel), citadas no texto da concessão de privilégio do Padre Bartholomeu, alcançam um rendimento de 22%. Logo, comparando fisicamente as rodas verticais tradicionais, a copeira proporciona uma eficiência energética maior que a rasteira, ou seja, para uma mesma quantidade de água despendida, lançada

---

<sup>376</sup> BENNETT, Stuart. *A History of Control Engineering, 1800-1930*. London: Peter Peregrinus, 1986, p. 10-11; HILLS, Richard L. *Power from wind: a history of windmill technology*. Cambridge University Press, 1996, p. 95-98.

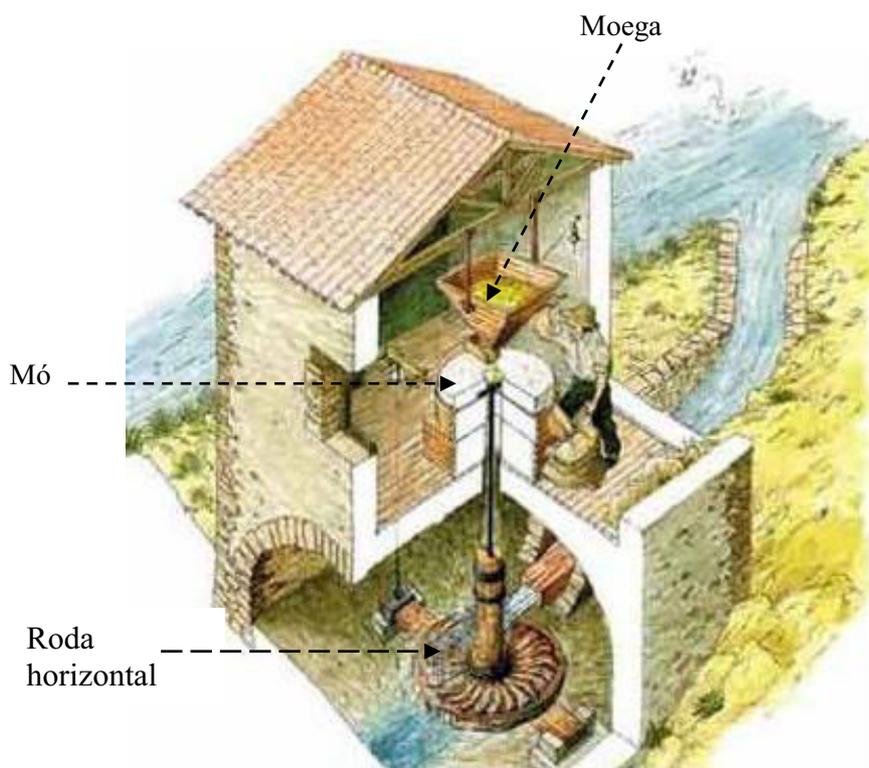
de uma mesma altura, num mesmo intervalo de tempo analisado, é a que alcançará maior potência mecânica.<sup>377</sup>

Analisando-se os fatores supracitados, é provável que não tivesse sido um simples ajuste nas dimensões e peso da mó que tenha levado Bartholomeu a receber uma patente portuguesa, em 1724, pois tais modificações não constituíam inovação técnica, mesmo em sua época. Quanto à solução técnica por ajuste dos diâmetros de engrenagens, utilizando coroa e pinhão de madeira, de acordo com Ursher<sup>378</sup>, esta solução já estaria em uso desde o século XII. Sobre a regulação da distância milimétrica que separava o par de mós, não é crível que o Padre Bartholomeu tenha enveredado por esse caminho em função da complexidade mecânica envolvida neste problema técnico. Portanto, se o Padre Bartholomeu obteve nova concessão de privilégio, em julho de 1724, em função de ter efetuado certas modificações técnicas nos moinhos hidráulicos portugueses, é muito provável que tenha aumentado a potência mecânica de tais moinhos mediante aumento do rendimento na conversão da energia hidráulica em mecânica, cujos estudos experimentais correlatos estavam em voga na Europa, nesse período.

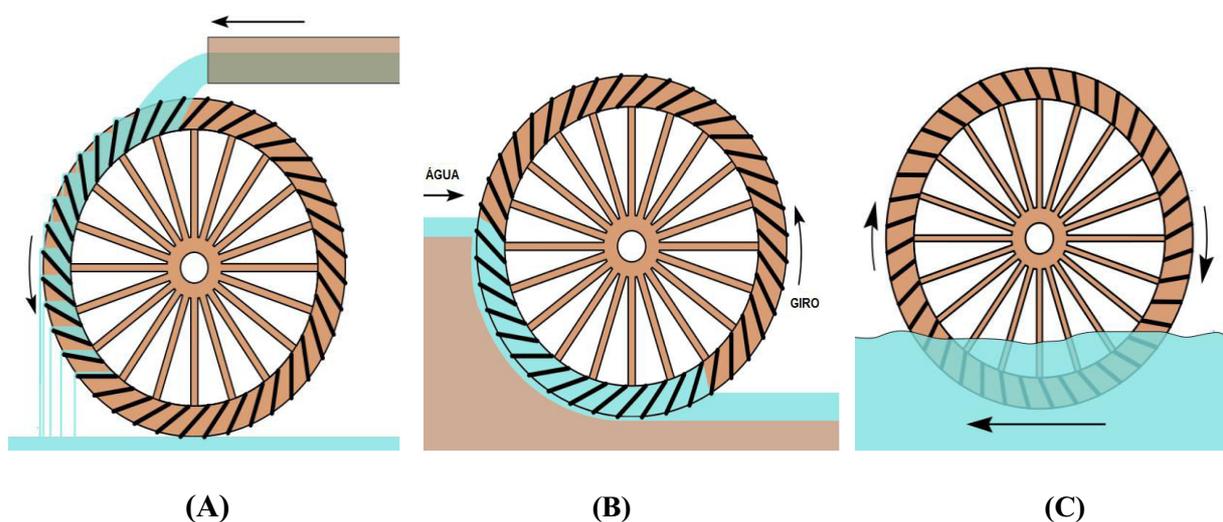
---

<sup>377</sup> SMEATON, John. *An experimental enquiry concerning the natural powers of water and wind to turn mills, and other machines, depending on a circular motion*. London: 1760; DENNY, M. “The efficiency of overshot and undershot waterwheels”. In: *European Journal of Physics*. Institute of Physics Publishing.. Vol. 25, n. 2, 2004, p. 193–202; USHER, 1993, p. 495 et seq; REYNOLDS, Terry S. *Stronger Than a Hundred Men: A History of the Vertical Water Wheel*. Johns Hopkins University Press, 2003, p. 205-230.

<sup>378</sup> USHER, 1993, p. 229.

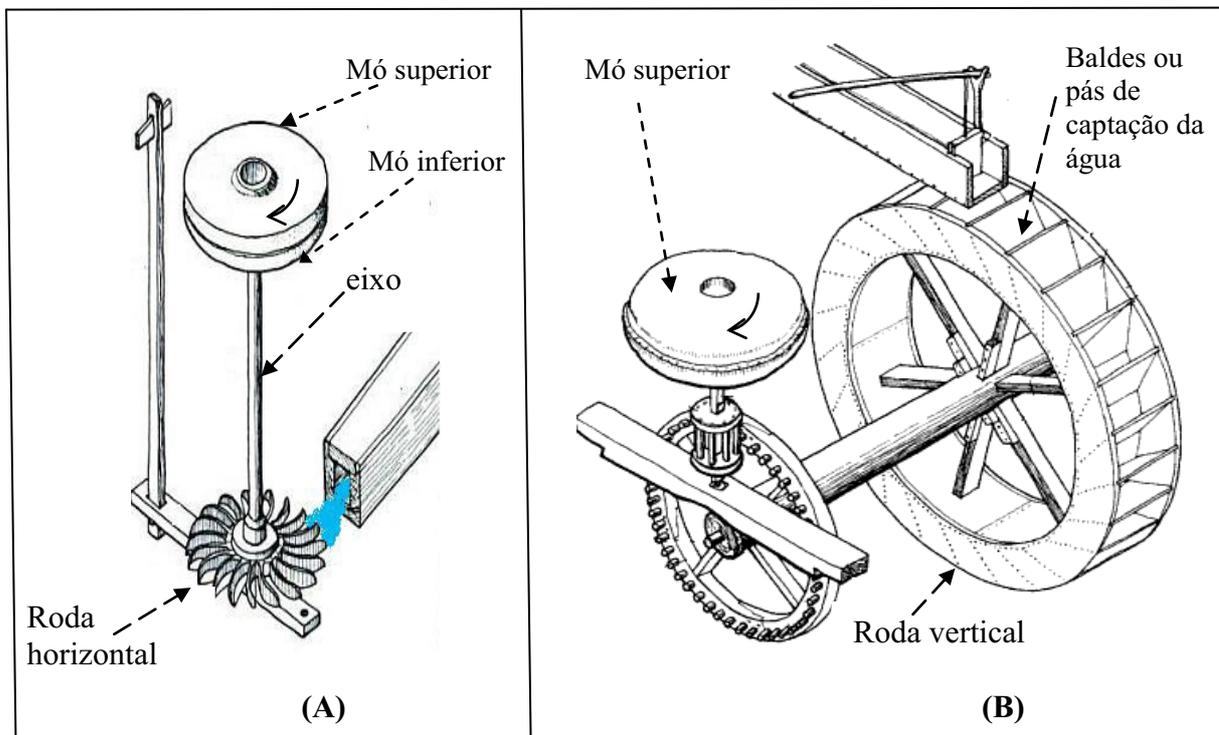


**Figura 4.23:** Moinho de rodízio<sup>379</sup>. Fonte: (<http://www.top-alternative-energy-sources.com/>)



**Figura 4.24:** Tipos de azenhas ou engenhos de roda vertical: (A) Roda *copeira*, (B) Roda *meio copeira*; (C) Roda *rasteira*. Fonte: (<http://web.hcpss.org/>)

<sup>379</sup> Acima do par de mós situava-se um reservatório de grãos, chamado *moega*, sob o qual havia uma calha que transportava os grãos para um orifício central existente na mó superior que, por sua vez, conduzia os grãos para o espaço milimétrico existente entre as mós, onde ocorria a moagem propriamente dita.



**Figura 4.25:** Comparação entre os sistemas mecânicos dos moinhos hidráulicos tradicionais: (A) moinho de *rodizio* - mó superior acoplada diretamente à roda horizontal; (B) *azenhas* - mó superior acoplada à roda vertical por meio de engrenagens. **Fontes:** (WATTS, 2005, 2006).



**Figura 4.26:** Estampa de Vittorio Zonca (*Novo teatro di machine et edificii*, 1656), expondo as diversas aplicações dos engenhos rasteiros. À esquerda, próximo ao moinho, afia-se lâminas e no canto inferior direito, há um martelo hidráulico. **Fonte:** (<http://echo.mpiwg-berlin.mpg.de>)

## 4.6 A FUGA DE LISBOA E O FIM DA CARREIRA INTELECTUAL DO *VOADOR*

Infelizmente, a carreira intelectual de nosso compatriota começou a desmoronar a partir do segundo semestre de 1724, principalmente, em função das estreitas relações de amizade que há, pelo menos, 11 anos mantinha com cristãos-novos<sup>380</sup> brasileiros, em especial, com Miguel de Castro Lara e João Mendes da Silva, sendo este último, pai do poeta carioca Antônio José da Silva, o *judeu*, condenado à morte pela Inquisição de Lisboa, em 1739. A isto somamos o fato do Padre Bartholomeu ter se rendido aos prazeres da carne, envolvendo-se principalmente com D. Paula de Souza, freira do Convento de Santana, cujas irmãs invejavam certa “trigueirinha” do Convento de Odivelas, Madre Paula Tereza da Silva, que há anos era amante de Sua Majestade, D. João V. Na ânsia de conseguirem os mesmos privilégios e favores que Sua Majestade reservava a Madre Paula, as irmãs Souza encomendaram um ritual de bruxaria que envolveria o próprio monarca<sup>381</sup>. Em tempo, esta informação chegou ao conhecimento do desembargador João Marques Bacalhau que, por meio do Santo Ofício, em setembro de 1724, ordenou a prisão dos envolvidos para acareação no caso e abertura de processos. Em fins do século XIX, o engenheiro militar e historiador português Jacinto Inácio de Brito Rebelo (1830-1920) analisou alguns desses processos inquisitoriais a fim de investigar o grau de participação do Padre

---

<sup>380</sup> Faria, António (1917, p. 10-11) apresenta uma carta e um soneto escritos por Miguel de Castro Lara em 23/01/1713, nos quais Castro Lara elogia em profusão as habilidades intelectuais do Padre Bartholomeu, o que demonstra que a amizade entre ambos remonta, pelo menos, a 1713. Acrescenta Azevedo, Lúcio (1932, p.160-163) que o Padre Bartholomeu visitava, com certa frequência, as casas de Castro Lara e João Mendes da Silva, onde à noite havia “descantes e danças e o padre ficava até tarde”.

<sup>381</sup> Dentre os privilégios da amante de D. João V, destacamos a quantia anual de 1:708\$000 réis que recebia do erário, dentre outros privilégios que citamos a seguir: “os aposentos de soror Paula eram tudo o que a imitação do esplendoroso mobiliário de Luís XIV produziu de melhor para Portugal à mistura com tudo o que a indústria estrangeira soube fabricar de mais notável naquela época”. Ver: PIMENTEL, Alberto. *As amantes de D. João V*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1946, p.111-133.

Bartholomeu neste caso. Suas pesquisas demonstraram não haver, nos autos, qualquer indício de que o ilustre paulista tenha participado de tais rituais de bruxaria<sup>382</sup>. Culpado ou inocente é certo que o Padre Bartholomeu, temeroso de que estaria prestes a ser acareado em função de conhecer, intimamente, uma das envolvidas neste caso (D. Paula de Souza) ou devido às estreitas relações de amizade que mantinha com cristão-novos, decidiu fugir de Lisboa, em fins de setembro de 1724, em companhia de seu irmão, Frei Carmelita, João Álvares de Santa Maria.

O relato dessa repentina fuga, a partir do depoimento de Frei João Álvares, foi descoberto pela pesquisadora portuguesa Berta Leite<sup>383</sup>, em meados do século XX. A partir deste depoimento, eis que o de mais revelador veio à baila: segundo João Álvares, Bartholomeu não somente mantinha relações de amizade com cristão-novos como também teria cometido apostasia, convertendo-se à fé judaica desde 1722, embora ainda de forma reservada, mas que em meados de 1724 culminaria num fanatismo religioso tão intenso e a uma completa alienação mental, a ponto de intitular-se o próprio “Messias (sic), o verdadeiro Redentor prometido pelo Velho Testamento”<sup>384</sup>. Além disso, declara “o jovem carmelita que não só o deslumbrava o talento do Irmão como também a excepcional vastidão de sua ciência quer religiosa quer matemática. Sentira-se gradualmente arrastado a crer no que lhe inculcava o espírito superior do seu catequizador. Daí a sua conversão ao judaísmo”<sup>385</sup>. Portanto, na véspera da fuga, tanto o Padre Bartholomeu quanto seu irmão, Frei João Álvares, já seriam adeptos das Leis de Moisés,

---

<sup>382</sup> REBELLO, Brito, Revista *O Occidente*, vol. 7, nº 188, 11 mar. 1884, p.62-63; Ibidem, nº 189, 21 mar. 1884, p.70; nº 190, 1º abr. 1884, p.79; nº 192, 21 abr. 1884, p.94-95.

<sup>383</sup> Trata-se de cópia um documento oficial de 1725, emitido pela Inquisição Espanhola, a partir do depoimento do Frei João Álvares de Santa Maria, cujo manuscrito atualmente pertence ao acervo do Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo (IANTT), em Lisboa, sob o título *Processo de João Álvares de Santa Maria nº 15928 ou Cópia dela delazion voluntt.ria que desi hizo el P.º Fray Juan Alvarez de S.ª Maria. Relig.ª carmelita Calzado*. Ver transcrição completa do manuscrito em: (LEITE, Bertha, 1951, p. 15-108). Uma resenha, em português, deste manuscrito, consta em: TAUNAY, Afonso de E. “A estranha aventura de Frei João Álvares de Santa Maria Gusmão, carmelita santista (1724)”. In: *RIHGSP*, vol. XLIV (1ª parte), São Paulo, 1948, p. 231-248.

<sup>384</sup> TAUNAY, Afonso de E. “Demência do Voador”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 mar. 1956;

<sup>385</sup> TAUNAY, loc. cit.

fato certamente gravíssimo aos olhos do Santo Ofício e que isto, em si, justificaria a fuga repentina de Lisboa do padre *Voador* e de seu irmão, em setembro de 1724.

A fim de reduzirem as chances de serem identificados durante a fuga, ambos se disfarçaram e adotaram pseudônimos: João Álvares adotou o pseudônimo de Gabriel dos Santos e o Padre Bartholomeu passou-se por Miguel dos Santos<sup>386</sup>.

De início, os irmãos visavam fugir, por via marítima, para a Inglaterra, mas não conseguiram embarcação que os levasse a tal destino, sendo forçados a mudarem a rota de fuga rumo à Espanha<sup>387</sup>.

Durante a viagem, Bartholomeu foi acometido por uma “febre maligna com características tifóides”<sup>388</sup> cujo quadro clínico foi se agravando paulatinamente. Pouco depois veio a falecer na madrugada de 17 para 18 de novembro deste mesmo ano, no hospital da Misericórdia, em Toledo, sendo o seu corpo sepultado como sacerdote na igreja de São Romão, graças à confissão feita por João Álvares ao pároco local, revelando-lhe a verdadeira identidade de seu irmão e sua qualidade sacerdotal.<sup>389</sup>

Embora Frei João Álvares informe que a data de falecimento de seu irmão tenha sido 18 de novembro de 1724, é oportuno destacarmos que na certidão de óbito do padre *Voador*, presente no *Libro de defunciones* (1705-1739) da Paróquia de São Romão, consta a data (de falecimento ou do enterro) como sendo 19 de novembro de 1724.

---

<sup>386</sup> *Copia dela genealogia, que declaró fr. Juan Alvarez de S.<sup>ta</sup> Maria, religioso Carmelita*. IANTT. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo de João Álvares de Santa Maria, nº 15928, 1725, fl. 84.

<sup>387</sup> *Copia dela genealogia, que declaró fr. Juan Alvarez de S.<sup>ta</sup> Maria, religioso Carmelita*, loc. cit.

<sup>388</sup> TAUNAY, Affonso de E. “A fuga do Voador”. In *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 de fev. 1956.

<sup>389</sup> *Copia dela relacion volunt.<sup>ria</sup> que desi hizo el P.<sup>e</sup> Fray Juan Alvarez de S.<sup>ta</sup> Maria. Relig.<sup>so</sup> carmelita Calzado*. IANTT. Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo de João Álvares de Santa Maria, nº 15928, 9 jan. 1725, Apud (LEITE, Bertha, 1951, p. 100-101).

Aos dezenove dias do mês de novembro de mil setecentos e vinte e quatro anos, D. Bartolomé Lourenzo de Guzman, doutor em cânones pela Universidade de Coimbra, natural da vila de Santos, no Brasil, de idade de trinta e oito anos, residente na cidade de Lisboa, filho de D. Francisco Lourenzo, defunto, e D. Maria Álvarez, achando-se presentemente no Hospital da Misericórdia da Paróquia de São Romão desta cidade de Toledo, havendo-se confessado e recebido por viático o santíssimo sacramento da eucaristia e o da extrema unção, faleceu. [...].

D. Francisco Gomez Mariscal<sup>390</sup>

Na década de 1930, a igreja de São Romão foi vandalizada durante a Guerra Civil Espanhola, sendo os restos mortais do *Voador* misturados a outros despojos ali depositados<sup>391</sup>. Mesmo ciente deste episódio, durante a década de 1960, o governo brasileiro pleiteou trazer para o Brasil os supostos despojos do ilustre santista e após diversas tentativas teve êxito em 1966, através da participação ativa do Deputado Federal Cunha Bueno<sup>392</sup>. Estes despojos ficaram até 2004 no Museu de Aeronáutica situado no Parque do Ibirapuera, em São Paulo, e posteriormente foram trasladados, nesta mesma cidade, para uma cripta na Catedral Metropolitana da Sé<sup>393</sup>. Atualmente os despojos do *Voador* repousam, desde 2009, em sua terra natural, Santos, cidade que se orgulha de ter um filho tão ilustre que em 1709 escreveu o seu nome na história da ciência como sendo o primeiro homem a provar a viabilidade da navegação aérea por meio de um

---

<sup>390</sup> Ver ANEXO XXIV.

<sup>391</sup> SANTOS, Paulo Valadares, R. dos. “Bartolomeu de Gusmão, o messias desconhecido”. In *Revista da ASBRAP*. São Paulo, n. 14, 2008, p. 30.

<sup>392</sup> *Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão - Toledo, Espanha : documentação a respeito da trasladação dos despojos do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão*. Relatório de Dom António de Lancastre Alvares da Cunha enviada ao Exmo. Sr. Dr. António Sylvio Cunha Bueno, Digno. Deputado Federal, Madrid-Espanha, 27 jun. 1966. (documento: pasta Patrono Bartholomeu de Gusmão – Biblioteca do INCAER).

<sup>393</sup> “FAB homenageia Padre Bartholomeu de Gusmão”. In: *NOTAER- Noticiário da Aeronáutica*. Brasília: ano XXVII, nº 6, 19 abr. 2004, p. 3.

aeróstato, feito ocorrido 74 anos antes dos irmãos Montgolfier, na França, realizarem suas primeiras experiências com balões cativos de grandes proporções.<sup>394</sup>

---

<sup>394</sup> A partir das experiências aerostáticas bem sucedidas dos irmãos Montgolfier, portugueses e brasileiros intensificaram a reivindicação da primazia na ascensão do primeiro balão de ar quente. Dentre eles destacamos o imperador D. Pedro II que em data ainda indeterminada redigiu um carta ou artigo manifestando sua opinião em defesa da prioridade aerostática de Bartholomeu de Gusmão. É provável que este manuscrito tenha sido escrito às vésperas do centenário de realização das experiências dos Irmãos Montgolfier, em 1883, ou talvez alguns anos após a morte do Visconde de São Leopoldo (José Feliciano Fernandes Pinheiro), falecido em 1847, pois o imperador cita as contribuições históricas de Fernandes Pinheiro (*Da Vida e Feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartolomeu de Gusmão* – 1841) e lamenta pela morte do “benemérito literato”. Ver FIGURA 4.27.

Voutra carta, que em data de 1 de  
 Novembro do anno passado, dirigiu elle  
 D. Pedro Delmont ao redactor do jornal  
 "Propp", não pade de ser de reproar as  
 palavras, que deo lances ao Sr. Guisado,  
 como uma injustiça feita a um brasileiro  
 distincto, cujo merecimento já foi ali, nem  
 eschad pela Academia de Sciencias de  
 França, no facto de se duvidar de  
 melhor informacao.

O Director de Bartholomeu de Gusmão  
 principal de invenção do aerostato não  
 deu ser involuido, segundo parece a  
 Mr. Fournier não se em arte sobre  
 Miguel Montgolfier nos Biographies  
 Universel, com a expressão vagos, que se  
 produziram em favor de quem quer  
 tendente, e no meio de romances e physi-  
ca ben conhecidos, as trabalhados planta-  
ris de Cyrano de Bergerac. Se reinvidi-  
 cado fundado em prova, foi convencido, que  
 até calaram no animo de quem compatriota  
 de illustre Montgolfier, e finalmente, que  
 a vista d'elles, gorgulha, sua contestação,  
 não patriótica, que a posteridade lhe não  
 pod regar, devendo a sua biographia  
 como a de todos os vagos conhecidos, de  
 Mr. de Lambert a curio.

**Figura 4.27:** Manuscrito de D. Pedro II relativo à defesa da prioridade aerostática de Bartholomeu de Gusmão. **Fonte:** Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis (AHMIP)<sup>395</sup>

<sup>395</sup>. AHMIP, Arquivo da Família Imperial, catálogo B, maço 33, documento 1053, [1847-1891?], 9 p; ANEXO XXXIII.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme vimos no capítulo 4, Bartholomeu de Gusmão desenvolveu diversos projetos que envolviam, principalmente, conhecimentos de hidráulica e pneumática. Entretanto, somos compelidos a afirmar que, apesar da brilhante carreira intelectual de nosso compatriota, diversas críticas o atingiram desde o início de suas primeiras experiências aerostáticas e vieram a se intensificar ainda mais após a sua fuga inesperada de Lisboa, em função da grave acusação de apostasia. A maior parte dessas críticas classificava Bartholomeu como um inventor que não sabia transformar os seus projetos de maneira funcional, ou seja, útil para a sociedade, muito embora saibamos que as patentes que obteve em solo lusitano demonstrem o quanto foi frutífera a sua atividade intelectual como inventor.

Mas se durante as primeiras décadas do século XVIII a visão puramente utilitarista e imediatista do conhecimento levaram diversos intelectuais lisboetas a duvidarem da real capacidade inventiva do Padre Bartholomeu, mesmo seus defensores que se intensificaram no final deste mesmo século, motivados por um súbito patriotismo após as experiências realizadas pelos Irmãos Montgolfier, não dispunham de argumentos sólidos para defender o *Voador* justamente por falta de descrições mais verossímeis de seus inventos que, infelizmente, só constam, oficialmente, em sua obra de 1710. Com isso, propagou-se entre o final do século XVIII e meados do século XIX uma infinidade de defensores do Padre Bartholomeu que publicaram notícias, muitas vezes, de caráter duvidoso, como por exemplo, a realização de um suposto vôo da *passorola*, em Lisboa, tripulada pelo próprio inventor. Infelizmente tais notícias adentraram o século XX e se impregnaram na história das ciências como se fossem fatos fidedignos. E hoje

percebemos o quanto custou caro ao Padre Bartholomeu a falta de memoriais descritivos de seus inventos, seja por lapso, imposição de normas do governo português ou talvez intencionalmente para salvaguardar os reais segredos de seus projetos. Mas quanto a isto, não devemos crucificá-lo isoladamente, pois conforme vimos no capítulo 4, a falta de um memorial descritivo, anexo às patentes, era comum em Portugal, por menos dois séculos anos antes do nascimento de nosso compatriota.

Felizmente, entre meados do século XIX e início do século XX, foram também publicados artigos e livros sobre Bartholomeu de Gusmão baseados em documentações históricas mais fiáveis, graças às pesquisas de personalidades como José Feliciano Fernandes Pinheiro, Freire de Carvalho, Felipe Simões, Brito Rebelo e Afonso Taunay. E foi a partir das informações coletadas por esses desbravadores que pudemos conhecer de maneira mais fidedigna a vida e as obras atribuídas ao Padre Bartholomeu de Gusmão, além de, sobretudo, levar-nos a concluir que a maior parte de seus projetos fora desenvolvida na tentativa de resolver problemas práticos que estavam em voga na Europa, nas primeiras décadas da era setecentista.

O seu primeiro invento destinado à elevação de água até o Seminário de Belém, por exemplo, exigiram do jovem santista conhecimentos atualizados de Física, principalmente hidráulica e pneumática, numa época em que o problema do esgotamento de minas de carvão, na Europa, utilizando bombas hidráulicas, já mobilizava filósofos naturais como Huygens e Leibniz, desde o final do século XVII. Porém, conforme expusemos no capítulo 3, Bartholomeu muito provavelmente teria adquirido tais conhecimentos de Física de forma autodidata ou através de uma efêmera passagem pelo Colégio da Bahia, pois não encontramos indícios de que houvesse um ensino formal de ciências no Seminário de Belém, nem mesmo no ano de 1759, quando o seminário foi fechado em função da expulsão da Companhia de Jesus, na Bahia.

Os inventos do Padre Bartholomeu destinados a resolver o problema do alagamento de porões de embarcações também demonstram que o inventor visava a solucionar um problema prático atual que atingia diversas nações européias, informação esta que é explicitamente declarada em sua obra de 1710, bem como na patente holandesa que obteve no ano de 1713.

O seu invento de 1724 destinado a aumentar o rendimento dos moinhos portugueses, muito provavelmente envolvia soluções práticas relacionadas com a maximização na conversão da energia hidráulica em energia mecânica cujos estudos estavam em voga na Europa desde o início do século XVIII, dentre os quais destacamos os trabalhos do físico francês Antoine Parent e do engenheiro sueco Christopher Polhem que, neste período, realizaram experiências independentes para testar a eficiência das rodas verticais tradicionais movidas por água visando determinar quais as condições que propiciavam maior potência mecânica.

Os demais inventos atribuídos ao Padre Bartholomeu demonstram, sobretudo o seu espírito visionário ao apresentar novas idéias, como foi o caso de seu invento de 1721 destinado a produzir carvão artificialmente, o que demonstra a sua preocupação, já no início do século XVIII, com a falta de lenha que veio a acontecer no final deste mesmo século, como bem relatou o naturalista italiano Domingos Vandelli, em 1789.

Por fim, o seu principal invento, o *aeróstato*, foi sem sombra de dúvidas o mais bem documentado de todos, conforme exibimos na TABELA 4.1 deste trabalho. No entanto, o mérito do Padre Bartholomeu na história da navegação aérea talvez não seja pela suposta primazia na construção de um artefato voador mais leve que o ar, pois conforme vimos no capítulo 4, dois séculos antes da era cristã, os chineses já teriam o hábito de se divertirem com cascas de ovos vazias que se elevavam do solo impulsionadas por ar quente. Outro entretenimento milenar chinês, refere-se à ascensão de lanternas esféricas de papel que, tal como as cascas de ovos, elevavam-se do solo mediante a aplicação de uma fonte ígnea aplicada sob a parte inferior deste

artefato voador. Portanto, a experiência, em si, de elevar do solo um artefato mais leve do que o ar, já havia sido colocado em prática pelos chineses séculos antes do nascimento do Padre Bartholomeu. Neste sentido, o mérito de nosso compatriota nesta questão reside em ter feito *a primeira experiência aerostática bem sucedida, realizada na presença de autoridades governamentais e eclesiásticas, com claras evidências de se tentar provar a viabilidade da navegação área*. Antes de Bartholomeu de Gusmão, o Padre italiano Francesco Lana Terzi também tentou provar a navegabilidade aérea, porém não obteve êxito.

Estas foram, portanto as invenções atribuídas ao Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão. Um brasileiro cujas múltiplas habilidades intelectuais serão para sempre lembradas em função dos enormes serviços que prestou à Coroa Portuguesa, e, sobretudo pela profícua carreira de inventor que o coloca, cronologicamente, no topo da lista de cientistas brasileiros, por desenvolver estudos experimentais nos campos da hidráulica, pneumática e aerostática ainda nas primeiras décadas da era setecentista.

# REFERÊNCIAS

## MANUSCRITOS

- **BRASIL:**

**Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis (AHMIP)**

*Manuscrito de D. Pedro II relativo à defesa da prioridade aerostática de Bartholomeu de Gusmão.* AHMIP, Arquivo da Família Imperial, catálogo B, maço 33, documento 1053, [1847-1891?], 9 p.

**Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB)**

*Doação de Alexandre de Gusmão a sua filha Antonia de Gusmão, solteira.* IHGB, Lata 57, pasta 3, 1728, fl. 220.

- **PORTUGAL:**

**Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo (IANTT)**

1. *Alvará - P.e Bartholameu Lourenço - Privilegio.* Lisboa, 19 abr. 1709. IANTT, Chancelaria D. João V, Ofícios e Mercês, livro 31, fls. 202v. - 203v.
2. *Bartolomeu Lour.<sup>co</sup> de Gusmaõ. Privilegio p.<sup>a</sup> q~ ninguém possa uzar de sua máquina senão elle.... Petição... p.<sup>a</sup> q~ todos os moyinhos dagoa Salgada e os de agua doce q~ mohião por via de rodizio como tambem os moyinhos e engenhos de asugar q~ moinhão rasteiros podecem com a mesma quantid.<sup>e</sup> dagoa moer m.<sup>io</sup> mais do q~mohião.* Lisboa, 22 jul. 1724. IANTT, Chancelaria D. João V, Ofícios e Mercês, livro 66, fls. 324 v.- 325r.

3. *Brazil. Bertholameu L.<sup>co</sup> [Lourenço] Alv. [Alvará] para uzar de hum invento de fazer subir agoa e q~ ninguém uze delle sem lhe dar 400\$ rs.* Lisboa, 2 abr. 1707. IANTT, Chancelaria D. João V, Ofícios e Mercês, livro 28, fls. 112r-112v.
  
4. *Copia dela genealogía, que declaró fr. Juan Alvarez de S.<sup>ta</sup> Maria [Frei João Álvares de Santa Maria], regioosso Carmelita calzado cozista, sin orden algunõ, detenido sin comunicazion en una celda del Conv.to de su orden de esta Corte dilatada expontaneamente desea Apostata desu religion, y dela Catt.ca App.ca Romana, creyendo la muerta ley a Moyses, y otras muchas herezias de diferentes sectas, y que la Redempcion al genero humano, no estava echa, y era destinada para hazerla el D.r D.n Bartl.me Lorenzo y Guzman [Bartolomeu Lourenço de Gusmão] su hermano, o, este delatado.* IANTT, Tribunal do Santo Ofício, Inquisição de Lisboa, processo de João Álvares de Santa Maria, número 15928, 1725, fls. 81r-88v. (PT-TT-TSO/IL/28/15928).
  
5. *P.<sup>e</sup> B.<sup>meu</sup> Lour.<sup>co</sup> de Gusmão. Provisaõ de Confirmação de hua Escripura de Trespaço.* Lisboa, 23 set. 1721. IANTT, Chancelaria D. João V, Ofícios e Mercês, livro 56, fl. 249 v.
  
6. PINHEIRO, Lucas de S. Joaquim (Frei). “Explicação da machina (aerostatica). In: *Cartas, consultas e mais obras de Alexandre de Gusmão: máquina aerostática do Padre Bartholomeu Guerreiro [sic].* [S.l.]. IANTT, manuscrito da Livraria 1011, [17--?], p. 203-205. (PT-TT-MSLIV/1011).
  
7. PINHEIRO, Lucas de S. Joaquim (Frei). “Petição do P.<sup>e</sup> Bartholomeu Lourenço sobre o instrumento q. inventou p.<sup>a</sup> andar pello ar”. In: *Cartas, consultas e mais obras de Alexandre de Gusmão: máquina aerostática do Padre Bartholomeu Guerreiro [sic].* [S.l.]. IANTT, manuscrito da Livraria 1011, [17--?], p. 202-203. (PT-TT-MSLIV/1011).
  
8. PINHEIRO, Lucas de S. Joaquim (Frei). “Representação feita ao Fidelíssimo Rei o Sr. D. João quinto – Por Alexandre de Gusmão”. In: *Cartas, consultas e mais obras de Alexandre de Gusmão: máquina aerostática do Padre Bartholomeu Guerreiro [sic].* [S.l.]. IANTT, manuscrito da Livraria 1011, [17--?], p. 175-190. (PT-TT-MSLIV/1011).

### Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC)

1. *Descrição e figura da admiravel maquina para se navegar pelo ar, que faz Lisboa o Pe. B.meu Lourenço natural do Brazil, dada a estampa por hum amigo do autor, tirada de noticias particulares que este lhe comonicou:* [S.l.]. BGUC, código 342, [ca. maio 1709], fls. 247 v. - 249r.
2. *Manifesto sumario para os q~ ignoraõ poderse navegar pello elemento do ar.* [S.l.]. BGUC, código 342, [ca. 1709], fls. 234r-241r.
3. *Memoria do P.<sup>e</sup> Bartholomeo Lourenço, chamado vulgarmente o Voador, pella razão q. abaixo se relata.* [S.l.]. BGUC, código 537, [ca. 1724], fls. 314r-316r.
4. *Petição do Padre Bertholameu Lourenço que tem descoberto hum instrumento para se andar pello ar.* [S.l.]. BGUC, código 677, [1709?], fls. 410r-410v.

### Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP)

1. *Ao Padre dos inventos – Romance.* [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-1413, [17--?], fls. 121v.-123r.
2. CRUZ, Frei Joseph da [Religioso de S. Paulo]. *Ao mesmo inventor – décimas.* [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-1413, [17--?], fls. 121r.-121v.
3. FERREIRA, Salvador António. *Varias noticias de cazos acontecidos em Portugal.* [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-FA-15, [17--?], fls. 47r., 52v., 56v., 75r. e 76 v.
4. MOURA, Manuel Francisco da Silva e Veiga Magro [Magno?] de. *Juizo Imparcial.* [S.l.]. BPMP, manuscrito M-1107, [1783-1809?], 5 fls.
5. *Notizia de que foy o P.<sup>e</sup> Bartholomeu Lour.<sup>co</sup> a q~ o povo chamava o avoador.* [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-1413, [17--?], fls. 133r-135v.

6. *Que o voador voara, ouvi dizer*. [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-1413, [17--?], fl. 136r.
7. *Romance ao Inventor de voar pellos ares por nome o P.<sup>e</sup> Bartholameu Lour.<sup>co</sup>... ano de 1709*. [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-1413, [17--?], fls. 117v.-120v.

#### **Academia das Ciências de Lisboa (ACL)**

*Romance a Passarola: irmão de Alexandre de Gusmão. Do Conde da Eryceira. Em Curiosidades dos primeiros annos de Frei Vicente Salgado, religioso da Terceira Ordem e S. Francisco*. [S.l.]. ACL, manuscrito série vermelha, número 188, [17--?], fls. 203r-208r.

#### **Biblioteca da Sociedade de Geografia de Lisboa (BSGL)**

*Carta de Bartholomeu Lourenço de Gusmão a Luiz Jozé de Vasconcellos sobre o governo de Mazagão*: Lisboa, 22 fev. 1724. BSGL, Res. 2 – Est. 146 – maço 4 - nº 89.

#### **• HOLANDA:**

##### **Arquivo Nacional da Holanda (Nationaal Archief) – (NA)**

1. *Pedido de patente de uma máquina hidráulica para desalagar porões de embarcações apresentada por Bartholomeu Lourenço aos Estados da Holanda e da Frísia Ocidental em 27 de setembro de 1713*. [S.l.]. NA, patente número 1665, 3fls. (H223, 21 D 13).
2. *Patente de uma máquina hidráulica para desalagar porões de embarcações, concedida a Bartholomeu Lourenço, pelos Estados da Holanda e da Frísia Ocidental em 14 de dezembro de 1713*. [S.l.]. NA, patente número 1665, 1fl. (H223, 21 D 13).

## DATILOGRAFADOS

- **BRASIL:**

### **Biblioteca do Instituto Histórico da Aeronáutica (INCAER)**

1. *Certidão de óbito do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, do Livro 5º Fls 115-116.* Anexo I do relatório de Dom António de Lancastre Alvares da Cunha enviada ao Exmo. Sr. Dr. António Sylvio Cunha Bueno, Digno. Deputado Federal, Madrid-Espanha, 27 de Junho de 1966. (documento: pasta Patrono Bartholomeu de Gusmão – Biblioteca do INCAER).
2. *Credencial conferida pelo Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo ao seu consócio Deputado Federal Antonio Sylvio da Cunha Bueno para tratar em Espanha da transladação, para São Paulo, das cinzas da grande figura de Bartholomeu Lourenço de Gusmão que se acham em Toledo, na antiga Casa da Misericórdia.* Ofício de Aureliano Leite, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo (IHG-SP), São Paulo, 31 de maio 1966. (documento: pasta Patrono Bartholomeu de Gusmão – Biblioteca do INCAER).
3. *Exposição realizada em 13 de Agosto de 1966 pelo deputado Federal Snr. Antônio Silvio da Cunha Bueno na sede da Associação Hispano-Brasileira de Santos (Instituto de Cultura Hispânico de Santos) prestando contas do desempenho dado pela credencial que lhe fôra outorgada pela mesma para conclusão; na Espanha, do movimento objetivando a localização e transladação para Santos dos despojos do Padre Bartolomeu Lourenço de Gusmão, campanha essa iniciada em Dezembro de 1964, pela referida entidade.* (documento: pasta Patrono Bartholomeu de Gusmão – Biblioteca do INCAER)
4. *Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão - Toledo, Espanha : documentação a respeito da transladação dos despojos do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão.* Relatório de Dom António de Lancastre Alvares da Cunha enviada ao Exmo. Sr. Dr. António Sylvio Cunha Bueno, Digno. Deputado Federal, Madrid-Espanha, 27 jun. 1966. (documento: pasta Patrono Bartholomeu de Gusmão – Biblioteca do INCAER).

## IMPRESSOS:

1. “A turfa”. In: *O Instituto, Jornal Científico e Litterario*. Coimbra. Universidade de Coimbra, vol. 7, 1859, p. 44-48.
2. “ATAS da Câmara” (1700-1718). vol. 7. *Documentos Históricos do Arquivo Municipal*. Salvador: Imprensa Gráfica da Bahia, 1984, p. 258-259.
3. “BENS culturais imóveis de interesse predominantemente geológico”. In: *Revisão PDM (Plano Director Municipal de Lisboa) Componente geológica – caracterização*, ago. 2010, p.13.
4. “CARTAS inéditas de Alexandre de Gusmão”. In: *O Panorama – semanário litterario e instructivo*. Lisboa, vol. IX, Typographia de A. J. F. Lopes, primeiro da terceira série, 1852, p. 278-279.
5. “FAB homenageia Padre Bartholomeu de Gusmão”. In: *NOTAER- Noticiário da Aeronáutica*. Brasília: ano XXVII, nº 6, 19 abr. 2004, p. 3.
6. “ON Artificial Fuel”. In: *The Practical mechanic and engineer's magazine*. London. Mechanic's Magazine Office. Vol I, 1842, p. 231-234;
7. “PRODUCÇÃO artificial de carvão de pedra”. In: *O Instituto, Jornal Cientifico e Litterario*. Coimbra. Universidade de Coimbra. Vol. 7, 1859, p.11;
8. “SUR une nouvelle espèce de machine hydraulique, par les CC. Montgolfier et Argant [sic]”. In *Bulletin des sciences par la Société Philomathique*. Paris, n. 8, nov. 1797, p. 58-60.
9. “TURFA ou turba II”. In: *O Panorama-Jornal Litterario e instructivo da sociedade propagadora dos conhecimentos úteis*. Lisboa. Vol II, 1838, p. 50-51;
10. “USO da turfa ou turba I”. In: *O Panorama- Jornal Litterario e instructivo da sociedade propagadora dos conhecimentos úteis*. Lisboa. Vol I, 1837, p. 267-268;
11. Ab’SABER, Aziz Nacib. *Época colonial*. 11ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil,

2000.

12. ALBUQUERQUE, Vanessa da Silva. *Alexandre de Gusmão: Formação e Trajetória (1685-1753)*. 2007. 151p. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – IFCH. Programa de Pós-Graduação em História – PPGH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, UERJ, Rio de Janeiro, 2007.
  
13. ALMEIDA, Eduardo de Castro e. “Inventário dos documentos relativos ao Brasil existentes no Archivo de Marinha e Ultramar”. In: *Anaes da Bibliotheca Nacional do Rio Janeiro*. Rio de Janeiro: vol. XXXI, 1909 (1913).
  
14. ALMEIDA, Fortunato de. *História da Igreja em Portugal*. Tomo III, parte I e II. Coimbra: Imprensa Académica, 1915.
  
15. ALMEIDA, Gustavo Balbuena de. *O cargo de Juiz de Fora na capitania de Mato Grosso (1751-1789): considerações para o início de uma discussão*. Três Lagoas: Departamento de História da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS), 2010, 19f. Trabalho apresentado no X Encontro de História de Mato Grosso do Sul, 2010.
  
16. ALMEIDA, Luís Ferrand de. *Alexandre de Gusmão, o Brasil e o Tratado de Madrid (1735-1750)*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica, 1990.
  
17. ALMEIDA, Manoel Lopes de. *Notícias históricas de Portugal e Brasil (1715-1750)*. Coimbra: Coimbra Editora, 1961.
  
18. ALVES, Gilberto Luiz. “Origens da escola moderna no Brasil: a contribuição jesuítica”. In: *Revista Educação e Sociedade*. Campinas, vol. 26, n. 91, maio/ago. 2005, p. 617-635.
  
19. AMORIM, João Pedro de. *Diccionario de marinha*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1841.
  
20. ANDRADE, Mário de. *Padre Jesuino do Monte Carmelo*. Ministério da Educação e Saúde, 1945.
  
21. ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *História da Educação*. 2ª ed. São Paulo: Editora

Moderna. 1998.

22. ARAÚJO, Miguel Martins de. *Elogio de Alexandre de Gusmão, cavalleiro professo na Ordem de Christo, Fidalgo da Casa Real, e Academico do numero da Academia Real*. Lisboa: Joseph da Costa Coimbra, 1754.
23. ARNIZÁU, José Joaquim de Almeida e. *Memória topográfica, histórica, comercial e política da Vila da Cachoeira da Província da Bahia*. Salvador: Fundação Maria América da Cruz; Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Tradição, 1998.
24. ASSIS, José Eugênio de Paula. *Bartolomeu Lourenço de Gusmão- resumo histórico de sua vida e obra*. Coleção Saraiva 254. Rio de Janeiro: Edição Saraiva, 1969.
25. AZEVEDO, Fernando de. *A cultura Brasileira*. 4<sup>a</sup> ed. Brasília: Editora UNB, 1963.
26. AZEVEDO, João Lúcio de. *Novas Epanáforas - estudo de história e literatura*. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1932.
27. \_\_\_\_\_. *O Marquês de Pombal e a sua época*. 2<sup>a</sup> ed. Rio de Janeiro: Anuario do Brasil, 1922.
28. BAIARDI, Amílcar; SANTOS, Alex V. dos. *A passagem de Bartolomeu de Gusmão pela Vila de Belém, Cachoeira-BA*. Belo Horizonte: Departamento de História da FAFICH–UFMG, 2005, 10f. Trabalho apresentado no X Seminário Nacional de História da Ciência e Tecnologia, outubro 2005.
29. BARBOSA, Gino Caldatto. “A Igreja e o Colégio de São Miguel da Vila de Santos (1585-1759)”. In *Revista de Estudos e Comunicações da Universidade Católica de Santos - Leopoldianum*. Santos, vol. XXIII, nº 64, ago. 1997, p. 203-222.
30. BAST, Amédée de. *Maravilhas do gênio do homem*. Lisboa: tomo I, José Maria Corrêa Seabra Editor, 1863.
31. BASTO, Artur de Magalhães. “A conquista do ar e o Mss. da Biblioteca Municipal do Porto”. In seção *Falam Velhos Manuscritos*, *Jornal O Primeiro de Janeiro*. Porto, p.1, 23 nov.1934.

32. \_\_\_\_\_. “Bartolomeu de Gusmão, D. Julião I e a carta dum leitor”. In seção *Falam Velhos Manuscritos*, Jornal *O Primeiro de Janeiro*. Porto, p.1, 30 nov.1934.
33. \_\_\_\_\_. “Bartolomeu Lourenço e a Inquisição”. In seção *Falam Velhos Manuscritos*, Jornal *O Primeiro de Janeiro*. Porto, p.1, 26 jul.1935.
34. \_\_\_\_\_. “Gusmanòloguices”. In seção *Falam Velhos Manuscritos*, Jornal *O Primeiro de Janeiro*. Porto, p.3, 28 fev.1936.
35. \_\_\_\_\_. “Notícias curiosas sobre assuntos portuenses extraídas dos *papéis* do acadêmico setecentista António Cerqueira Pinto”. In: *Separata do Boletim Cultural da Câmara Municipal do Porto*. Porto: Edições Maranus, vol. XII, fasc. 1-2, 1949.
36. \_\_\_\_\_. “Passarola! Passarola!”. In seção *Falam Velhos Manuscritos*, Jornal *O Primeiro de Janeiro*. Porto, p.1-2, 06 mar.1936.
37. \_\_\_\_\_. “Sensacional Revelação!”. In seção *Falam Velhos Manuscritos*, Jornal *O Primeiro de Janeiro*. Porto, p.1-2, 13 mar. 1936.
38. \_\_\_\_\_. “Um Padre «Voador» na Holanda!”. In seção *Falam Velhos Manuscritos*, Jornal *O Primeiro de Janeiro*. Porto, p.1-2, 19 jul.1935.
39. \_\_\_\_\_. *Porto e Brasil: figuras e factos da história luso-brasileira*. Porto: Livraria Progredior, 1946.
40. BENKÖ, Marietta; SCHMIDT-TEDD, Bernhard. *Historische manuskripte zur erfindung des ersten ballons und seines jungferNFLuges in Lissabon am 8. August 1709*. Köln. Institut für Luft-und Weltraumrecht der Universität zu Köln, 2002.
41. BENNETT, Stuart. *A History of Control Engineering, 1800-1930*. London: Peter Peregrinus, 1986.
42. BLAKE, Augusto Vitorino A. Sacramento. *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Ed. fac-similar (1883-1902), vol. I. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, Conselho Federal de Cultura, 1970.

43. BLUTEAU, Rafael. *Diccionario da lingua portugueza*. Tomo II. Lisboa: Officina de Simão Thadeo Ferreira, 1789.
44. \_\_\_\_\_. *Vocabulario portuguez e latino*. Tomo I. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.
45. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo II. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesu, 1712.
46. BRAGA, Theophilo. *A Arcadia Lusitana*. Porto: Livraria Chardron, 1899.
47. BRANDAM, Thomaz Pinto. *Pinto Renascido, empennado, e desempennado: primeiro voo*. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1732.
48. CABRAL, Alfredo do Vale. “Satyras inéditas de T. Pinto Brandão. Gusmão, o Voador, ridicularizado”. In: “Variedade” - *Annaes da Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, vol. I, 1876, p. 190-198.
49. CAMENIETZKI, Carlos Ziller. “A Companhia de Jesus e a Ciência na América Portuguesa entre 1663 e 1759”. In: DYNNIKOV, Circe M. S. da S. (Org), *Anais do III Seminário Nacional de História da Matemática*, Vitória, mar. 1999, p. 156-165.
50. \_\_\_\_\_. “Athanasius Kircher: polígrafo, cientista”. In D’AMBRÓSIO, Ubiratan (Org.), *Anais do Segundo Congresso Latino-americano de História da Ciência e da Tecnologia*, São Paulo, jun./jul. 1988 (1989), p. 158-163.
51. \_\_\_\_\_. “Baroque Science between the Old and the New World - Father Kircher and his colleague Valentin Stansel (1621-1705)”. In: *Athanasius Kircher - the last man who knew everything*. New York; London: Routledge, 2004, p. 311-328.
52. \_\_\_\_\_. “Esboço biográfico de Valentin Stansel (1621-1705), matemático jesuíta e missionário na Bahia”. In: revista *Ideação*, Feira de Santana, nº 3, jan./jun. 1999, p. 159-182.
53. \_\_\_\_\_. “O cometa, o pregador e o cientista: Antônio Vieira e Valentim Stansel”. In: *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. São Paulo: n. 14, jul.-dez.

- 1995, p. 37-52.
54. \_\_\_\_\_. “O museu do Colégio Romano e a organização do conhecimento na Companhia de Jesus (1651-1680)”. In *Anais do VI Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, Rio de Janeiro, jun. 1997, p. 95-98.
55. \_\_\_\_\_. “Savants du bout du monde: les jésuites astronomes de Salvador”. In: *Archives Internationales d'Histoire des Sciences - Académie Internationale d'Histoire des Sciences*, Roma, n. 148, vol. 52, 2002. p. 147-158.
56. \_\_\_\_\_.; PEDROSA, Fábio Mendonça. “A observação cometária de José Monteiro da Rocha”. In: GOLDFARB, José L., FERRAZ, Márcia H. M. (Orgs.), *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, São Paulo, 2000, p. 103-106.
57. CAROLINO, Luís Miguel. “A ciência e os topoi retóricos em António Vieira: um caso de difusão cultural em Portugal e no Brasil durante o século XVII”. In: *Revista da Sociedade Brasileira de História da Ciência*. São Paulo: n. 18, jul.-dez. 1997, p. 55-72.
58. CARVALHO, Francisco Freire de. “Additamento á memoria que tem por objecto revindicar para a Nação Portugueza a gloria da invenção das Maquinas Aerostáticas”. In *Actas das sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Tomo I. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1849, p. 193-219.
59. \_\_\_\_\_. “Memoria que tem por objecto revindicar para a nação brasileira a gloria da invenção das machinas aerostáticas”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro; Nendeln/Liechtenstein: edição fac-similar, segunda série, tomo quinto (vol. 12, 1849), Kraus Reprint, 1973, p. 336-361.
60. CARVALHO, Joaquim de. “Cartas de José da Cunha Brochado ao Conde de Viana, D. José de Meneses (1705-1710)”. In *O Instituto - Revista Científica e Literária*, Coimbra, vol. 69, nº 9, set. 1922 (1922), p. 393.
61. \_\_\_\_\_. “Cartas de José da Cunha Brochado ao Conde de Viana, D. José de Meneses (1705-1710)”. In *O Instituto - Revista Científica e Literária*. Coimbra, vol. 71, nº 7, jul. 1924 (1927), p. 318-320.

62. \_\_\_\_\_. “Cartas de José da Cunha Brochado ao Conde de Viana, D. José de Meneses (1705-1710)”. In *O Instituto - Revista Científica e Literária*. Coimbra, vol. 71, nº 10, out. 1924 (1927), p. 476.
63. CARVALHO, José Manuel Teixeira de. (Org.). *Collecção de varios escritos ineditos politicos e litterarios de Alexandre de Gusmão*. Typographia de Faria Guimarães. Porto, 1841.
64. CARVALHO, Rómulo de. *A astronomia em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Breve, vol. 100, 1985.
65. \_\_\_\_\_. *História dos Balões*. Lisboa: Editora Relógio D'água, 1991.
66. \_\_\_\_\_. *A Física experimental em Portugal no século XVIII*. Lisboa: Biblioteca Breve - Instituto de Cultura e Língua Portuguesa, 1982.
67. CASAL, Aires de. *Corografia Brasílica*. Fac-símile da edição de 1817. Tomo II. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1947.
68. CASTRO, F. M. de Oliveira. *A Matemática no Brasil*. São Paulo: Editora da Unicamp, 1996.
69. CASTRO, João Batista de. *Mappa de Portugal*. Parte primeira. Lisboa: Officina de Miguel Manescal da Costa, 1745.
70. *Collecçam dos documentos, estatutos e memorias da Academia Real da Historia Portugueza*. Lisboa Occidental: Officina de Pascoal da Sylva, 1721-1725.
71. CÔRTE-REAL, João Afonso. “Recolhas de alguns elementos coevos para a história sincera do reinado de El-Rei Dom João V”. In: *Revista Las Ciências*. Madrid: Año XII, n. 3, [1950?], p. 1-45.
72. CORTESÃO, Jaime. “A Missão dos Padres Matemáticos no Brasil”. In revista trimestral *Studia*. Lisboa, fasc. 1, jan. 1958, p. 123-150.
73. \_\_\_\_\_. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid (1695-1735)*. Tomo II, parte I.

Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/Instituto Rio Branco. 1952b.

74. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo I, parte I. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/Instituto Rio Branco. 1952a.
75. \_\_\_\_\_. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid (1750)*. Tomo I, parte II. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/Instituto Rio Branco, 1950.
76. \_\_\_\_\_. *Alexandre de Gusmão e o Tratado de Madrid*. Parte V. Rio de Janeiro: Ministério das Relações Exteriores/Instituto Rio Branco, 1953.
77. DELISLE, Guillaume. “Détermination géographique de la situation et de l'étendue des différentes parties de la Terre”. In: *Histoire de l'Académie Royale des Sciences- année M. DCCXX*. Paris: L’Imprimerie Royale, 1722, p. 365-384.
78. DENG, Yinke. *Ancient Chinese Inventions*. New York: Cambridge University Press, 2011.
79. DENNY, M. “The efficiency of overshot and undershot waterwheels”. In: *European Journal of Physics*. Institute of Physics Publishing. Vol. 25, n. 2, 2004, p. 193–202.
80. DEUS, Frei Gaspar da Madre de. *Memórias para a história da Capitania de S. Vicente*. São Paulo: Livraria Martins Editora S.A., 1953.
81. *Diccionario aristocratico contendo os alvarás dos foros de fidalgos da Casa Real*. Tomo A-E. Lisboa: Imprensa Nacional, 1840.
82. DOLLFUS, Charles, BOUCHÉ, Henri. *Histoire de l'aéronautique*. Paris: Editora L’illustration, 1932.
83. DOMINGUES, Mário. *D. João V - O homem e a sua época*. Lisboa: João Romano Torres Editor, 1964.
84. DUHEM, Jules. *Musée Aéronautique - avant Montgolfier*. Paris: Editor Fernand Sorlot, 1944.

85. EASBY, William. "Improvement in the Method of converting fine Coal into solid lumps". In: *Journal of the Franklin Institute*. Philadelphia. Franklin Institute. Third Series, vol. XVII, 1849, p. 385;
86. *Enciclopédia Mirador Internacional*. Vol. 2. São Paulo; Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda., 1995.
87. *Enciclopédia Verbo Luso-Brasileira de Cultura*. vol. 18. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 1998.
88. \_\_\_\_\_. vol. 26. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 1998.
89. \_\_\_\_\_. vol. 6. Lisboa; São Paulo: Editorial Verbo, 1998.
90. EWBANK, Thomas. *Descriptive and historical account of hydraulic and other machines for raising water*. New York: D. Appleton and Company, 1842.
91. FARIA, Antonio de Portugal de. (2.º Visconde de Faria). *Académie Aéronautique Bartholomeu de Gusmão - son rôle et son action dans les revendications émises en faveur de B. De Gusmão (1685-1724)*. Lausanne: Imprimeries Réunies S.A, 1913.
92. \_\_\_\_\_. (2.º Visconde de Faria). *Bartholomeu Lourenço de Gusmão (1685-1724): inventeur des aérostats*. Lausanne: Imprimeries Réunies S.A., 1911.
93. \_\_\_\_\_. (2.º Visconde de Faria). *Bartholomeu Lourenço de Gusmão - Reproduction fac-similé d'un dessin à la plume de sa description et de la pétition adressée au Jean V. (de Portugal) en langue latine et en écriture contemporaine (1709) retrouvés récemment dans les archives du Vatican du célèbre aéronef de Bartholomeu Lourenço de Gusmão "l'homme volant" portugais, né au Brésil (1685-1724) précurseur des navigateurs aériens et premier inventeur des aérostats*. Lausanne: Imprimeries Réunies S.A., 1917.
94. \_\_\_\_\_. (2.º Visconde de Faria). *Le précurseur des navigateurs aériens - Bartholomeu Lourenço de Gusmão*. Lausanne: Imprimeries Réunies S.A., 1910.

95. FAZENDA, José Vieira. “O voador”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*,. São Paulo, Typographia do Diario Official, vol. XII, 1907 (1908), p. 229-243.
96. FERREIRA, Jurandyr Pires (org.). *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: Instituto brasileiro de Geografia e Estatística, 1958.
97. FERREIRA, Tito Lívio. “No centenário do nascimento do historiador das Bandeiras Paulistas”. In: *Revista do Arquivo Municipal*. São Paulo: jan.-dez., 1976, p.51-62.
98. FIGUEIREDO, Fidelino de. *História da Literatura Clássica*. vol. 2. 3<sup>a</sup> ed. rev. [s.l.] : Editora Anchieta S.A., 1946.
99. \_\_\_\_\_. *História da Literatura Clássica*. vol. 1. 3<sup>a</sup> ed. rev. [s.l.]: Editora Anchieta S.A., 1946.
100. FILGUEIRAS, Carlos A. L. “Bartholomeu de Gusmão - um eco da revolução científica no Brasil”. In: ALFONSO-GOLDFARB, Ana Maria, MAIA, Carlos (Coord.). *História da ciência- o mapa do conhecimento*. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura; São Paulo: Edusp, 1995, p. 381-390.
101. FIOLEAIS, Carlos *et al.*. *Bartolomeu Lourenço de Gusmão: o padre inventor*. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2011. (Coleção Brasiliana da Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra, 1).
102. FONSECA, Luiza da. “Bacharéis brasileiros - elementos biográficos (1635-1830)”. In: *Anais do IV Congresso de História Nacional*, Rio de Janeiro, vol. XI, Departamento de Imprensa Nacional, abr. 1949 (1951), p. 109-405.
103. FONTES, Henrique da Silva. *A beata Joana Gomes de Gusmão*. Florianópolis: Imprensa Oficial, 1954.
104. FORJAZ, António Pereira. “Bartolomeu de Gusmão: farmacêutico improvisado-patriarca da aeronáutica”. In: “Dois sábios do Brasil”, *Anais Azevedos*. Lisboa: Sociedade Industrial Farmacêutica, vol. XV, nº 1, 1963, p. 3-8.

105. FOULQUIER, Joseph H. *Jesuitas no Norte: segunda entrada da Companhia de Jesus, 1911-1940*. Salvador, 1940.
106. FRANCA, Leonel. *O Método Pedagógico Jesuítico. O “Ratio Studiorum”:* *Introdução e Tradução*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1952.
107. FREITAS, Divaldo Gaspar de. *A Vida e as Obras de Bartolomeu Lourenço de Gusmão*. São Paulo: Serviço Estadual de Assistência aos Inventores (SEDAI), EDIGRAF S.A., 1969.
108. GAMA, Ruy (org.). *História da técnica e da tecnologia*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1985.
109. GETHMANN, Daniel. “Fahrten im Luftmeer - Interkontinentale Landnahme per Luftschiff seit Bartholomeu Lourenço de Gusmão (1709)”. In *Markus Krajewski: Projektmacher*. Berlin , 2004, p. 128-161 e p. 258-264.
110. GODOY, Silvana Alves de. *Rota das Monções – negócios e fronteiras na América Portuguesa*. Niterói: Universidade Federal Fluminense (UFF), 2006, 8f. Trabalho apresentado no XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ, 2006.
111. GUSMAM, Alexandre de. (S.J.). *Rosa de Nazareth nas montanhas de Hebron - a virgem Nossa Senhora na Companhia de Jesu, - dedicada á mesma soberana Virgem em sua gloriosa assumpção*. Lisboa: Officina Real Deslandesiana, 1715.
112. GUSMÃO, Fr. João Álvares de. *Discurso sobre a Trezena de S. Francisco de Paula...* Lisboa: Officina de Manoel Coelho Amado. 1762.
113. HENRIQUES, Francisco da Fonseca. *Aquilegio Medicinal*. Lisboa Occidental: Officina da Musica, 1726.
114. HILLS, Richard L. *Power from wind: a history of windmill technology*. Cambridge University Press, 1996.

115. *História Geral da Aeronáutica Brasileira - Dos primórdios até 1920*. Vol. 1. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia - Instituto Histórico-Cultura da Aeronáutica, 1988.
116. HOOKE, Robert. "An account of the Sieur Bernier's [sic] way of Flying". In: *Philosophical collections*. n.1. London: Royal Society, 1682, p. 14-17.
117. HOOYKAAS, Reijer. *A religião e o desenvolvimento da ciência moderna*. Brasília: Editora da UnB, 1988.
118. KLINCKOWSTROEM, Carl von. "Beitrag zur Gusmão – Bibliographie". In *Archiv für die Geschichte der Naturwissenschaften und der Technick*. Leipzig, band 3, F. C. W. Vogel, 1911-1912, p. 214-223.
119. LEITE, Bertha. "Bartolomeu de Gusmão na documentação de Lisboa". In: *Anais do IV Congresso de História Nacional*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, IHGB, vol. 12, abr. 1949 (1951), p. 7-161.
120. LEITE, Serafim. "O curso de Filosofia e tentativas para se criar a Universidade do Brasil no século XVII". In revista *Verbum*, Rio de Janeiro, nº 5, fascículo 2, jun. 1948, p.107-143.
121. \_\_\_\_\_. *Artes e Ofícios dos Jesuítas no Brasil (1549-1760)*. Lisboa; Rio de Janeiro: Edições Brotéria; Livros de Portugal. 1953.
122. \_\_\_\_\_. *História da Companhia de Jesus no Brasil*. Tomo II. Lisboa - Rio de Janeiro: Livraria Portugália; Civilização Brasileira, 1938.
123. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo V. Belo Horizonte: Edição fac-símile, Editora Itatiaia, 2000.
124. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo V. Lisboa - Rio de Janeiro: Livraria Portugália; Instituto Nacional do Livro, 1945.
125. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo VI. Lisboa - Rio de Janeiro: Livraria Portugália; Instituto Nacional do Livro, 1945.

126. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo VII. Lisboa - Rio de Janeiro: Livraria Portugália; Instituto Nacional do Livro, 1949.
127. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo VI. Edição fac-símile. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2000.
128. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Vol. I. Lisboa; Rio de Janeiro: Editora Livraria Portugália; Civilização Brasileira, 1938.
129. LEME, Luiz Gonzaga da Silva. *Genealogia Paulistana*. Vol. 6. São Paulo: Duprat e Comp., 1905.
130. LEME, Pedro Taques de Almeida Paes. *História da Capitania de São Vicente*. Edições do Senado Federal, v. 25. Brasília: Conselho Editorial, 2004.
131. \_\_\_\_\_. *Nobiliarquia Paulistana histórica e genealógica*. 5ª. ed. Tomo II. Belo Horizonte; São Paulo: Editora Itatiaia Limitada; Editora da Universidade de São Paulo, 1953.
132. LEPSCH, Inaldo. *Taunay e o Padre Voador*. Itu: Ottoni Editora, 2005.
133. LUÍS, Washington, 1870-1957. *Na capitania de São Vicente*. Brasília: Edições do Senado Federal, v. 24, Senado Federal, Conselho Editorial, 2004.
134. M. BAROULIER. « Note sur la production artificielle de la houille ». In : *Comptes rendus hebdomadaires des séances de l'Académie des sciences*. Paris. Tomo XLVI, N° 7, 1858, p.376.
135. MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana - Historica, critica e cronologica*. Tomo I, Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741.
136. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo II, Lisboa Occidental: Officina de Ignacio Rodrigues, 1747.

137. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo III, Lisboa: Officina de Ignacio Rodrigues, 1752.
138. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. Tomo IV, Lisboa: Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1759.
139. MARQUES, Rafael de Bivar. “A dinâmica da escravidão no Brasil - resistência, tráfico negreiro e alforrias, séculos XVII a XIX”. In *Revista Novos Estudos*. São Paulo, CEBRAP, 74, mar. 2006, p. 107-123.
140. MARTELLO, Pier Jacopo. *Opere - Seguito del Teatro Italiano (Del volo dialogo)*. Tomo 5. Bolonha: Della Volpe, 1723.
141. MARTINS, Wilson. *A palavra escrita*. 3ª. ed. São Paulo: Editora Ática. 2002.
142. MATOS, Odilon Nogueira de. *Afonso de Taunay, historiador de São Paulo e do Brasil – perfil biográfico e ensaio bibliográfico*. São Paulo: coleção Museu Paulista, série Ensaios vol. 1, 1977.
143. MELLO, Francisco José de. *História da cidade de Cachoeira*. Feira de Santana: Editora Radami, 2001.
144. MENEZES, Ludovico de. “Bartolomeu Lourenço de Gusmão, engenheiro agrônomo”. In *Jornal A Voz*. Bazar das Letras, das Artes e das Ciências. Lisboa, 23 set. 1934.
145. MENEZES, Sezinando Luiz. “Alexandre De Gusmão (1695-1753) e a tributação das minas do Brasil”. In *Revista História*, São Paulo, v. 25, n. 2, p. 179-191, 2006.
146. MOEDEBECK, Hermann W. L. “Bartholomeu Lourenço de Gusmão, der Erfinder des Luftballons”. In *Zeitschrift für Luftschiffahrt und Physik der Atmosphäre*. Berlin: Mayer & Müller, heft 1, 1893, p. 1-10.
147. MONTGOLFIER, Michel Joseph. *De l'utilité du Belier hydraulique*. Paris: L'imprimerie de Gillé fils., 1805.
148. MORAES, Rubens Borba de. *Bibliografia Brasileira do Período Colonial*. São

Paulo: Publicação do Instituto de Estudos Brasileiros, 1969.

149. \_\_\_\_\_. *Livros e bibliotecas no Brasil colonial*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora S.A., 1979.
150. MORAIS, Francisco da Silveira. “Estudante brasileiros de Coimbra nascidos no Brasil”. In: Suplemento do vol. IV da revista *Brasília*, Coimbra, 1949.
151. MOTA, Isabel Ferreira da. *A Academia Real da História - os intelectuais, o poder cultural, e o poder monárquico no século XVIII*. Coimbra: Edições Minerva-Coimbra, 2003.
152. NEEDHAM, Joseph. *Science and Civilization in China*. Vol. 4, part 2. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.
153. NEVES, Gustavo Tedeschi Corrêa. “As experiências aerostáticas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão”. In Separata do *Boletim do Aero-Club de Portugal*. Lisboa: Typographia do Commercio, 1911.
154. NOBRE, Sérgio. “Os Jesuítas e o desenvolvimento da ciência no Brasil”. In: DYNNIKOV, Circe M. S. da S. (Org), *Anais do III Seminário Nacional de História da Matemática*, Vitória, mar. 1999, p. 178-186.
155. *Opúsculo comemorativo do nascimento de Taunay*. São Paulo: Mosteiro de São Bento, 1976.
156. PEREIRA, Hippolyto José da Costa. *Descrição de huma maquina para tocar a bomba a bordo dos navios sem o trabalho de homens*. Lisboa: Typographia Chalcographica e Litteraria do Arco do Cego, 1800.
157. PEREIRA, Maria Aparecida Franco. “Instituições jesuíticas em Santos nos séculos XVI e XVII”. In *Revista Leopoldianum*. Santos, n. 1, ago. 1974, p. 65-70.
158. PIMENTEL, Alberto. *As amantes de D. João V*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1946.

159. PINHEIRO, José Feliciano Fernandes. (Visconde de São Leopoldo). “Da vida e feitos de Alexandre de Gusmão e de Bartholomeu Lourenço de Gusmão”. In *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: tomo LXV, parte I, 1902, p. 377-423.
160. RABELLO, Alberto. “O Seminário de Belém, da Bahia, e o Padre Bartholomeu Lourenço, o Voador, erradamente chamado de Gusmão”. In *Revista do Instituto Geographico e Historico da Bahia*. Salvador: vol. XI, nº 42, 1916, p. 202-233.
161. REBELLO, Brito. “O centenário da invenção dos aeróstatos em França e seu inventor o Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão”. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 6, nº 159, 21 maio 1883, p. 115.
162. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente* - revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 6, nº 167, 11 ago. 1883, p. 182-183.
163. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 6, nº 168, 21 ago. 1883, p. 191.
164. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 6, nº 171, 21 set. 1883, p. 211-214.
165. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 6, nº 174, 21 out. 1883, p. 235.
166. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 6, nº 177, 21 nov. 1883, p. 258-259.
167. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 181, 1º jan. 1884, p. 6.
168. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 186, 21 fev. 1884, p. 43.
169. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 188, 11 mar. 1884, p. 62-63.

170. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 189, 21 mar. 1884, p.70.
171. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 190, 1º abr. 1884, p.79.
172. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 192, 21 abr. 1884, p. 94-95.
173. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 193, 1º maio 1884, p.102-103.
174. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 196, 1º jun. 1884, p.127.
175. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 204, 21 ago. 1884, p. 191.
176. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 6, nº 158, 11 maio 1883, p. 107.
177. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 187, 1º mar. 1884, p. 51.
178. \_\_\_\_\_. \_\_\_\_\_. In *O Occidente*- revista ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa, vol. 7, nº 194, 11 maio 1884, p. 107.
179. REBIMBAS, Manuel. “Bi-centenario da invenção dos balões - á memoria do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão”. In *Broteria - revista de sciencias naturaes - serie de vulgarização scientifica*. Lisboa, vol. VIII, fasc. V, 8 ago 1909, p. 227-244.
180. RECREIO, Francisco. “Nota em que se produzem mais testemunhos relativos à invenção aerostática do P. Bartholomeu Lourenço de Gusmão”. In *Actas das sessões da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Tomo II. Lisboa: Typografia da Academia Real das Sciencias de Lisboa, 1850, p. 139-149.

181. REIS, António Estácio dos. *Medir estrelas- measunring stars*. Lisboa: CTT Correios de Portugal S.A. 1997.
182. REMÉDIOS, Mendes dos. *História da Literatura Portuguesa - desde as origens até a actualidade*. 6<sup>a</sup> ed. Coimbra: Editora Atlântida , 1930.
183. REYNOLDS, Terry S. *Stronger Than a Hundred Men: A History of the Vertical Water Wheel*. Johns Hopkins University Press, 2003.
184. RIBEIRO, José Silvestre. *Historia dos estabelecimentos scientificos, litterarios e artisticos de Portugal nos successivos reinados da monarchia*. Tomo I. Lisboa: Typographia da Academia Real das Sciencias, 1871.
185. ROCHA, José Monteiro da. *Sistema Físico-Matemático dos cometas*. Rio de Janeiro: Edição atualizada, MAST, 2000.
186. RODRIGUES, Clóvis da Costa. *A inventiva brasileira*. Vol. I. Brasília: Ministério da Educação e Cultura, 1973.
187. RODRIGUES, Francisco, (S. J.). *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal - nos colégios, nas Ciências e Letras - na Corte*. Tomo III, vol. I. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1944.
188. \_\_\_\_\_. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal - nas Letras, na Corte, Além-mar*. Tomo II, vol. II. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1938.
189. \_\_\_\_\_. *História da Companhia de Jesus na Assistência de Portugal*. Tomo I, vol. I. Porto: Apostulado da Imprensa. 1931.
190. RODRIGUES, Ignácio. *Sermoens da Paixam, pregados na Santa Igreja de Lisboa, no anno de 1738 e no de 1745*. Lisboa: Officina de Pedro Ferreyra, 1746.
191. RODRIGUES, Lysias. *Brasileiros pioneiros do ar*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympo, 1944.

192. RODRIGUES, Manuel Maria. “A invenção dos aeróstatos”. In: *Occidente - Revista Ilustrada de Portugal e do estrangeiro*. Lisboa: vol. XXI, n° 717, 30 nov. 1898, p. 270.
193. ROSITO, Margaréte May Berkenbrock. *Aulas Régias: Currículo, Carisma, Poder - um teatro clássico?* 2002. 211 f. Tese (Doutorado em Educação) – GEPI, Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, Campinas, 2002.
194. SANTA MARIA, Fr. João Alvares. *Sermaõ de S. Nicolao, que no anno de 1739 prégou na Paroquial do mesmo Santo de Lisboa Occidental o M.R.P.M Fr. Joaõ Álvares de Santa Maria Carmelita Calçado da Provincia do Rio de Janeiro, Lente Jubilado na Sagrada Theologia*. Lisboa Occidental: Na Officina de Antonio Isidoro da Fonseca. 1740.
195. SANTA MARIA, Francisco de. *Anno historico, diário portuguez, noticia abreviada de pessoas grandes, e cousas notáveis de Portugal*. Tomo II. Lisboa: Officina de Domingos Gonsalves, 1744.
196. SANTOS, Francisco Martins do. *História de Santos*. Vol. 1. São Paulo: Revista dos Tribunaes, 1937.
197. SANTOS, José Gonçalves da Silva. “Noticias biographicas da Irmã Joanna Gomes de Gusmão”. In: *Annaes do Museu Paulista*. São Paulo: Imprensa Oficial, tomo V, 2ª parte, 1931, p. 321-333.
198. SANTOS, Paulo Valadares, R. dos. “Bartolomeu de Gusmão, o Messias desconhecido”. In *Revista da ASBRAP* (Associação Brasileira de Pesquisadores de História e Genealogia). São Paulo, n. 14, 2008, p. 19-32.
199. SCHWARCZ, Lilia Moritz. *A longa viagem da biblioteca dos reis - do terremoto de Lisboa à independência do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
200. SILVA, Innocencio Francisco da. *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Tomo I. Lisboa: Imprensa Nacional, 1858. Reimpressão fac-similar, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.

201. \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_. Tomo III. Lisboa: Imprensa Nacional, 1859. Reimpressão fac-similar, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
202. \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_. Tomo V. Lisboa: Imprensa Nacional, 1860. Reimpressão fac-similar, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
203. \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_. Tomo VI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1862. Reimpressão fac-similar, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
204. \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_. Tomo VII. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. Reimpressão fac-similar, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
205. \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_. Tomo VIII. Lisboa: Imprensa Nacional, 1867. Reimpressão fac-similar, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
206. \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_. Tomo X. Lisboa: Imprensa Nacional, 1883. Reimpressão fac-similar, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
207. \_\_\_\_\_ . \_\_\_\_\_. Tomo XVI. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893. Reimpressão fac-similar, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1987.
208. SILVA, José Soares da. *Gazeta em forma de carta - anos de 1701-1716*. tomo I. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1933.
209. SILVA, Luís. “Moinhos e moleiros no Alentejo oriental: uma perspectiva etnográfica”. In: *Etnografia*. Vol. VIII (2), 2004, p. 221-242.
210. SILVA, Pedro Celestino da. “A Cachoeira e o seu município - escôço physico, político, econômico e administrativo”. In: *Revista do Instituto Geographico e Histórico da Bahia*. Salvador, nº 63, 1932 (1937), p. 71-97.
211. \_\_\_\_\_. “Reminiscencias historicas - contribuições para o estudo chorographico do Districto de Belem no Municipio de Cachoeira (Estado da Bahia)”. In: *Anaes do V Congresso Brasileiro de Geographia*. Salvador: vol. II, Instituto Geográfico e Histórico da Bahia; Imprensa Official do Estado, 1916 (1918), p. 75-

- 110.
212. SIMÕES, Augusto Filippe. *A invenção dos aerostatos reivindicada - exame critico das noticias e documentos concernentes ás tentativas aeronauticas de Bartholomeu de Gusmão*. Évora: Typographia da Folha do Sul, 1868.
213. SMEATON, John. *An experimental enquiry concerning the natural powers of water and wind to turn mills, and other machines, depending on a circular motion*. London: 1760.
214. SOUTHEY, Robert. “Petição que fez o P. Bertholameu Lourenço ao Desembargo do Paço para que lhe concedesse fazer hum instrumento que havia andar pello ar, e com effeito se lhe concedeo, o qual fez elevando-o a Caza da India, o fez subir ao ar”. In: *Sir Thomas More: or, Colloquies on the progress and prospects of society*. vol. I. Londres: J. Murray, 1829, p. 343-344.
215. SOUZA, Daniel de. *Teoria da história e conhecimento histórico*. Lisboa: Livros Horizonte, 1982.
216. SOUZA, Eduardo de. *O pão*. Porto: Typographia Occidental, 1897.
217. SOUZA, Lais Viena de. *Educados nas letras e guardados nos bons costumes. Os pueris na prédica do Padre Alexandre de Gusmão S.J. (séculos XVII e XVIII)*. 2008. 210 p. Dissertação (Mestrado em História) - FFCH/ PPGH, Universidade Federal da Bahia – UFBA, 2008.
218. SYLVA, Manoel Telles da. *Historia da Academia Real da Historia Portugueza*. Tomo I. Lisboa Occidental: Officina de Joseph Antonio da Sylva, 1727.
219. TAUNAY, Affonso de E. “A fuga do Voador”. In *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 de fev. 1956.
220. \_\_\_\_\_. “A vida gloriosa e trágica de Bartholomeu de Gusmão”. In: Separata do tomo VIII dos *Annaes do Museu Paulista*. São Paulo: Imprensa Official do Estado, 1938a.
221. \_\_\_\_\_. “Bartolomeu de Gusmão e a sua Prioridade Aerostática”. In: Separata

- do tomo IX dos *Annaes do Museu Paulista*. São Paulo: Imprensa Official do Estado, 1938b.
222. \_\_\_\_\_. “Bartolomeu de Gusmão”. Reimpressão parcial da 1ª. Ed. (1954). In: *Homens de São Paulo - Bartholomeu de Gusmão, José Bonifácio, Prudente de Morais, Júlio Mesquita e Osvaldo Cruz*. São Paulo: Livraria Martins e EDUSP, 1981, p. 9-53.
223. \_\_\_\_\_. “Demência do Voador”. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 mar. 1956.
224. \_\_\_\_\_. “Novidades do maior vulto sobre o padre Voador”. In *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 abr. 1948.
225. \_\_\_\_\_. “Novidades sobre o Voador”. In *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 agosto 1949.
226. \_\_\_\_\_. “Os vôos do Voador”. In *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 set. 1956.
227. \_\_\_\_\_. “Um caso de improbidade científica - a propósito de uma memória do prof. Julio Duhem, da Escola Normal de Montpellier, sobre Bartolomeu de Gusmão e publicada no número de 1936 de Thalès, órgão oficial do Instituto de História das Ciências e das Técnicas, da Universidade de Paris”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: vol. XXXVIII, 1940, p. 181-201.
228. \_\_\_\_\_. *Bartolomeu de Gusmão - Inventor do aeróstato - A vida e a obra do primeiro inventor americano*. São Paulo: Edições Leia, 1942.
229. \_\_\_\_\_. *Obras diversas de Bartholomeu Lourenço de Gusmão*. São Paulo: Editora Companhia Melhoramentos de S. Paulo, 1934.
230. \_\_\_\_\_. “A estranha aventura de Frei João Álvares de Santa Maria Gusmão, carmelita santista (1724)”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*, vol. XLIV (1ª parte), São Paulo, 1948, p. 231-248.
231. \_\_\_\_\_. “Acheugas a biografia de Bartolomeu Lourenço de Gusmão”. In: *Anais*

- do Museu Paulista*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, vol. XI, parte III, 1943, p. 1-101.
232. \_\_\_\_\_. “Valiosíssimo documento sobre os últimos dias de Bartolomeu Lourenço de Gusmão”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo*. São Paulo: vol. L, 1953, p. 205-210.
233. TERZI, Francesco Lana. *Prodromo Ovvero Saggio di Alcune Inventioni Nuove Premesso All’arte Maestra*. Brescia: Rizzardi, 1670.
234. USHER, Abbott Payson. *Uma história das invenções mecânicas*. Campinas: Papyrus, 1993.
235. VALENTE, Wagner Rodrigues. *Uma história da matemática escolar Brasil (1730-1930)*. São Paulo: Annablume; Fapesp, 1999.
236. VANDELLI, Domingos. “Sobre o modo de aproveitar o carvão de Pedra, e os Páos Bituminosos deste Reino”. In: *Memorias Economicas da Academia Real das Sciencias de Lisboa*. Na Officina da mesma Academia. Tomo II, 1790, p. 434-436.
237. VARGAS, Milton. “Bartolomeu de Gusmão: primeiro cientista das Américas”. In: GOLDFARB, José L., FERRAZ, Márcia H. M. (Orgs.). São Paulo: *Anais do VII Seminário Nacional de História da Ciência e da Tecnologia*, 2000, p. 417-424.
238. VIANNA, Hélio. “Acréscimos à biografia de D. Pedro II”. In *Folhetim do Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 out. 1964.
239. \_\_\_\_\_. “Affonso de Escragolle Taunay”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: vol. 247, 1960 (1961), p. 327-331.
240. \_\_\_\_\_. “D. Pedro I e D. Pedro II - acréscimos às suas biografia”. Coleção Brasileira, volume 330. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1966.
241. VITERBO, Francisco M. de Sousa. “*Archeologia Industrial Portuguesa - Os moinhos*”. In: “*O Archeologo Português*”. Lisboa. Museu Ethnographico Português. Vol. II, n.8 e 9, ago.-set. 1896, p. 193-204.

242. \_\_\_\_\_. “Litteratura e Bellas-Artes: Inventores portuguezes”. In *O Instituto: Revista Scientifica e Litteraria*. Coimbra. Imprensa da Universidade. Vol. 48, n.1-n.12, 1901.
243. \_\_\_\_\_. “Litteratura e Bellas-Artes: Inventores portuguezes”. In *O Instituto: Revista Scientifica e Litteraria*. Coimbra. Imprensa da Universidade. Vol 49, n.1 – n.5, 1902.
244. WATTS, Martin. *Watermills*. Buckinghamshire: Shire Publications Ltd, 2006.
245. \_\_\_\_\_. *Water and wind Power*. Buckinghamshire: Shire Publications Ltd, 2005.
246. WILHELM, Balthasar. “An der Wiege der Luftschiffahrt - Francesco Lana und Barthol. Lourenço de Gusmão”. In: *Frankfurter Zeitgemässe Broschüren*. Hamm (Westf.): Breer & Thiemann. Band XXVIII, Heft 6-7, Marz 1909, s. 137-198.
247. WILLIAM, Charles Wye. “Improvements in the means of preparing the vegetable material of peat moss or bog, so as to render it applicable to several useful purposes, and particularly for fuel”. In: *The London Journal of arts and sciences; and repertory of patents inventions*. London. Vol. XIV, 1839, p. 281-290;
248. WOORTMANN, Klass. *Ciência e Religião no Renascimento*. Brasília: Editora da UnB, 1997.
249. XAVIER, Cesar Feliciano. *O voador - Bartholomeu Lourenço de Gusmão, sua vida e sua obra*. Rio de Janeiro: Imprensa Naval, 1933.

## MEIO ELETRÔNICO

1. BERLIN-BRANDENBURGISCHEN AKADEMIE. Disponível em: <<http://bibliothek.bbaw.de/bibliothek-digital/digitalequellen/schriften/#B1>>. Acesso em 04 jul. 2005.
2. *CARTA do governador e capitão general da capitania do Mato Grosso, Antonio Rolim de Moura Tavares, ao rei [D. José I] sobre o merecimento do juiz de fora Teotônio da Silva Gusmão ao pedido de ajuda de custo para as grandes despesas na criação da vila de Mato Grosso*. Vila de Cuiabá, 04 jul. 1751. Arquivo Histórico Ultramarino de Lisboa (Capitania de Mato Grosso). CT-AHU-ACL-CU-010,CX 6, DOC 351. PROJETO RESGATE. CENTRO DE MEMÓRIA DIGITAL – UnB (CMD23859). Disponível em: <<http://www.cmd.unb.br/biblioteca.html>>. Acesso em: 01 nov. 2011.
3. HYDRAULIC Ram Pumps. LIFEWATER.CA. Disponível em: <[http://www.lifewater.ca/ram\\_pump.htm](http://www.lifewater.ca/ram_pump.htm)> Acesso em: 15 out. 2011.
4. RESOLUÇÃO 785/02 – *Medalha Beata Joana de Gusmão*. Honrarias concedidas através de Resoluções. CÂMARA MUNICIPAL DE FLORIANÓPOLIS. Disponível em: <[http://www.cmf.sc.gov.br/honraria\\_res.rtf](http://www.cmf.sc.gov.br/honraria_res.rtf)>. Acesso em: 02 jun. 2007.
5. VISONI, Rodrigo Moura; CANALLE, João Batista Garcia. “Bartolomeu Lourenço de Gusmão: o primeiro cientista brasileiro”. In: *Rev. Bras. Ensino Fís.* [online]. 2009, vol.31, n.3, p. 3604.1-3604.12. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbef/v31n3/a14v31n3.pdf>> Acesso em: 03 fev. 2011.
6. WATER Wheel Design. TOP-ALTERNATIVE-ENERGY-SOURCES.COM. Disponível em: <<http://www.top-alternative-energy-sources.com/water-wheel-design.html>>. Acesso em: 07 fev. 2011.
7. ZONCA, Vittorio. *Novo teatro di machine et edificii*,1656, p. 26. EUROPEAN CULTURAL HERITAGE ONLINE (ECHO). Disponível em: <<http://echo.mpiwg-berlin.mpg.de>>. Acesso em: 10 fev. 2011.

## **ANEXOS**

## ANEXO I

NOTÍCIA DA CHEGADA DE BARTOLOMEU LOURENÇO A LISBOA  
(30 DE DEZEMBRO DE 1701)

O Brasil, hoje mais que nunca fértil de engenhos, nos mandou nesta frota o mais raro que jamais produziu, em um moço natural de Santos, mais nobre por prendas, que por pais, em o qual se anteciparam as ciências aos anos, pois de 13 [sic] para 16, dizem que sabe o que contém a memória infra inscrita; o que parece excede a capacidade do tempo, ainda que fosse imprimindo-lhe fielmente na memória tudo quanto lesse, sem lhe discrepar um ápice, como dizem que ele faz, e lhe fica tudo quanto uma vez passou pelos olhos. Se assim continuar até os 20 anos, poderá nessa idade competir e renovar as célebres memórias de Iacobo Critonio, que dos mesmos anos defendeu em Roma, e fez exame vago, três dias, de todas as ciências, para que depois a destreza de alguma lhe fosse causa para que o do Príncipe de Ferrara tão vil, e traidoramente lhe tirasse a vida.

Da livre a estoutro de semelhante desgraça, e ao menos de que qual outro Hermógenes grego, aos 26 anos se lhe apeie a memória, e fique ainda mais raso que um Leigo dos Bernardos, ou um Provençal dos Capuchos. O certo é que semelhantes monstruosidades não têm por via de regra muita duração, e que ordinariamente param, disparam e se transformam em novas monstruosidades. Mas eu lhe dou desbarato a conservação da sua memória, assim lhe não saia cara a sua conservação na terra adonde está, e com o talento que tem, ou que dizem que tem.

*Memória das conclusões que oferece e promete defender Bartolomeo Lourenço, natural de Santos, de idade de 15 para 16 anos.*

Primeiramente dirá de cor todo Virgílio, Horácio, Ovídio, quinto curcio, Suetonio, Mecenas, Sêneca, para diante, e para trás, ou donde lhe apontarem. Dará a definição de todas as fábulas, que se escreveram, e a que fim a gentilidade as fingiu; ponto que até aqui se não ventilou.

Dirá os emblemas do Alciato repetidos, e apontados com o sentido próprio a qualquer coisa que venha em contrário aos livros clássicos.

Todos os livros de versos antigos, e modernos até o ano de 1200 dirá quem são seus autores.

Toda a pessoa que lhe disser poesia alguma de repente promete responder ao mesmo intento com 10 versos, e se forem mais, irá ele multiplicando.

Promete defender toda a filosofia, e os pontos mais intrincados dela; e também explicar a parte de Aristóteles, com todos seus embaraços, termos, e meios termos.

Promete, para aumento da Santa Igreja, responder a todas as dúvidas da sagrada Escritura do Testamento Velho e Novo, repetindo de cor todos os Evangelhos dos quatro evangelistas para trás e para diante; o mesmo de todas as epístolas de São Paulo e São Jerônimo; explicar a dita Escritura nos quatro sentidos dos D. D. Dizer toda a escritura decoradamente; e as dúvidas todas das línguas em que foi escrita; e os anos que se intrometeram de Profeta, a Profeta, quantos anos teve de vida cada um deles, e o mesmo de todos os reis da Escritura; e promete repetir para baixo e para cima os livros dos Salmos, dos Cantares, do Êxodo, e todos os livros dos Reis; e sustentar por razões não serem canônicos os dois livros dos Esdras.

30 de dezembro de 1701.

[**Localização:** Biblioteca Nacional de Portugal. **Referência:** Fundo Geral, manuscrito 512. **Publicado em:** SILVA, José Soares da. *Gazeta em forma de carta (anos de 1701-1716)*. Lisboa: Biblioteca Nacional, tomo I, 1933, p. 8-9.]

## ANEXO II

CERTIDÃO DO PADRE ALEXANDRE DE GUSMÃO ATESTANDO QUE BARTOLOMEU LOURENÇO FEZ COM SUA INDÚSTRIA SUBIR A ÁGUA DE UM BREJO ABAIXO DO SEMINÁRIO DE BELÉM POR UM CANO DE 460 PALMOS DE ALTURA  
(18 DE JANEIRO DE 1706)

Certifico, eu, Padre Alexandre de Gusmão da Companhia de Jesus, Reitor do Seminário de Belém, como é verdade que Bertholameu Lourenço, seminarista que foi do dito Seminário, fez com sua indústria subir a água de um brejo do dito Seminário que fica sobre um monte, por um cano de quatrocentos e sessenta palmos de altura, obra de grande admiração e utilidade para o Seminário; a qual eu vi correr, e todos os mais do dito Seminário, assim religiosos como seminaristas; e por passar assim na verdade e me ser pedida esta, a fiz por mim assinada e selada com o selo de meu ofício no mesmo Seminário de Belém aos 18 de janeiro de 1706.

Alexandre de Gusmão.

(Lugar do selo)

Reconhecimento: O Doutor José de Sá Mendonça, ouvidor geral do cível cavaleiro, professo do hábito de Cristo, do desembargo de Sua Majestade e seu desembargador da Casa e Relação do Porto, residente na dita cidade e nela juiz das justificações, faço saber aos que a presente certidão de justificação virem, que a mim me constou por fé do escrivão do meu cargo que esta escreveu, em como a letra do sinal posto ao pé da certidão acima ser feito da mão do Reverendo Padre Alexandre de Gusmão, reitor do Seminário de Belém, e o selo ser o mesmo que usa em semelhantes, o que hei por justificado e verdadeiro na Bahia aos vinte e um dias do mês de janeiro de mil setecentos e seis anos, e eu, Domingos Gonçalves Ramos, escrivão das justificações, que o escrevi.

**[Localização:** Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) - Portugal. **Referência:** - Bahia, cx. 5, doc. 42 e 43 (AHU\_ACL\_CU\_005, CX.5, D.446). **Publicado em:** TAUNAY, Affonso de E. *Bartholomeu de Gusmão e a sua prioridade aerostática*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1938b, p. 542-543.]

### ANEXO III

#### PATENTE CONCEDIDA A BARTOLOMEU LOUREÇO PELO SENADO DA CÂMARA DA BAHIA PARA UM INVENTO DE ‘SUBIR ÁGUA A TODA DISTÂNCIA E ALTURA QUE SE QUISER LEVAR’.

(12 DE DEZEMBRO DE 1705)

Aos doze dias do mês de dezembro de mil setecentos e cinco anos, nesta Cidade de Salvador, Bahia de todos os Santos, nas Casas da Câmara, estando em Mesa de Vereação o Doutor Juiz de Fora Fernando Pereira de Vasconcellos, vereadores, e procurador abaixo assinados, trataram do bem comum despachando todas as petições, e deferiram a todos os requerimentos, de que mandaram fazer este termo que assinaram: e eu Manoel Pessoa de Vasconcellos que o escrevi, e na dita vereação sendo vista uma petição de Bartolomeu Lourenço em que propõem que ele com muito particular estudo e experiência, que fez no segredo de fazer subir água, a toda distancia e altura a que se quiser levar, e que com efeito a fez o suplicante subir no Seminário de Belém quatrocentos e sessenta palmos, como mostrou por uma certidão que junta a sobredita petição ofereceu, passada pelo muito Reverendo Padre Alexandre de Gusmão, reitor do dito Seminário, e que com o mesmo invento se poderá fazer moer os engenhos de beira mar, com a água dele, e a este respeito todos os engenhos que tiverem tanque, fonte ou rio, ainda que esteja em parte muito inferior, e pelo conseguinte trazer águas para chafarizes e fontes para utilidade e conveniência do serviço dos povos e grandeza desta cidade, e assim, respeitando a tão útil proposta pedia que, descobrindo o suplicante o segredo do dito invento, ensinando-o para que se possa usar dele, o não pudesse fazer nenhuma pessoa, nem lograr a sua utilidade, sem pagar ao suplicante quatrocentos mil reis por cada engenho ou obra que fizer na forma sobredita, visto dever-se-lhe remunerar o trabalho de seus estudos: o que visto por este senado e considerando não resultar nenhum prejuízo em se admitir a dita proposta, ainda quando não resulte o efeito que promete, e que tendo efeito e é muito utilidade todo este Estado; e por vir a dita proposta autorizada e aprovada pela certidão de que atrás se fez menção, concedemos licença ao suplicante para dar execução ao sobredito invento, com as condições que propõe e pede em *sua petição* [grifo nosso], e nenhuma pessoa de qualquer qualidade que seja poderá por si, nem por outrem usar do dito invento sem pagar ao suplicante o donativo que pede; prêmio tão merecido ao seu trabalho, no caso que tenha efeito, e de tudo mandarão fazer este termo que assinarão, eu Manuel Pessoa de Vasconcellos, escrivão da Câmara o escrevi.

[Assinado] Pereira de Vasconcellos, Palhares, Franca, Aranha.

[**Localização:** Arquivo Municipal de Salvador. **Referência:** Atas da Câmara – ata de 12 de dezembro de 1705, livro primeiro, fls. 250-251v. **Publicado em:** *Atas da Câmara* (1700-1718). Documentos Históricos do Arquivo Municipal. Vol. 7. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia, 1984, p. 258-259.

## ANEXO IV

PARECER DO CONSELHO ULTRAMARINO SOBRE UMA PETIÇÃO DE  
BERTHOLAMEU LOURENÇO PARA UM INVENTO DESTINADO A “FAZER SUBIR  
ÁGUA A TODA DISTÂNCIA E ALTURA QUE SE QUISER LEVAR”  
(18 DE NOVEMBRO DE 1706)

Senhor,

Bertholameu Lourenço fez petição a Vossa Majestade por este Conselho, em que diz que com muito estudo, notícias e multiplicadas experiências tem alcançado um invento para fazer subir água a toda a distância e altura que se quiser levar e, com efeito, a fez subir no Seminário de Belém quatrocentos e setenta palmos, como se mostrava da certidão que oferecia. E porque com o mesmo invento pode fazer moer os engenhos de beira-mar com a água dele, e os do mato com qualquer tanque, rio, ou fonte que tiverem, fazendo para isso subir a água necessária, o qual invento aprovou o Senado da Câmara da Bahia, e atendendo a utilidade que dele podia resultar a todo o Estado do Brasil, facultou ao suplicante levar quatrocentos mil réis de donativo a cada senhor de engenho que dele usasse, como se mostrava do termo de vereação que, outrossim, apresentava; e com este mesmo invento se podem trazer águas muito distantes e baixar a altura necessária para se fazerem chafarizes e fontes públicas para o mato das cidades e conveniências dos povos, e como de dito invento se seguem estas utilidades é justo se lhe remunere o que adquiriu à custa de tanto trabalho e desvelo, para que ele se anime a indagar outros segredos mais que tendam à utilidade pública, e serão de Vossa Majestade.

Pede a Vossa Majestade que atendendo as razões referidas lhe faça mercê mandar passar provisão para que todo o senhor de engenho assim dos existentes, como dos que se fizerem de novo que quiserem usar do invento dele suplicante, o não possa fazer sem que lhe contribua com os quatrocentos mil réis, que se lhe facultarão no Senado da Câmara da Bahia, e que esta mesma contribuição farão todos os mais senhores de engenho de todo o Brasil, que se quiserem valer do seu invento.

Com a dita petição apresentou os documentos que nela refere, que são os que com esta se enviam a Vossa Majestade.

Ao Conselho parecem consideráveis as razões que apresenta Bertholameu Lourenço e ao assento que tomou a Câmara da Bahia sobre este mesmo invento, o qual poderá ser mui utilíssimo aos engenhos de todo o Estado do Brasil, e ainda para o benefício dos povos; que nesta atenção haja Vossa Majestade por bem mandar deferir ao suplicante na forma que pede. Lisboa, 18 de novembro de 1706.

Conde de Alvor – Francisco Pereira da Silva.

Gre.ro Pr.a Fidalgo – Don Antônio Carneiro Barbosa da Silveira

Francisco Dantas P.to.

**[Localização:** Arquivo Histórico Ultramarino (AHU) - Portugal. **Referência:** - Bahia, cx. 5, doc. 42 e 43 ou AHU\_ACL\_CU\_005, CX.5, D.446. **Publicado em:** TAUNAY, Affonso de E. *Bartholomeu de Gusmão e a sua prioridade aerostática*. São Paulo: Imprensa Oficial, 1938b, p. 540-542.]

## ANEXO V

PATENTE DE BERTHOLAMEU LOURENÇO PARA UM INVENTO DESTINADO A  
 ”FAZER SUBIR A ÁGUA A TODA A DISTÂNCIA A QUE SE QUISER LEVAR”  
 (23 DE MARÇO 1707)

Eu, o Rei, faço saber aos que esta provisão virem que, havendo respeito ao que me representou por parte de Bertholameu Lourenço, em razão de ter alcançado com o seu estudo e experiências um invento para fazer subir a água a toda a distância a que se quiser levar, como com efeito havia já posto por obra no Seminário de Belém, e que com o mesmo invento podia fazer moer os engenhos da beira mar com água dele e os do mato com qualquer tanque, rio, ou fonte que tiverem, fazendo para isso subir a água necessária, cujo invento aprovava o Senado da Câmara da Bahia, atendendo a utilidade que dele podia resultar a todo o Estado do Brasil, facultando-lhe levar quatrocentos mil réis de donativo a cada senhor de engenho que usasse do dito invento, com o qual se podiam trazer águas muito distantes e baixas a altura necessária para se fazerem chafarizes e fontes públicas para ornato das cidades e conveniências dos povos. E como do dito invento se seguiam as ditas utilidades, era justo que se lhe remunerasse o que adquirira com tanto trabalho e desvelo, pedindo-me lhe permitisse o poder usar de seu invento com o prêmio referido, e tendo a tudo consideração, hei por bem que o dito Bartholameu Lourenço possa usar do dito invento e que todo o senhor de engenhos, assim dos que existem como dos que se fizerem de novo, que quiserem usar dele o não possa fazer sem que lhe contribua com os quatrocentos mil réis que se lhe facultaram no Senado da Câmara da Bahia, e que a mesma contribuição lhe façam todos os mais senhores de engenhos de todo o Brasil se quiserem valer de seu invento, pelo que mando ao meu Governador e Capitão General do Estado do Brasil e governadores das mais capitanias dele oficiais da Câmara e ministros a que tocar cumpram e guardem esta provisão e a façam cumprir e guardar inteiramente como nela se contém, sem dúvida alguma, a qual valerá como carta, sem embargo da ord. do L.º 2º tt.º 40 em contrário, e se passou por duas vias, e pagou de novos direitos quinhentos e quarenta réis, que se carregarão ao tesoureiro Gonçallo Soares Monteiro, a folha 292, cujo conhecimento em forma se registrou no Registro Geral a folha 259. Dionísio Cardoso Pereira a fez, em Lisboa, a trinta e um de março de mil setecentos e sete. O secretário André Lopes de Laura a fez escrever. Rei. Por resolução de Sua Majestade de 23 de março de 1707, em consulta Do Conselho Ultramarino de 18 de novembro de 1706. Miguel Nunes de Mesquita, Francisco Pereira da Silva, Dom Thomaz, Bispo de Lamego. Pagou quinhentos e quarenta réis; aos oficiais trezentos e quatorze réis. Lisboa, 2 de abril de 1707.

D. Francisco Maldonado  
 Cdo José Correa de Moura.

[**Localização:** Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo (Portugal). IANTT. **Referência:** *Chancelaria de D. João V – Offícios e mercês*, livro 28, folha 112. **Publicado em:** LEITE, Bertha. “Bartolomeu de Gusmão na documentação de Lisboa”. In: *Separata da Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - Anais do IV Congresso de História Nacional*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. 12, 1951, p. 137-138.]

## ANEXO VI

CARTA DE JOSÉ DA CUNHA BROCHADO AO CONDE DE VIANA (D. JOSÉ DE MENESES) SOBRE A PETIÇÃO E CONSULTA AO DESEMBARGO DO PAÇO DE UM INVENTO PARA “ANDAR PELO AR E FAZER 200 LÉGUAS POR DIA”.  
(13 DE ABRIL DE 1709)

Excelentíssimo Senhor,

No mesmo tempo em que temos tão poucos homens que saibam andar pelo mar e pela terra, se achou um que quer andar pelo ar e fazer 200 léguas por dia, e para este efeito deu petição a Sua Majestade em que propôs o arbítrio e pediu privilégio, para que descoberto o tal arbítrio e executado por ele, lhe fizesse Sua Majestade algumas mercês.

Esta petição se mandou ver no Desembargo do Paço, e se consultou a favor do homem, de que são protetores o [1º] Duque [de Cadaval] e o [3º] Marquês de Fontes pelos grandes interesses que se consideram neste estupendo arbítrio; porque em oito dias se podem mandar avisos ao Brasil, e em pouco mais à Índia, em três dias a Roma, e em uma hora às fronteiras do reino.

Eu tomara já ver conseguido este superior invento para ter a honra de ir todas as tardes assistir meia hora na sala de Vossa Excelência.

Com estas belas imaginações endoidecem docemente estes grandes senhores, propriedade que sempre se achou em cortes de príncipes moços. Eu crera tudo o que estes senhores afirmam sobre a quimera desta ridícula proposição, em que este homem não foi o primeiro nem há de ser o último saltimborque, e dissera-lhes, que o nosso reino seria o primeiro prejudicado, ou a primeira dupe [vítima] deste vôo sobrenatural, porque descoberta a maneira de voar e feitio das asas, amanheceriam como por arribação 40 mil mouros no Reino do Algarve; mas podem-me responder que cada vassalo do Rei seria obrigado a ter um par de asas de sobressalente e voar neste caso para o Brasil.

Perdoe Vossa Excelência a bagatela deste discurso, que tal qual é, anda pelos nossos tribunais. Fico na obediência de Vossa Excelência como devo. Deus guarde a Vossa Excelência. Lisboa, 13 de abril de 1709.

[Publicado em: CARVALHO, Joaquim de. “Cartas de José da Cunha Brochado ao Conde de Viana, D. José de Meneses (1705-1710)”. In *O Instituto* - Revista Científica e Literária. Coimbra, vol. 71, nº 7, jul. 1924 (1927), p. 318-320]

## ANEXO VII

PETIÇÃO DO PADRE BERTHOLAMEU LOURENÇO DE UM INVENTO DESTINADO A  
 “ANDAR PELO AR”.  
 (ABRIL– JULHO/1709?)

Senhor,

Diz Bertholameu Lourenço, que elle tem descoberto hum instrumento para se anda pelo ar da mesma sorte que pella terra, e pello mar, e com muito mais brevidade; fazendosse muitas vezes duzentas e mais legoas de caminho por dia, no qual instrumento se poderão levar os avizos de mais importancia aos exercitos e a terras muy remotas quasi no mesmo tempo em que se rezolverem: em que interessa Vossa Magestade muito mais que nenhum dos outros Príncipes pela maior distancia dos domínio; evitandosse desta sorte os desgovernos das conquistas, que procedem em grande parte de chegar muito tarde a noticia delles a Vossa Magestade. Além do que, poderá Vossa Magestade mandar vir todo o precioso dellas muito mais brevemente e mais seguro. Poderão os homens de negocio passar letras de cabaiz com a mesma brevidade. Todas as Praças sitiadas poderão ser socorridas tanto de gente como de munições e viveres a todo o tempo, e retirarse dellas todas as pessoas que quizerem, sem que o inimigo o possa impedir. Descobrirseão as Regiões que ficam vezinhas aos Pólos do Mundo, sendo da Nação Portuguesa a glória deste descobrimento que tantas vezes têm intentado, inutilmente, os estrangeiros. Saberseão as verdadeiras longitudes de todo o mundo, que, por estarem erradas nos mappas cauzaõ sam muitos naufrágios; além de infinitas conveniências que se mostrará o tempo, e outras que por si são notórias, que todas merecem a Real attenção de Vossa Magestade. E porque deste invento tão útil se podem seguir muitas desordens commetendosse com seu uso muitos crimes, e facilitandosse muito mais, na confiança de poder passar a outros Reynos, o que se evita estando reduzido o seu uso a huma só pessoa, a quem se mande a todo o tempo as ordens que forem convenientes a respeito do dito transporte, prohibindosse a todas as mais sob graves penas, e he bem se remunerere ao suplicante invento de tanta importância.

Pede a Vossa Magestade seja servido conceder ao suplicante privilégio de que, pondo por obra o dito invento, nenhuma pessoa, de qualquer qualidade que fôr, possa usar delle em nenhum tempo neste Reyno e suas Conquistas, nem trazello de fora para o dito Reyno ou Conquistas com qualquer pretexto sem licença do suplicante ou de seus herdeiros, sob pena de perdimento de todos seus bens, a metade para o suplicante e a outra metade para quem os acusar, e sobre as mais penas que a Vossa Magestade lhe parecer, pede a importância deste negócio, as quaes todas terão lugar tanto que constar que alguma pessoa faz o sobredito instrumento, ainda que não tenha usado delle, para que não fiquem frustradas as ditas penas, amentandosse o que as tiver encorrido.

E.R.M. [Espera Real Mercê]

[NOTA DO COPISTA ANÔNIMO]:

Desceo a consulta, concedeuse-lhe o privilégio, e dizem tem comprado para a fabrica do tal instrumento aerio 24 arrobas de arames surtido, isto he, grossos e delgados, e quantidade de papel; com que teremos algum desses chamados papagayos. Dizem também que a primeira jornada que faz he a buscar tantos mil moyos de trigo, que estará aqui brevemente etc.

[**Localização:** Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra (BGUC). **Referência:** [S.l.]. BGUC, código 677, [1709?], fls. 410r-410v. **Publicado em:** BENKÖ, Marietta; SCHMIDT-TEDD, Bernhard. *Historische manuskripte zur erfingung des ersten ballons und seines jungferñfluges in Lissabon am 8. August 1709*. Köln. Institut für Luft-und Weltraumrecht der Universität zu Köln, 2002, p. 1-9.]

## ANEXO VIII

### PATENTE DE BARTOLOMEU LOURENÇO DE “UM INSTRUMENTO PARA SE ANDAR PELO AR” (19 DE ABRIL DE 1709)

Eu, o Rei, faço saber que o Padre Bartholomeu Lourenço me representou por sua petição, que ele tinha descoberto um instrumento para se andar pelo ar, da mesma sorte que pela terra e pelo mar, e com muito mais brevidade, fazendo-se muitas vezes duzentas e mais léguas de caminho por dia; no qual instrumento se poderiam levar os avisos de mais importância aos exércitos e a terras mui remotas, quase no mesmo tempo em que se resolviam, no que interessa Eu mais que todos os outros príncipes, pela maior distância dos meus domínios, evitando-se desta sorte os desgovernos das conquistas que procediam, em grande parte, de chegar mui tarde a mim a notícia deles. Além de que poderia Eu mandar vir todo o preciso delas muito mais brevemente e mais seguro, e poderiam os homens de negócio passar letras e cabedais com a mesma brevidade, e todas as praças sitiadas poderiam ser socorridas, tanto de gente, como de munições e víveres a todo o tempo, e retirarem-se delas as pessoas que quizerem, sem que o inimigo o pudesse impedir. E que se descobririam as regiões que ficam mais vizinhas dos pólos do mundo, sendo da nação portuguesa a glória deste descobrimento, que tantas vezes tinham tentado inutilmente as estrangeiras. Saber-se-iam as verdadeiras longitudes de todo o mundo, que por estarem erradas nos mapas causavam muitos naufrágios; além de infinitas conveniências, que mostraria o tempo, e outras que por si eram notórias, que todas mereciam a Minha Real atenção. E porque deste invento tão útil se poderiam seguir muitas desordens, cometendo-se com o seu uso muitos crimes, e facilitando-se muitos mais na confiança de se poder passar logo aos outros reinos, o que se evitaria estando reduzido o dito uso a uma só pessoa, a quem se mandassem a todo o tempo as ordens que fossem convenientes a respeito do dito transporte, proibindo-se a todas as mais sobre [sic] graves penas; por ser justo que se remunerasse a ele suplicante invento de tanta importância, me pedia lhe fizesse mercê conceder o privilégio de que, pondo por obra o dito invento, nenhuma pessoa, de qualidade que for, pudesse usar dele em nenhum tempo neste reino e suas conquistas com qualquer pretexto, sem licença dele, suplicante, ou de seus herdeiros, sob pena de perdimento de todos os seus bens, a metade para ele, suplicante, e a outra metade para quem os acusasse e sobre as mais penas que a mim me parecessem, as quais todas teriam lugar, tanto que constasse que alguém fazia o sobredito instrumento, ainda que não tivesse usado dele, para que não ficassem frustradas as ditas penas, ausentando-se o que as tivesse incorrido. E visto o que alegou, hei por bem lhe fazer mercê ao suplicante de lhe conceder o privilégio de que, pondo por obra o invento de que trata, nenhuma pessoa, de qualidade que for, possa usar dele em nenhum tempo neste reino e suas conquistas, com qualquer pretexto, sem licença do suplicante ou de seus herdeiros, sob pena de perdimento de todos os seus bens, a metade para ele suplicante e a outra metade para quem os acusar. E só o suplicante poderá usar do dito invento, como pede na sua petição. E este alvará se cumprirá inteiramente, como nele se contém; e valerá, posto que seu efeito haja de durar mais de um ano, sem embargo da Ordenação do livro 2º, Tit. 4º em contrário. E pagou de novos direitos quinhentos e quarenta réis, que se carregaram ao tesoureiro deles a fl. 160 do livro 1º da sua receita; e se registrou o conhecimento em forma no livro 1º do Registro Geral à fl. 149. José de Maia e Faria o fez em Lisboa aos 19 de abril de 1709. Pagou desta quatrocentos réis. Manuel de Castro Guimarães o fez escrever. Rei – Conferido. Patrício Nunes e comigo José Correia de Moura.

**[Localização:** Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo (Portugal). **Referência:** IANTT, Chancelaria D. João V, Ofícios e Mercês, livro 31, fls. 202 v.-203v. **Publicado em:** CARVALHO, Francisco Freire de. “Memoria que tem por objecto reivindicar para a nação brasileira a gloria da invenção das machinas aerostáticas”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro; Nendeln/Liechtenstein: edição fac-similar, segunda série, tomo quinto (vol. 12, 1849), Kraus Reprint, 1973, p.345-347]

## ANEXO IX

CARTA DO CARDEAL MICHELÂNGELO CONTI (NÚNCIO APOSTÓLICO EM PORTUGAL E FUTURO PAPA INOCÊNCIO XIII) AO CARDEAL-SECRETÁRIO DE ESTADO DA SANTA SÉ (FABRIZIO PAOLUCCI) SOBRE UM ENGENHO PARA VOAR PROPOSTO POR UM SACERDOTE DO BRASIL (19 DE ABRIL DE 1709)

Esta cidade encontra-se divertida pelos discursos sobre uma proposta feita ao Rei por um sacerdote do Brasil, vindo com as últimas naves, o qual pretende inventar nova navegação para ir às Índias sem tocar a Tramontana, porém diretamente pelo levante e poente; e também um engenho para voar, até com dez pessoas dentro, a respeito do qual foram ouvidos os pareceres de muitos ministros e matemáticos. (Tradução do italiano por: J. L. Zamboni)

Lisboa, 19 de abril de 1709.

[**Localização:** Archivio Vaticano (Vaticano). **Referência:** *Nunziatura di Portogallo*, tomo 67, “Foglietto di avvisi”. **Publicado em:** FARIA, Antonio de Portugal de. (2.º Visconde de Faria). *Académie Aéronautique Bartholomeu de Gusmão - son rôle et son action dans les revendications émises en faveur de B. De Gusmão (1685-1724)*. Lausanne: Imprimeries Réunies S.A, 1913, p. 370.]

## ANEXO X

NOTÍCIA DE JOSÉ SOARES DA SILVA SOBRE A PETIÇÃO E O AVARÁ DO “INSTRUMENTO PARA SE ANDAR PELO AR” INVENTADO PELO PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO (anterior a 21 DE ABRIL DE 1709)

Temos também de novo o tornar a esta terra aquele célebre estudante americano, que aqui esteve os anos atrás, prometendo o desempenho daquelas raras e famosas conclusões que oferecia e agora vem já com ordens da câmara do Brasil, e tornou a pousar em casa do [3º] Marquês de Fontes, de onde fez agora ao Rei uma petição tão nova como inesperado o arbítrio que nela insinua, e vem a ser: que ele promete fazer um engenho para voarem os homens, os animais, os navios e tudo o mais sensível e insensível, que de sua natureza não é volátil, para se introduzirem socorros nas praças, sem os poderem impedir os inimigos, e outras coisas semelhantes, determinando a qualquer pessoa poder voar cada dia duzentas léguas. É valente andar, que é o de que me espanto, que de voar muito e na nossa terra não poderia tê-lo, pois cada dia se verá nela semelhantes monstruosidades ainda vem a bom tempo o arbítrio em ano tão caro para as gentes e para as bestas, que puderam escusar-se muitas carruagens, mas tiraram o ganho aos recoveiros, e as goteiras, e frestas não estão seguras.

Pede ao Rei por este arbítrio, que só ele e a sua família poderão usar de habilitar as gentes para o tal ministério, (eu não hei de ser o primeiro nem tampouco o segundo por onde se começa a prática, e o exercício dos tais bem asados) e não sei sequer também adiantados alguns dinheiros para as disposições e fábricas de tal segredo, que se assim for cuidou ficará nele, e tereis mágoa de não ver Ícaro e Dédalo no meu tempo, já que tenho lido, ou sonhado, que os houve no tempo de Maria Castanha, e que só devia de ver quem assistisse às exéquias e ressurreições da Fênix, que também aqui pertence porque também voa.

Com efeito se mandou ver a tal petição no Desembargo do Paço (que entendem disto como de lagar de azeite e talvez menos) e ouvi consultaram muito a favor do suplicante, e eu já tomara ver o efeito

deste efeito; porque por fim de contas lhe passou o Rei alvará para poder dar ordem às fábricas do tal engenho, em que ele fica muito ocupado, e dando na verdade às asas, porque quer com toda a brevidade mostrar a sua habilidade e ouço que há de sair do castelo [de S. Jorge] que é lugar alto, para que antes de chegar à terra quebre no ar as pernas, se já não é que tem quem lhas sustente por arte não divina, e sendo assim pertence mais que ao Desembargo do Paço ao Santo Officio, que quanto à geometria não sei quem lhe saiba os preceitos, salvo for quem tiver achado a pedra filosofal. Enfim o que é certo que há de ser muita gente a ver, e que agora enquanto se fala nisto, se vai esquecendo da fome que já se vai sentindo.

[**Localização:** Biblioteca Nacional de Portugal. **Referência:** Fundo Geral, manuscrito 512. **Publicado em:** SILVA, José Soares da. *Gazeta em forma de carta (anos de 1701-1716)*. Lisboa: Biblioteca Nacional, tomo I, 1933, p. 191-192]

## ANEXO XI

### DEPOIMENTO DE FRANCISCO LEITÃO FERREIRA ACERCA DE UMA EXPERIÊNCIA AEROSTÁTICA DO PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO (1709?)

A [19 de abril de] 1709- Data do alvará do Rei de Portugal D. João V a favor do Padre Bartholomeu Lourenço, clérigo de ordens menores, natural do Rio de Janeiro [sic] em que lhe concedeu privilégio para que ele somente e seus herdeiros pudessem usar do instrumento, que se ofereceu fazer para navegar pelo ar, prometendo uma nova navegação de grande utilidade para o domínio português. Estamos esperando o efeito e experiência deste inaudito invento. (...)

Fez a experiência em 8 de agosto deste ano [de] 1709, no pátio da Casa da Índia, diante de Sua Majestade e muita fidalguia e gente com um globo, que subiu suavemente à altura da Sala das Embaixadas, e do mesmo modo desceu, elevado de certo material que ardia a que applicava o fogo o mesmo inventor. Esta experiência se fez dentro da Sala das Audiências.

[**Localização:** Biblioteca Pública de Évora (Portugal). **Referência:** FERREIRA, Francisco Leitão. *Ephemeride historial, chronologica lusitana, na qual por dias e anos se referem vários sucessos históricos e memoráveis acontecidos em Portugal e nas suas conquistas com outras memórias notáveis a este glorioso domínio pertencentes* (manuscrito). **Publicado em:** CARVALHO, Francisco Freire de. “Memoria que tem por objecto revindicar para a nação brasileira a gloria da invenção das machinas aerostáticas”. In: *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro, edição fac-similar, segunda série, tomo quinto (vol. 12, 1849), Kraus Reprint, 1973, p. 348.

## ANEXO XII

### CARTA DE JOSÉ DA CUNHA BROCHADO AO CONDE DE VIANA (D. JOSÉ DE MENEZES) INFORMANDO A REALIZAÇÃO DE UMA EXPERIÊNCIA AEROSTÁTICA DO PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO (10 DE AGOSTO DE 1709)

Excelentíssimo Senhor, (...). Como é notícia constante desta Praça, e de que se faz pouco caso na nossa Corte, que um destes dias havia de ter o contentamento de ver voar o sacerdote [Padre Bartholomeu] na Casa do Forte, se antes de começar o vôo se não queimara o engenho, ou navio de papel, em que se pretendia fazer este admirável ensaio, que depois da ruptura da paz é o grande negócio em que discursam os nossos talentos. Fico na obediência de Vossa Excelência como devo. Deus guarde a Vossa Excelência.

Poço do Bispo, 10 de agosto de 1709.

**Publicado em:** CARVALHO, Joaquim de. “Cartas de José da Cunha Brochado ao Conde de Viana, D. José de Meneses (1705-1710)”. In *O Instituto - Revista Científica e Literária*. Coimbra, vol. 71, nº 10, out. 1924 (1927), p. 476.

## ANEXO XIII

### DEPOIMENTO DE JOSÉ SOARES DA SILVA SOBRE DUAS EXPERIÊNCIAS AEROSTÁTICAS DE BARTHOLOMEU LOURENÇO (15 DE AGOSTO DE 1709)

O rei, os dias passados, também o apertou de sorte a falta de respiração que lhe sobreveio à sua queixa, que a toda pressa o sacramentaram de noite; porém com a nova cura que fez logo, está com conhecida melhoria em um e outro achaque e já anda erguido e composto, como assistiu a várias comédias que agora se fizeram no Paço, e um dia destes ao Voador, que na sua presença, na Casa do Forte debaixo da das Embaixadas, foi fazer a primeira prova de seu engenho, levando para isto um globo de papel o qual dizia ele, que por si mesmo se havia de elevar aos ares, metendo-lhe dentro uma vela acesa. E fazendo-o a primeira vez, voou ele com brevidade, porque lhe pegou fogo, e ardeu inteiramente, e para isto há mais de quatro meses que anda trabalhando nas tais fábricas, que pudera fazer em quatro horas, ao menos, ou ao mais em 24 como fez no segundo globo, que levou no segundo dia ao Paço, o qual se não ardeu como no primeiro, fez o que qualquer fizera, porque gastado pela luz o ar que continha dentro o globo, o ar ambiente natural muito o arrebatou ao alto da casa, como não tinha outra matéria mais que papel, e assim tornou outra vez a descer como subira, sem fazer mais nada que é o que basta para andar as 200 léguas por dia e levar 40 arrobas de peso. Se isto não se vira não se crera. (...)

Lisboa, 15 de agosto de 1709.

[**Localização:** Biblioteca Nacional de Portugal. **Referência:** Fundo Geral, manuscrito 512. **Publicado em:** SILVA, José Soares da. *Gazeta em forma de carta - anos de 1701-1716*. tomo I. Lisboa: Biblioteca Nacional, 1933, p. 208-209.

## ANEXO XIV

CARTA DO CARDEAL MICHELÂNGELO CONTI (NÚNCIO APOSTÓLICO EM LISBOA)  
 AO CARDEAL-SECRETÁRIO DE ESTADO DA SANTA SÉ (FABRIZIO PAOLUCCI)  
 SOBRE DUAS EXPERIÊNCIAS AEROSTÁTICAS DO PADRE BARTOLOMEU  
 LOURENÇO.  
 (16 DE AGOSTO DE 1709)

O sujeito que, como se comunicou há tempos, pretendia querer fabricar um engenho para voar, nestes dias fez por duas vezes a experiência, na presença do Rei, tendo construído um corpo esférico de pouco peso; porém, como as forças impulsivas ou atrativas parecem constituir-se de álcoois, estes pegaram fogo, queimando-se o engenho, a primeira vez sem se mover da terra, e a segunda, se bem que se elevasse duas canas, igualmente se queimou; por onde ele, interessado em demonstrar que sua invenção não oferece perigo, está fabricando outro engenho maior. (Tradução do italiano por: J. L. Zamboni)

Lisboa, 16 de agosto de 1709.

**[Localização:** Archivio Vaticano (Vaticano). **Referência:** *Nunziatura di Portogallo*, tomo 67, “Foglietto di avvisi”. **Publicado em:** FARIA, Antonio de Portugal de. (2.º Visconde de Faria). *Académie Aéronautique Bartholomeu de Gusmão - son rôle et son action dans les revendications émises en faveur de B. De Gusmão (1685-1724)*. Lausanne: Imprimeries Réunies S.A, 1913, p. 370]

## ANEXO XV

DEPOIMENTO DE SALVADOR ANTÔNIO FERREIRA SOBRE TRÊS EXPERIÊNCIAS  
 AEROSTÁTICAS DE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO  
 (3 DE OUTUBRO DE 1709)

Em 6 de Maio começou o Padre Bertholameu Lourenço, filho do Brasil em o lugar de Alcântara a fazer o instrumento do ar para voar como a seu tempo se dirá (...). A 3 de agosto de 1709 quis fazer o Padre Bertholameu Lourenço, exame ou experiência, do invento de voar, e para isso foi à casa que fica debaixo da das embaixadas, que não surtiu efeito, porque logo ao princípio se queimou.

A 5 do mesmo mês veio o dito padre com meio globo de madeira delgada, e dentro trazia um globo de papel grosso, metendo-lhe no fundo uma tigela com fogo material, o qual subiu mais de 20 palmos, e como o fogo ia bem aceso, começou a arder o papel subindo; e o meio globo de madeira ficou no chão sem subir, porque ficou frustrado o intento. E, como o globo ia chegando ao teto da casa, acudiram com paus dois criados da Casa Real, para evitar o pegar e haver algum desastre, assistindo a tudo Sua Majestade com toda a Casa Real e várias pessoas. (...)

Quinta-feira, 3 de outubro fez o Padre Bertholameu do Quental, digo Bertholameu Lourenço, outro exame na ponte da Casa da Índia, com o instrumento de voar, que tendo já subido bastante altura caiu no chão sem efeito.

**[Localização:** Biblioteca Pública Municipal do Porto - BPMP (Portugal). **Referência:** FERREIRA, Salvador António. *Varias noticias de cazos acontecidos em Portugal (1680 – 1719)*. [S.l.]. BPMP, manuscrito MS-FA-15, [17--?], fls. 52v. e 56 v. **Publicado em:** RODRIGUES, Manuel Maria. “A

invenção dos aeróstatos”. In: *Occidente* - Revista Ilustrada de Portugal e do estrangeiro. Lisboa: vol. XXI, n° 717, 30 nov. 1898, p. 270].

## ANEXO XVI

### PATENTE HOLANDESA DE BARTOLOMEU LOURENÇO PARA UMA “MÁQUINA DE DRENAGEM DE EMBARCAÇÕES EM ALTO MAR” (14 DE DEZEMBRO DE 1713)

Cópia em duplicata

W. Hochkn

O primeiro requerimento, que é o original,  
foi lavrado com os selos devidos.

Aos Estados da Holanda e da Frísia Ocidental convém que esse documento seja enviado ao seu Nobre e Plenipotenciário Conselho comissionado, para que este o possa examinar, certificar e aconselhar.  
Ato de 27 de setembro de 1713  
Em presença dos Estados.

Os Estados etc.. declaram que nos foi demonstrada por Bartolomeu Lourenço, nascido em Portugal, uma máquina confiável e de fácil utilização por ele inventada após longos estudos e experimentos, que pode, sem exigir nenhum esforço humano, e tão frequentemente e pela duração que for necessária, efetuar a drenagem de qualquer navio que se encontre em alto mar. Por meio dela, os tripulantes seriam liberados deste incômodo trabalho naval, que sempre muito exige deles, e que, às vezes, torna necessário que sejam obrigados a descarregar em um outro porto, ou deixar afundar a carga. Isso para grande prejuízo do comércio de todas as nações, e sobretudo da nossa nação e dos povos amigos que trabalham a serviço de seus navios. Por isso mesmo, já haviam as autoridades incentivado, através da concessão de privilégios, a todas as pessoas que porventura inventassem quaisquer coisas novas, que pudessem ser de utilidade geral. E foi assim que o requerente recorreu a nós, solicitando que lhe fosse concedida uma patente pelo período de 20 anos subsequentes, pela qual fica proibido a todas as pessoas em nosso país, em todas as nações conquistadas e colônias na Índia, ou em qualquer lugar do mundo sob o nosso domínio, colocar em funcionamento ou mandar instalar a mencionada máquina, direta ou indiretamente, conforme ela foi descrita, ou modificada ou aperfeiçoada, sob qualquer proteção legal anterior, em qualquer tipo de navio em que ela seja ou venha a ser instalada. A proibição vale para o todo ou as partes da máquina que estejam instaladas nos mencionados navios, pertencentes estes a quaisquer dos súditos de nossas terras ou dos já citados territórios conquistados, ou construídas no exterior, sem a permissão do solicitante da patente, na qual deverão constar a sua assinatura e o seu selo, e deverão estar especificados o nome e a qualidade do navio, o nome do proprietário do navio, e o do capitão. Tudo isso sob pena de uma multa de 1200 florins, sendo 400 para o denunciante, 400 para o oficial de justiça, e 400 para o portador da patente, multa esta que deverá sempre ser paga por aquele ou aqueles a quem o navio pertence. No caso desta máquina ter sido encontrada ou fabricada sem a permissão do dono ou dos donos do navio, estes cobrarão dos responsáveis o valor da multa acima mencionada, caso seja comprovado que o fato se deu sem a sua permissão, e o citado navio pagará a multa.

J Welck, Dordrecht

Fica assim válido este documento pelo prazo de 15 anos, durante os quais fica proibido a todos, em qualquer navio que seja, fabricar ou mandar fabricar e instalar, no todo ou em parte, a máquina acima mencionada, ou uma tal máquina que tenha sido fabricada fora de nosso país em qualquer outro navio que pertença ao nosso país, sob algum recurso de proteção legal por tratar-se de modificação ou aperfeiçoamento e, direta ou indiretamente, trazê-la para o nosso país, comercializá-la ou vendê-la, sob pena de confisco da máquina copiada ou importada, e de uma multa de trezentos florins.

14 de dezembro de 1713.

**[Localização:** Arquivo Nacional da Holanda (Nationaal Archief) – (NA). **Referência:** *Petição e Patente de uma máquina hidráulica para desalgar porões de embarcações apresentada por Bartholomeu Lourenço aos Estados da Holanda e da Frísia Ocidental*. NA, patente número 1665, 3fls. (H223, 21 D 13). **Publicado em :** LEPSCH, Inaldo. *Taunay e o Padre Voador*. Itu: Ottoni Editora, 2005, p. 73-78. **Observação:** Cópia de manuscrito holandês de 1713 transcrita por J. Welck, descoberto pelo pesquisador fluminense Rodrigo Moura Visoni em 2004 (tradução do holandês por João Carlos Pijnappel).

## ANEXO XVII

### CARTA DO ABADE DE MORNAY (EMBAIXADOR FRANCÊS EM LISBOA) AO REGENTE FILIPE DE ORLEANS (9 DE FEVEREIRO DE 1717)

Senhor,

O Sr. Alexandre de Gusmão, que o rei de Portugal acaba de nomear para seu agente na França, não me é conhecido doutros lugares senão por aqueles que tive a honra de escrever ao rei. Eu sei apenas que o seu irmão, padre português que vende remédios em Paris, chegou de Lisboa quase no mesmo tempo que ele e que ambos aí solicitaram o mesmo emprego sem se comunicarem, e menos ainda ao Conde de Ribeira de quem o Sr. Alexandre de Gusmão permanece doméstico.

Seu muito humilde,  
Abade de Mornay  
Lisboa, 9 de fevereiro de 1717.

**[Localização:** Archives du Ministère des Affaires Etrangères (França). **Publicado em:** “A vida gloriosa e trágica de Bartholomeu de Gusmão”. In: Separata do tomo VIII dos *Annaes do Museu Paulista*. São Paulo: Imprensa Official do Estado, 1938a, p. 182-183.]. **Observação:** a carta do Abade de Mornay foi escrita, originalmente, em francês.

## ANEXO XVIII

PATENTE DE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO PARA FAZER CARVÃO DE  
TERRA ARTIFICIALMENTE  
(23 DE SETEMBRO DE 1721)

Dom João, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar, em África, Senhor de Guiné etc. faço saber que o Padre Bertollameu Lourenço de Gusmão me representou por sua petição, que a ele lhe cedera e trespassara Manoel Fernandes Calheiros o privilégio que ajuntava, que eu havia concedido ao dito para fazer carvão de terra artificial, como constava da escritura de trespasse que oferecia. E para que a dita escritura tivesse maior vigor e juntamente para evitar a dúvida que poderia nascer de algum do dito carvão ser feito sem terra, no que o público interessava mais por se lhe não diminuir esta. Pedindo-me lhe fizesse mercê confirmar o dito trespasse a favor do suplicante e seus sucessores na forma que no dito privilégio se continha e declarar que o dito privilégio com todas as suas cláusulas haverá lugar em todo o carvão de qualquer qualidade que seja que o suplicante inventasse ou tivesse inventado. E visto o que alegou, hei por bem confirmar a escritura do trespasse para que tenha o seu efeito, e declarar que o privilégio se estenda a todo o carvão de qualquer qualidade que seja que o suplicante inventar ou tiver inventado e esta provisão se cumprirá como nela se contém e valerá posto que seu efeito há de durar mais de um ano sem embargo da ordenação L.º 2.º n.º 40 em contr.º [contrário] e pagou de novos direitos quatrocentos réis que se carregaram ao tesouro deles à fl. 91 n.º do L.º 4.º de sua receita e se registrou o conhecimento em forma no L.º 4.º do registro geral a fls. 27. El Rei nosso Senhor o mandou por seu especial mandado pelos Doutores Antônio dos Santos de Oliveira a Antônio Teixeira Alves ambos do seu conselho e deus desembargadores do paço José de Maia e Faria o fez em Lisboa Ocidental a dezoito de setembro de mil setecentos e vinte e um Manoel de Castro Guimarães a fez escrever (Antônio dos Santos de Oliveira) Antônio Teixeira Alvez por Decreto de Sua Majestade de seis de agosto de 1721 e despacho do Desembargado do Paço de doze do dito mês e ano, em observância da lei de 24 de julho de 1713 José Galvão de Lacerda. Pagou quatrocentos réis. E aos oficiais trezentos e dez. Lisboa ocidental, 23 de setembro de 1721. Dom Miguel Maldonado.

C.do Inocência Correia de Moura

[**Localização:** Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo (IANTT). **Referência:** *P.º B.º meu Lour.ºº de Gusmão. Provisão de Confirmação de hua Escripura de Trespazo.* Lisboa, 23 set. 1721. IANTT, Chancelaria D. João V, Ofícios e Mercês, livro 56, fl. 249 v; **Publicado em:** LEITE, Bertha. “Bartolomeu de Gusmão na documentação de Lisboa”, *IV Congresso de História Nacional*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951, p. 130-131.]

## ANEXO XIX

DEPOIMENTO DO POETA ITALIANO PIER JACOPO MARTELLO SOBRE A  
DIVERGÊNCIA ENTRE AS NOTÍCIAS DA BARCA VOADORA PUBLICADAS FORA DE  
PORTUGAL E OS RELATOS DE QUEM AS EFETIVAMENTE PRESENCIOU *IN LOCU*  
(1723)

[...] no Palácio do Senhor Enviado Plenipotenciário de Portugal [3º Marques de Fontes], atualmente digníssimo Embaixador daquela Coroa, surgiu um impresso em língua alemã, a tratar da experiência de certa barca voadora de um frade indiano [sic], chamado Bartholomeu Lourenço, inventada em Lisboa e que devia, naquela grande capital, e em presença de toda a corte, fazer experiência no dia vinte e quatro de junho de mil setecentos e nove. [...]

Voltando mais tarde daquela Nunciatura Apostólica [de Lisboa], o Eminentíssimo Conti, agora Santíssimo Padre em Cristo e nosso soberano Inocêncio XIII, Pontífice Ótimo Máximo, resolvi indagar dos auxiliares de Sua Eminência o que sabiam das experiências do homem do Brasil, visto como corria a fama de haver ele [o cardeal] intervindo no caso. *Nada quanto pela edição alemã soubera eu acontecer realmente ali* [em Lisboa], *disseram-me*. [grifo nosso]

Falaram-me sim de certo globo de papel que à força de quintessências, nele contidas e aquecidas e atraídas pelo Sol subira a certa altura de onde, depois, explodindo em pedaços minúsculos, recaíra, coisa sem serventia alguma e sem nenhuma expectativa meritória.

Tarde me penitenciei de tanto haver dado crédito ao impresso tedesco. Mas como nele não crer? Quando todas aquelas nações [germânicas] nele acreditavam e tantos em tal se compraziam que o traduziram para os idiomas respectivos, divulgando-se-lhe não menos em França do que em Holanda as múltiplas edições?

Encarecendo eu deste fato, certo dia, a conversar com Sua Excelência, o Embaixador de Portugal [3º Marques de Fontes], homem possuidor de variados conhecimentos e sobremodo versado nas Belas Artes, e nas nobres, sorriu ele amenamente e me confidenciou o modo pelo qual seu studiosíssimo primogênito [8º Conde de Penaguião] (cujo cultivo da alta inteligência fora cometido ao matemático brasileiro, sendo o único que este religioso admitia no recinto em que o tão esperado aparelho se construía) se houvera para não revelar o segredo confiado à sua lealdade”.

Para libertar-se da curiosidade inoportuna das perguntas [o 8º Conde de Penaguião] deixava escapar aquele papel manuscrito, passando de mão em mão, saíra inopinadamente dos prelos da Alemanha, França e Holanda, havendo o jovem fidalgo, e o Indiano [sic] estourado de riso por causa de tal sucesso.

**Referência:** MARTELLO, Pier Jacopo. *Opere - Seguito del Teatro Italiano (Del volo dialogo)*. Tomo 5. Bolonha: Della Volpe, 1723, p. 375-377. **Observação:** Tradução do italiano por Afonso Taunay (*Bartolomeu de Gusmão - Inventor do aeróstato - A vida e a obra do primeiro inventor americano*. São Paulo: Edições Leia, 1942, p 279-283).

## ANEXO XX

PATENTE DE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO PARA UMA MÁQUINA OU  
MODOS DIVERSOS DESTINADOS A AUMENTAR A EFICIÊNCIA DE MOINHOS  
HIDRÁULICOS  
(22 DE JULHO DE 1724)

Dom João, por graça de Deus, Rei de Portugal e dos Algarves, d'aquém e d'além mar, em África, Senhor da Guiné etc. faço saber que Bertholameu Lourenço de Gusmão me representou por sua petição que ele tinha descoberto modo para que todos os moinhos d'água salgada e os de água doce que moessem por via de rodízio, como também os moinhos e engenhos de açúcar que moessem rasteiros, pudessem, com a mesma quantidade de água moer muito mais do que moíam, servindo-se para este fim de uma máquina ou modos diversos de que os ditos moinhos e engenhos ao presente praticavam, e que o dito invento será de uma utilidade pública tanto pelas faltas de farinhas que nestas cidades e outras muitas terras do reino se experimentavam, como por se poder aplicar a parte da dita água que sobejasse das moagens e fazer mover outras máquinas como engenhos de serrar, forjas de ferreiro, moinhos de papel, lagares de azeite e ainda ajudar muito a cultura de açúcares, em grande benefício do comércio. Pedindo-me lhe fizesse mercê conceder privilégios para que pessoa nenhuma de qualquer qualidade que fosse neste reino e conquistas pudesse, em tempo algum, para os fins sobreditos ou quaisquer outros, servir-se da dita máquina ou modo de moer, tanto nos moinhos e engenhos já feitos, como nos que adiante se fizessem, sem licença dele suplicante ou de seus sucessores, sob pena de perdimento da dita máquina e de três mil cruzados por cada vez que dele ou do dito modo se servissem, a metade para ele suplicante, a metade para quem o denunciasse, e que o dito privilégio se estendesse com toda a sorte de moinhos, lagares de azeite, engenhos de açúcar que movessem com água fosse alta ou baixa, que se quisessem aproveitar do segredo que dele suplicante tinha descoberto com todas as mesmas cláusulas e debaixo das mesmas penas assim referidas. E visto o que alegou informação, que se houve pelo desembargador Victoriano da Costa de Oliveira, servindo de corregedor do civil da Corte e resposta do procurador da minha coroa, a que se deu vista e não teve dúvida. Hei por bem fazer mercê ao suplicante de lhe conceder o privilégio de que faz menção, por tempo de quinze anos, para que, durante eles, pessoa nenhuma, de qualquer qualidade que seja neste reino e conquistas, possa servir-se do invento de que trata sem licença do suplicante, sob pena de perdimento da dita máquina e de 3.000 cruzados por cada vez que ela se servirem, a metade para o mesmo suplicante, e a outra metade para quem o denunciar. O mesmo privilégio se estenderá aos moinhos que acima refere de lagares de azeite e engenhos de açúcar que moerem com água, ou seja alta ou baixa, que se quiserem aproveitar do segredo que o suplicante tem descoberto com declaração que a pena dos 3.000 cruzados não terá lugar nos que antes deste invento se servissem dos moinhos que moessem na mesma forma, e esta provisão se cumprirá como nela se contém e valerá, posto que seu efeito haja de durar mais de um ano sem embargo de ordenação do Livro 2º, título 40 em contrário, e pagou de novos direitos 1.620 réis que se carregarão ao tesoureiro deles, a folha 327 verso do Livro 7º de sua receita, e se registrou o conhecimento em forma no Livro 8º do Registro Geral, a folha 3 – El Rey Nosso Senhor o mandou, por seu especial mandado, pelo Doutores Gregório Pereira Fidalgo da Silveira e Francisco Mendes Galvão, ambos do seu conselho e seus Desembargadores do Paço. José da Maia e Faria a fez, em Lisboa Ocidental, a 18 de julho de 1724. De feitio desta 400 réis. Manoel de Castro Guimarães a fez escrever. Gregório Pereira Fidalgo da Silveira. Francisco Mendes Galvão. Por resolução de Sua Majestade de 10 de julho de 1724, em consulta do Desembargado do Paço e em observância da Lei de 24 de julho de 1713. João Roiz Pereira. Pagou 2.700 réis e ao chanceler mor e vedor da chancelaria nada, por quitarem seus direitos, e ao portrº da mesma chancelaria 140 réis. Lisboa ocidental, 22 de julho de 1724. Dom Miguel Maldonado.

A fls. 332 v. do Livro 7º da receita dos novos direitos ficam encarregados ao thezº deles, José Correia de Moura, 1.080 réis, que com 1.620 réis que tinha pago desta provisão, faz tudo 2.700 réis que devia. Lisboa Ocidental, 22 de julho de 1724. Paulo Antônio de Almeida. José Correa de Moura. A folha

12v. do L<sup>o</sup> 8<sup>o</sup> de Registro Geral dos novos direitos, fica registrado o conhecimento acima. Lisboa Ocidental, 22 de julho de 1724. Álvares de Moura.

(a) C.<sup>do</sup> Xavier Álvares de Moura

[**Localização:** Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - IANTT (Portugal). **Referência:** *Bartolomeu Lour.<sup>co</sup> de Gusmão. Previlégio p.<sup>a</sup> q~ ninguém possa uzar de sua máquina senão elle... Petição... p.<sup>a</sup> q~ todos os moynhos dagoa Salgada e os de agua doce q~ mohião por via de rodizio como tambem os moynhos e engenhos de asugar q~ moinhão rasteiros podecem com a mesma quantid.<sup>e</sup> dagoa moer m.<sup>to</sup> mais do q~mohião.* Lisboa, 22 jul. 1724. IANTT, Chancelaria D. João V, Offícios e Mercês, livro 66, fls. 324 v.- 325r. **Publicado em:** LEITE, Bertha. "Bartolomeu de Gusmão na documentação de Lisboa", *IV Congresso de História Nacional*. Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1951, p. 131-133]

## ANEXO XXI

### CARTA DE DIOGO DE MENDONÇA CORTE REAL A JOÃO GOMES DA SILVA (4<sup>o</sup> CONDE DE TAROUCA E EMBAIXADOR DE PORTUGAL NA HOLANDA) (OUTUBRO DE 1724)

Barthollameu Lourenço de Gusmão que assistiu no serviço a Sua Majestade se ausentou desta Corte na semana passada e se entende que no Paquebot. É Sua Majestade serviço que se ele for a essa corte Vossa Senhoria o não admita em sua casa e publique aí que é um louco para que ninguém se fie dele, e se pretender algum cômodo o procurará Vossa Senhoria encontrar obrigando por este meio ou por outros que não só vá dessa corte, mas dessa república, sendo possível, e ao enviado Diogo de Mendonça Corte Real participará Vossa Senhoria esta ordem para que ele execute o mesmo e aos outros estranhos em que Vossa Senhoria tiver correspondência participará o mesmo deste sujeito para que sendo conhecido não se fíem dele.

Diogo de Mendonça Corte Real  
(Secretário de Estado)

[**Localização:** Instituto dos Arquivos Nacionais Torre do Tombo - IANTT (Portugal). **Referência:** *Correspondência diplomática*, vol. 16. **Publicado em:** FREITAS, Divaldo Gaspar de. *A Vida e as Obras de Bartolomeu Lourenço de Gusmão*. São Paulo: Serviço Estadual de Assistência aos Inventores (SEDAI), EDIGRAF S.A., 1969, p.207-208.]

## ANEXO XXII

### CARTA DE D. LUIZ DA CUNHA (EMBAIXADOR DE PORTUGAL EM PARIS) (30 DE OUTUBRO DE 1724)

Fontainebleau, 30 de outubro de 1724

Recebi a carta de Vossa Senhoria de 3 de outubro com a notícia da evasão do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, a cujo respeito observarei as reais ordens de Sua Majestade, que Deus Guarde, e não terei muito trabalho em o fazer passar por doido, porque cada um passa pelo que é, e eu sempre o tive nesta conta, sem embargo do seu grande engenho. Mas não creio que aqui [na França] possa fazer fortuna com a sua máquina, como já não fez em Holanda e Inglaterra, por não saber reduzi-la à prática (...).

[**Localização:** Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo - IANTT (Portugal). **Referência:** *Cartas de D. Luiz da Cunha para a Corte*, tomo 22. **Publicado em:** TAUNAY, Afonso d'Escragnole. "A vida gloriosa e trágica de Bartholomeu de Gusmão". In: Separata do tomo VIII dos *Annaes do Museu Paulista*. São Paulo: Imprensa Official do Estado, 1938a, p. 430-431]

## ANEXO XXIII

### CARTA DO MONSENHOR FIRRAO OU FIRRAU (NÚNCIO EXTRAORDINÁRIO EM LISBOA) AO CARDEAL SECRETÁRIO DE ESTADO DA SANTA SÉ (FABRIZIO PAOLUCCI) (31 DE OUTUBRO DE 1724)

Até agora, tenho deixado de escrever a Vossa Eminência a propósito da indisposição do rei, porque considerando falsos os boatos espalhados a tal respeito, entendi inoportunos referi-los a Vossa Eminência. Como não duvido, porém que possam aí chegar adulterados, afinal me resolvi cientificar a Vossa Eminência de tudo quanto pude informar-me de mais acertado a tal propósito.

Depois que daqui, e inesperadamente, fugiu Bartolomeu Lourenço de Gusmão, alcunhado o Voador, confidentíssimo do rei, viram-se levadas ao Santo Ofício algumas mulheres com quem havia o dito Gusmão tido relações. Daí começaram as suspeitas de que as mesmas fossem feiticeiras e que receoso da Inquisição, haja fugido o Voador como cúmplice de igual delito. Por este tempo adoecera o Rei com uma inflamação na garganta de que se libertou quase imediatamente. Mas nem por isso volveu a gozar da saúde anterior; pelo contrário, continuou e ainda continua a ter náuseas de comer e fraqueza. E, o que sobreleva ao resto, sente forte melancolia que o obriga a encerrar-se em seus aposentos sem querer a mais ninguém ver que não sejam o médico, o cirurgião e alguns religiosos, seus confidentes. E como, neste ínterim, haja sido convocado a palácio um padre trinitário, com fama de excelente exorcista, espalhou-se pela cidade que a moléstia de Sua Majestade provém de um malefício e que o religioso trinitário foi chamado para o libertar de tal.

Empregarei toda a diligência para tirar o caso a limpo, mas até agora não achei que o suposto malefício tenha fundamento, o que me induz a crer que o rei não sofra de outro mal além de forte hipocondria ocasionadora de todos os efeitos acima mencionados.

O temperamento obstinadamente cismático de Sua Majestade poderá agravar a enfermidade se com o uso de medicamentos, prudência e, sobretudo muito mais, o recurso a Deus não se lhe opuser vigorosas barreiras. (Tradução do italiano por Afonso Taunay)

[**Localização:** Archivio Vaticano (Vaticano). **Referência:** *Nunziatura di Portogallo*, tomo 86, p. 108, “Foglietto di avvisi”. **Publicado em:** FARIA, Antonio de Portugal de. (2.º Visconde de Faria). *Académie Aéronautique Bartholomeu de Gusmão - son rôle et son action dans les revendications émises en faveur de B. De Gusmão (1685-1724)*. Lausanne: Imprimeries Réunies S.A, 1913, p. 371.]

## ANEXO XXIV

### CERTIDÃO DE ÓBITO DE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO (19 DE NOVEMBRO DE 1724)

Don Bartolomé Lourenzo de Gusman  
Presbítero da cidade de Lisboa, dito

Aos dezenove dias do mês de novembro de mil setecentos e vinte e quatro anos, D. Bartolomé Lourenzo de Guzman, doutor em cânones pela Universidade de Coimbra, natural da vila de Santos, no Brasil, de idade de trinta e oito anos, residente na cidade de Lisboa, filho de D. Francisco Lourenzo, defunto, e D. Maria Álvarez, achando-se presentemente no Hospital da Misericórdia da Paróquia de São Romão desta cidade de Toledo, havendo-se confessado e recebido por viático o santíssimo sacramento da eucaristia e o da extrema unção, faleceu. Não fez testamento por não ter o que legar e foi sepultado nesta paroquial igreja do senhor São Romão com assistência da Paróquia e da Irmandade do Senhor São Pedro, vestido com hábitos sacerdotais, e deu à paróquia desta igreja sessenta e seis reais pelos ditos hábitos e trinta reais pela sepultura, a qual quantia foi paga pela referida Irmandade dos Sacerdotes do Senhor S. Pedro, e por ser verdade firmei este como cura da dita igreja.

D. Francisco Gomez Mariscal.

Hábitos sacerdotais: 66 reais  
Sepultura: 30 reais [conta das despesas do enterro]

[**Localização:** Parroquia de San Román - Mártir (Toledo-Espanha). **Referência:** *Libro 5º de defunciones (1705-1739)*, fls. 115v-116r. **Publicado em:** *Certidão de óbito do Padre Bartholomeu Lourenço de Gusmão, do Livro 5º Fls 115-116*. Anexo I do relatório de Dom António de Lancastre Alvares da Cunha enviada ao Exmo. Sr. Dr. António Sylvio Cunha Bueno, Digno. Deputado Federal, Madrid-Espanha, 27 de Junho de 1966. (documento: pasta Patrono Bartholomeu de Gusmão – Biblioteca do Instituto Histórico da Aeronáutica: INCAER). **Observação:** (tradução do original em espanhol).

## ANEXO XXV

MEMÓRIA DO PADRE BARTOLOMEU LOURENÇO, CHAMADO VULGARMENTE O  
 VOADOR, PELA RAZÃO QUE ABAIXO SE RELATA  
 (posterior a novembro de 1724)

Havia quatorze ou quinze anos, pouco mais ou menos, que o tal padre veio do Brasil d'onde é natural, e sendo ainda rapaz o puxou para sua casa o Marquês d'Abrantes, inculcando em primeiro lugar a sua rara e nunca em outrem vista memória, pois dizia que somente de ouvir um sermão o repetia, palavra por palavra, e na mesma forma repetia a lauda de qualquer livro, e, o que mais é, que repetia tudo o que lia às avessas, sem lhe errar palavra, e com estas e outras habilidades o introduziu em palácio, fazendo-lhe Sua Majestade notáveis honras e grandiosas mercês, em agradecimento do que, quis servir a sua coroa por um tal modo, que outro tal serviço se não tivesse visto no mundo. E foi o caso, que se obrigou a fazer um novo invento, para voar, e pelo ar ir às partes mais remotas, levando dentro o peso ou quantia de trinta pessoas.

Fez para isto pintar a forma da dita embarcação volátil [Passarola], a qual havia de governar-se por uns flabelos de penas como asas, movida por homens que haviam de ter o governo, e encaminhá-la com esta idéia à parte aonde a quisessem conduzir; o dito invento e esta idéia com as suas explicações se vulgarizou muito em Lisboa, de que se multiplicaram várias cópias, e nos meus manuscritos em quarto, no tomo 5<sup>o</sup>, vai uma destas cópias. É miserável esta nossa nação portuguesa, que não só o plebeu, mas ainda algumas pessoas de claro entendimento se capacitaram de que teria efeito esta invenção, e uma delas foi o [1<sup>o</sup>] Marquês de Abrantes, que defendia e aprovava esta matéria com tanta tenacidade, que rompia em impaciência e desprezos de quem lho contradizia, e era para ele como ponto de fê esta idéia.

Passou a mais miséria da nação, porque se lhe passou alvará de mercê pelo Desembargo do Paço, assinado por Sua Majestade, de que não poderia outra pessoa alguma fazer o tal invento senão ele, cujo alvará passou pela chancelaria, e pagou novos direitos de mercê. Isto sucedeu no principal tribunal da corte (como todos sabem) que é a mesa do Desembargo do Paço, em que assistem os ministros de maior reputação, aos quais presidia naquele tempo o [1<sup>o</sup>] Duque de Cadaval, príncipe que foi dotado de heróicas obras e claríssimo entendimento.

Com efeito, pôs por obra, não logo o principal invento, mas uma amostra, a qual era uma barçaça pequena do feitio de uma gamela coberta de lona, e com vários espíritos, quintas essências, e outros ingredientes, lhe meteu umas luzes por baixo, e na Sala das Embaixadas, estando presente Sua Majestade e muitas mais pessoas, fez voar a dita barçaça, que a pouca altura deu pelas paredes, e depois em terra, e confundindo-se os materiais pegou fogo, e na queda em que se despenhou queimou uma cortina, e tudo o que encontrou foi fazendo o mesmo efeito e S. Majestade foi tão benigno, que não o escandalizou, e conservou na sua graça, e estando nela logrando as muitas honras e mercês referidas, ou corrido de ver que não surtira efeito o embuste do seu invento, ou por outra qualquer causa, fugiu desta corte para Holanda, aonde também quis dar mostras das suas habilidades, como se os holandeses fossem tão fáceis de enganar, como os portugueses. Não fizeram caso da sua memória, porque diziam (e não há dúvida) que muitos homens tinham no seu reino de mais requintadas memórias, dos quais se não fazia caso, e muito menos fizeram das mostras que começou a dar das suas habilidades, vendendo-as por granjear dinheiro, como bufarinheiro; mas foi muito pouco o que tirou. A primeira foi pôr-se a assar carne ao sol com uns vidros, diante das quais e de outras ridicularias semelhantes se começaram a rir e a escarnecer os holandeses, e ele vendo a mofa e zombaria que faziam das suas coisas, se voltou a Portugal, e, como não pudesse servir-se na graça de Sua Majestade como de antes, passou a Coimbra a acabar os seus estudos e formar-se, o que, com efeito, fez com boa aceitação. Dizem que se ordenara, e algumas pessoas afirmam que disse missa. Pregou, imprimiu um sermão, e, finalmente, tornou ao valimento e graça do rei, fazendo dele tanta estimação que tinha em palácio porta franca e mesa pronta.

Alugou casas nobres, pôs-se de carruagem, e em atenção da Majestade foi bem visto e cortejado dos principais da corte. Este afeto do rei deu muito que considerar ao povo, que dizia que Sua Majestade se servia dele para saber tudo, porque eles dizem que tinha habilidade de saber o que ainda estava para se fazer. Esta razão e outras muitas, que conduzem para a veemente suspeita de que ele não era muito católico, fizeram crer a muita gente que os serviços que fazia ao rei, se deviam registrar no cartório do Santo Ofício.

Entrou em segundo invento de fazer carvão de lama e mato, e para este efeito alugou junto à Bica do Sapato umas casas, fingindo estarem em melhor situação para a sua fábrica. Fez para ela um moinho de vento, em que gastou muito cabedal, e tudo à custa do rei, e pela mesma conta correram outras idéias, inventos e alvitres, que uns não tinham efeito, outros eram indignos. Não faltou quem dissesse que alugara aquelas casas para maior liberdade, e que no pátio tinha um andador de madeira, no qual se metia, dizendo que queria observar os astros, e o dito carro rodava com violência, e não se tornava a sentir senão de madrugada, porque as noites dizem que as ia passar a Alcácer, de onde vieram presas umas feiticeiras, pouco tempo antes da sua fuga.

Com todas estas habilidades, ou talvez que por elas mesmas, lograva o favor do rei (suponho que ignorante o rei das suas habilidades), porém em 1724 fugiu aceleradamente desta cidade, porque deixou o que pertencia à sua casa e uma grande rima de cinza de papéis que queimou. Dizem que levou muito dinheiro, e nesta fuga são várias as vozes e os pareceres, mas quase todos concordam que foi medo do Santo Ofício, e que a sua aceleração procedeu de aviso. O certo é que não houve dele notícia certa, nem a parte para onde fugiu, nem o rei o fez seguir.

A voz que rompeu é que ele acabou a vida miseravelmente no hospital de Toledo, no mesmo dia que em Lisboa houve um furacão horroroso, que fez tão assombroso estrago no mar e na terra. Isto foi voz que nunca se averiguou com certeza, mas o homem, pela sua vida, pelas suas indústrias, e pelas mais circunstâncias, deu claro indício de que não era bom.

NOTA MARGINAL: O mais crível é que o Santo Ofício o encerrou nos cárceres, de onde acabaria ou poderá ainda aparecer.

[**Localização:** Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra – BGUC (Portugal). **Referência:** *Memoria do P.<sup>e</sup> Bartholomeo Lourenço, chamado vulgarmente o Voador, pella razão q. abaixo se relata.* [S.l.]. BGUC, códice 537, [ca. 1724], fls. 314r-316r . **Publicado em:** SIMÕES, Augusto Filippe. *A invenção dos aeróstatos reivindicada - exame crítico das noticias e documentos concernentes ás tentativas aeronáuticas de Bartholomeu de Gusmão.* Évora: Typographia da Folha do Sul, 1868, p. 90-94.]

## ANEXO XXVI

DEPOIMENTO DO PADRE JOSÉ CAETANO DE ALMEIDA SOBRE A FUGA E MORTE  
DE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO  
(POSTERIOR A 1724)

Em 26 de setembro de 1724 fugiu de Lisboa o Voador Bartholomeu Lourenço de Gusmão, que tomando a estrada de Loures por passos e caminhos montuosos e desconhecidos, foi a Vallada, e passando à vista de Muge, seguiu o caminho de Montargil e Aviz, estrada de Arronches, atravessou o Rio Caia, e levando o desígnio de entrar em Madrid, por causa de um delíquio, ou acidente que lhe sobreveio, a que se seguiu uma terrível febre maligna, foi para Toledo em cujo Hospital da Misericórdia faleceu na noite de 17 para 18 de novembro do dito ano, mas já em 18 do dito mês na madrugada.

Tudo isto consta do diário que desta jornada e fuga escreveu de Madrid, a Antônio de Basto Pereira [secretário de D. João V], em 15 de dezembro do dito ano, Fr. João Álvares de Santa Maria, irmão do Voador e sócio na fuga; e está o Voador enterrado na Igreja Paroquial de S. Romão da dita cidade.

[**Localização:** Biblioteca da Academia Real das Ciências de Lisboa (Portugal). **Referência:** Manuscritos da série azul: Apontamentos do Ben.<sup>do</sup> Jose Caetano de Almeida, 673 a 681 (9 vols.). **Publicado em:** CARVALHO, Francisco Freire de. “Aditamento à memória que tem por objeto reivindicar para a Nação Portuguesa a glória da invenção das máquinas aerostáticas”. *Atas das sessões da Academia Real das Ciências de Lisboa*. Lisboa: Tipografia da Academia Real das Ciências, tomo I, 1849, p. 218-219.]. **Observação:** Padre José Caetano de Almeida foi bibliotecário na Biblioteca Real do Paço da Ribeira até 1756 e a partir desta data passou a coordenar a Biblioteca da Ajuda até 1768.

## ANEXO XXVII

BREVE BIOGRAFIA DE BARTHOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO ESCRITA POR  
DIOGO BARBOSA MACHADO  
(1741)

*Bartholameu Lourenço de Gusman:* Fidalgo Capelão da casa Real, e irmão de Alexandre de Gusmão, Cavaleiro professo da Ordem de Cristo, e Censor da Academia Real de quem fizemos menção em seu lugar, nasceu na Vila de Santos da Capitania de S. Paulo na América Portuguesa, e logo nos primeiros anos deu manifestos indícios do grande talento que lhe concedeu liberal a natureza, assim na admirável prontidão, com que compreendeu as dificuldades da Filosofia, e Matemática, como na prodigiosa memória com que conservava as noticias mais recônditas na Historia Sagrada, e profana. Instruído na Oratória, Poética, e Mitologia se lhe acendeu o desejo de penetrar os mistérios das Leis Imperiais, e Cânones Pontifícios para cujo fim preferindo o amor da ciência ao da pátria passou à Universidade de Coimbra em cuja sapientíssima Palestra brilharão mais intensamente os raios do seu engenho com admiração de todos os catedráticos que sendo expectadores dos seus atos literários resolverão ser digno de receber as insígnias doutorares na Faculdade do Direito Canônico. Igualmente se admirou a sutileza do seu juízo em as Orações Evangélicas recitadas nos Púlpitos, como em os Discursos Acadêmicos de que foram teatros a Academia Real instituída em o ano de 1720 debaixo dos Soberanos auspícios da augusta Majestade o Rei D. João o V, nosso Senhor, sendo ele um dos primeiros cinquenta Acadêmicos de que se formou este eruditissimo Congresso, e lhe foi cometido escrever as Memórias

Eclesiásticas do Bispado do Porto, como na Academia Portuguesa, de que era Secretario o Excelentíssimo [quarto] Conde da Ericeira D. Francisco Xavier de Menezes. Foi versado nas línguas mais principais, sabendo com pureza a Latina, falando com prontidão a Francesa, e Italiana, e tinha grande inteligência da Grega, e Hebraica. Sendo tão douto em varias ciências nunca se lhe descobriu o menor sinal de vanglória, antes sem afetação era tão modesto no semblante, como afável no gênio parecendo muitas vezes a quem o não conhecia que não era depósito de tantos tesouros científicos [...].

[**Localização:** Biblioteca do Real Gabinete Português de Leitura – BRGPL (Rio de Janeiro). **Referência:** MACHADO, Diogo Barbosa. *Bibliotheca Lusitana - Historica, critica e cronologica*. Tomo I, Lisboa Occidental: Officina de Antonio Isidoro da Fonseca, 1741, p. 463-464].

### ANEXO XXVIII

#### DEPOIMENTO DE JOÃO BATISTA DE CASTRO SOBRE A MEMÓRIA PRODIGIOSA DE BARTOLOMEU LOURENÇO DE GUSMÃO (1766)

Aprendendo eu filosofia no ano de 1715 com o R. P<sup>o</sup>. Filipe Neri, da congregação do Oratório, vi fazer na casa da aula ao Dr. Bartholomeu Lourenço de Gusmão, chamado o Voador, notáveis ostentações de memória local que pareciam exceder as forças humanas. Abria-se um livro de folha que ele nunca tinha lido; punha-se a ler duas ou quatro páginas uma só vez, e as tornava a repetir fielmente, e o que mais admirava, era repeti-las também de baixo para cima. Foi homem de grande esfera e que mereceu grandes aplausos nesta corte, mas malogrado.

[**Localização:** Biblioteca Pública de Évora – BPE (Portugal). **Fonte:** CASTRO, João Batista de. *Indagações curiosas e breves e científicas sobre os inventores e origens de várias coisas*, 1766. **Referência:** CXII/2-14. **Publicado em:** SIMÕES, Augusto Filipe. *A invenção dos aeróstatos reivindicada*. Évora: Typographia da Folha do Sul, 1868, p.14, nota 1]

### ANEXO XXIX

#### DEPOIMENTO DO DESEMBARGADOR PORTUGUÊS MAGRO DE MOURA SOBRE O FALECIMENTO DO PADRE BARTHOLOMEU LOURENÇO (1783-1809?)

Faleceu o P. Bartolomeu Lourenço em Toledo, aos 18 de novembro de 1724, no hospital da dita cidade, aonde chegou miseravelmente, em um jumentinho e já tão doente que apenas lhe deu tempo um intervalo juízo, para proceder aos diviníssimos sacramentos, estando com grave delírio, por conta de uma febre.

[**Localização:** Biblioteca Pública Municipal do Porto (BPMP). **Referência:** MOURA, Manuel Francisco da Silva e Veiga Magro [Magno?] de. *Juizo Imparcial*. [S.l.]. BPMP, manuscrito M-1107, [1783-1809?], 5

fls. **Publicado em:** TAUNAY, Afonso d'Escragnolle. *Bartolomeu de Gusmão - Inventor do aeróstato - A vida e a obra do primeiro inventor americano*. São Paulo: Edições Leia, 1942, p.148].

**Observação:** o texto descrito acima consta na nota de rodapé da primeira folha deste manuscrito.

### ANEXO XXX

#### RELATO ANÔNIMO SOBRE UMA MÁQUINA AEROSTÁTICA LANÇADA DO CASTELO DE S. JORGE, EM 1709, INVENTADA PELO CÉLEBRE BARTHOLOMEU LOURENÇO (POSTERIOR A 1784)

Maquina aerostática que pela primeira vez se viu na Europa – inventada pelo célebre Bartholomeu Lourenço por antonomásia o Voador – irmão do insigne Alexandre de Gusmão, lançada no ar no Castelo de S. Jorge de Lisboa de onde o *autor desceu nella* [grifo nosso] ao Terreiro do Paço, em 20 de abril de 1709, Lisboa.

Lisboa, na Oficina de Simão Thadeo Ferreira, 1774 [sic]

[**Localização:** King's Library - British Museum. **Referência:** additional manuscripts, *Papéis políticos*, vol. IX, ms. 15201, fl. 380. **Publicado em:** SOUTHEY, Robert. “Maquina aerostatica que pela primeira vez se viu na Europa – inventada pelo celebre Bartholomeu Lourenço por autonomazia o Voador [...]” . In: *Sir Thomas More: or, Colloquies on the progress and prospects of society*. vol. I. Londres: J. Murray, 1829, p. 340.]

**Observação:** Trata-se de transcrição de uma obra impressa em Lisboa, na Oficina de Simão Thadeo Ferreira, possivelmente, posterior a 1784. As afirmações apresentadas pelo depoente anônimo são certamente *pouco confiáveis*, pois ele declara ter havido um vôo tripulado pelo próprio inventor ainda no mês de abril de 1709, período este em que, conforme já relatamos no capítulo 4.5.2, Bartholomeu ainda não havia se quer se instalado na Quinta de D. João V, em Alcântara, a fim de iniciar os testes com o seu primeiro protótipo voador.

### ANEXO XXXI

#### DEPOIMENTO DE FREI LUCAS DE S. JOAQUIM PINHEIRO SOBRE A ASCENSÃO DE UM AERÓSTATO LANÇADO DA PRAÇA DE ARMAS DO CASTELO DE SÃO JORGE (LISBOA) EM 1709 (POSTERIOR A 1784)

Nota:

Suposto como certo, e infalível, que o autor achando o segredo do gás o havia de encobrir até estar certo da felicidade de suas operações, e de alcançar os prêmios que pretendia, devemos confessar que era justo o encobrisse fingindo que o ascenso da máquina procedia de outros princípios atrativos com que o vulgo se enganasse: e assim, não obstante que diga, que dentro dos globos ia a magnete [magnetita], cuja virtude faria subir a máquina, ou barca, com tudo sua elevação não podia proceder da virtude atrativa, mas sim da expansão e força do gás, a que o autor chama segredo, que ia dentro dos globos – ou talvez no velame. O certo é que o autor era curiosíssimo na composição de fogo do ar e que esta máquina foi experimentada e lançada da Praça de Armas do Castelo [de S. Jorge de Lisboa], e que veio cair no Torreão

da parte ocidental da Praça, que então era Terreiro do Paço e o Torreão Casa da Índia, e hoje é Praça do Comércio, e o Torreão está por concluir, e disto havia muitas testemunhas que alcançaram os meus dias. O fim desastrado do autor foi causa de Portugal não ter a glória desta descoberta.

**[Localização:** Instituto dos Arquivos Nacionais da Torre do Tombo (Portugal) - IANTT. **Referência:** PINHEIRO, Lucas de S. Joaquim (Frei). “Explicação da machina [aerostatica]. In: *Cartas, consultas e mais obras de Alexandre de Gusmão: máquina aerostática do Padre Bartholomeu Guerreiro* [Gusmão]. [S.l.]. IANTT, manuscrito da Livraria 1011, [17--?], p. 204. (PT-TT-MSLIV/1011). **Publicado em:** LEITE, Bertha. “Bartolomeu de Gusmão na documentação de Lisboa”. In: *Anais do IV Congresso de História Nacional*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, IHGB, vol. 12, abr. 1949 (1951), p. 153.]

**Observação:** O percurso do Castelo de São Jorge até a Praça do Comércio é de aproximadamente 1 km.

## ANEXO XXXII

### DEPOIMENTO DE FRANCISCO FREIRE DE CARVALHO SOBRE UMA MÁQUINA AEROSTÁTICA LANÇADA DA TORRE DE S. ROQUE (1843)

[...] Esta mesma tradição se encontrava ainda há poucos anos na memória de algumas pessoas anciãs, de cujas bocas a ouvimos por diferentes vezes, sendo uma delas o Sr. Timóteo Lecussan Verdier [1754-1831], nascido em Lisboa [sic] e há poucos anos falecidos nesta mesma cidade, quase octogenários, sujeito, aliás, muito recomendável por seus grandes talentos e literatura, e um dos ilustres sócios desta Real Academia [das Ciências de Lisboa], o qual nos asseverou, que muitos anos antes do de 1783, em que se atribui aos irmãos Montgolfier a invenção dos aeróstatos [na França], Bernardo Simões Pessoa, ex-cônsul português [na década de 1770] em Marrocos, homem bem conhecido dos seus contemporâneos nesta capital, contava ter ele mesmo observado uma ascensão aerostática em Lisboa, cujo balão se elevava da torre de S. Roque, e fora cair junto à costa da Cotovia por detrás de S. Pedro d’Alcântara; notícia esta que o citado Sr. Verdier nos asseverou ter ouvido da própria boca do Pessoa em tempos muito anteriores ao ano de 1783.

**[Publicado em:** CARVALHO, Francisco Freire de. “Memoria que tem por objecto reivindicar para a nação brasileira a gloria da invenção das machinas aerostáticas”. In: *RIHGB*, Rio e Janeiro. Edição fac-similar, segunda série, tomo quinto (vol. 12, 1849), Kraus Reprint, 1973, p. 357-358].

**Observação:** Verdier era Francês e não português como afirmava, nesse artigo, Freire de Carvalho. Este depoimento de Bernardo Simões Pessoa não pode ter sido colhido “em tempos muito anteriores a 1783”, pois nesta data Verdier tinha apenas 29 anos. A torre de S. Roque também era, vulgarmente, conhecida como Torre do Patriarcha.

## ANEXO XXXIII

DEPOIMENTO DO IMPERADOR D. PEDRO II RELATIVO À DEFESA DA PRIORIDADE  
AEROSTÁTICA DE BARTHOLOMEU DE GUSMÃO  
(1847-1891?)

Lendo a carta, qu'em [sic] data de 7 de novembro do anno passado, dirigiu Mr. Dupuis Delcomp ao redator do diário *La Presse*, não pude deixar de reparar nas palavras que dão começo ao 6º período, como uma injustiça feita a um brasileiro distinto, cujo merecimento já foi, aliás, menoscabado pela Academia de Ciências de França, na falta, sem dúvida, de melhores informações. [...] O direito de Bartholomeu de Gusmão à prioridade da invenção dos aeróstatos não deve ser envolvido, segundo parece fazê-lo Mr. Foisset Ainé, no seu artigo sobre José Miguel Montgolfier na *Bibliografia Universal* [Bibliographie Universelle], com *asserções vagas*, que se produziram em favor de temerários pretendentes, ou no meio de *romances de física bem semelhante às tresloucadas fantasias de Cyrano de Bergerac*. Sua reivindicação é fundada em provas tão convincentes, que até calaram no ânimo de um compatriota do ilustre Montgolfier, e espero, firmemente, que à vista d'ellas gozará, sem contestação, o nosso patricio, da glória que a posteridade lhe não pode negar, devendo a sua biografia, ainda que unicamente em seus pontos principais, despertar-lhe também a curiosidade, como justamente sucede à todos os varões eminentes”.

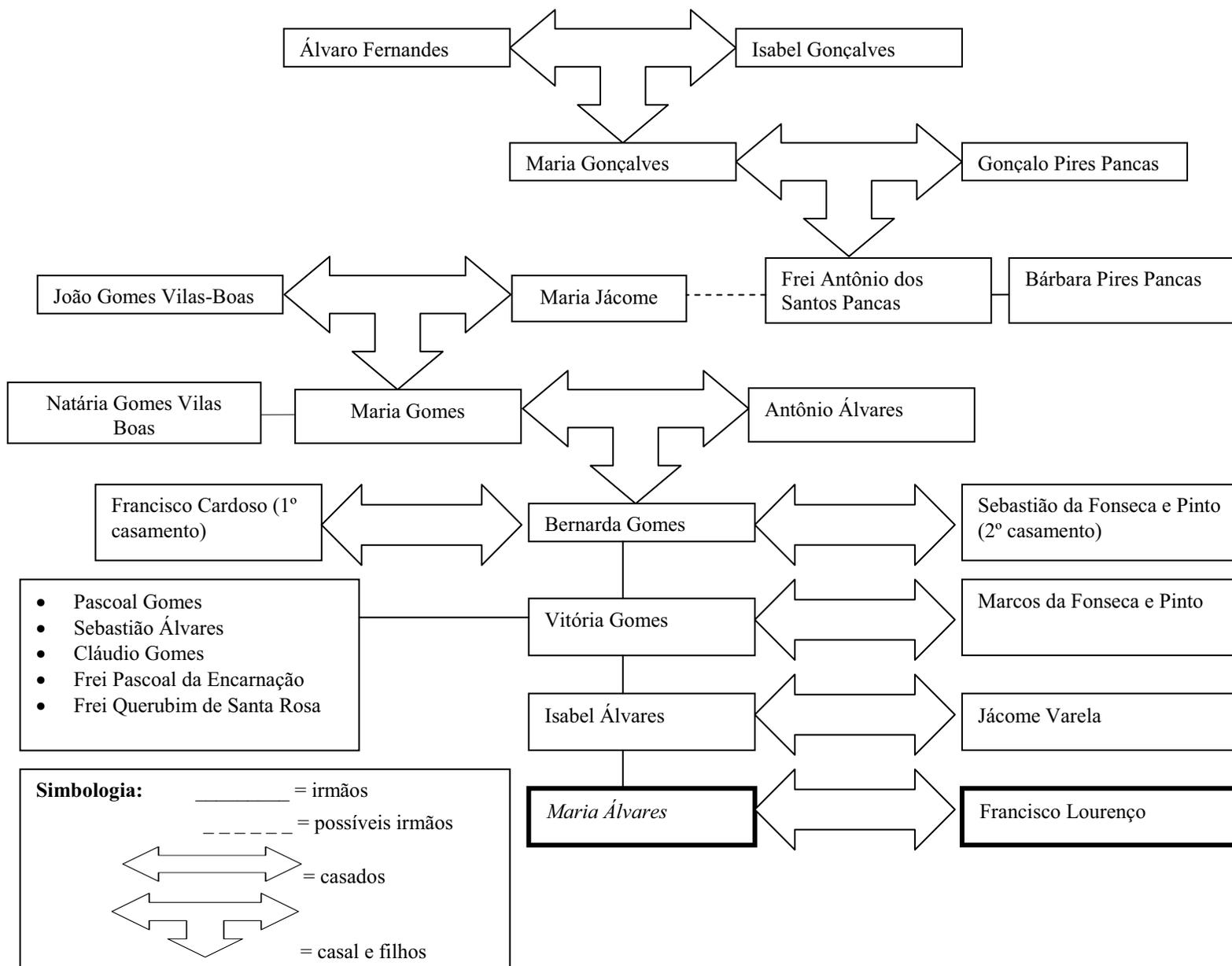
Quase nada é meu neste minuto trabalho, honrando-me já muito a idéia de tomar a minha pátria mais conhecida no mundo científico, e divulgar um dos escritos que mais louvores granjearam ao seu auto, benemérito literato Visconde de São Leopoldo, cuja morte será vivamente sentida por todos os homens de letras do Brasil e com maior razão pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, de que era digno Presidente, e o que mais vale, primeiro colaborador.

Ousarei, contudo, não transcrever alguns trechos de sua Memória, fazendo também pequenas adições e alterações, porquanto os primeiros de nada servem ao meu intento, e os segundos não os julgam mal cabidos para mais exatidão, segundo o meu conceito e resumo deste escrito.

**Localização:** Arquivo Histórico do Museu Imperial de Petrópolis – AHMIP (Rio de Janeiro). **Referência:** *Manuscrito de D. Pedro II relativo à defesa da prioridade aerostática de Bartholomeu de Gusmão*. AHIP, Arquivo da Família Imperial, catálogo B, maço 33, documento 1053, [1847-1891?], 9 p. **Publicado em:** VIANNA, Hélio. “Acréscimos à biografia de D. Pedro II”. In *Folhetim do Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 out. 1964.

## APÊNDICE

## APÊNDICE A - *Árvore genealógica de Maria Álvares*



*Árvore genealógica de Maria Álvares (continuação)*

